A MORTE NÃO EXISTE

FLORENCE MARRYAT

Tradução: Amadeu Antónió

"THERE IS NO DEATH"

FLORENCE MARRYAT, 1891

"Não existe Morte – o que parece é transição.
Esta vida de respiração mortal
É apenas um subúrbio da vida Elysian
Cujo portal chamamos de Morte."
— Longfellow.

PREFÁCIO

DESDE que este pequeno livro foi publicado, em junho de 1891, tenho recebido uma quantidade tão grande de cartas sobre o assunto que ele trata — semanalmente, ou melhor, quase *diariamente* — que sinto que devo, por justiça para comigo própria, fazer um pequeno protesto aos meus leitores.

Sou uma mulher muito ocupada, e receber entre quatro a cinco cartas por dia, de perfeitos desconhecidos, durante mais de dezoito meses, tem sido uma grande exigência sobre o meu tempo. Respondi a muitas, mas, com grande pena minha, fui forçada a deixar muitas outras sem resposta.

Mas, como a maioria dos meus correspondentes apenas deseja saber como podem começar a investigar, por si próprios, a ciência do Espiritualismo, escrevo isto para lhes dizer que existem três jornais dedicados ao tema do meu livro — *Light*, *The Medium* e *The Two Worlds* — que, se tiverem a amabilidade de obter antes de me escreverem pessoalmente, irão descobrir que contêm a maior parte das informações que me pedem.

Se mesmo assim não encontrarem o que procuram, os editores desses jornais poderão responder às suas perguntas na secção de correspondência, poupando-me assim um grande trabalho desnecessário.

Espero que compreendam que este pedido não vem de qualquer relutância minha em espalhar as verdades que desejo que todos sintam como eu, mas simplesmente porque não gosto de parecer indelicada, e, ao mesmo tempo, não tenho tempo para responder a todos pessoalmente.

CAPÍTULO I
FANTASMAS DA FAMÍLIA

Há já alguns anos que sinto uma forte necessidade de escrever sobre as experiências extraordinárias que vivi na minha investigação da ciência do Espiritualismo.

Ao fazê-lo, pretendo limitar-me a registar *factos*. Vou descrever as cenas que testemunhei com os meus próprios olhos e repetir as palavras que ouvi com os meus próprios ouvidos, deixando que os meus leitores tirem as suas próprias conclusões. Não tenho qualquer ambição de lançar uma teoria, nem de divulgar uma doutrina; acima de tudo, não quero provocar discussões. Já tive mais do que suficientes discussões filosóficas, científicas, religiosas e puramente agressivas para durar uma vida inteira. Se me perguntassem como defino o descanso prometido aos cansados, eu responderia: *um lugar onde cada um pode ter a sua própria opinião, sem que ninguém tenha permissão para a contestar.*

Mas, embora vá relatar muitos acontecimentos tão extraordinários que parecem quase inacreditáveis, não espero ser desacreditada — exceto por aqueles que são, eles próprios, capazes de enganar os outros. Esses, conscientes da sua própria desonestidade, acreditam sempre que os outros estão a mentir.

Byron escreveu:

"É tolo aquele que nega aquilo que não consegue refutar."

E, embora Carlyle nos tranquilize ao dizer que a população da Grã-Bretanha é composta *"maioritariamente por tolos"*, eu prefiro confiar que receberei crédito daqueles poucos que não o são.

Porque é que eu deveria ser desacreditada? Quando a falecida Lady Brassey publicou *Cruzeiro no Sunbeam*, ou quando Sir Samuel e Lady Baker relataram as suas experiências em África, ou quando Livingstone descreveu as maravilhas que encontrou ao investigar a nascente do Nilo, e Henry Stanley deu continuidade à história e acrescentou novos detalhes, será que eles esperavam que o público lhes virasse as costas e dissesse que não acreditava em nada do que escreveram?

No entanto, os leitores tiveram de aceitar os factos que eles apresentaram, confiando apenas na sua autoridade. Muito poucos tinham sequer ouvido falar dos lugares que descreviam, antes disso; quase ninguém poderia, com base na sua própria experiência ou conhecimento adquirido, confirmar a veracidade das descrições.

O que havia — para o público em geral — que provasse que o *Sunbeam* deu a volta ao mundo, ou que Sir Samuel Baker encontrou os raros animais, pássaros e flores que descreveu, ou que Livingstone e Stanley realmente conheceram e falaram com tribos desconhecidas que nunca tinham visto um homem branco antes?

E, no entanto, se algum desses escritores tivesse afirmado ter descoberto um campo de ouro de qualidade comprovada, milhares de aventureiros teriam deixado a sua terra natal, confiando apenas na sua palavra, para se lançarem na busca do tesouro cintilante.

Porquê?

Porque os autores desses livros eram figuras conhecidas na sociedade, com uma reputação de veracidade a manter, e que rapidamente seriam desmascarados caso tentassem enganar alguém.

E eu reivindico o mesmo direito de ser acreditada. Tenho um nome conhecido, uma reputação pública, um cérebro razoavelmente bom e dois olhos bem atentos. O que eu testemunhei, qualquer outra pessoa, com a mesma dedicação e perseverança, pode também testemunhar por si própria. Para ver tudo o que os tripulantes do *Sunbeam* viram, seria necessário dar a volta ao mundo.

Para ver o que eu vi, seria preciso tempo, esforço e dinheiro — e, para algumas pessoas, talvez não valesse a pena o investimento. Mas se eu viajei até à *Terra de Ninguém* — esse território que tão poucos acreditam que exista e que a maioria teme desesperadamente explorar — e agora venho contar o que vi, o mundo não tem mais direito de duvidar de mim do que teve de duvidar de Lady Brassey.

O facto de o público em geral nunca ter penetrado na África Central não significa que Livingstone não o tenha feito. O facto de o público em geral nunca ter visto (*e não ter interesse em ver*) o que eu vi, não é argumento contra a veracidade do que escrevo. Para aqueles que já acreditam na possibilidade de comunicação com os espíritos desencarnados, a minha história será, talvez, interessante, por lidar de forma tão notável com a questão da identidade e do reconhecimento.

Para os materialistas, que pelo menos me concederão o benefício da dúvida, considerando que não devo ser mais tola do que os restantes trinta e oito milhões de habitantes da Grã-Bretanha, pode ser um novo campo de especulação e investigação. E para aqueles meus semelhantes que não têm curiosidade, nem imaginação, nem desejo de provar por si mesmos aquilo que não conseguem aceitar com base no testemunho dos outros, nunca tive, nem nunca terei, nada em comum com eles.

São o tipo de pessoas que perguntam, com um sorriso, se *Irving escreveu "A Carga da Brigada Ligeira"*, ou que dizem gostar de *Sardanapalus*, de Byron, mas que *não é tão engraçado como "Our Boys"*.

Agora, antes de avançar para o meu relato, há algo que talvez não seja do conhecimento geral: o meu pai, o falecido Capitão Marryat, não só acreditava em fantasmas, como também os via. Sinto-me feliz por poder registar este facto como introdução às minhas próprias experiências. Talvez a facilidade com que estas manifestações me surgiram seja uma capacidade que herdei dele.

Seja como for, alegra-me saber que ele partilhava comigo tanto a crença como o dom da visão espiritual. Se não houvesse outra razão que me desse coragem para repetir o que testemunhei, esta circunstância bastaria. O meu pai não era como os seus amigos mais íntimos — Charles Dickens, Lord Lytton e muitos outros homens de génio — sensível, nervoso e imaginativo.

Acredito que o meu pai *não tinha nervos* e penso que tinha muito pouca imaginação. Quase todas as suas obras baseiam-se nas suas próprias experiências pessoais. O seu ponto forte era a capacidade de descrever, com humor, o que tinha visto.

Tinha um dom extraordinário para transformar as suas recordações em palavras vívidas e poderosas, e a razão pela qual os seus livros continuam populares hoje, como eram quando foram escritos, é porque são relatos verdadeiros do seu tempo. Não há praticamente uma linha de ficção neles. O seu corpo era tão forte e robusto quanto a sua mente.

A sua coragem era inabalável — tanto a coragem moral como a física (*como muitas pessoas, até hoje, se devem lembrar, para seu desgosto*). E a sua dureza de crença, em muitos assuntos, nunca foi segredo para ninguém. Portanto, o que estou prestes a relatar *não* aconteceu a um sentimentalista doente e nervoso.

E repito que me orgulho de ter herdado as suas características, e estou totalmente disposta a ser julgada da mesma forma que ele. Ouvi dizer que o meu pai tinha várias histórias sobre acontecimentos sobrenaturais (*como normalmente lhes chamam*) que lhe aconteceram, mas vou limitar-me a relatar apenas aqueles que foram provados ser, pelo menos, coincidências *muito* notáveis.

No meu livro *A Vida e as Cartas do Capitão Marryat*, conto um episódio que foi registado no diário privado do meu pai e encontrado entre os seus papéis. Ele tinha um irmão mais novo, Samuel, a quem era muito ligado, e que morreu inesperadamente em Inglaterra enquanto o meu pai, ao comando do H.M.S. *Larne*, estava envolvido na Primeira Guerra da Birmânia.

Os seus homens adoeceram com escorbuto e ele recebeu ordens para levar o navio até Pulu Pinang por algumas semanas, para que os marinheiros pudessem obter fruta e vegetais frescos. Uma noite, enquanto o meu pai estava deitado no beliche, com o navio ancorado ao largo da ilha e o brilho intenso da lua tropical a iluminar tudo como se fosse dia, viu a porta da sua cabine abrir-se e o seu irmão Samuel entrar, caminhando tranquilamente até ao seu lado.

Samuel estava exatamente como no dia em que se despediram, e disse-lhe, com uma voz perfeitamente clara:

"Fred! Vim dizer-te que morri!"

Quando a figura entrou na cabine, o meu pai sentou-se bruscamente no beliche, pensando que alguém tinha entrado para o roubar. Mas, ao ver quem era e ao ouvi-lo falar, saltou da cama com a intenção de o agarrar — mas ele desapareceu. A impressão deixada pela aparição foi tão forte que o meu pai pegou imediatamente no diário de bordo e escreveu todos os detalhes sobre o acontecimento, incluindo a hora e o dia em que aconteceu.

Quando regressou a Inglaterra, após o fim da guerra, os primeiros despachos que lhe entregaram foram para lhe comunicar a morte do seu irmão — que tinha falecido *exatamente à mesma hora* em que o meu pai o viu na cabine. Mas a história que mais me fascina é um episódio que aconteceu ao meu pai durante a minha vida, e que sempre chamámos *A Dama Castanha de Rainham*.

Sei que esta história já chegou ao conhecimento do público por outras fontes, e até a usei como base para um conto de Natal, mas é um caso *demasiado* bem documentado para ser omitido aqui.

Os últimos quinze anos de vida do meu pai foram passados na sua propriedade de Langham, em Norfolk, e entre os seus amigos da região estavam o Sir Charles e a Lady Townshend, de Rainham Hall.

Na altura em que esta história se passou, o título e a propriedade tinham mudado recentemente de mãos, e o novo baronete tinha mandado remodelar completamente o Hall, com novas pinturas, papel de parede e mobiliário. Depois disso, ele e a esposa desceram para Rainham com um grande grupo de amigos para tomarem posse da casa.

Mas, para grande aborrecimento deles, pouco depois começaram a circular rumores de que a casa era assombrada, e os convidados, um por um (*como na parábola*), começaram a arranjar desculpas para ir embora.

O Sir Charles e a Lady Townshend bem podiam ter cantado *"Os amigos partem, um após outro"*, mas isso não teria travado o verdadeiro êxodo que aconteceu em Rainham. E tudo por causa de uma *Dama Castanha*, cujo retrato estava pendurado num dos quartos. No quadro, ela aparecia vestida com um vestido de cetim castanho, com enfeites amarelos e uma gola de renda ao pescoço — uma jovem mulher de aparência inofensiva e inocente.

Mas todos juravam tê-la visto a andar pela casa — alguns nos corredores, outros nos quartos, outros ainda na área de serviço. Nem os convidados nem os criados queriam ficar em Rainham Hall. O baronete, naturalmente, ficou muito irritado com a situação e desabafou com o meu pai, que ficou indignado ao pensar que alguém lhe estava a pregar uma partida.

Naquela época, havia muito contrabando e caça furtiva em Norfolk — o que o meu pai conhecia bem, sendo magistrado da região — e estava convencido de que alguns desses criminosos estavam a tentar assustar os Townshend para os afastar da casa. O último baronete tinha sido um homem solitário, que levava uma vida discreta, e o meu pai imaginava que alguns dos arrendatários da propriedade não estavam contentes com a chegada de festas e reuniões sociais a Rainham. Por isso, ofereceu-se para ficar na casa e dormir no quarto assombrado, convencido de que conseguiria acabar com a farsa.

Os Townshend aceitaram a proposta e o meu pai instalou-se no quarto onde estava o retrato da *Dama Castanha* — o mesmo onde ela tinha sido vista várias vezes — e dormia todas as noites com um revólver carregado debaixo da almofada. Nos dois primeiros dias, não viu nada. O terceiro seria o seu último dia na casa.

Na terceira noite, porém, dois jovens — sobrinhos do baronete — bateram à sua porta enquanto ele se despia para ir dormir e pediram-lhe que fosse até ao quarto deles (*que*

ficava no outro extremo do corredor) para lhes dar a sua opinião sobre uma nova espingarda que tinham recebido de Londres. O meu pai estava apenas de camisa e calças, mas, como já era tarde e todos os outros na casa estavam a dormir, decidiu acompanhá-los assim mesmo. Ao sair do quarto, pegou no revólver e brincou:

"Levo isto, caso encontremos a Dama Castanha!"

Quando terminaram de inspecionar a espingarda, os jovens, ainda no mesmo espírito de brincadeira, disseram que o acompanhariam de volta ao quarto:

"Caso encontre a Dama Castanha," repetiram, rindo.

E assim, os três voltaram juntos pelo corredor. O corredor era longo e escuro, pois as luzes tinham sido apagadas, mas, quando chegaram a meio, viram o brilho de uma lamparina a aproximar-se do outro extremo.

"Deve ser uma das senhoras a ir ver as crianças no quarto das amas," sussurraram os jovens Townshend ao meu pai.

Os quartos naquele corredor ficavam frente a frente, e cada um tinha uma porta dupla, com um pequeno espaço entre elas, como acontece em muitas casas antigas no campo. O meu pai (*conforme já disse*) estava apenas de camisa e calças, e o seu sentido natural de pudor fez com que se sentisse desconfortável, por isso, deslizou para dentro de uma das portas exteriores (*os seus amigos seguiram-lhe o exemplo*) para se esconder até que a senhora passasse.

Ouvi-o descrever como espreitou pela fresta da porta e observou a figura a aproximar-se cada vez mais, até que, quando estava suficientemente perto para distinguir as cores e o estilo da sua roupa, reconheceu imediatamente a silhueta: Era *idêntica* ao retrato da *Dama Castanha*!

Tinha o dedo no gatilho do revólver e estava prestes a ordenar-lhe que parasse e explicasse a sua presença ali quando a figura se deteve, por vontade própria, mesmo em frente à porta onde ele se escondia. Então, levantou a lamparina que carregava, iluminando o seu próprio rosto — e sorriu para ele de forma maliciosa e diabólica. Esse gesto enfureceu tanto o meu pai — que não era propriamente um homem de temperamento dócil — que ele saltou para o corredor num movimento súbito e disparou o revólver *diretamente no rosto da aparição*!

A figura desapareceu no mesmo instante — a mesma figura que três homens tinham estado a observar juntos, durante vários minutos. A bala atravessou a porta exterior do quarto do outro lado do corredor e ficou cravada no painel da porta interior. O meu pai nunca mais tentou interferir com a *Dama Castanha de Rainham*, e ouvi dizer que ela continua a assombrar a casa até aos dias de hoje. Mas que na altura ela o fazia, disso não há qualquer dúvida.

O Capitão Marryat não só acreditava nessas coisas, como também, por experiência própria, as defendia nos seus escritos. Há muitas passagens nas suas obras que, quando lidas à luz desta revelação, demonstram que ele acreditava na possibilidade de os espíritos dos mortos regressarem à Terra, bem como na teoria da reencarnação, ou seja, viver mais

do que uma vida neste mundo. Mas em nenhuma parte ele se expressa tão claramente como no seguinte excerto de *O Navio Fantasma*:

"Achas, Filipe" (diz Amine ao marido), "que este mundo está povoado apenas por seres tão inferiores como nós? Seres de barro, perecíveis e corruptíveis, senhores sobre os animais e sobre nós próprios, mas pouco melhores do que eles? Não tens, nas tuas próprias Escrituras sagradas, repetidas provas e testemunhos de inteligências superiores que se misturaram com a humanidade e agiram aqui na Terra? Porque haveria de ser diferente agora? Que mal há em procurar a sua ajuda hoje, comparado com há milhares de anos? Porque achas que eles foram permitidos na Terra naquela época, mas não agora? O que lhes aconteceu? Pereceram? Foram expulsos? Para onde? Para o Céu? Se para o Céu, então o mundo e a humanidade foram deixados à mercê do diabo e dos seus agentes. Achas que fomos realmente abandonados dessa forma? Eu digo-te claramente: não acredito nisso. Perdemos a comunicação com essas inteligências porque, à medida que nos tornámos mais iluminados, também nos tornámos mais orgulhosos e deixámos de as procurar. Mas acredito que elas ainda existem — um exército do bem contra um exército do mal — invisivelmente a oporem-se uma à outra."

Um testemunho desta crença, vindo da boca do meu pai, é suficiente. Ele não teria escrito tais palavras se não estivesse preparado para as defender. Ele não era como muitos dos miseráveis cobardes literários que encontramos hoje em dia, que têm demasiado medo do julgamento dos outros para admitir em público as opiniões que guardam no coração. Se ele estivesse vivo hoje, acredito que seria um dos mais fervorosos e audazes defensores do Espiritualismo. Mas fica aqui o seu testemunho sobre a possibilidade de espíritos — bons e maus — regressarem à Terra.

Acredito que poucos ousarão negar que, onde ele pisou, a sua filha não precisa de ter vergonha de seguir. No entanto, muito antes de o Espiritualismo se tornar um tema de discussão nos tempos modernos, eu já tinha tido as minhas próprias experiências pessoais nesse campo. Desde muito pequena, estava habituada a ver certas figuras que me apareciam à noite, e ficava sempre muito assustada com isso. Lembro-me especialmente de uma: uma mulher muito baixa ou corcunda, que era uma presença constante para mim.

Ela costumava erguer-se nas pontas dos pés para olhar para mim enquanto eu estava deitada na cama. E, por mais escuro que estivesse o quarto, conseguia sempre ver todos os objetos à minha volta como se estivessem iluminados — mas apenas enquanto ela estivesse ali. Costumava contar essas visões à minha mãe e às minhas irmãs (*o meu pai já tinha falecido nessa altura*), mas só recebia gozo em troca.

"Outra das ilusões óticas da Flo!" — diziam elas, até que comecei realmente a acreditar que o que via devia ser algum defeito na minha visão.

Lembro-me do meu primeiro marido dizer que, quando casou comigo, achava que nunca mais iria conseguir dormir uma noite inteira, porque eu acordava-o constantemente para lhe descrever algum homem ou mulher que via no quarto. Lembro-me dessas figuras com nitidez. Estavam sempre vestidas de branco, e, por isso, no início, imaginava que fossem ladrões que tinham entrado na casa para nos roubar. Mas, com o tempo, percebi que elas não passavam de mais uma série das minhas "ilusões óticas".

Durante todo esse tempo, tinha um medo terrível do que chamava "*fantasmas*". Nenhuma curiosidade pelo oculto me levou a investigar a causa do meu terror. Só queria *nunca mais* ver essas "ilusões" e tinha tanto medo delas que não suportava ficar sozinha, com receio de que me aparecessem outra vez. Quando já estava casada há cerca de dois anos, o quartel-general do regimento do meu marido, o *12th Madras Native Infantry*, recebeu ordens para partir para Rangum, enquanto a ala esquerda, comandada pelo Major Cooper, foi enviada para ajudar no bombardeamento de Cantão.

O Major Cooper tinha casado havia pouco tempo e, tecnicamente, a esposa não tinha direito a viajar com o quartel-general para a Birmânia, mas, como não tinha família ou amigos em Madras e, além disso, estava prestes a dar à luz, o nosso coronel permitiu que ela nos acompanhasse para Rangum, onde se instalou numa casa não muito longe da nossa.

Uma manhã, no início de julho, fiquei alarmada ao receber um bilhete apressado dela, contendo apenas estas palavras:

"Vem! Vem! Vem!"

Saí imediatamente, pensando que tinha entrado em trabalho de parto, mas quando cheguei, encontrei a Sra. Cooper sentada na cama, com os seus criados habituais à volta.

"O que aconteceu?" — perguntei.

"O Mark morreu." — respondeu ela.

"Ele esteve sentado naquela cadeira" (apontando para uma ao lado da cama) *"a noite toda. Reparei em cada detalhe do rosto e da figura dele. Estava sem uniforme, e nunca levantou os olhos, ficou sempre com a pala do boné puxada para a frente, a cobrir o rosto. Mas eu via-lhe a parte de trás da cabeça e o cabelo, e sei que era ele. Falei com ele, mas não me respondeu. Tenho a certeza que morreu."*

Naturalmente, imaginei que aquela visão não passava de um delírio causado pelo medo e pelo estado de saúde dela.

Ri, dizendo que era um disparate, que não passava de imaginação, e lembrei-lhe que, na última notícia recebida da frente de guerra, o Major Cooper estava perfeitamente bem e ansioso por se reunir com ela. Mas, por mais que tentasse fazer com que se risse da ideia, não consegui convencê-la. E, vendo o quanto ela estava abatida, ofereci-me para passar a noite com ela. Foi uma noite *muito* estranha.

Assim que nos deitámos, embora houvesse uma lamparina acesa no quarto, a Sra. Cooper declarou que o marido estava sentado na mesma cadeira da noite anterior — e acusou-me de a enganar quando lhe disse que não via nada. Sentei-me na cama e esforcei-me por olhar, mas não consegui distinguir nada além da cadeira vazia. Disse-lhe isso, mas ela insistia que o marido estava lá e descrevia a sua aparência e os seus gestos. Então, levantei-me e sentei-me na cadeira. Foi quando ela gritou:

"Não! Não! Sai daí! Estás a sentar-te em cima dele!"

Para ela, a aparição era tão real quanto se fosse de carne e osso. Levantei-me num salto, sentindo-me bastante desconfortável, e fiquei ao lado dela pelo resto da noite, ouvindo-a repetir que o Major Cooper estava *ou a morrer, ou já morto*. Ela não quis que eu a deixasse, e na terceira noite tive de passar pela mesma experiência. Após a terceira noite, porém, a aparição deixou de aparecer, e finalmente pude voltar para casa. Mas antes de partir, a Sra. Cooper mostrou-me o seu diário, onde tinha escrito, nos dias *8, 9 e 10 de julho*:

"O Mark sentou-se ao lado da minha cama a noite toda."

O tempo foi passando, e nenhuma notícia ruim chegou da China. No entanto, os correios tinham sido interrompidos e a comunicação postal estava suspensa. De vez em quando, ainda assim, recebíamos algumas cartas vindas em navios à vela. Finalmente, chegou setembro — e, no dia 3, a Sra. Cooper deu à luz. O bebé morreu logo após o parto.

Ela estava naturalmente devastada com a perda, e eu fiquei ainda mais horrorizada quando, enquanto estava ao lado dela, fui chamada para receber a notícia da morte do marido. O Major Cooper tinha falecido devido a um ataque súbito de febre em Macau. Decidimos não contar nada à Sra. Cooper até que estivesse recuperada. Mas, mal voltei ao quarto dela, foi ela quem trouxe o assunto à tona.

"Chegaram cartas da China?" — perguntou.

(Esta pergunta já era estranha por si só, pois, com os correios interrompidos, não havia uma data certa para esperar cartas do campo de batalha.)

Temendo que insistisse em saber a verdade, tentei esquivar-me e respondi-lhe:

"Não recebemos nenhuma."

Mas ela continuou:

"Sim, há uma carta para mim. Uma carta com a notícia da morte do Mark. Não adianta negar. Eu sei que ele morreu. Morreu no dia 10 de julho."

Quando verificámos a comunicação oficial, era exatamente isso que dizia: O Major Cooper adoeceu no primeiro dia em que apareceu à esposa e morreu no terceiro. Este caso torna-se ainda mais notável porque nem ele nem a esposa eram pessoas jovens ou particularmente sentimentais, nem tinham estado casados tempo suficiente para desenvolverem uma ligação emocional *tão* profunda. Mas, tal como vos contei, foi assim que aconteceu.

CAPÍTULO II
A MINHA PRIMEIRA SESSÃO

EU tinha regressado da Índia e passado vários anos em Inglaterra antes de o assunto do Espiritualismo Moderno ter sido trazido à minha atenção direta. Superficialmente, tinha ouvido algumas pessoas mencioná-lo como algo terrivelmente perverso, diabólico ao mais alto grau; por outras, como um passatempo muito divertido para encontros sociais à noite,

ou quando se queria "brincar com a mesa". Mas nenhuma das descrições me cativou, nem me tentou a explorar o tema.

Já tinha perdido demasiados amigos. O Espiritualismo (assim me parecia) devia ser ou uma farsa ou algo muito solene, e eu não queria brincar com ele, nem ser alvo de brincadeiras por sua causa. E, depois de vinte anos de experiência contínua, mantenho a mesma opinião. Comprovei que o Espiritualismo não é uma fraude, e, por isso, encaro-o com respeito sagrado. Pois, seja qual for a sua origem, ele abre uma vastíssima área de reflexão para qualquer mente especulativa, e surpreende-me constantemente a indiferença com que o mundo o encara.

Que ele existe é um facto inegável. Os homens de ciência reconheceram-no, e as igrejas não o podem negar. A única questão parece ser: o que é ele, e de onde provém este poder? Se (como afirmam muitas pessoas inteligentes) provém de nós próprios, então os nossos corpos e mentes possuem faculdades até agora inimagináveis, que temos deixado, de forma culpável, por explorar.

Se os nossos corpos contêm forças magnéticas suficientes para erguer formas substanciais e aparentemente vivas da própria terra, formas essas que os nossos olhos são clarividentes o bastante para ver, e que podem articular palavras que os nossos ouvidos são clariaudientes o bastante para ouvir—se, além disso, as nossas mentes podem ler os pensamentos mais íntimos umas das outras, ver o que se passa à distância e prever o que acontecerá no futuro, então os nossos poderes humanos são maiores do que alguma vez imaginámos, e devíamos fazer muito mais com eles do que fazemos.

E, mesmo encarando o Espiritualismo desse ponto de vista, não consigo compreender a falta de interesse demonstrada na descoberta, nem a relutância em explorar mais amplamente estes poderes maravilhosos da mente humana.

Discutindo-o, porém, no sentido usual da palavra—ou seja, como um meio de comunicação com os que partiram—continuo igualmente perplexa. Todos os cristãos reconhecem que possuem espíritos independentes dos seus corpos e que, quando os seus corpos morrem, os seus espíritos continuarão a viver. Onde, então, reside o terror da ideia de que esses espíritos libertados terão o privilégio de vaguear pelo universo como quiserem?

E, se argumentam a impossibilidade do seu retorno, estão a negar os registos que constituem a única base da sua religião. Não pode haver prova maior da veracidade do Espiritualismo do que a veracidade da Bíblia, que está repleta de relatos sobre ele, do princípio ao fim.

Desde o tempo em que o Senhor Deus caminhava com Adão e Eva no Jardim do Éden, e os anjos visitavam a tenda de Abraão e retiravam Lot da cidade condenada; quando a feiticeira de Endor invocou Samuel, e a jumenta de Balaão falou; quando Ezequiel escreveu que os cabelos da sua cabeça se arrepiaram porque "um espírito" passou por ele; até à presença de Satanás com Jesus no deserto, à reaparição de Moisés e Elias, à ressurreição do próprio Cristo e ao Seu diálogo e refeição com os discípulos, culminando com João sendo arrebatado aos céus para receber as Revelações—tudo isso é Espiritualismo, e nada mais.

A Igreja Protestante, que fundamenta a sua fé exclusivamente na Bíblia, não pode negar que os espíritos de homens mortais reapareceram e foram reconhecidos nesta terra, tal como quando os túmulos se abriram no momento da crucificação de Cristo, e "muitos corpos dos que estavam mortos ressuscitaram e entraram na cidade, sendo vistos por muitos".

A Igreja Católica não tenta negá-lo. Todas as suas lendas e milagres (que os protestantes acima mencionados desacreditam e ridicularizam) são baseados na mesma verdade—o retorno milagroso ou sobrenatural (como lhe chamam) daqueles que partiram, embora eu espere convencer os meus leitores, tal como estou convencida, de que não há nada de miraculoso nisso e que, longe de ser sobrenatural, é apenas uma continuação da Natureza.

Colocando de lado as igrejas e a Bíblia, a História das Nações comprova a sua possibilidade. Não há um único povo à face da Terra que não possua as suas (chamadas) superstições, nem uma única família, praticamente, que não tenha experimentado alguma prova de comunicação espiritual com o mundo terreno.

Onde o conhecimento e a ciência empurraram todas as crenças para o esquecimento, é natural que o homem que não acredita em Deus nem na vida após a morte também não acredite na existência de espíritos nem na possibilidade de comunicação com eles. Mas, quanto mais descemos na escala social, mais simples e ingénua é a mente, e mais facilmente essa fé ganha credibilidade, e mais histórias se ouvem para a justificar. O mesmo se passa com a religião, que é ocultada dos sábios e prudentes, mas revelada aos pequeninos.

Se me disserem que o termo "Espiritualismo" tem sido, por vezes, associado a tanta perversidade que se tornou ofensivo, não tenho melhor resposta do que apontar para o testemunho irrefutável do Passado e do Presente, que prova que, em todas as épocas e em todas as religiões, existiram expoentes corruptos e desmoralizados cujos vícios ameaçaram derrubar a estrutura que se propuseram erguer.

O Cristianismo teria sido erradicado há muito, se não fôssemos capazes de separar a sua doutrina da sua prática.

Eu mantinha estas convicções em fevereiro de 1873, quando fiz parte de um grupo de amigos reunidos na casa da Srta. Elizabeth Philip, em Gloucester Crescent, e fui apresentada ao Sr. Henry Dunphy, do *Morning Post*—ambos, desde então, falecidos.

O Sr. Dunphy rapidamente começou a falar sobre o seu tema favorito, o Espiritualismo, e deu-me um relato interessante de algumas das sessões a que tinha assistido. Já tinha ouvido tantas pessoas inteligentes discutirem o assunto antes que começava a acreditar, pela autoridade delas, que devia haver "algo nisso", mas continuava a pensar que sessões no escuro davam demasiada liberdade para fraude, pelo que não participaria em nenhuma em que me fosse negado o uso da visão.

Exprimi-me mais ou menos assim para o Sr. Dunphy. Ele respondeu: "Então chegou a altura de investigares o Espiritualismo, pois posso apresentar-te uma médium que te mostrará os rostos dos mortos."

Esta proposta era exatamente o que eu desejava, e aceitei-a de bom grado.

Annie Thomas (Sra. Pender Cudlip), a romancista, que é uma amiga íntima minha, estava hospedada comigo na altura e ficou tão entusiasmada quanto eu para investigar o fenómeno.

Pegámos no endereço que o Sr. Dunphy nos deu da Sra. Holmes, a médium americana que estava de visita a Londres e hospedada na Old Quebec Street, em Portman Square, mas recusámos a sua apresentação, preferindo ir incógnitas.

Assim, na noite seguinte, quando ela realizou uma sessão pública, apresentámo-nos à sua porta e, depois de removermos as nossas alianças de casamento e tentarmos parecer o mais virginais possível, enviámos os nossos nomes como Srta. Taylor e Srta. Turner.

Tenho plena consciência de que, mais tarde, se disse que esta médium não era digna de confiança. Mas o mesmo pode acontecer com uma criada que, enquanto esteve ao meu serviço, foi perfeitamente honesta, e que depois, ao mudar para outra casa, foi apanhada a roubar. Isso não altera o facto de que nunca me roubou nada.

Não creio conhecer um único médium sobre quem não tenha ouvido, em algum momento, o mesmo tipo de acusação, tal como não creio conhecer uma única mulher que não tenha sido, em algum momento, alvo de difamação por parte do seu próprio sexo, por mais pura e casta que possa imaginar que o mundo a considera.

A questão, para mim, é irrelevante em ambos os casos. Valorizo os meus conhecidos pelo que são para mim, e não pelo que possam ser para os outros; e confiei nos meus médiuns com base naquilo que vi e ouvi pessoalmente, e que comprovei ser genuíno na sua presença, e não com base no que outros possam julgar ter descoberto sobre eles.

Não é uma desvantagem para o meu testemunho o facto de os médiuns com quem me sentei terem enganado outras pessoas, seja antes ou depois. A minha única preocupação foi sempre garantir que eu própria não fosse enganada, e nunca aceitei nada no Espiritualismo que não pudesse comprovar por mim mesma.

A Sra. Holmes não nos recebeu com grande simpatia nesta ocasião. Éramos desconhecidas para ela—provavelmente céticas—e ela olhou-nos com alguma frieza.

Era uma noite gelada, e a neve cobria o chão de tal forma que tivemos dificuldades em encontrar um *hansom* para nos levar de Bayswater até à Old Quebec Street. Nenhum outro visitante apareceu, e, passado algum tempo, a Sra. Holmes ofereceu-se para devolver o nosso dinheiro (dez xelins), dizendo que, mesmo que realizasse a sessão connosco, provavelmente não haveria manifestações devido à inclemência do tempo.

(Desde então, comprovei muitas vezes a veracidade desta afirmação e constatei que qualquer extremo de calor ou frio pode tornar uma sessão um completo fracasso.)

Mas Annie Thomas tinha de regressar a sua casa, em Torquay, no dia seguinte, e por isso pedimos à médium que tentasse, pelo menos, mostrar-nos algo, pois estávamos muito curiosas sobre o assunto. Não tenho bem a certeza do que esperava ou desejava naquela ocasião. Estava cheia de curiosidade e expectativa, mas tenho a certeza de que nunca pensei que veria um rosto que pudesse reconhecer como tendo estado na Terra. Esperámos

até às nove horas, na esperança de que se formasse um círculo, mas, como ninguém mais apareceu, a Sra. Holmes aceitou sentar-se connosco sozinha, alertando-nos, no entanto, várias vezes para nos prepararmos para uma possível desilusão.

As luzes foram então apagadas e sentámo-nos para a habitual sessão inicial no escuro, que foi boa, talvez, mas que nada tem a ver com um relato de factos comprovados. Quando terminou, o gás foi reacendido e sentámo-nos para ver "Rostos de Espíritos". Havia duas pequenas salas, ligadas por portas de correr. Annie Thomas e eu fomos convidadas a ir para a sala de trás, trancar a porta que comunicava com o corredor e selá-la com o nosso próprio lacre, aplicado sobre uma fita esticada na abertura; a examinar a janela e a fechar a persiana pelo interior; a procurar minuciosamente em toda a sala para garantir que ninguém estava escondido lá dentro—e fizemos tudo isso, como uma questão de princípio.

Depois de nos certificarmos de que ninguém poderia entrar por trás, o Sr. e a Sra. Holmes, Annie Thomas e eu sentámo-nos em quatro cadeiras na sala da frente, dispostas em fila diante das portas de correr, que foram abertas. Um pedaço quadrado de tecido preto foi preso na abertura de uma parede à outra.

Neste tecido, foi recortado um quadrado, aproximadamente do tamanho de uma janela comum, no qual, disseram-nos, os rostos dos espíritos (caso aparecessem) se manifestariam. Não houve cânticos, nem qualquer ruído para encobrir sons de preparação, e poderíamos ter ouvido até o mais leve sussurro na outra sala.

O Sr. e a Sra. Holmes conversaram connosco sobre as suas várias experiências, até que quase nos cansámos de esperar, quando algo branco e indistinto, como uma nuvem de fumo de tabaco ou um véu de gaze, apareceu e desapareceu novamente.

— Estão a chegar! Que bom! — disse a Sra. Holmes. — Não pensei que conseguíssemos ver nada esta noite.

A minha amiga e eu ficámos imediatamente em suspenso de expetativa. A massa branca avançou e recuou várias vezes, até que finalmente se deteve diante da abertura e se separou ao meio, revelando um rosto feminino nitidamente visível acima do tecido preto.

Qual não foi o nosso espanto ao reconhecer os traços da Sra. Thomas, a mãe de Annie Thomas.

Aqui devo esclarecer aos meus leitores que o pai de Annie, que era tenente da Marinha Real e capitão da guarda costeira em Morston, Norfolk, tinha sido um vizinho próximo e grande amigo do meu pai, o Capitão Marryat, e que os seus filhos tinham crescido juntos como irmãos. Por isso, conhecia bem a Sra. Thomas e reconheci-a imediatamente, assim como a sua filha, naturalmente.

O testemunho de duas pessoas é considerado suficiente em tribunal. Deveria ser também aceite pela sociedade.

A pobre Annie ficou profundamente emocionada e falou com a mãe de forma incoerente. O espírito não parecia capaz de responder com palavras, mas acenava com a cabeça ou abanava-a, para indicar "sim" ou "não".

Não pude deixar de sentir uma reverência solene perante a aparição da querida senhora, mas o único detalhe que me intrigou foi a touca que usava—feita de renda branca, franzida à volta do rosto—e que era diferente de qualquer uma que eu a tivesse visto usar em vida.

Sussurrei isto a Annie, que respondeu imediatamente:

— É a touca com que foi enterrada.

Isso resolveu a questão.

A Sra. Thomas tinha um rosto muito agradável, mas pouco comum, com olhos negros brilhantes e uma pele rosada e branca, como a de uma criança. Foi difícil convencer Annie a deixar a mãe partir, mas o próximo rosto que surgiu deixou-a igualmente surpresa, pois reconheceu-o como sendo o do Capitão Gordon, um cavalheiro que conhecera bem e durante muito tempo.

Nunca tinha visto o Capitão Gordon em vida, mas ouvira falar dele e sabia que tinha morrido num acidente repentino. O que vi foi apenas a cabeça de um jovem bonito, louro, e, não tendo qualquer interesse pessoal na sua aparência, ocupei o tempo em que a minha amiga conversava com ele sobre os velhos tempos a observar minuciosamente os movimentos dos músculos da sua garganta, que se estendiam inegavelmente à medida que a sua cabeça se movia.

Enquanto fazia isso, ele inclinou-se para a frente e vi uma mancha escura, que parecia um coágulo de sangue, no lado esquerdo da sua testa, sobre o cabelo louro.

"Annie! De que morreu o Capitão Gordon?" — perguntei.

"Ele caiu de uma carruagem de comboio," respondeu ela, "e bateu com a cabeça na linha."

Apontei-lhe então a mancha de sangue no cabelo dele. Outros rostos apareceram, mas não os conseguimos reconhecer. Por fim, surgiu um rosto de um cavalheiro, que parecia moldado como um busto em gesso de Paris. Tinha uma espécie de barrete de fumador na cabeça, cabelo encaracolado e barba, mas, por ser totalmente desprovido de cor, parecia tão pouco natural que não consegui associá-lo a nenhum amigo meu, embora ele continuasse a inclinar-se na minha direção, indicando que eu o conhecia, ou o tinha conhecido.

Examinei aquele rosto várias vezes, sem sucesso. Nada nele me parecia familiar, até que a boca se abriu num sorriso grave e divertido diante da minha perplexidade. Num instante, reconheci-o como sendo o meu querido e velho amigo, John Powles, cuja história relatarei detalhadamente mais adiante. Exclamei "Powles!" e avancei na sua direção, mas, com o meu movimento brusco, a figura desapareceu.

Fiquei terrivelmente contrariada com a minha imprudência, pois este era, entre todos, o amigo que mais desejava ver, e permaneci sentada, a esperar e a rezar para que o espírito

regressasse, mas tal não aconteceu. A mãe de Annie Thomas e o seu amigo voltaram várias vezes; de facto, Annie chamou o Capitão Gordon tantas vezes que, na sua última aparição, o poder estava tão esgotado que o seu rosto parecia uma pintura desbotada em aguarela.

Mas Powles desaparecera por completo.

O último rosto que vimos naquela noite foi o de uma menina, de quem apenas se viam os olhos e o nariz; o resto da cabeça e do rosto estavam envoltos num tecido branco e diáfano, parecido com musselina.

A Sra. Holmes perguntou-lhe por quem vinha, e ela indicou que era por mim. Eu disse que devia haver um engano, pois nunca tinha conhecido ninguém assim em vida. A médium interrogou-a com muita insistência e tentou afastá-la, como quem diz que ela estava no lugar errado. Ainda assim, a criança persistiu, afirmando que vinha para mim. A Sra. Holmes disse-me:

"Não se lembra de ninguém dessa idade ligado a si no mundo espiritual? Nenhuma prima, sobrinha, irmã, ou filha de um amigo?"

Tentei recordar-me, mas não consegui, e respondi:

"Não! Nenhuma criança dessa idade."

A Sra. Holmes voltou-se então para a pequena entidade espiritual:

"Cometeste um engano. Não há aqui ninguém que te conheça. O melhor é seguires em frente."

A menina obedeceu, mas afastou-se muito lentamente e com relutância.

Conseguia ler a sua desilusão nos olhos, e, depois de desaparecer, espreitou de novo pela esquina e olhou para mim, cheia de anseio.

Era Florence, a minha querida filha perdida (como então lhe chamava), que me deixara ainda bebé, com apenas dez dias de vida, e que, na altura, não consegui reconhecer como uma jovem de dez anos. No entanto, a sua identidade foi-me provada desde então, sem qualquer dúvida, como será visto no capítulo que relata o meu reencontro com ela, intitulado "A Minha Filha do Espírito." Assim terminou a primeira sessão espiritualista a que alguma vez assisti, e ela deixou uma poderosa impressão na minha mente.

Ao despedir-se de nós, a Sra. Holmes disse:

"Vocês as duas devem ser médiuns muito poderosas. Nunca tive uma sessão tão bem-sucedida com desconhecidos."

Esta notícia encheu-nos de entusiasmo — estávamos ansiosas por continuar as nossas investigações e encantadas com a ideia de podermos realizar sessões em casa. Assim que a Annie Thomas se estabeleceu em Londres, concordámos em realizar encontros regulares para esse fim. Foi essa sessão que me tornou estudante dos fenómenos psicológicos que os

homens do século XIX chamam Espiritualismo. Se tivesse sido um fracasso, talvez eu fosse agora como a maioria dos homens. Quem sabe?

Mas, como correu tão bem, incitou-me a seguir em frente, sem parar, até ter visto e ouvido coisas que, naquele momento, me teriam parecido absolutamente impossíveis. E não trocaria a experiência que vivi por todo o bem que este mundo me pudesse oferecer.

CAPÍTULO III
COINCIDÊNCIAS CURIOSAS

Antes de começar a escrever os resultados das minhas investigações privadas e premeditadas, sinto que devo dizer algumas palavras sobre a permissão que recebi para seguir o Espiritualismo. Assim que manifestei curiosidade sobre o assunto, fui imediatamente confrontada com a objeção de que, sendo católica, não poderia, de forma alguma, ter qualquer envolvimento com esse tema. De facto, a Igreja proíbe estritamente qualquer envolvimento com a necromancia ou comunicação com os mortos.

Necromancia é uma palavra terrível, não é? Especialmente para aqueles que não compreendem o seu significado e que apenas a associam à calada da noite, a círculos mágicos, a caldeirões ferventes e à própria figura do arquidemónio, **in** *propria persona*, com dois chifres e uma cauda. No entanto, parece-me estranho que a Igreja Católica, cuja doutrina está impregnada de Espiritualismo, e que nos ensina que os santos nos ouvem e nos ajudam nas nossas orações e ações quotidianas, e que recomenda que beijemos o chão todas as manhãs aos pés do nosso anjo da guarda, considere ilícito comunicarmos com os nossos familiares falecidos.

Não consigo ver a diferença entre falar com John Powles, que foi e continua a ser um querido e fiel amigo, e São Pedro de Alcântara, um homem idoso que nunca vi em vida. Ambos foram homens, ambos foram mortais e ambos são espíritos. Além disso, não será a minha mãe, que foi uma mulher piedosa durante toda a sua vida e que agora se encontra no outro mundo, tão propensa a interessar-se pelo meu bem-estar e a querer promover o nosso reencontro futuro quanto Santa Verónica Giuliani, que é minha padroeira? No entanto, se passasse metade do meu tempo em oração diante do altar de Santa Verónica, pedindo a sua ajuda e orientação, estaria a agir corretamente (segundo a Igreja), mas se fizesse o mesmo junto ao túmulo da minha mãe, ou se falasse com ela numa sessão espiritualista, estaria a cometer um erro.

Estas distinções sem diferença foram difíceis de aceitar, e tive de resolver a questão com a minha consciência antes de prosseguir com as minhas investigações.

É um facto que encontrei tantos católicos quanto protestantes (especialmente das classes mais altas) entre os investigadores do Espiritualismo, e isso nunca me surpreendeu, pois quem melhor do que um católico poderia compreender e apreciar a beleza das comunicações

do mundo espiritual, sendo membro de uma Igreja que nos ensina a acreditar na comunhão dos santos como um mistério sempre presente, ainda que invisível?

Se os meus conhecidos católicos tinham ou não recebido permissão para participar em sessões espiritualistas, não era da minha conta, mas certifiquei-me de obter essa permissão para mim própria. Registo aqui esse facto porque constantemente chegam-me rumores de pessoas que dizem pelas minhas costas que não posso ser "verdadeiramente católica" por ser espiritualista.

O meu diretor espiritual na altura era o Padre Dalgairn, do Oratório de Brompton, e foi a ele que levei a minha dificuldade. Eu era uma escritora e crítica de imprensa muito ativa e, não poder assistir e relatar reuniões espiritualistas teria prejudicado seriamente os meus interesses profissionais. Expus-lhe esta situação e, embora sob protesto, recebi permissão da sua parte para prosseguir a pesquisa *em nome da ciência*.

Ele fez mais do que aliviar-me a consciência; interessou-se pelo que lhe contei sobre o assunto e tivemos várias conversas sobre o tema. Além disso, emprestou-me livros da sua própria biblioteca sobre a vida de santos que ouviram vozes e tiveram visões, ou seja, santos que, como eu, foram vítimas de *"ilusões óticas"*.

Entre essas histórias, encontrei o caso de Santa Ana Catarina de Emmerich, tão semelhante ao meu que comecei a pensar que talvez eu também pudesse ser uma santa disfarçada. Ainda não aconteceu, mas nunca se sabe o que o futuro reserva.

Ela costumava ver espíritos a pairar ao seu lado enquanto ia a caminho da missa e ouvia-os pedir-lhe que rezasse por eles, enquanto apontavam para "as manchas nas suas vestes". Na sua presença, os instrumentos musicais tocavam sem mãos e vozes de gargantas invisíveis soavam nos seus ouvidos, exatamente como aconteceu comigo.

Incluo este episódio apenas para satisfazer aqueles conhecidos católicos com quem me sentei em sessões espiritualistas, e que provavelmente serão os primeiros a protestar contra a publicação das nossas experiências conjuntas. Espero que, depois de lerem isto, reconheçam que não sou pior do que eles, embora possa ser um pouco mais ousada na expressão das minhas opiniões.

Antes de começar este capítulo, tive uma discussão comigo própria (com aquele amigo que chamo de "Ego", que tantas vezes me derrotou na batalha da vida) sobre se deveria ou não dizer algo sobre as batidas e inclinações das mesas.

O simples facto de um objeto tão comum como uma mesa ser um meio de comunicação com o mundo invisível já gerou tanto ridículo e abriu tantas possibilidades ao charlatanismo que pensei que seria mais prudente ignorar o assunto e concentrar-me apenas nas manifestações que possam ser descritas e explicadas no papel.

Os filósofos do século XIX inventaram tantos nomes para a causa que leva uma mesa a girar, a inclinar-se ou a produzir batidas, que me sinto incapaz (não sendo filósofa) de os refutar. Dizem que é "força magnética" ou "força psíquica", ou ainda "cerebração inconsciente" ou "leitura da mente"—e, de facto, é muito difícil explicar ao mundo exterior

as razões pessoais que convencem cada indivíduo de que as respostas que recebe não são meramente produtos da sua própria mente.

Não tentarei refutar as suas explicações do ponto de vista deles, pois vejo as dificuldades envolvidas. Tanto assim é que, há muitos anos, me recuso sistematicamente a participar em sessões com estranhos, pois só um estudo prolongado do fenómeno pode, eventualmente, convencer alguém da sua veracidade.

No entanto, não consigo compreender por que razão seria absurdo comunicar através das batidas ou inclinações de uma mesa, ou de qualquer outro objeto. Estas pequenas indicações de uma influência externa à nossa não estão necessariamente limitadas às mesas. Já as recebi através de uma caixa de cartão, do chapéu de um cavalheiro, de um banco, das cordas de uma guitarra, do encosto da minha cadeira e até do travesseiro da minha cama. E qual dos filósofos que menciono poderia sugerir um método mais simples de comunicação? Já coloquei esta questão a homens inteligentes da seguinte forma:

"Suponha que, depois de poder falar e escrever comigo, de repente ficasse privado do poder da fala e do tato, e invisível, de modo que não nos conseguíssemos compreender através de sinais. Que melhor meio, além de batidas ou inclinações em algum objeto, ao nomearmos a palavra ou letra correta, poderia encontrar para comunicar comigo?"

Os meus amigos inteligentes nunca conseguiram propor um método mais simples ou sensato, e se alguém puder sugerir um, eu adoraria conhecê-lo. Os incidentes seguintes ocorreram todos através do muito ridicularizado método de inclinação da mesa, mas, apesar disso, conseguiram transmitir algumas verdades.

Ao rever o caderno de notas que mantive fielmente quando começámos a realizar sessões espiritualistas em casa, encontro muitos testes de identidade que ocorreram através da minha própria mediunidade e que não poderiam, de forma alguma, ser atribuídos à leitura de pensamento. Dedico este capítulo ao relato dessas experiências. Espero que se note a cautela admirável com que o intitulei. Tenho algumas gotas de sangue Escocês por parte da minha mãe, e creio que isso deve ter-me ajudado aqui. **"***Curiosas coincidências*." Ora, nem mesmo o crítico mais severo e incrédulo poderá encontrar falha num título tão modesto e despretensioso. Toda a gente acredita na possibilidade ocasional de "curiosas coincidências."

Foi apenas no mês de junho de 1873 que formámos um círculo espiritualista em casa e começámos a reunir-nos regularmente. Ficámos tão interessados no assunto que costumávamos sentar-nos todas as noites, por vezes até às três ou quatro da manhã, o que nos prejudicava tanto mental como fisicamente. Raramente estávamos sozinhos, pois geralmente éramos acompanhados por dois ou três amigos, e os resultados eram, por vezes, bastante surpreendentes, pois formávamos um círculo potente.

As notas dessas sessões, realizadas com diferentes grupos de pessoas ao longo dos anos, são extensas, mas restringir-me-ei a relatar apenas alguns episódios que foram verificados por eventos posteriores.

O método que utilizávamos para comunicar com as influências ao nosso redor era o habitual. Sentávamo-nos à volta da mesa e colocávamos as mãos sobre ela, e eu (ou qualquer outra pessoa escolhida para o efeito) soletrava o alfabeto, enquanto batidas ou inclinações ocorriam quando a letra desejada era alcançada. Este processo, na realidade, não é tão moroso como pode parecer, e uma vez habituado a ele, é possível estabelecer longas conversas em apenas uma hora. Um médium rapidamente aprende a adivinhar a palavra que está a ser soletrada, pois, afinal, não são assim tantas as que usamos na conversação comum.

Alguém tinha vindo à nossa mesa em várias ocasiões, dando o nome de "*Valérie*", mas se recusava a dizer qualquer outra coisa, pelo que pensávamos tratar-se de um espírito ocioso ou frívolo e costumávamos afastá-la. No entanto, numa noite, a 1 de julho, o nosso círculo foi alargado com a presença do senhor Henry Stacke, e assim que começámos, o nome "*Valérie*" foi imediatamente soletrado, e gerou-se a seguinte conversa:

— Quem é esta? — perguntou o Sr. Stacke.

Respondi, com indiferença:

— Ah! É uma pequena diabrete! Nunca tem nada a dizer.

A mesa balançou violentamente e as batidas soletraram:

— *Je ne suis pas diable.*

— Ora essa, Valérie! Com que então agora já falas! Para quem vens?

— *Monsieur Stacke.*

— Onde o conheceste?

— *No continente.*

— Em que lugar?

— *Entre Dijon e Mâcon.*

— Como o conheceste?

— *Num compartimento de comboio.*

— O que estavas a fazer lá?

Aqui, ela voltou ao francês e respondeu:

— *Ce m'est impossible de dire.*

Neste ponto, o Sr. Stacke comentou que só tinha viajado de comboio entre Dijon e Mâcon uma única vez na vida e que, se o espírito realmente o tivesse acompanhado, deveria lembrar-se do que tinha acontecido a um dos seus companheiros de viagem.

— *Mais oui, oui – il était fou* — respondeu Valérie, o que se provou estar absolutamente correto. O Sr. Stacke também se recordou que duas senhoras, que viajavam no mesmo compartimento, tinham ficado terrivelmente assustadas, e ele ajudara-as a mudar-se para outro vagão.

Valérie continuou:

— *Priez pour moi.*

— Porquê, Valérie?

— *Parce que j'ai beaucoup péché.*

Havia um espírito que frequentava frequentemente as nossas sessões e que se apresentava como *"Charlie."*

Ele afirmou que o seu nome completo tinha sido "Stephen Charles Bernard Abbot", que fora um monge de grande erudição e que, tendo abraçado a vida monástica no reinado da Rainha Maria, apostatara por razões políticas no reinado de Isabel, ficando, desde então, "preso à terra."

Certa noite, Charlie pediu-nos que cantássemos uma canção, e começámos, de forma bem-humorada, a entoar o refrão vulgar de "Champagne Charlie," ao que ele reagiu com grande desagrado, pedindo algo mais sério.

Então, comecei a cantar "Ye banks and braes o' bonnie Doon."

— Ora, essa é tão má quanto a outra! — exclamou Charlie. — No tempo de Isabel, era uma canção obscena e devassa. Os bêbados costumavam cantá-la nas ruas enquanto cambaleavam de regresso a casa.

— Deves estar enganado, Charlie! É uma canção Escocesa bem conhecida.

— Não é mais Escocesa do que eu — respondeu ele. — Os Escoceses dizem que inventaram tudo. Esta melodia é do tempo da Rainha Isabel. Perguntem a Brinley Richards.

Sendo eu conhecida do Sr. Brinley Richards, que era uma grande autoridade na origem de baladas nacionais, resolvi consultá-lo. Respondeu-me, dizendo que Charlie tinha razão, mas que o próprio Sr. Richards não tinha conhecimento desse facto até ter pesquisado em manuscritos antigos do Museu Britânico.

Numa outra ocasião, estava a realizar uma sessão para um primo meu, um oficial do exército de Aldershot, que viera preparado para ridicularizar tudo o que acontecesse. Depois de me ter convencido a dar-lhe uma sessão, começou a enganar-se a si próprio e, em seguida, acusou-me de o estar a enganar. A sua atitude cansou-me, e então sugeri um teste, embora sem grandes esperanças de sucesso.

— Vamos pedir ao John Powles que vá até Aldershot e nos traga notícias do que os seus colegas oficiais estão a fazer.

— Ah, sim! Por Júpiter! Excelente ideia! Olhe aqui, seu tal de Powles, vá já até o quartel e diga-nos o que está a fazer o Major R---!

A mensagem regressou cerca de três minutos depois.

"O Major R--- acaba de regressar do serviço," soletrou Powles. "Está sentado na beira da cama, a trocar as calças do uniforme por um par de tweed cinzentas."

— Tenho a certeza de que isso está errado — disse o meu primo — porque os oficiais nunca são chamados para serviço a esta hora do dia.

Era então quatro horas, como tínhamos tido o cuidado de verificar. O meu primo regressou ao quartel naquela mesma noite, e no dia seguinte recebi um bilhete dele que dizia: "Aquele tal de Powles é um fenómeno. Estava tudo certo. O R--- foi inesperadamente chamado para formar a sua companhia ontem à tarde, e voltou ao quartel para trocar o uniforme pelo fato de tweed cinzento exatamente às quatro horas."

Mas sempre encontrei o meu amigo Powles, quando se dignava a fazer algo por estranhos, o que era raro, notavelmente preciso em relatar os pensamentos e ações de ausentes, por vezes até do outro lado do mundo.

Uma tarde, fui fazer uma visita social a uma senhora chamada Srª. W--- e encontrei-a envolvida numa conversa acalorada sobre Espiritualismo com uma mulher robusta e um homem vulgar, duas das pessoas mais materialistas que já vira, e que pareciam ainda mais prosaicas a um abrasador sol de agosto. Assim que Srª. W--- me viu, exclamou: "Oh! Aqui está a Srª. Ross-Church. Ela vai dizer-vos tudo sobre os espíritos. Por favor, Srª. Ross-Church, sente-se à mesa e façamos uma sessão."

Uma sessão numa tarde abrasadora de agosto, com dois estranhos apáticos e, pior ainda, desinteressados, que pareciam pensar que Srª. W--- tinha "um parafuso a menos." Protestei, argumentei, implorei – tudo em vão. A minha anfitriã insistiu, e a etiqueta social deixa o convidado à mercê da anfitriã. Assim, de má vontade, tirei as luvas e coloquei as mãos, sem entusiasmo, sobre a mesa. Imediatamente, foram batidas as seguintes palavras:

"Sou Edward G---. Alguma vez pagaste ao Johnson as dezassete libras e doze xelins que recebeste pela minha sela?"

O homem à minha frente mudou de cor e começou a balbuciar uma resposta, enquanto a sua esposa parecia muito embaraçada. Perguntei à entidade: "Quem é?" Respondeu: "Ele sabe! O seu antigo coronel! Porque é que Johnson ainda não recebeu esse dinheiro?"

Isto é o que eu chamo uma coincidência embaraçosa, e já tive muitas ocorrências semelhantes através de mim, algumas que afastaram conhecidos da mesa, jurando vingança contra mim e tentando desesperadamente descobrir quem me teria contado os seus pecadilhos secretos. O cavalheiro em questão, de cujo nome nem sequer me lembro, confessou que a identidade e os detalhes principais da mensagem eram verídicos, mas não nos confidenciou se o Johnson alguma vez recebera aquelas dezassete libras e doze xelins.

Tinha um lindo galgo Inglês chamado "Clytie," um presente que a Annie Thomas me dera, e esse cão tinha o hábito de vaguear para longe da minha casa em Colville Road, Bayswater, que corre paralela à Portobello Road, uma zona pouco recomendável, composta por lojas de qualidade inferior, uma das quais, uma loja de peixe frito, era uma verdadeira praga, e enchia o ar com o seu odor intenso.

Numa ocasião, "Clytie" demorou-se tanto mais do que o habitual fora de casa que receei que estivesse realmente perdida, e publiquei anúncios a oferecer uma recompensa por ela. Naquela noite, "Charlie" veio à mesa e disse: "Não ofereça recompensa pelo cão. Manda buscá-lo."

"Para onde devo mandar?" perguntei.

"Ela está presa na loja de peixe frito na Portobello Road. Manda a cozinheira ir lé ver."

Disse à empregada que tinha ouvido dizer que o galgo estava retido na loja de peixe frito e enviei-a a averiguar. Voltou com a "Clytie." Contou-me que, ao indagar, o dono da loja se mostrou muito insolente, e que, ao levantar a voz em resposta, ouviu e reconheceu o latido agudo e peculiar do galgo vindo do andar superior. Correu escada acima antes que o homem a pudesse impedir e encontrou "Clytie" amarrada a uma cama com uma corda. Chamou um polícia para a ajudar a levar o cão de volta.

Muitas vezes ouvi dizer que o Espiritualismo não tem utilidade prática e, sem dúvida, nunca foi essa a sua intenção, mas este incidente foi, pelo menos, uma exceção à regra.

Uma vez, quando estava no estrangeiro, um abade católico pediu-me para fazer uma sessão com ele. Ele nunca tinha visto nenhuma manifestação antes e não acreditava nelas, mas estava curioso sobre o assunto. Eu nada sabia sobre ele, além de que era padre, jesuíta e um grande amigo da minha irmã, em cuja casa eu estava hospedada. Ele falava Inglês e a conversa decorreu nessa língua. Disse-me, antecipadamente, que, se recebesse um teste absolutamente privado, nunca mais duvidaria da veracidade das manifestações.

Deixei-o, pois, conduzir toda a investigação sozinho, atuando apenas como médium entre ele e a entidade. Assim que a mesa se moveu, fez a sua pergunta diretamente, sem sequer perguntar quem estava ali a respondê-la.

"Onde está a minha casula (paramentos)?"

Bem, eu teria pensado que a casula de um padre deveria estar pendurada na sacristia, guardada em casa ou enviada para ser ajustada ou consertada. Mas a resposta estava muito além de qualquer uma das minhas suposições.

"No fundo do Mar Vermelho."

O sacerdote estremeceu, mas continuou:

"Quem a colocou lá?"

"Elias Dodo."

"Com que motivo?"

"Achou o pacote um fardo e não esperava recompensa por o entregar."

O abade pareceu verdadeiramente chocado, como se tivesse visto o próprio demónio. Limpou o suor da testa e fez mais uma pergunta:

"De que era feita a minha casula?"

"Do vestido de noiva da sua irmã."

O sacerdote então explicou-me que a sua irmã lhe tinha feito uma casula a partir do seu vestido de noiva — uma das formas de ação de graças na Igreja — mas que, com o tempo, a peça ficou antiquada, e, durante uma visita pastoral, o Bispo lhe ordenou que adquirisse uma nova. Como não queria deitar fora a oferta da irmã, decidiu enviar a velha casula para um padre na Índia, onde os clérigos são muito pobres e menos exigentes quanto à moda. Confiou o pacote a um homem chamado Elias Dodo — um nome suficientemente peculiar — mas nem ele nem o padre a quem a enviou alguma vez voltaram a ter notícias da casula ou do homem que prometera entregá-la.

Um jovem artista de nome Courtney era visitante frequente da minha casa. Pediu-me para fazer uma sessão a sós com ele, e, assim que começámos, a mesa começou a bater um conjunto de consoantes — um emaranhado de contrasenso, conforme me pareceu — e interrompi a sessão dizendo isso mesmo. Mas o Sr. Courtney, que parecia muito interessado, pediu-me que continuasse. Quando a comunicação terminou, disse-me: "Isto é a coisa mais extraordinária que já ouvi. O meu pai esteve à mesa a falar comigo em galês. Disse-me o nosso lema de família e falou-me do meu local de nascimento e dos meus parentes no País de Gales."

Respondi-lhe: "Nunca ouvi dizer que fosse Galês."

"Sou, sim," replicou ele. "O meu verdadeiro nome é Powell. Apenas adotei o nome Courtney para fins profissionais."

Isto era novidade para mim, mas, mesmo que não fosse, eu não sei falar Galês.

Poderia multiplicar casos como este às dezenas, mas receio fatigar os leitores, além de que a maioria é de natureza tão estritamente privada que seria impossível colocá-los por escrito. Este é, porventura o maior obstáculo que se encontra ao tentar provar a veracidade do Espiritualismo. As melhores provas que recebemos surgem quando os segredos mais profundos dos nossos corações — que nunca confiámos nem aos nossos amigos mais próximos — nos são revelados.

Poderia relatar (caso tivesse permissão das pessoas envolvidas) os pormenores de um famoso processo judicial, no qual todas as provas necessárias, incluindo os nomes e endereços das testemunhas, foram indicadas através da minha mediunidade, o que permitiu que a parte que me procurou em busca de "informação" vencesse a causa.

Algumas das coincidências que relatei neste capítulo poderiam, porventura ser atribuídas pelos cépticos a um misterioso e desconhecido poder de leitura da mente — seja ele o que for e qualquer que seja a sua origem, independentemente da mediunidade — mas como se poderá explicar os factos que irei contar-vos no próximo capítulo?

CAPÍTULO IV

ESPÍRITOS ENCARNADOS

Um dia, estava a ter uma sessão em minha casa com uma amiga, chamada Miss Clark, quando um espírito feminino se manifestou à mesa e soletrou o nome "Tiny".

— "Quem és tu?" — perguntei. — "E para quem vens?"

— "Sou amiga do Major M—" (mencionando o nome completo) "e preciso da tua ajuda."

— "És algum parente do Major M—?"

— "Sou a mãe da filha dele."

— "O que desejas que eu faça por ti?"

— "Diz-lhe que tem de ir a Portsmouth para cuidar da minha filha. Não a vê há anos. A velha morreu e o homem é um bêbado. Ela está a seguir um mau caminho. Ele tem de a salvar."

— "Qual é o teu verdadeiro nome?"

— "Não quero dizer. Não é necessário. Ele sempre me chamou Tiny."

— "Quantos anos tem a tua filha?"

— "Dezanove. O nome dela é Emily. Quero que se case. Diz-lhe para lhe prometer um enxoval de casamento. Isso pode convencê-la a casar."

A entidade revelou muito mais sobre o assunto, mas não posso escrevê-lo aqui. Tratava-se de um daqueles casos cruéis de sedução em que uma jovem é levada à ruína para satisfazer os desejos egoístas de um homem. Tanto a Miss Clark quanto eu ficámos espantadas, pois nunca tínhamos ouvido falar da "Tiny" antes.

Era um assunto demasiado delicado para eu abordar com o Major M— (um homem casado e meu amigo íntimo), mas o espírito regressava tantas vezes e implorava-me com tanta insistência que salvasse a sua filha, que, por fim, decidi contar-lhe o que tinha acontecido.

Ele ficou algo desconcertado, mas confessou que era verdade: a criança, que estava sob os seus cuidados, fora entregue a pessoas humildes em Portsmouth, e ele não se informava sobre ela há muito tempo. Também nunca soubera da morte da mãe, que, entretanto, se casara e tivera uma nova família.

Fez então algumas investigações e descobriu que a história era verdadeira: a jovem Emily, deixada apenas aos cuidados de um velho bêbado, tinha-se efetivamente desviado para uma vida de perdição. Não muito tempo depois, foi levada a tribunal por esfaquear um soldado numa taberna — um desfecho trágico para a filha de uma paixão egoísta.

Mas o detalhe mais surpreendente desta história, para quem desconhece estas questões, é o facto de que a mulher cujo espírito se manifestou perante duas desconhecidas — que nem sabiam o seu nome nem a sua história — estava, afinal, viva, a viver com o marido e os filhos, como o Major M— fez questão de confirmar.

Agora, quero abordar um assunto ainda mais intrigante: a comunicação com espíritos de pessoas ainda vivas. Para muitos, esta ideia parecerá a mais incompreensível e fantasiosa de todas — a noção de que usamos a nossa forma terrena de maneira tão desprendida que os espíritos de pessoas ainda vivas podem deixar os seus corpos e manifestar-se visivelmente ou verbalmente perante outros, em estado normal.

E, no entanto, isto aconteceu comigo (como no caso que acabei de relatar), e deram-me informações de que eu não fazia a mínima ideia. Explicaram-me que não é propriamente o espírito da pessoa viva que comunica, mas sim o espírito ou "guia" mais próximo dela — aquilo a que a Igreja chama "anjo da guarda". Esse guia, que conhece os seus pensamentos e desejos mais íntimos melhor do que ela própria, é capaz de falar em seu nome.

Esta explicação pode transferir o mistério de uns ombros para outros, mas não o elimina. Se posso receber informações sobre acontecimentos antes de estes ocorrerem (como provarei que recebi), então apresento à opinião pública um enigma que até os cientistas terão dificuldade em resolver.

Costumava levar os meus filhos à praia todos os verões, e, num desses anos, para testar até que ponto a mesa poderia funcionar sem a influência da "cerebração inconsciente", combinei com os meus amigos, o Sr. Helmore e a Srª. Colnaghi — que costumavam participar nas sessões em minha casa — que continuaríamos a realizar sessões à terça-feira na praia, enquanto eles fariam o mesmo em Londres às quintas-feiras. Nessas sessões, tentaria enviar-lhes mensagens através de "Charlie", o espírito que frequentemente nos acompanhava.

Na primeira terça-feira, a minha mensagem foi: "Perguntem-lhes como estão a passar sem nós", o que foi fielmente transmitido à mesa deles na quinta-feira seguinte. A resposta que o "Charlie" nos trouxe na terça-feira seguinte foi: "Diz-lhe que Londres é um deserto sem ela." Ao que respondi, de forma enfática, embora pouco elegante: "Tretas!"

Poucos dias depois, recebi uma carta de Sr. Helmore em que dizia: "Receio que o 'Charlie' já esteja farto de brincar ao carteiro, porque, a todas as perguntas que lhe fizemos sobre ti na última quinta-feira, ele apenas respondeu: 'Tretas!'"

Este pequeno episódio foi apenas um prelúdio para algo muito mais notável que aconteceu dias depois.

Durante uma sessão na quinta-feira, o Sr. Colnaghi e o Sr. Helmore discutiam a possibilidade de chamar os espíritos de pessoas vivas à mesa, quando "Charlie" deu três pancadas para indicar que isso era possível.

— "Charlie, podes trazer alguém para nós?"

— "Sim."

— "Quem vais trazer?"

— "A Srª. Ross-Church."

— "Quanto tempo demoras?"

— "Quinze minutos."

Era já de madrugada, e eu devia estar a dormir profundamente. Mais tarde, os dois amigos confessaram que esperaram o resultado do seu teste com uma certa apreensão, perguntando-se, talvez, se eu apareceria fisicamente para lhes puxar as orelhas pela ousadia.

Mas, exatamente quinze minutos depois, a mesa foi violentamente sacudida e as palavras começaram a ser soletradas: "Sou a Srª. Ross-Church. Como se atrevem a chamar-me?"

Eles ficaram muito arrependidos (ou pelo menos disseram que sim), mas descreveram o meu tom como extremamente autoritário. Disseram que eu repetia sem cessar: "Deixem-me voltar! Deixem-me voltar! Há um grande perigo a pairar sobre os meus filhos! Preciso de voltar para os meus filhos!"

(Aqui, gostaria de acrescentar, em contradição com a teoria do "anjo da guarda", que, enquanto os espíritos dos falecidos vêm e vão livremente, os espíritos dos vivos imploram sempre para serem mandados de volta ou para serem libertados, como se estivessem presos pela vontade do médium.)

Desta vez, eu estava tão insistente que causei uma forte impressão nos meus dois amigos. No dia seguinte, Sr. Helmore enviou-me uma carta cuidadosamente redigida, perguntando-me, de forma cautelosa, se estava tudo bem connosco em Charmouth, mas sem revelar a verdadeira razão da sua preocupação.

Os factos são que, na manhã de sexta-feira, um dia após a sessão em Londres, os meus sete filhos e duas amas estavam reunidos numa pequena sala de uma pensão, quando o meu cunhado, o Dr. Henry Norris, regressou do treino de tiro com os voluntários e, ao exibir a sua espingarda ao meu filho, disparou-a acidentalmente no meio de todos. A bala atravessou a parede a poucos centímetros da cabeça da minha filha mais velha. Quando escrevi à Sr. Helmore a relatar o sucedido, ele contou-me sobre a minha "visita" a Londres e as palavras que eu tinha soletrado na noite anterior. Mas como poderia eu saber do que iria acontecer

antes que tivesse ocorrido? E, se eu estava a dormir e inconsciente, então o "Charlie" teria de ter sabido.

As minhas visitas etéreas aos meus amigos, enquanto o meu corpo permanecia noutro lugar, tornaram-se ainda mais evidentes do que isso. Certa vez, quando vivia em Regent's Park, passei uma noite terrível e angustiante. O sofrimento e o medo mantiveram-me acordada durante grande parte do tempo, e a manhã encontrou-me exausta pela emoção que tinha experimentado. Por volta das onze horas, para minha surpresa, apareceu a Srª. Fitzgerald (mais conhecida como médium sob o seu nome de solteira, Bessie Williams), que vivia na Goldhawk Road, em Shepherd's Bush.

— "Não pude evitar vir ter contigo" — disse ela assim que entrou. — "Não ficarei em paz enquanto não souber como estás depois da terrível cena por que passaste."

Fiquei perplexa.

— "Quem te contou?" — perguntei. — "Quem viste?"

— "Tu própria" — respondeu ela. — "Acordei entre as duas e as três da manhã ao som de soluços e choros no jardim da frente. Levantei-me e abri a janela e vi-te ali, de pé, no relvado, em camisa de dormir, a chorar amargamente. Perguntei-te o que se passava, e contaste-me isto e aquilo" — e então ela descreveu com todos os pormenores o que tinha acontecido na minha casa do outro lado de Londres, com as palavras exatas que tinham sido ditas e cada ação que tinha ocorrido.

Eu não tinha visto nem falado com ninguém entre o acontecimento e a visita de Srª. Fitzgerald. Se a sua história não fosse verdadeira, quem poderia tê-la informado tão minuciosamente sobre algo que todos os envolvidos queriam manter em segredo?

Quando me juntei à companhia da ópera cómica *Patience*, da Sr. d'Oyley Carte, para interpretar o papel da "Lady Jane" nas digressões pelas províncias, entendi que teria quatro dias de ensaios. No entanto, a atriz que eu ia substituir, ao saber da minha chegada, retirou-se de imediato, e o diretor pediu-me que atuasse logo naquela mesma noite. Foi uma verdadeira prova de fogo para alguém que nunca antes tinha cantado num palco operático e que ainda não sabia a partitura na perfeição. Ainda assim, por dever profissional, aceitei o desafio, embora estivesse muito nervosa.

No final do segundo ato, durante a cena da votação, a Lady Jane tem de entrar repentinamente em cena e cantar a palavra *"Away!"* Não me lembro ao certo se, na primeira noite, entoei a nota um terço acima ou abaixo do tom correto. Sei apenas que não estava completamente fora de harmonia, mas foi o suficiente para desorientar o coro e fazer-me gelar de susto. Nunca mais repeti esse erro, mas sempre que esperava nos bastidores por esse momento, sentia um aperto de ansiedade, temendo que voltasse a falhar.

Com o tempo, percebi que havia muitos cochichos entre os membros da companhia e perguntei a Federici (que interpretava o coronel) qual era o motivo, especialmente porque ele já me tinha pedido para manter distância no palco, pois dizia que eu o magnetizava de tal forma que ele não conseguia cantar se estivesse demasiado perto de mim.

— "Bem, sabes..." — respondeu-me ele — "acontece uma coisa muito estranha contigo, Miss Marryat. Enquanto estás no palco, às vezes também és vista sentada na plateia. Várias pessoas repararam nisso, para além de mim. Garanto-te que é verdade."

— "Mas quando é que me veem?" — perguntei, espantada.

— "Sempre na mesma altura" — disse ele — "logo antes de entrares no final do segundo ato. Claro que não passa de uma ilusão, mas é muito esquisito."

Contei-lhe então sobre os sentimentos de insegurança que sempre me assaltavam nesse exato momento da peça — como se o meu espírito se antecipasse ao meu próprio corpo no palco.

Há muitos anos, tive um amigo na Índia que, como tantos outros, permitiu que o tempo e a distância nos afastassem. Já não nos víamos nem nos escrevíamos há onze anos, e, ao que parecia, a nossa amizade estava encerrada.

Numa noite, a médium de que já falei, a Srª. Fitzgerald, que era minha amiga pessoal, estava em minha casa. Depois do jantar, deitou-se no sofá — algo pouco habitual nela — e fechou os olhos. Estávamos sozinhas na sala, e, após algum tempo, sussurrei:

— "Bessie, estás a dormir?"

A resposta veio do seu guia, "Dewdrop", uma rapariga indígena de espírito muito astuto.

— "Não! Ela está em transe. Há alguém que quer falar contigo! Não quero que venha, porque vai fazer a minha médium sentir-se mal. Mas não posso impedi-lo. Já o vejo a esgueirar-se pelo canto da sala."

— "Mas por que razão isso a faria sentir-se mal?" — perguntei, pensando que se tratava de uma sessão mediúnica comum.

— "Porque é um *vivo*! Ainda não partiu para o outro lado" — respondeu a Dewdrop — "e os vivos fazem sempre a minha médium sentir-se doente. Mas não posso impedir que ele entre. O melhor é deixá-lo falar, mas não por muito tempo."

— "Quem é ele, Dewdrop?" — perguntei, intrigada.

— "Não sei! Mas vais reconhecer! É um velho amigo teu e chama-se George."

Então, a Bessie Fitzgerald reclinou-se nas almofadas do sofá, e Dewdrop deixou de falar. Durante algum tempo, não aconteceu nada. A médium agitava-se, passava as mãos pela testa, afastava o cabelo, batia nas almofadas e suspirava profundamente, como alguém que tenta adormecer numa noite de calor insuportável.

De repente, abriu os olhos e olhou à sua volta, sonolenta. Os seus gestos e o nome "George" — que era, de facto, o nome do meu amigo na Índia — levaram-me a suspeitar da identidade da entidade que se manifestava. Assim que a Bessie abriu os olhos, perguntei suavemente:

— "George, és tu?"

Ao som da minha voz, a médium sobressaltou-se violentamente, sentou-se de um salto e, olhando à volta, assustada, exclamou:

— "Onde estou? Quem me trouxe para aqui?"

Então, ao reconhecer-me, continuou, aflita:

— "Srª. Ross-Church! Florence! Esta é a sua sala? Ó, deixa-me ir embora! Por favor, deixa-me ir!"

Isto não era, no mínimo, um grande elogio vindo de um amigo que eu não via há onze anos, mas agora que o tinha ali, não ia deixá-lo ir embora até estar convencida da sua identidade. No entanto, o terror do espírito ao encontrar-se num local desconhecido parecia tão real e incontrolável que tive imensa dificuldade em persuadi-lo a ficar, mesmo que por alguns minutos. Ele repetia constantemente:

— "Quem me trouxe para aqui? Eu não queria vir. Deixa-me voltar. Estou tão frio" (tremendo convulsivamente), "tão, tão frio."

— "Responde-me a algumas perguntas," disse eu, "e então poderás ir. Sabes quem eu sou?"

— "Sim, sim, és a Florence."

— "E qual é o teu nome?"

Ele deu-o por inteiro.

— "E ainda te importas comigo?"

— "Muito. Mas deixa-me ir."

— "Dentro de um minuto. Por que nunca me escreves?"

— "Há razões para isso. Não sou livre para agir como quero. É melhor assim."

— "Não acho. Sinto muito a falta das tuas cartas. Voltarei a ouvir falar de ti?"

— "Sim!"

— "E a ver-te?"

— "Sim, mas não ainda. Agora deixa-me ir. Não quero ficar. Estás a deixar-me muito infeliz."

Se eu conseguisse descrever o medo absoluto com que, durante toda esta conversa, ele olhava para a porta a cada momento, como um homem apanhado num ato proibido, isso bastaria para convencer qualquer um de que o corpo da médium estava animado por uma influência totalmente distinta da sua própria. Mantive o espírito sob controlo até estar

completamente certa de que ele sabia tudo sobre a nossa antiga amizade e o seu próprio ambiente presente. Só então o deixei "voar" de volta para a Índia e perguntei-me se ele acordaria na manhã seguinte a imaginar que tudo não passara de um pesadelo.

Estas experiências com espíritos de pessoas ainda vivas são, sem dúvida, das mais estranhas que já tive. Mais de uma vez, quando não conseguia obter a verdade de alguém, sentava-me sozinha, assim que acreditava que essa pessoa estivesse a dormir, e chamava o seu espírito à mesa, forçando-o a falar. Poucas imaginaram como eu descobri certos segredos que tentaram esconder de mim. Ouvi dizer que nem todos os médiuns têm o poder de chamar os espíritos dos vivos, mas eu sempre o possuí. Consigo fazê-lo tanto quando estão acordados como quando dormem, embora seja mais difícil no primeiro caso.

Certa vez, um cavalheiro desafiou-me a fazê-lo. Só não revelo o seu nome porque o fiz parecer ridículo. Esperei até saber que ele estaria num jantar, e, por volta das nove da noite, sentei-me e invoquei-o. Demorou algum tempo até que ele "obedecesse", e quando chegou, estava de muito mau humor. Peguei num papel e lápis e, sob sua ditado, escrevi o número e os nomes dos convidados à mesa do jantar, bem como os pratos de que tinha comido. Depois, por pena dos seus insistentes apelos, deixei-o partir.

— "Estás a fazer-me parecer um idiota," disse ele. "Toda a gente está a rir-se de mim."

— "Mas porquê? O que estás a fazer?"

— "Estou encostado à lareira e adormeci profundamente," respondeu.

Na manhã seguinte, ele entrou apressadamente onde eu estava.

— "O que me fizeste ontem à noite?" perguntou. "Estava em casa dos Watts Philips e, depois do jantar, adormeci de pé, encostado à lareira, com a cabeça apoiada na mão. Todos tentaram acordar-me e não conseguiram. Fizeste alguma das tuas bruxarias comigo?"

— "Apenas te fiz fazer aquilo que disseste que eu não conseguiria," respondi. "Como gostaste da sopa branca, do linguado e dos rins com molho?"

Ele arregalou os olhos com a minha informação obtida de forma nefasta, ainda mais quando lhe mostrei o papel que tinha escrito sob sua própria "ditado". Não costumo recorrer a este tipo de truques — não seria suficientemente interessante para transformar numa prática — mas sou uma pessoa perigosa para desafiar.

O velho amigo cujo espírito me visitou através da Srª. Fitzgerald tinha perdido uma irmã antes de nos conhecermos, à qual era muito apegado. Eu sabia pouco sobre ela, para além do nome. Uma noite, alguns meses após a visita desse espírito, um outro manifestou-se, dando o nome da irmã do meu amigo, e transmitiu-me a seguinte mensagem:

— "O meu irmão voltou para Inglaterra e gostaria de saber a tua morada. Escreve-lhe para o clube em Leamington e diz-lhe onde te pode encontrar."

Respondi-lhe:

— "O teu irmão não me escreve nem pergunta por mim há onze anos. Ele perdeu todo o interesse em mim, e não posso ser a primeira a escrever-lhe, a menos que tenha certeza de que ele deseja isso."

— "Ele não perdeu todo o interesse em ti," insistiu o espírito. "Ele pensa em ti constantemente e ouço-o rezar por ti. Ele quer ouvir notícias tuas."

— "Isso pode até ser verdade," respondi, "mas não posso aceitar apenas a tua palavra. Se o teu irmão realmente quiser retomar o contacto, que me escreva a dizer isso."

— "Ele não sabe a tua morada e eu não consigo aproximar-me o suficiente dele para influenciá-lo."

— "Então as coisas terão de continuar como estão," respondi, um tanto impacientemente. "Sou uma figura pública. Ele pode descobrir a minha morada, se quiser."

O espírito pareceu refletir por um momento e, depois, soletrou:

— "Espera. Vou buscar o meu irmão. Ele próprio te dirá o que pensa sobre isso."

Pouco tempo depois, senti uma mudança na energia da mesa, e o nome do meu antigo amigo foi soletrado. Depois de trocarmos algumas palavras e de eu lhe dizer que precisava de uma prova da sua identidade, ele pediu-me para pegar num lápis e papel e escrever o que ele ditasse. Assim fiz, e ele ditou a seguinte frase:

— "Muito tempo passou desde os dias que recordas, mas o tempo, por mais longo que seja, não apaga o passado. Nunca deixou de me fazer pensar em ti e rezar por ti, como sinto que também tu pensaste e rezaste por mim. Escreve para o endereço que a minha irmã te deu. Quero ouvir notícias tuas."

Apesar da clareza e aparente autenticidade desta mensagem, levei algum tempo até tomar a decisão de seguir as instruções que me foram dadas. O meu orgulho impedia-me. No entanto, dez dias depois, tendo recebido várias outras visitas da irmã, fiz o que ela me pedira e enviei uma nota ao seu irmão para o clube em Leamington. A resposta veio de imediato pelo correio e continha, entre outras coisas, as palavras exatas que ele me ditara antes.

Gostaria que o Sr. Stuart Cumberland, ou qualquer outro homem inteligente, me explicasse o que ou quem foi que me visitou dez dias antes e ditou palavras que dificilmente poderiam estar na mente do meu correspondente antes de ele receber a minha carta. Estou disposta a aceitar qualquer explicação razoável dos cientistas, filósofos, químicos ou argumentadores do mundo e estou aberta à convicção, desde que a lógica me prove que o seu raciocínio é verdadeiro. Mas, até prova em contrário, acredito que não haverá um único homem ou mulher capaz de explicar, com base em princípios ordinários, um caso tão extraordinário de "cerebração inconsciente".

Sendo eu suscetível a "ilusões óticas", naturalmente tive várias experiências desse tipo com a minha filha espiritual, "Florence", e ela sempre se apresentou a mim vestida de

branco. Certa noite, porém, quando morava sozinha no Regent's Park, vi "Florence" (ou assim pensei) de pé no centro do quarto, vestida com um traje de montaria verde, adornado com detalhes cor de laranja, e um chapéu de feltro cinzento com uma longa pena verde e uma fivela dourada. Estava de costas para mim, mas podia ver-lhe o perfil enquanto olhava por cima do ombro, segurando a saia do traje na mão. Sendo esta uma vestimenta absolutamente invulgar para "Florence", senti-me intrigada e, no dia seguinte, questionei-a sobre o assunto.

— "Florence", disse-lhe, "porque vieste ter comigo ontem à noite vestida com um traje de montaria verde?"

— "Eu não fui ter contigo ontem à noite, mãe! Era a minha irmã Eva."

— "Meu Deus!" exclamei. "Aconteceu-lhe alguma coisa?"

— "Não! Ela está bem."

— "Então como pôde vir ter comigo?"

— "Ela não veio realmente, mas estava a pensar muito em ti e, por isso, viste o espírito dela de forma clarividente."

A minha filha Eva, que estava no teatro, encontrava-se então em Glasgow, a cumprir um contrato de temporada. Estava muito ocupada e eu não tinha notícias suas há quinze dias, o que era algo invulgar, e já começava a preocupar-me. Esta visão aumentou a minha inquietação, pelo que escrevi imediatamente a perguntar-lhe se tudo estava bem. A sua resposta foi a seguinte:

— "Lamento muito não ter tido tempo de te escrever esta semana, mas estive ocupadíssima. Na próxima semana, representamos *The Colleen Bawn* e tive de preparar o meu figurino. Fica lindíssimo. É um traje verde com detalhes cor de laranja, um chapéu de feltro cinzento com uma longa pena verde e uma grande fivela dourada. Experimentei-o há duas noites e ficou perfeito, etc., etc."

Pois bem, a minha querida menina teve o seu desejo cumprido — e eu vi o traje antes de ela mo descrever.

CAPÍTULO V
ILUSÕES ÓTICAS

Como já mencionei aquilo a que a minha família chamava as minhas "ilusões óticas", creio que será útil descrever algumas delas, que, pelo contexto, parecem ser mais do que meros distúrbios temporários da visão. Passarei por alto as que poderiam ser atribuídas a causas puramente físicas e focar-me-ei naquelas que mais tarde se revelaram reflexos de algo que, sem eu saber, já tinha acontecido.

Em 1875, encontrava-me muito ocupada com leituras dramáticas em várias partes do país e, pela primeira vez na vida, visitei Dublin para esse efeito, hospedando-me no maior e mais conceituado hotel da cidade. Devido à hospitalidade dos residentes e às exigências da minha profissão, passava os dias e as noites ocupada e, quando finalmente ia para a cama, estava tão exausta que adormecia de imediato. Mas algo no hotel não me deixava dormir em paz.

O meu quarto era encantador — alegre, confortável e muito bem decorado. No entanto, assim que adormecia, era despertada, talvez uma meia dúzia de vezes por noite, por essa inexplicável sensação (ou ausência dela) que me alerta sempre que estou prestes a vivenciar uma "ilusão ótica". Via então figuras — às vezes uma, outras duas ou três, e por vezes um grupo inteiro — de pé junto à minha cama, olhando para mim com expressões de espanto, como se perguntassem que direito eu tinha de estar ali. Mas o que mais me intrigava era que todas as figuras eram de homens, e todos eram militares.

Ora, estando eu habituada ao ambiente castrense, não poderia enganar-me quanto a isso. Alguns eram oficiais, outros soldados, uns em uniforme, outros em trajes mais informais, mas todos pertenciam ao exército. E todos pareciam ter a mesma expressão de surpresa intensa ao ver-me naquele hotel. Estas aparições tornaram-se tão vívidas e frequentes que comecei a sentir-me desconfortável. Por mais que se esteja habituado a ver "ilusões óticas", não é agradável imaginar que vinte estranhos nos observam todas as noites enquanto dormimos.

O tema do Espiritualismo era, ou era então, tabu em Dublin, e tinham-me advertido para não o mencionar perante os meus novos conhecidos. Contudo, não consegui manter-me completamente calada sobre o assunto e, durante um jantar em casa de uma família hospitaleira chamada Robinson, contei-lhes a minha experiência no hotel.

Pai, mãe e filho exclamaram simultaneamente:

— "Meu Deus! Mas não sabes que esse hotel foi construído no local dos antigos quartéis? A casa imediatamente atrás dele, que fazia parte do edifício original, foi abandonada pelos últimos inquilinos por ser assombrada. Todas as noites, à hora em que os soldados costumavam marchar para os dormitórios, ouvia-se o som das botas a subir a escadaria."

— "Pode ser", respondi, "mas eles sabiam que a sua casa tinha sido erguida sobre os quartéis, e eu não."

Certa vez, a minha filha mais velha estava a passar férias comigo após o meu segundo casamento. Era agosto e, como ela tinha estado a trabalhar arduamente, insisti para que dormisse até ao meio-dia. Uma certa manhã, fui ao seu quarto para a acordar e, ao sair (recordo que era plena luz do dia), deparei-me com um homem no patamar do lado de fora da porta dela.

Vestia apenas uma camisa branca com botões pretos à frente e umas calças de tecido preto. Tinha cabelo e olhos escuros e traços pequenos; no geral, a sua aparência pareceu-me algo sinistra e desagradável.

Fiquei imóvel, a segurar a porta aberta e a olhar para ele. Ele também me olhou por um instante e, em seguida, virou-se e subiu as escadas para o andar superior, onde ficava o quarto das crianças, e fez um gesto com a mão como se me chamasse para o seguir.

A minha filha, notando a expressão peculiar que os meus olhos assumem nessas ocasiões, perguntou-me:

— "Mãe! O que estás a ver?"

Apenas um espírito", respondi, "e ele subiu as escadas".

— "Mas de que serve vê-los assim?", perguntou Eva, um tanto impaciente (pois esta querida filha sempre detestou e evitou o Espiritualismo). E eu fui obrigada a admitir que, de facto, não sabia dizer qual era a utilidade especial de encontrar um cavalheiro de aspeto sinistro, em camisa e calças, ao meio-dia de um abrasador dia de agosto. Depois disso, o episódio passou-me da mente, até ser relembrado mais tarde.

Alguns meses depois, precisei de substituir a ama das crianças, e a mulher que veio ocupar o seu lugar foi uma rapariga islandesa chamada Margaret Thommassen, que estava em Inglaterra havia apenas três semanas. Descobri que ela tinha uma educação muito acima da média das empregadas domésticas e que conhecia bem os escritos de Swedenborg e outros autores.

Certo dia, ao subir as escadas para visitar as crianças na cama, deparei-me novamente com o mesmo homem que vira à porta do quarto da minha filha. Estava parado no patamar superior, como se aguardasse a minha chegada. Vestia-se da mesma forma, mas desta vez tinha os braços cruzados sobre o peito e o rosto inclinado para baixo, numa expressão de tristeza. Desapareceu assim que cheguei ao topo das escadas, e não comentei o incidente com ninguém.

Poucos dias depois, Margaret Thommassen perguntou-me, com certa hesitação, se eu acreditava na possibilidade de os espíritos dos falecidos regressarem à Terra. Quando lhe respondi que sim, pareceu radiante e disse que nunca esperara encontrar alguém em Inglaterra com quem pudesse falar sobre o assunto. De seguida, relatou-me um conjunto de evidências sobre o tema, que fazem parte essencial da religião dos islandeses.

Disse-me que estava inquieta com o seu irmão mais velho, por quem tinha grande afeto. Ele deixara a Islândia um ano antes para trabalhar como empregado de mesa na Alemanha e prometera que, enquanto estivesse vivo, lhe escreveria todos os meses. Se algum dia deixasse de o fazer, ela deveria concluir que ele estava morto. Margaret contou-me que já não recebia notícias suas há três meses e que, todas as noites, depois de apagada a luz do quarto das crianças, alguém se sentava ao pé da sua cama e suspirava.

Então, mostrou-me uma fotografia do irmão e, para meu espanto, reconheci de imediato o homem que me aparecera meses antes, quando eu ainda desconhecia a existência de Margaret Thommassen. Na foto, ele aparecia exatamente como eu o vira: de camisa e calças, com a mesma expressão sombria e inquietante.

Contei-lhe, então, que já o tinha visto duas vezes naquela casa. Margaret ficou muito emocionada e ansiosa por saber a verdade. Assim, fizemos uma sessão juntas, na esperança de obter alguma notícia do irmão. Ele manifestou-se de imediato, dizendo-lhe que estava morto, descrevendo as circunstâncias do seu falecimento e fornecendo-lhe um endereço para onde deveria escrever para obter mais detalhes.

Margaret seguiu as instruções e, ao contactar o local indicado, recebeu provas concretas da morte do irmão — sem as quais esta história seria inútil.

A minha irmã Cecil vive com a família em Somerset, e muitos anos atrás fui visitá-la pela primeira vez desde que se mudara para uma casa nova, que eu ainda não conhecia. Ela instalou-me no quarto de hóspedes, um aposento amplo e elegante, recentemente mobiliado pela casa Octzmann. No entanto, não consegui dormir lá.

Na primeira noite, alguém andou pelo quarto, a gemer e a suspirar perto dos meus ouvidos. O que mais me incomodava era o som constante de um tecido a roçar contra o cobertor novo, que produzia um ruído agudo e desagradável, como um "escraping" que me fazia ranger os dentes e fazia meu coração disparar.

Continuei a dizer: "Vai-te embora! Não te aproximes de mim!", pois a sua presença inspirava-me um horror e repugnância raramente sentidos noutras ocasiões semelhantes.

Ao início, não contei nada à minha irmã, pois ela é bastante nervosa no que toca a "fantasmas". Mas, ao terceiro dia, já não suportava mais e disse-lhe abertamente que o quarto era assombrado e que preferia dormir no seu vestiário ou até com as criadas a permanecer ali, pois não conseguia descansar.

Foi então que a verdade veio à tona. Ela confessou-me que o antigo proprietário da casa tinha cometido suicídio exatamente naquele quarto e mostrou-me o local, debaixo do tapete, onde ainda permanecia a mancha do sangue derramado.

Um belo quarto para se dormir sozinha, sem dúvida.

Outra irmã minha, Blanche, viveu numa casa assombrada em Bruges, cuja história será contada no capítulo intitulado *A História do Monge*. No entanto, muito antes de surgir qualquer referência ao monge, eu já não conseguia dormir lá por causa das perturbações no meu quarto, pelas quais Blanche costumava rir-se de mim.

Mesmo quando o meu marido, o Coronel Lean, e eu ali ficámos hospedados juntos, a situação manteve-se.

Certa noite, despertei-o para que visse a figura de uma mulher que já me aparecera várias vezes, parada ao pé da cama.

Era uma mulher de aparência peculiar, vestindo um corpete de couro apertado à frente sobre uma saia de lã escura. Na cabeça, usava uma touca de renda de Mechlin, com abas largas de lado, como as que as mulheres flamengas ainda usam hoje em dia. O cabelo estava bem puxado para trás e ostentava uma profusão de joias douradas.

O meu marido conseguiu descrevê-la tão bem quanto eu, o que prova quão nítida a aparição se manifestava.

Por várias vezes, acordei e vi esta mulher ocupada (aparentemente) com o conteúdo de um antigo armário de carvalho esculpido que se encontrava num canto do quarto — talvez por ser algo relacionado com ela.

Nessa mesma ocasião em Bruges, o meu filho mais velho juntou-se a nós. Tinha vinte anos, nunca praticara Espiritualismo nem se interessara pelo tema. Era um rapaz robusto, vindo do mar, e tão livre de medos e superstições quanto qualquer mortal podia ser.

Atribuíram-lhe um quarto noutra parte da casa e, desde o início, notei que estava mais sério do que o habitual. Não lhe perguntei a razão, mas, por experiência própria, pressentia que ele acabaria por ver ou ouvir algo estranho.

Poucos dias depois, veio ter comigo e disse:

— "Mãe, esta noite vou levar o colchão para o vestiário do coronel e dormir lá."

— "Porquê?", perguntei-lhe.

— "É impossível ficar mais tempo naquele quarto. Não me importaria se ao menos me deixassem dormir, mas não deixam. Alguma coisa anda lá a vaguear metade da noite, sussurrando, murmurando e tocando nas cobertas da cama. E, embora eu não acredite em nenhum dos teus disparates sobre espíritos, não fico ali nem mais uma noite, nem que me 'jiggerem'."

Assim, ele não foi "jiggered" (seja lá o que isso signifique), pois recusou-se terminantemente a voltar a entrar naquele quarto.

Eu não poderia encerrar este capítulo de maneira mais apropriada do que relatando um caso muito notável de "ilusão ótica" que foi visto apenas por mim. Era o mês de julho de 1880, e eu tinha ido sozinha para Brighton em busca de uma semana de tranquilidade. Tinha um trabalho literário importante a terminar, e as exigências da temporada londrina ocupavam-me demasiado tempo. Assim, reuni o meu material de escrita, aluguei um quarto apenas para mim e dediquei-me ao trabalho. Passava o dia a escrever e saía para caminhar à noite. Naquela época, a luz do dia permanecia até às oito ou nove horas, e a esplanada costumava estar cheia até tarde.

Na noite de 9 de julho, enquanto caminhava entre a multidão, mais preocupada com o meu trabalho do que com qualquer outra coisa, avistei, ou assim pensei, o meu enteado Francis Lean, encostado às grades no limite do penhasco, sorrindo para mim. Ele era um belo rapaz de dezoito anos que supostamente havia embarcado para o Brasil cinco meses antes. No entanto, sempre fora um jovem rebelde, causando ao pai muita preocupação e ansiedade, e a minha primeira reação foi de grande aborrecimento. Naturalmente, pensei que, se o via ali, significava que nunca tinha embarcado e que fugira do navio no último momento.

Aproximei-me apressadamente dele, mas, ao chegar ao seu lado, ele virou-se metodicamente e desceu rapidamente um lance de escadas que levava à praia. Segui-o, mas, ao chegar ao fundo, encontrei apenas um grupo de marinheiros remendando as suas redes. Francis, no entanto, não estava em parte alguma. Não soube o que pensar do episódio, mas nunca me ocorreu que não fosse realmente ele ou alguém incrivelmente parecido.

Naquela mesma noite, depois de me deitar, fui acordada pelo som da maçaneta da porta a girar. Ao olhar, vi Francis, com o seu uniforme naval e boné de pala, a sorrir para mim exatamente como o fizera no penhasco. Sobressaltada, sentei-me na cama com intenção de lhe falar, mas ele levou o dedo aos lábios e desvaneceu-se. Esta segunda visão fez-me suspeitar que algo poderia ter acontecido ao rapaz, mas decidi não comentar nada com o meu marido até ter alguma confirmação.

Pouco depois do meu regresso a Londres, saímos para visitar o navio do meu filho (também marinheiro), que estava ancorado nos estaleiros. Enquanto atravessávamos Poplar de carruagem, vi novamente Francis na calçada, sorrindo para mim. Dessa vez, falei. Disse ao coronel Lean: "Tenho a certeza de que vi o Francis ali de pé. Será possível que ele nunca tenha embarcado?" Mas o coronel Lean riu-se da ideia, acreditando que eu vira apenas um sósia. No entanto, Francis era demasiado distinto para ter muitos duplicados neste mundo.

Após essa visita ao litoral, no mês de setembro, enquanto estávamos hospedados em Folkestone, o coronel Lean recebeu uma carta informando que o seu filho Francis se havia afogado no Brasil, na baía de Callao, quando o barco em que estava se virou nas ondas. A data da sua morte? O dia 9 de julho — o mesmo em que o vi duas vezes em Brighton, dois meses antes de recebermos a notícia.

CAPÍTULO VI
SOBRE O CETICISMO

Existem duas categorias de pessoas que prejudicaram mais a causa do Espiritualismo do que todos os testemunhos dos cientistas foram capazes de ajudá-la: os entusiastas e os céticos. Os primeiros acreditam em tudo o que veem ou ouvem. Sem se darem ao trabalho de verificar a autenticidade das manifestações, correm de um conhecido para outro, relatando as suas experiências com tamanha exageração e fé ilimitada que acabam por tornar o assunto ridículo.

Geralmente, são pessoas de intelecto reduzido, crédulas e de nervos fracos. Reverenciam os espíritos como se fossem deuses descidos do céu, esquecendo-se de que, na maioria dos casos, tratam-se de almas apenas ligeiramente menos imperfeitas que as nossas, as quais, devido às suas próprias falhas, são incapazes de se elevar acima da atmosfera densa e material deste mundo.

São estes os espiritualistas que publicações como *Punch* e outros jornais satíricos têm, com toda a justiça, ridicularizado. Quem não se lembra da ilustração da viúva desconsolada para quem o médium acaba de chamar o falecido Jones?

— "Jones", balbucia ela, "estás feliz?"
— "Muito mais do que estava aí embaixo", resmunga Jones.
— "Oh! Então deves estar no céu!"
— "Muito pelo contrário", responde ele.

Quem também nunca assistiu a uma sessão em que tais indivíduos se comportam de maneira tão absurda que acabam por lançar ao ridículo a própria causa que dizem venerar? No entanto, permitir que palavras e ações de tolos abalem a nossa convicção interna sobre um assunto seria o mesmo que desistir de qualquer empreendimento no qual os nossos semelhantes possam participar.

A segunda categoria — os céticos — não causaram tantos danos ao Espiritualismo quanto os entusiastas, pois, regra geral, são tão teimosos, inflexíveis e limitados que acabam por exagerar nas suas objeções, tornando-as inofensivas.

O cético recusa-se a acreditar em qualquer coisa porque descobriu uma única fraude. Se um médium engana, então todos os médiuns devem enganar. Se uma sessão falha, então nenhuma pode ser bem-sucedida. Se ele próprio não recebe uma prova satisfatória da presença dos espíritos, então ninguém jamais a terá recebido. Ora, esse raciocínio não é nem justo nem lógico.

Além disso, o cético espera que o seu próprio testemunho seja aceito sem contestação, mas nunca acreditará numa verdade baseada no testemunho de outra pessoa. Se alguém lhe diz que, sob certas condições, pode ver ou ouvir algo, ele responde: "Não! Quero ver e ouvir sem qualquer condição. Caso contrário, direi que tudo é uma fraude."

Da mesma forma, imaginemos um selvagem a quem mostramos um relógio e dizemos: "Se mantiver os olhos nos ponteiros, verá que eles se movem e indicam as horas e minutos." Se ele responder: "Quero colocar o relógio dentro de água a ferver — essas são as minhas condições. Se não funcionar assim, não acredito que funcione de maneira alguma", o seu argumento seria tão válido quanto o do cético.

Não me incomoda que alguém seja cético em relação ao Espiritualismo. Dada a forma como fomos educados, é natural que uma pessoa duvide até ter investigado o assunto por si mesma. O que me desagrada, contudo, é quando alguém participa numa sessão com a única intenção de desmascarar uma fraude — não depois de a ter identificado, mas antes mesmo que qualquer fraude ocorra.

São pessoas que chegam com uma mente argumentativa e hostil, convencidas de que serão enganadas, talvez entrando num círculo privado de investigação, e espalham em seu redor discórdia e negatividade. Se fizessem isso numa reunião social comum, seriam expulsas. Porque deveriam esperar ser mais bem recebidas por um círculo espiritual?

Tenho visto muitas demonstrações de cortesia para com indivíduos que eu mesma teria gostado de ver a serem atirados escada abaixo. Vi-os entrar no salão de uma dama, convidados para presenciar manifestações espirituais que, em nenhum caso, eram usadas para fins lucrativos, apenas para os ouvir argumentar, duvidar e contradizer até o ponto de insultar a sua anfitriã e os seus amigos.

E a sociedade, de um modo geral, inclina-se sempre para o lado destes "senhores", não porque a sua palavra ou sabedoria valha mais do que a dos outros presentes, mas simplesmente porque rejeitam a veracidade de algo que a sociedade já decidiu, por si mesma, ser impossível.

Não me importo com um cético, desde que ele esteja disposto a investigar com imparcialidade. Infelizmente, a maioria dos céticos não o é. Na verdade, geralmente já têm a sua opinião formada antes mesmo de começarem a sua investigação.

Acho curioso que poucas pessoas fora do círculo do Espiritualismo tenham ouvido falar da Sociedade Dialética, uma organização científica que se reuniu há alguns anos exclusivamente para investigar a veracidade desse fenómeno. Era composta por quarenta membros—dez advogados, dez cientistas, dez clérigos e dez químicos (creio que essa era a distribuição). Realizaram quarenta sessões e, no relatório final, concluíram que nenhum desses homens de ciência e reputação conseguiu encontrar uma causa natural para os fenómenos observados.

Sei que há mil obstáculos no caminho da crença. Os protestantes, por exemplo, são educados de forma extraordinariamente contraditória: são ensinados a acreditar que os espíritos eram visitantes comuns na Terra nos tempos bíblicos, mas que, nos dias de hoje, é impossível que retornem—embora se diga que Deus é o mesmo ontem, hoje e para sempre. As condições de escuridão necessárias para a materialização dos espíritos e a semelhança ocasional destes com o médium são dois grandes entraves para os investigadores. Contudo, sabemos que todas as coisas são criadas na escuridão—até mesmo uma semente precisa da ausência de luz para germinar. Quanto à semelhança entre o espírito e o médium, é algo que se esclarece com o tempo e com uma investigação mais profunda.

Quando me pedem para explicar essas coisas, só posso responder que sei tanto sobre a sua origem quanto qualquer outra pessoa, ou que sei como vim ao mundo como um ser vivo e consciente. Além disso, como já referi, escrevo estas páginas apenas para relatar o que vi, e não para argumentar como e por que razão o vi.

Tenho uma pequena história que ilustra bem estas reflexões. Os versos:

"Uma mulher convencida contra a sua vontade
Continua da mesma opinião"

poderiam ser aplicados com igual verdade aos céticos. Há homens tão obstinados na crença de que a sua própria capacidade de julgamento é infalível, que preferem negar a evidência dos seus próprios sentidos a admitir que possam estar errados. Um indivíduo assim pode ser um cientista brilhante ou um hábil homem de negócios, mas nunca poderá ser um génio. Pois o verdadeiro génio é sempre humilde quanto às suas próprias capacidades e, por isso, está aberto à convicção.

Mas as mentes menores, que só conseguem compreender os detalhes martelados nelas pelo estudo repetitivo, não conseguem expandir-se para além de um certo limite. Estão enclausuradas nas opiniões com que foram criadas ou que construíram para si próprias a partir do escasso material intelectual de que dispõem, e perderam a capacidade de

elasticidade mental. "Até aqui chegarás, e não mais além" parece ser a sentença imposta às faculdades racionais de muitos homens. Em vez de acreditarem que o poder de Deus e os recursos da natureza são infinitos, querem reduzi-los ao pequeno círculo que a sua mente pode abarcar.

"Se eu não vejo, então não existe."

Houve um tempo em que eu me esforçava para convencer pessoas assim, mas já deixei de o fazer. Não me importa se acreditam ou não. E, mesmo que viessem a aceitar a possibilidade dos fenómenos espirituais, provavelmente não saberiam usá-los para o bem. Porque não há dúvida de que o Espiritualismo pode ser usado tanto para o mal como para o bem.

Há alguns anos, mantive amizade com um homem deste tipo. Era médico, considerado competente na sua profissão, e um exímio argumentador. Acreditei que tivesse bom senso suficiente para não se contradizer, mas enganei-me. Tivemos várias conversas sobre Espiritualismo e, como o Dr. H--- era um descrente absoluto em Deus e na vida após a morte, não me surpreendeu que não desse crédito aos relatos que eu lhe fazia sobre as minhas experiências espirituais.

Muitos médicos atribuem tais experiências a estados doentios da mente ou do corpo. Mas quando perguntei ao Dr. H--- o que pensaria se as testemunhasse com os seus próprios olhos, fiquei surpreendida com a resposta que me deu:

— "Direi que os meus olhos me enganaram."

— "E se as ouvir falar?" continuei.

— "Não acreditarei nos meus ouvidos."

— "E se as tocar e sentir?"

— "Desconfiaria do meu sentido do tato."

— "Então, por que meios," argumentei, "o senhor sabe que sou Florence Marryat? Pode apenas ver-me, ouvir-me e tocar-me! O que impede que os seus sentidos o estejam a enganar neste exato momento?"

Mas a este argumento, o Dr. H--- limitou-se a sorrir com superioridade, como se me achasse demasiado ingénua para merecer uma resposta. No fundo, não sabia o que dizer. Ainda assim, continuou a voltar ao assunto do Espiritualismo e, durante várias vezes, pediu-me que lhe proporcionasse a oportunidade de aplicar um teste da sua escolha.

Foi então que ouvi falar de um jovem médium chamado William Haxby, que vivia com o casal Olive em Ainger Terrace. Recebemos um convite para assistir a uma sessão mediúnica conduzida por ele. A Sra. Olive referiu que o Sr. Haxby conseguia produzir escrita direta dentro de caixas seladas e sugeriu que, se quiséssemos experimentar, levássemos uma caixa selada com papel e lápis e víssemos o que acontecia.

Vi ali a oportunidade perfeita para o teste do Dr. H---. Chamei-o e expliquei-lhe o que nos tinha sido proposto. Insisti para que preparasse o teste completamente sozinho e que me acompanhasse à sessão para ver o resultado. Ele aceitou com entusiasmo, certo de que o teste falharia.

Na minha presença, fez os seguintes preparativos:

Colocou meia folha de papel de carta e metade de um lápis de grafite dentro de uma pequena caixa de cartão usada para joias. Selou cuidadosamente a tampa da caixa com cola em toda a volta. Envolveu a caixa em papel de escrita branco e colou-o com goma. Amarrou o embrulho com um fio de seda especial usado para ligar artérias, dando oito nós específicos, que (segundo me disse) eram do conhecimento apenas dos médicos. Selou cada um dos oito nós com lacre, imprimindo sobre eles o seu anel de brasão que usava preso ao relógio. Por fim, embrulhou o pacote em papel pardo, selou-o e amarrou-o novamente para proteger o interior.

Quando o Dr. H--- terminou, disse-me:

— "Se os espíritos (ou qualquer outra pessoa) conseguirem escrever nesse papel sem cortar a seda, acreditarei em tudo o que quiser."

Perguntei-lhe:

— "Tem a certeza absoluta de que o embrulho não pode ser aberto sem que o perceba?"

A resposta que deu foi:

— "Essa seda não pode ser adquirida, exceto por um médico; é fabricada expressamente para a ligadura de artérias; e os nós que fiz são do conhecimento unicamente dos médicos. São os nós que usamos para atar artérias. O selo é o meu próprio brasão, que nunca sai do meu relógio, e desafio qualquer um a desfazer esses nós sem os cortar, ou a atá-los novamente, caso sejam cortados. Repito: se os seus amigos conseguirem fazer, ou fazer com que se faça, a mais pequena marca nesse papel, e me devolverem a caixa no estado em que está agora, acreditarei em tudo o que quiser."

Confesso que estava bastante cética quanto ao resultado e praticamente arrependida de ter submetido a incredulidade do doutor a um teste tão rigoroso.

Na noite marcada, comparecemos à sessão, e o Dr. H--- levou consigo o pacote preparado. Disseram-lhe que o colocasse debaixo da sua cadeira, mas ele atou-lhe um fio e colocou-o sob o pé, segurando a outra ponta na mão. A reunião não foi das mais favoráveis para impressionar um descrente no Espiritualismo. Havia demasiadas gente presente e demasiados estranhos. As manifestações habituais, a meu ver, são mais do que inúteis, a menos que tenham sido precedidas por manifestações extraordinárias; por isso, o doutor voltou para casa ainda mais cético do que antes, e arrependi-me de o ter levado lá.

No entanto, aconteceu algo que ele não conseguiu explicar. O pacote que ele julgava ter mantido sob o pé durante todo o tempo desapareceu no final da sessão. Outro cavalheiro tinha trazido uma caixa selada, com papel e lápis no interior, e no final foi aberta na

presença de todos os presentes, contendo uma carta detalhada escrita pela sua esposa falecida. Mas a caixa do doutor evaporou-se e não foi encontrada em lado nenhum. A porta da sala estivera trancada o tempo todo, e revistámos minuciosamente o local, sem sucesso. O Dr. H--- ficou naturalmente triunfante.

— "Não conseguiram desfazer os meus nós e os meus selos" — disse ele, exultante — "e, por isso, sabiamente não devolveram o pacote. Ambas as caixas foram, claro, retiradas da sala durante a sessão por algum cúmplice do médium. A outra foi facilmente manipulada e devolvida; a minha provou ser impossível de gerir, e por isso retiveram-na. Eu sabia que ia ser assim!"

E piscou-me o olho, como quem diz: "Calei-a. Não se atreverá a descrever-me mais nenhuma das maravilhas que afirma ter visto."

Naturalmente, o fracasso não me abalou nem enfraqueceu a minha crença. Nunca acreditei que os seres espirituais fossem omnipotentes, omnipresentes nem omniscientes. Já tinham falhado antes, e sem dúvida voltariam a falhar. Mas, se um acrobata falha três vezes ao tentar dar um duplo mortal sobre a cabeça de outro homem, isso não invalida o facto de que possa consegui-la à quarta tentativa. Fiquei desapontada pelo insucesso da prova, a bem do Dr. H---, mas não perdi a esperança de voltar a ver a caixa.

Mas, ao fim de quinze dias, foi-me entregue em casa pelo Sr. Olive, acompanhada de uma nota a dizer que tinha sido encontrada naquela manhã sobre a lareira no quarto do Sr. Haxby, e que a estavam a devolver sem demora. A caixa estava embrulhada no mesmo papel pardo, amarrada e selada, aparentemente tal como a havíamos levado para a sessão em Ainger Terrace.

Escrevi de imediato ao Dr. H--- a anunciar-lhe o seu regresso e pedi-lhe que viesse abri-la na minha presença. Ele veio, pegou no pacote nas mãos e, depois de retirar a embalagem exterior, examinou-o cuidadosamente.

Recorde-se que o pacote tinha quatro elementos de segurança aplicados:

A seda arterial, apenas disponível a médicos. Os nós, que só médicos saberiam fazer. O próprio brasão do Dr. H---, que nunca saía do seu relógio e que servia de selo. A tampa da caixa de cartão, colada a toda a volta da base. Enquanto o doutor examinava a seda, os nós e os selos, observei-o atentamente.

— "Tem a certeza absoluta," perguntei, "de que é o mesmo papel com que o embrulhou?"
— "Tenho a certeza absoluta."
— "E a mesma seda?"
— "Tenho a certeza."
— "Os seus nós não foram desatados?"
— "Posso garantir que não foram."
— "E o selo? Foi alterado de alguma forma?"
— "Sm dúvida que não! Está exatamente como o selei."

— "Tenha cuidado, Dr. H---," continuei. "Lembre-se de que vou anotar tudo o que disser."

— "Estou disposto a jurá-lo em tribunal," respondeu.

— "Então, abra o pacote."

O Dr. H--- pegou numa tesoura e cortou a seda em cada nó e selo, depois rasgou o papel branco engomado (que estava tão impecável como no dia em que ele o aplicara) e tentou abrir a caixa de cartão. Como não conseguiu, por a tampa estar colada, tirou o canivete e cortou-a à volta. Enquanto o fazia, olhou para mim e disse:

— "Marque bem as minhas palavras. Não haverá nada escrito no papel. É impossível!"

Levantou a tampa e... a caixa estava vazia! A meia folha de papel de carta e o pedaço de lápis de cedro tinham desaparecido por completo. Nem um grão de grafite, nem um fragmento de papel restava.

Olhei para o doutor, e o doutor olhou-me completamente atónito.

— "E então?" — perguntei, num tom interrogativo.

Ele começou a mostrar-se agitado, ficou vermelho e começou a balbuciar.

— "O que pensa disto?" — perguntei. "Como explica?"

"Da maneira mais fácil do mundo," respondeu ele, tentando manter a compostura. "É o embuste mais transparente que já vi. Guardaram a coisa durante quinze dias e tiveram tempo para fazer o que quisessem com ela. Até uma criança perceberia isso. Certamente que o seu brilhante intelecto não precisa de ajuda para uma explicação."

"Não sou tão brilhante quanto me dá crédito por ser," respondi. "Pode explicar-me o seu raciocínio?"

"Com prazer. Evidentemente, fizeram um corte invisível na junção da tampa da caixa e, com uma pinça fina, puxaram o papel através dele, pedaço por pedaço. Quanto ao lápis, puxaram-no pelo mesmo método até à fenda e depois foram raspando-o, pouco a pouco, com uma lanceta, até conseguirem sacudir os fragmentos para fora."

"Isso deve ter exigido uma manipulação muito cuidadosa," observei.

"Naturalmente. Mas tiveram quinze dias para o fazer."

"E quanto à seda arterial?" perguntei.

"Devem tê-la conseguido através de um cirurgião."

"E os seus famosos nós?"

"Conseguiram que um cirurgião os atasse!"

"E o seu brasão e selo?"

"Oh! Devem ter feito uma cópia fiel para o reproduzir. Está muito bem feito, mas é perfeitamente explicável!"

"Mas disses-me antes de abrir o pacote que juraria em tribunal que não tinha sido adulterado."

"Fui evidentemente enganado."

"Então acredita realmente que um rapaz sem instrução como o Sr. Haxby se daria ao trabalho de tirar impressões de selos, obter seda arterial e os serviços de um cirurgião, não para o mistificar ou converter, mas para me agradar a mim, a quem ele acredita pertencer a caixa?"

"Tenho a certeza de que foi ele que o fez!"

"Mas há pouco estava igualmente certo de que ele não o tinha feito. Porque confia nos seus sentidos num caso mais do que no outro? E se o Sr. Haxby me pregou uma partida, como supõe, porque não descobriu a fenda quando examinou a caixa antes de a abrir?"

"Porque os meus olhos me enganaram!"

"Então, afinal," concluí, "a melhor coisa que pode dizer sobre si próprio é que você – um homem reputado pela sua ciência, habilidade e inteligência, e com uma forte crença nos seus próprios poderes – é incapaz de conceber um teste no qual não seja ludibriado por alguém tão inferior a si em idade, intelecto e educação como o jovem Haxby. Mas vou dar-lhe outra oportunidade. Prepare outro pacote da maneira que quiser. Aplique-lhe os testes mais rigorosos que a sua engenhosidade conseguir conceber, ou que outros homens de génio lhee possam sugerir, e deixe que o entregue a Haxby para ver se o conteúdo poderá ser extraído ou adulterado uma segunda vez."

"Seria inútil," disse o Dr. H. "Se fossem extraídos através dos painéis de ferro de um cofre à prova de fogo, eu não acreditaria que tivesse sido feito por meios que não fossem naturais."

"Por não querer acreditar," argumentei.

"Tem razão," confessou ele, "não quero acreditar. Se me convencesse da veracidade do Espiritualismo, derrubaria todas as teorias que sustentei durante a maior parte da minha vida. Não acredito em Deus, nem numa alma, nem numa existência futura, e preferia não acreditar. Na minha opinião, já temos problemas suficientes nesta vida, sem termos de pensar noutra, e prefiro agarrar-me à minha convicção de que, quando morremos, tudo termina de uma vez por todas."

Assim terminou a minha tentativa de convencer o Dr. H---, e muitas vezes pensei desde então que ele era apenas um exemplo típico do género cético. Neste mundo, na maioria das vezes, acreditamos no que queremos acreditar, e o pensamento de um futuro incomoda-nos na medida em que as nossas vidas aqui o justificam. Deve frequentemente surpreender os espiritualistas (que na sua maioria aguardam o dia da sua partida para outro mundo como um rapaz aguarda o início das férias escolares) o facto de que, geralmente, as pessoas demonstram tão pouca curiosidade sobre o Espiritualismo. A ideia de que os espíritos dos que partiram regressam a este mundo para comunicar com os seus entes queridos pode ser nova e surpreendente para eles, mas o simples espanto disso faria supor que demonstrariam pelo menos algum interesse por um assunto que a todos diz respeito.

No entanto, a maioria dos milhões de britânicos de Carlyle ou ridiculariza a ideia como demasiado absurda para que as suas mentes elevadas a entretenham, ou informa-nos, com uma sabedoria superior, que, se o Espiritualismo for verdadeiro, não veem qualquer utilidade nele e não sentem necessidade de mais conhecimento. Se essa mesma gente esperasse partir para o Canadá ou para a Austrália dentro de alguns meses, com que avidez não haveriam de fazer perguntas sobre o seu futuro lar e procurar obter as melhores informações sobre o que deveriam fazer, enquanto ainda estivessem em Inglaterra, para se prepararem para a viagem e a mudança!

Mas uma viagem para o outro mundo – para os muitos mundos que talvez nos aguardem – uma prova certa de que viveremos novamente (ou melhor, de que nunca morreremos, mas apenas precisamos de tempo, paciência e uma vida bem vivida aqui para nos reunirmos com aqueles que partiram antes de nós) – isso não é assunto digno do nosso esforço por acreditar – não tem importância suficiente para nos darmos ao trabalho de o investigar. Sinto pena, do fundo da minha alma, em relação àqueles que não têm um ente querido falecido enterrado no coração, alguém que saibam que encontrarão num lar escolhido por Deus quando esta vida terminar.

As velhas e frias crenças derreteram-se sob o sol do Progresso. Já não podemos ser levados a acreditar, como crianças pequenas, num Céu vago e sombrio, onde os santos se sentam em nuvens húmidas com harpas nas mãos, cantando salmos e hinos eternamente. Esse tipo de existência não poderia ser um Céu para ninguém, e para a maioria seria um Inferno. Já não a aceitamos, tal como não aceitamos o outro lugar, com o seu fogo e enxofre típicos, e diabos com forquilhas, cornos e caudas.

Mas o que nos deu a Religião em troca? Aqueles cujo bom senso não lhes permite acreditar no Céu e no Inferno pregados pelos padres geralmente não acreditam (como o Dr. H---) em coisa alguma. Mas o Espiritualismo, seguido com seriedade e fidelidade, não deixa margem para dúvidas. Os espiritualistas sabem para onde vão. As esferas são quase tão familiares para eles como esta terra – não é exagero dizer que muitos vivem nelas tanto quanto vivem aqui, e muitas vezes parecem-lhes mais reais, pois são mais duradouras do que este mundo.

Os espiritualistas não têm dúvidas sobre quem verão ao abrir os olhos para uma nova fase da vida. Não esperam ser levados diretamente para o seio de Abraão e ficarem lá confortavelmente, enquanto demónios vingativos torturam aqueles que lhes foram mais queridos cá em baixo. Têm uma religião melhor e mais substancial do que essa – uma revelação que lhes ensina que as obras que fazemos na carne darão fruto no espírito, e que nenhum arrependimento tardio no leito de morte, nenhum clamor por misericórdia quando a Justiça se abate sobre nós, como uma criança malcomportada que começa a chorar ao ver o castigo iminente, poderá apagar os pecados que cometemos na Terra.

Sabem que a sua expiação será dura, mas não sem esperança, e que serão ajudados, assim como ajudarão outros, no caminho ascendente que leva à perfeição última. O ensino do Espiritualismo é tal que aumenta grandemente a crença no amor do nosso Pai Divino, na compaixão do nosso Salvador e na ajuda ministrada pelos anjos. Mas faz mais do que isso – mais do que qualquer religião já fez antes. Proporciona a prova – a única prova que alguma vez recebemos e que a nossa natureza finita pode aceitar – de uma existência futura. A maioria dos cristãos espera e confia, e diz que acredita. O espiritualista é o único que sabe.

Acredito que a maravilhosa indiferença demonstrada pela multidão em verificar estas verdades por si mesmas deve-se, em grande parte, ao medo antinatural mas universal que se nutre pela Morte e por tudo o que com ela está relacionado. As mesmas pessoas que declamam veementemente contra a possibilidade de ver um "fantasma" estremecem com a ideia de o fazer. O ser que adoraram e serviram com a mais terna devoção parte, e têm medo de entrar no quarto onde o seu corpo jaz. Aquilo a que se agarravam e sobre o que choravam ontem, receiam olhar ou tocar hoje, e a ideia de que ele regressaria para lhes falar inspiraria horror. Mas porquê ter medo de uma impossibilidade? Os próprios receios deveriam ensinar-lhes que há uma causa.

A partir de inúmeras anotações feitas sobre o assunto, constatei invariavelmente que aqueles que tiveram a oportunidade de testar a realidade do Espiritualismo e o rejeitaram ou negaram foram pessoas egoístas, materialistas e frias, que nem se preocupam com os que partiram para outra esfera, nem são queridas por eles. Muito amor traz sempre muita prova. Os enlutados, que perderam de vista aquilo que lhes era mais precioso e dariam tudo o que possuem por mais um olhar sobre o rosto que tanto amavam, ou por mais um tom da voz que era música para os seus ouvidos, são os primeiros a desejar ardentemente e a agradecer saber que existe um meio de satisfazer esse desejo. Fariam qualquer esforço e gastariam qualquer quantia para alcançar o que tanto anseiam.

É este intenso desejo dos enlutados de voltar a falar com aqueles que os deixaram que levou à fraude por parte de alguns médiuns para lhes dar essa satisfação. Onde quer que haja dinheiro a ganhar, infelizmente haverá quem engane; mas, porque alguns comerciantes vendem latão por ouro, não há razão para considerar todos os ourives ladrões.

O relato da invocação de Samuel por intermédio da *feiticeira* de Endor é uma prova de que o meu argumento está correto. A *feiticeira* era evidentemente uma impostora, pois não esperava ver Samuel e assustou-se com a aparição que ela própria evocara; mas o Espiritualismo deve ser uma verdade, pois foi o próprio Samuel quem apareceu e repreendeu Saul por o ter chamado de volta a este mundo. O que acontece, perante esta história, à ideia de que existe um fosso intransponível entre as esferas terrena e espiritual?

Que os ateus, que não acreditam em nada, não creiam no Espiritualismo, é possibilidade credível, natural e coerente. Mas que os cristãos rejeitem essa teoria equivale a admitir que fundamentam as suas esperanças de salvação numa mentira. Não há como contornar isto. Se for impossível que os espíritos dos que partiram comuniquem com os homens, então a Bíblia não passa de uma coleção de relatos fabulosos; se for errado falar com espíritos, todos os homens cujas histórias nela se encontram foram pecadores, e o próprio Todo-Poderoso ajudou-os a pecar; e se todos os espíritos que foram ouvidos, vistos e tocados nos tempos modernos são demónios enviados à Terra para nos desviar para o caminho da perdição, como poderemos distingui-los do Espírito Supremo, que caminhava com Adão e Eva no Jardim do Éden?

"Ah, sim!" imagino já alguém a exclamar, "mas isso vem na Bíblia", como se a Bíblia fosse um tempo ou um lugar. E já lhe ocorreu que há algo mais registado na Bíblia? "E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles." E, no entanto, Cristo veio para chamar "não os justos, mas os pecadores ao arrependimento." Certamente, pois, os descrentes necessitavam da convicção dos milagres mais do que aqueles que O reconheciam como Deus.

No entanto, ali Ele não os fez, porque da sua incredulidade brotou uma condição na qual os milagres não podiam ser realizados.

E, ainda assim, o século XIX surpreende-se cético – cujo elemento discordante perturba toda a união e harmonia – uma presença que não é bem-vinda numa reunião espiritual e em função dos milagres da atualidade – grosseiros e fracos como mostram ser, em comparação com os do passado, serem realizados por meios mais grosseiros e através de agentes mais imperfeitos – deixarem de se manifestar quando a sua descrença se intromete entre eles.

CAPÍTULO VII
A HISTÓRIA DE JOHN POWLES

A 4 de abril de 1860, faleceu na Índia um jovem oficial do 12º Regimento Madras Native Infantery, de nome John Powles. Ele foi amigo íntimo do meu primeiro marido, Thomas Ross-Church, durante vários anos antes da sua morte e, consequentemente, tornou-se íntimo meu; de facto, em várias ocasiões ele partilhou da nossa casa e viveu connosco como um irmão. Eu era muito jovem naquela época e suscetível a influências de todos os tipos — extremamente suscetível, além disso, ao tema dos "fantasmas," e ainda assim ardia de curiosidade por aprender algo do outro mundo - um tópico que é muito difícil de induzir alguém a discutir connosco.

Mais depressa as pessoas falarão sobre roupa, jantares ou assuntos particulares dos amigos — de qualquer coisa, na verdade, do que na Morte e na Imortalidade e no mundo vindouro, no qual todos deveremos inevitavelmente entrar. Mesmo os párocos - os expoentes legais do que concerne ao além túmulo - não são exceção à regra. Quando o sofredor enlutado vai até eles em busca de consolo, eles abanam a cabeça e "esperam" e "confiam" e dizem que "a misericórdia de Deus não tem limites," mas não lhe conseguem dar uma prova razoável que garanta o facto de a morte ser apenas um título.

Contudo, embora fosse um homem descuidado e irreligioso, John Powles gostava de discutir o Invisível. Falávamos continuamente sobre o tema, mesmo quando ele gozava de aparente perfeita saúde, e muitas vezes ele terminava a nossa conversa assegurando-me que ele deveria morrer primeiro (e ele sempre profetizou de verdade que não deveria atingir a casa dos trinta), e que (se tal coisa fosse possível) voltaria a mim.

Eu costumava rir do absurdo da ideia e lembrar-lhe quantos amigos haviam feito a mesma promessa uns aos outros e sem jamais a cumprirem. Pois, embora acreditasse firmemente que tais coisas tivessem acontecido, não conseguia imaginar que elas alguma vez viessem a suceder comigo, ou que eu sobrevivesse ao choque se ocorressem. A morte de John Powles no final foi muito repentina, embora a doença de que ele morreu fosse de longa data. Ele estivera confiado às mãos do médico durante alguns dias quando piorou inesperadamente, e o meu marido e eu, junto com outros amigos, fomos chamados à sua cabeceira para nos despedirmos dele.

Quando entrei no quarto, ele disse-me: "Estás a ver, finalmente chegou. Não te esqueças do que eu te disse sobre isto." Essas foram as suas últimas palavras inteligíveis que me dirigiu, embora durante várias horas ele tenha agarrado o meu vestido com a mão para evitar que eu o deixasse, e se tenha tornado violento e incontrolável se eu tentasse sair do seu lado. Durante esse tempo, nos intervalos do seu delírio, ele insistiu em me implorar para cantar uma certa velha balada, que sempre fora uma das suas favoritas, intitulada "Desapareceste da minha vista."*

*"*Thou art gone from my gaze.*"

Estou certa de que, se cantei essa música uma vez durante aquele triste dia, devo tê-la cantado uma dúzia de vezes. Por fim, o nosso pobre amigo teve convulsões que se repetiram a poucos intervalos até à sua morte, que ocorreu na mesma noite. A morte dele e a maneira como ela ocorreu causaram-me um profundo choque. Ele tinha sido um verdadeiro amigo meu e do meu marido durante anos, e ambos lamentamos a sua perda com toda a sinceridade. Isso e outros problemas combinados tiveram um efeito sério sobre a minha saúde, e os médicos aconselharam o meu retorno imediato à Inglaterra. Quando um oficial morre na Índia, é costume vender todos os seus pertences menores em leilão. Antes que isso acontecesse, o meu marido perguntou-me se havia alguma coisa pertencente ao John Powles que eu gostasse de guardar em memória dele. A escolha que fiz foi curiosa. Ele possuía uma gravata de seda verde-escura, que era a sua favorita, e quando ela ficava suja, oferecia-me para lha revirar, e ficava a parecer nova.

Com isso, ele a havia usado durante tanto tempo que estava duas vezes mais suja do que antes, de modo que eu revirei-a para ele pela segunda vez, para grande diversão do regimento. Quando me pediram para escolher uma lembrança dele, eu disse: "Dê-me a gravata verde" e trouxe-a comigo para a Inglaterra.

A viagem de volta para casa foi uma coisa terrível. Eu estava em sofrimento mental e físico, a tal ponto que não consigo pensar nesse período sem estremecer. A morte do John Powles, é claro, aumentou a angústia que sentia e, durante os vários meses que levou uma viagem de "grande travessia," desejei e esperei que o seu espírito me aparecesse. Com a crença muito forte na possibilidade do retorno dos que partiram à terra - ou melhor, devo dizer, a forte crença que tinha *na* minha crença - eu ficava acordada noite após noite, a pensar em o ver meu amigo perdido, que tantas vezes prometera voltar para mim. Cheguei até a chorar em voz alta para que me aparecesse e me dissesse onde estava, ou o que ele estava a fazer, mas nunca ouvi ou vi uma única coisa. Reinava o silêncio a toda a minha volta.

Dez dias apenas depois de desembarcar na Inglaterra, dei à luz uma filha, e quando recuperei um pouco a minha saúde e espírito - quando perdi a fraqueza física e a excitabilidade nervosa, às quais a maioria dos médicos teria atribuído quaisquer visões ou sons misteriosos que eu pudesse ter experimentado antes - então comecei a ter *conhecimento* e a *sentir* que John Powles estava comigo de novo. Eu não o vi, mas senti a presença dele. Eu costumava ficar acordada à noite, a tremer sob a consciência de que ele estava sentado a meu lado, e não tinha meios de penetrar no silêncio que existia entre nós. Muitas vezes eu implorava para que ele falasse, mas quando um som baixo e sibilante me chegava perto do ouvido, eu gritava de terror e saía a correr do meu quarto.

Todo o desejo que tinha de ver ou de comunicar com o amigo que perdera me tinha abandonado. A própria ideia afigurava-se um terror. Ficava horrorizada ao pensar que ele havia retornado, e não dormia nem ficava sozinha. Fui aconselhada a tentar um lugar mais animado e movimentado do que Winchester (onde eu então residia), e uma casa foi alugada para mim em Sydenham. Mas lá, a sensação da presença de John Powles era tão forte quanto antes, e assim, em intervalos, continuei a senti-la pelo espaço de vários anos - até que, de facto, me tornei investigadora do Espiritualismo enquanto ciência.

Narrei no capítulo que contém o relato da minha primeira sessão que o único rosto que reconheci como relacionado comigo era o de meu amigo John Powles, e como fiquei emocionada ao vê-lo. Foi esse reconhecimento que trouxe de volta todo o meu antigo desejo e curiosidade de comunicar com os habitantes do Mundo Invisível. Assim que iniciei as investigações no meu círculo familiar, John Powles foi o primeiro espírito que falou comigo através da mesa, e desde então até o presente nunca deixei de manter comunhão com ele. Entretanto ele é demasiado tímido (conforme foi, enquanto esteve connosco) para conversar com estranhos, e raramente insinua a sua presença, excepto quando estou sozinha. Nessas ocasiões, entretanto, ele fala o tempo todo sobre todos os tópicos que lhe interessaram durante a sua vida terrena.

Logo depois que se tornou de conhecimento geral que eu estava a participar em sessões espiritualistas, fui apresentada à Srta. Showers, filha do General Showers do Exército de Bombaim. Essa jovem, além de ser pouco mais que uma criança – acho que tinha uns dezasseis anos quando nos conhecemos – não era uma médium profissional. As sessões para que os amigos dela eram convidados a fim de testemunhar as extraordinárias manifestações que ocorriam na sua presença eram estritamente privadas. Elas proporcionavam, pois, uma enorme vantagem para os investigadores, pois todas as ocorrências estavam acima de qualquer suspeita, enquanto a Srta. Showers era suficientemente boa para se permitir ser testada por todas as maneiras possíveis. Terei oportunidade de referir mais em particular à mediunidade da Srta. Showers mais adiante - de momento, vou-me limitar às ocasiões que forneceram provas da presença de John Powles.

O Sr. e a Miss Showers moravam em acomodações quando os visitei, e não havia meio nem oportunidade de enganar os amigos, mesmo que tivessem algum objectivo para o fazer. Preciso acrescentar também que eles nada sabiam sobre a minha vida ou experiências por que passara na Índia, que eram coisas do passado muito antes de eu os conhecer. Na primeira sessão que a srta. Showers me deu para a manifestação de "rostos de espíritos," ela simplesmente sentou-se numa cadeira atrás das cortinas da janela, que estavam presas até meio, de modo a deixar uma abertura em forma de V no topo.

A voz de "Peter" (controlador principal da Srta. Showers) continuou a falar connosco e com a médium por trás das cortinas o tempo todo, e a fazer comentários sobre os rostos conforme eles apareciam pela abertura. Em pouco tempo ele disse-me: "Sra. Ross-Church, está aqui um sujeito que diz chamar-se Powles que quer falar consigo, só que não gosta de se mostrar por não estar nem um pouco como costumava ser."

"Diga-lhe para não se importar com isso," respondi, "eu o reconhecerei sob quaisquer "circunstâncias." "Bem! se ele era assim, era uma beleza," exclamou o Peter; e logo apareceu um rosto cuja similitude não pude, nem por sombras, decidir minimamente que fosse, à do meu velho amigo. Era rígido, tenso, e parecia inanimado. Depois que ele desapareceu, o

Peter disse: "O Powles disse que se você vier e tomar mais vezes lugar nas sessões da Rosie (Srta. Showers) ele adoptará aos poucos o aspecto que tinha," pelo que é claro que fiquei mais que ansiosa por aceitar o convite.

Enquanto eu estava a marcar uma outra noite para uma sessão com a Srta. Showers, de repente ocorreu-me a ideia de colocar a gravata verde na bolsa. As minhas duas filhas acompanharam-me nessa ocasião, mas nada lhes disse sobre a gravata. Assim que começamos, no entanto, Peter bradou: "Bem, Sra. Ross-Church, pegue nessa gravata. O Powles está a chegar."

"Que gravata?" perguntei, e ele respondeu:

"Ora, a gravata do Powles, é claro, que você traz na sua bolsa. Ele quer que você a coloque no pescoço dele." O grupo reunido olhou para mim com curiosidade enquanto eu mostrava a gravata.

O rosto de John Powles apareceu, muito diferente da vez anterior, uma vez que ele apresentava as feições e a tez próprias, mas o cabelo e a barba (que tinham sido ruivos em vida) pareciam fosfóricos, como se fossem feitos de fogo vivo. Subi numa cadeira, amarrei a gravata no pescoço dele e perguntei se ele me beijava. Ele acenou a cabeça na afirmativa. O Pedro bradou: "Dê-lhe a sua mão." Eu dei-lha e, enquanto ele a beijava, os bigodes dele queimaram-me. Eu não consigo explicar aquilo. Só posso relatar o facto. Depois disso, ele desapareceu com a gravata, que nunca mais vi, embora a procurássemos minuciosamente pelo pequeno aposento.

O passo seguinte que tenho a relatar sobre John Powles é tão surpreendente que receio a críticas que irá evocar; mas se eu não tivesse histórias surpreendentes a contar, não as consideraria dignas de anotar. Deixei a minha casa em Bayswater num Domingo à noite para jantar com o Sr. e a Sra. George Neville em Regent's Park Terrace, para depois ter uma sessão com a Srta. Showers. Havia uma grande companhia presente e fui colocada ao lado da Srta. Showers na mesa. Durante o jantar ela me contou em tom de reclamação que a mãe tinha ido passar a noite em Norwood, e ela (Rosie) estava com medo de dormir sozinha, porquanto os espíritos a inquietavam muito.

Num instante, ocorreu-me pedir-lhe que voltasse para Bayswater e dormisse comigo, pois eu estava muito desejosa de testar os poderes dela quando estivésssemos a sós. A senhorita Showers aceitou o meu convite e combinamos que ela deveria ir para casa comigo. Após o jantar, os convidados sentaram-se para uma sessão, mas para surpresa e decepção de todos, nada ocorreu. Era uma hora da manhã quando a Srta. Showers e eu pegamos um táxi para voltarmos a Bayswater. Mal tínhamos começado quando fomos saudadas com uma gargalhada alta perto dos nossos ouvidos. "Qual é o problema, Peter?" perguntou a senhorita Showers. "Não posso deixar de rir," respondeu ele, "de pensar nos vossos rostos quando ninguém apareceu! Realmente supuserem que eu lhes fosse desperdiçar todo o poder com eles, quando sabia que ia contigo e a Sra. Ross-Church para casa? Quero mostrar-lhe o que é uma boa sessão esta noite."

Quando chegamos a casa, entrei com uma chave de trinco. A casa estava cheia, pois eu tinha sete filhos, quatro criadas e uma irmã casada a viver comigo; mas eles estavam todos na cama e a dormir. Fazia tempo frio e, quando levei a Srta. Showers para o meu quarto, o fogo ardia na lareira.

A minha irmã ocupava um quarto que dava para o meu; mas tranquei a porta dela e a minha e coloquei as chaves debaixo do travesseiro. A senhorita Showers e eu despimo-nos e fomos para a cama. Quando apagamos o gás, descobrimos que a sala estava, relativamente falando, iluminada, pois eu havia atiçado o fogo, e uma lâmpada de rua bem em frente à janela lançava barras de luz através das venezianas, justo no teto. Assim que a Srta. Showers se acomodou na cama, ela disse: "Quisera saber o que o Peter vai fazer," e eu respondi: "Espero que ele não tire as roupas de cama." Estávamos deitadas sob quatro cobertores, uma colcha e um edredom de plumas e, enquanto eu falava, toda aquele volume de cobertores se ergueu no ar e caiu na ponta da cama, deixando-nos inteiramente desprotegidos. Levantamo-nos, acendemos uma vela e arrumamos a cama de novo, ajeitando bem as roupas, mas tão logo nos deitamos a mesma coisa repetiu-se.

Ficamos um pouco zangadas à segunda vez e maltratamos o Peter por ser tão desagradável, ao que a voz declarou que ele não fazia mais aquilo, mas não o deveríamos ter provocado
no sentido de o tentar. Eu disse: "É melhor que se nos mostre, Peter. Isso é o que eu quero que faça."

Ele respondeu: "Aqui estou, minha querida, perto de si!" Virei a cabeça e lá estava uma figura escura ao lado da cama, enquanto outra podia ser claramente distinguida a andar pelo quarto. Eu disse: "Não consigo ver-lhe o rosto," e ele respondeu: "Vou chegar mais perto de si!" Com isso, a figura se ergueu no ar até ficar a pairar, de rosto voltado para baixo, sobre a cama. Nessa posição parecia um enorme morcego com asas abertas. Ainda era indistinto, excepto quanto à substância, mas Peter disse que tínhamos esgotado todo o fósforo nos nossos corpos na longa noite que passamos e não deixamos nada para ele se iluminasse. Passado um tempo ele baixou sobre a cama e deitou-se entre mim e a Srta. Showers por fora do édredon. A isso mostramos veemente objecção uma vez que ele era muito pesado e ocupava muito espaço; mas ainda esteve ali um bocado antes de ir embora.

Durante essa manifestação, o outro espírito, a quem Pedro chamava "Pope," andava e tocava pela sala a tocar em tudo, que estava cheia de ornamentos; e Peter berrou várias vezes: "Cuidado, Pope! Toma cuidado! Não quebres as coisas da Sra. Ross-Church." Os dois fizeram tanto barulho que acordaram a minha irmã no quarto ao lado, e ela bateu na porta, a perguntar com voz alarmada: "Florence! Quem tens aí? Vais acordar a casa inteira." Quando respondi: "Não importa, são apenas espíritos," ela deu um grito agudo e afundou sob a roupa da cama.

Ela afirma até hoje que acreditava plenamente que os passos e as vozes fossem humanos. Por fim, as manifestações tornaram-se tão rápidas, num total de até oito ou dez mãos a tocar-nos ao mesmo tempo, que perguntei à Srta. Showers se ela se importaria que eu amarrasse as dela. Ela era muito amável e consentiu de bom grado. Assim, levantei-me novamente da cama e, tendo prendido firmemente as mãos dela nas mangas da camisola que ela usava, costurei-as com agulha e linha no colchão. A senhorita Showers então disse que estava com sono e, de costas para mim - uma posição que ela era obrigada a manter por causa das mãos terem sido presas com costura - ela aparentemente caiu no sono, embora eu viesse a saber posteriormente que ela estava em transe.

Durante algum tempo nada aconteceu, as figuras desapareceram, as vozes cessaram e pensei que a sessão havia terminado. Pouco depois, porém, senti uma mão pousar-me na

cabeça e os dedos começaram a acariciar e a puxar gentilmente os cachos curtos da minha testa. Eu sussurrei: "Quem é?" e a resposta veio: "Não me conheces? Sou o Powles! Por fim - por fim! - após um silêncio de dez anos, eu vejo-te e falo-te novamente, cara a cara." "Como posso dizer se esta é a *tua* mão?", disse eu. "O Peter pode estar a materializar uma mão para me enganar."

A mão imediatamente deixou a minha cabeça e passou as *costas* da mão sobre a minha boca, quando senti que estava coberta de pelos curtos. Então lembrei-me de como as mãos de John Powles ficaram peludas devido à exposição ao sol Indiano enquanto disparava e como eu o apelidara de "Esaú" em consequência. Lembrei-me também de que ele havia deslocado o pulso esquerdo com uma bola de críquete. "Deixa-me sentir o teu pulso," disse eu, e a minha mão foi imediatamente colocada no acrescento ósseo. "Quero sentir a tua mão até cima" sugeri em seguida; e, ao receber permissão, apalpei desde os dedos e o pulso até o cotovelo e o ombro, onde terminava *a meio das costas da srta. Showers*.

Ainda assim, não estava muito convencida, pois costumava achar muito difícil acreditar na identidade de uma pessoa por quem me interessava. Eu tinha medo de ser enganada. "Quero ver o teu rosto," continuei. "Não posso mostrar-te o meu rosto esta noite," respondeu a voz, "mas tu vais senti-lo;" e por um momento, o rosto dele, com barba e bigode, encostou-se ao meu. Então a mão foi recolocada no meu cabelo e, enquanto continuava a puxar e a acariciar os meus cachos, a própria voz de John Powles falou-me de tudo o que havia acontecido de importante quando ele e eu éramos amigos na Terra.

Imaginem, duas pessoas que estiveram intimamente associadas durante anos, a encontrar-se sozinhas após uma longa e dolorosa separação, pensem em todas as coisas particulares sobre as quais conversaram juntas, e vocês entenderão por que não posso escrever acerca da conversa que ocorreu entre nós naquela noite. Para me convencer da sua identidade, o John Powles falou de todos os problemas pelos quais eu passara e então sofri - ele mencionou cenas, tanto tristes quanto alegres, que testemunhamos juntos; relembrou incidentes que lhe escaparam da memória e nomeou lugares e pessoas conhecidas apenas por nós.

Se eu fosse descrente no Espiritualismo, aquela noite teria feito de mim uma convertida. Enquanto a voz falava, nos tons bem lembrados do meu velho amigo, a sua mão vagava pelo meu cabelo. A Miss Showers continuava a dormir, ou a parecer que dormia, de costas para mim, com as mãos enfiadas nas mangas da camisola com as mangas costuradas na cama. Mas se ela estivesse bem acordada e com as duas mãos livres, ela não poderia ter falado comigo na voz inesquecível de John Powles sobre coisas que aconteceram quando ela era uma criança e a milhares de quilómetros de distância. E afirmo que a voz me falou de coisas de que ninguém além de John Powles poderia ter conhecimento. Ele não deixou de me lembrar da promessa que havia feito, e das muitas vezes que tentou cumpri-la antes, e garantiu-me que estaria constantemente comigo desde então. Já era dia quando a voz parou de falar, e então tanto a Srta. Showers quanto eu estávamos tão exaustos que mal podíamos levantar a cabeça dos travesseiros.

Não devo esquecer de acrescentar que, quando abrimos os olhos de novo para o mundo do trabalho diário, descobrimos que dificilmente havia um artigo na sala que não tivesse mudado de lugar. Os quadros estavam todos voltados para a parede — a louça do lavatório estava empilhada na protecção da lareira — os enfeites da lareira estavam sobre o toucador — na verdade, toda a sala estava de pernas para o ar.

Quando o Sr. William Fletcher deu a sua primeira palestra na Inglaterra, no Steinway Hall, o meu marido, o coronel Lean, e eu fomos ouvi-lo. Nunca tínhamos visto o Sr. Fletcher antes, nem ninguém da família, nem ele sabia que estávamos entre a plateia. A nossa primeira visão dele foi quando ele pisou na plataforma, e estávamos sentados no meio do salão, que estava cheio. Era costume do Sr. Fletcher, após o término da sua palestra, descrever as visões que lhe eram apresentadas, e ele apenas pedia em troca que, se as pessoas e os lugares descritos fossem reconhecidos, aqueles que os reconhecessem fossem corajosos o suficiente para o dizer, para o bem do público e dele próprio.

Eu posso entender que estranhos que iam lá e não ouviram nada que lhes dissesse respeito fossem aptos a imaginar que tudo era uma farsa, e que aqueles que afirmavam ter conhecimento das visões eram simplesmente cúmplices do Sr. Fletcher. Mas não há nada mais verdadeiro do que as circunstâncias alterarem os casos. Entrei no Steinway Hall como uma completa estranho e como redatora da imprensa, bastante preparada para expor truques caso os detectasse. E isso foi o que ouvi. Depois que o Sr. Fletcher descreveu várias pessoas e cenas desconhecidas minhas, ele pegou um lenço e começou a enxugar o rosto, como se estivesse demasiado quente.

"Não estou mais na Inglaterra, agora," disse ele. "A cena mudou completamente e fui levado para o mar, a milhares de quilómetros de distância, e estou numa câmara com todas as portas e janelas abertas. Oh! como está quente! Acho que estou em algum lugar nos trópicos. Ah! Entendo por que fui trazido aqui! É para ver um jovem morrer! Esta é uma câmara mortuária. Ele está deitado numa cama. Ele parece muito pálido e está muito perto da morte, mas ele só esteve doente durante um curto período de tempo. O cabelo dele é uma espécie de castanho dourado, e ele tem olhos azuis.

Ele é Inglês, e eu posso ver a letra **P** acima da sua cabeça. Ele não foi feliz na terra e está bastante contente por morrer. Ele empurra para longe dele todas as influências que tem ao redor da cama. Agora vejo uma senhora vir e sentar-se ao lado dele. Ele pega na mão dela e parece pedir-lhe para fazer alguma coisa, e ouço uma música doce. É uma canção que ele ouviu em tempos mais afortunados, e ao tomar folgo o seu espírito passa.

É para esta senhora que ele parece vir agora. Ela está sentada à minha esquerda, no meio do corredor. Uma garotinha, com as mãos cheias de flores azuis, aponta-ma. A garotinha segura as flores, e vejo que estão tecidas na forma da letra **F**. Ela disse-me que é a letra inicial do nome da mãe e do dela. E vejo essa mensagem escrita.

"À mais querida amiga minha, pois isso tu sempre foste para mim desde o início. Estive contigo durante todo o tempo de provação e tristeza por que passaste, e estou feliz em ver que uma era mais feliz está a começar para ti. Estou sempre perto de ti. A escuridão está a dissipar-se rapidamente, e a felicidade a sucederá. Ora por mim, e estarei perto de ti nas tuas orações. Peço a Deus que te abençoe e me abençoe, e nos reúna na terra do verão (paraíso).'

"E eu vejo o espírito a apontar com a mão para longe, como se para insinuar que a felicidade de que ele fala é apenas o começo de alguma que se estenderá por uma longa distância no tempo. Eu vejo esta cena mais claramente do que qualquer outra que eu já vi antes."

Estas palavras foram redigidas no momento em que foram proferidas. O Coronel Lean e eu estávamos sentados exactamente no local indicado pelo Sr. Fletcher, e a garotinha com as flores azuis era minha criança espiritual, "Florence," cuja história contarei no próximo capítulo. Mas as minhas comunicações com John Powles, embora bastante extraordinárias, não foram satisfatórias para mim. Eu sou o "Tomas, de sobrenome Dídimo," do mundo espiritualista, que quer ver e tocar e manusear antes de poder acreditar por completo.

Eu queria encontrar John Powles e falar com ele cara a cara, e parecia-lhe tão impossível materializar-se na luz que, depois dos seus dois fracassos com a Srta. Showers, ele se recusou a tentar. Eu sempre o inquietava para me dizer se deveríamos encontrar-nos fisicamente antes de eu deixar este mundo, e a resposta que me dava era sempre: "Sim! Mas ainda não!" Na época, eu não fazia ideia de que teria de cruzar o Atlântico antes de ver o meu querido velho amigo de novo.

CAPÍTULO VIII
A MINHA FILHA DO ESPÍRITO

No mesmo ano em que John Powles morreu, 1860, passei pela maior dificuldade da minha vida. É totalmente desnecessário para a minha narrativa relatar que problema foi esse, e como ele me afectou, mas sofri terrivelmente tanto na mente quanto no corpo, e foi principalmente por essa razão que os médicos aconselharam o meu retorno à Inglaterra, onde cheguei no dia 14 de Dezembro, e no dia 30 do mesmo mês, nasceu-me uma filha, que sobreviveu ao nascimento por apenas dez dias. A criança nasceu com um defeito muito peculiar, cuja descrição é necessária ao propósito do meu argumento. No lado esquerdo do lábio superior havia uma marca como se um pedaço semicircular de carne tivesse sido cortado por um molde de bala, que expunha parte da gengiva.

A goela também tinha afundado na garganta, de modo que durante o curto período da sua existência terrena ela teve que ser alimentada por meios artificiais, e a própria mandíbula ficou tão retorcida que pudesse ela ter vivido teria tido os dentes duplos na frente. Este defeito foi considerado de um tipo tão notável que o Dr. Frederick Butler de Winchester, que me atendeu, convidou diversos outros médicos, de Southampton e outros lugares, para examinar a criança com ele, e todos eles concordaram que um caso semelhante nunca havia sido notado antes. Este é um factor muito importante na minha narrativa. Fui cuidadosamente instruída quanto a ter sofrido algum choque físico ou mental, que pudesse explicar os danos da minha filha, e foi decidido que o problema que experimentei era suficiente para o produzir.

O caso, com nomes falsos, foi amplamente divulgado no Lancet como algo bastante fora do comum. A minha filhinha, que foi batizada com o nome de “Florence,” permaneceu até 10 de janeiro de 1861, e então faleceu tranquilamente, e quando o meu primeiro desapontamento natural passou, parei de pensar nela excepto como algo que "poderia ter sido," mas jamais seria de novo. Neste mundo de infelicidade, a perda de um bebé logo é tragada por problemas mais prementes. Ainda assim, nunca esqueci completamente o meu pobre bebé, talvez porque naquela época ela fosse felizmente "o cordeiro morto" do meu pequeno rebanho.

Ao relatar os acontecimentos da minha primeira sessão com a Sra. Holmes, mencionei o aparecimento de uma jovem de aspecto muito enroupado até à boca e com o queixo a sobressair e anunciei que tinha vindo por mim, embora a não conseguisse reconhecer. Eu era tão ignorante sobre a vida além-túmulo naquele período, que nunca me ocorreu que o bebé que me deixou com dez dias de idade tivesse crescido desde a nossa separação, até atingir a idade de dez anos. Eu não era capaz de interpretar Longfellow (a quem considero um dos mais sublimes espiritualistas da época) como sou agora.

"Dia após dia pensamos no que está a fazer,
Nesses reinos de luz e cor;
Ano após ano, seu trilho a percorrer,
Vemo-la ainda maior esplendor.

"Não como criança a tornaremos a ver,
Pois quando, em êxtase ardente,
Nos braços a quisermos envolver,
Não será mais inocente;

"Mas donzela bela na casa do Pai,
De graça celeste vestida,
E radiante, onde a alma se expande e vai,
Veremos sua face erguida!"

A primeira sessão causou tal impressão na minha mente que duas noites depois eu me apresentei novamente (desta vez sozinha) nos aposentos da Sra. Holmes para assistir a outra. Foi um círculo muito diferente na segunda ocasião. Estavam cerca de trinta pessoas presentes, todas estranhas umas às outras, e as manifestações eram proporcionalmente comuns. Outra médium profissional, a Sra. Davenport, estava presente, pois um dos seus controladores, a quem ela chamava de "Bell," havia prometido, se possível, mostrar-lhe o rosto.

Assim que o primeiro rosto espiritual apareceu (que era o da mesma garotinha que eu tinha visto antes), a Sra. Davenport exclamou: "Aí está a 'Bell,'"

"Ora!" Eu disse, "essa é a freira que vimos na segunda-feira."

"Ah! não! essa é minha 'Bell,'" insistiu a sra. Davenport. Mas a sra. Holmes ficou do meu lado e teve certeza de que o espírito veio por mim.

Ela disse-me que tinha vindo a tentar comunicar com ela desde a sessão anterior. "Eu sei ela está estreitamente ligada a si," disse ela. "Você nunca perdeu um parente na idade dela?"

"Nunca!" respondi eu, e com essa declaração o pequeno espírito afastou-se, triste como antes.

Algumas semanas depois, recebi um convite do Sr. Henry Dunphy (o cavalheiro que me apresentou à Sra. Holmes) para assistir a uma sessão privada, dada na sua própria casa em

Upper Gloucester Place, pela conhecida médium Florence Cook. As salas de estar duplas eram divididas por cortinas de veludo, atrás das quais a Miss Cook estava sentada numa poltrona, as cortinas presas até meio, deixando uma grande abertura em forma de V.

Sendo uma perfeita estranha para a Srta. Cook, fiquei surpreendido ao ouvir a voz do controlador dela ordenar que eu devia ficar perto das cortinas e manter as partes inferiores juntas enquanto as formas apareciam por cima, para que os alfinetes não cedessem, e necessariamente da minha posição eu pudesse ouvir cada palavra trocada entre a Srta. Cook e o guia. O primeiro rosto que apareceu foi o de um homem desconhecido para mim; seguiu-se então uma espécie de colóquio assustador entre a médium e o seu controlador.

"Leva isso embora. Vá embora! Eu não gosto de você. Não me toque - você assusta-me! Vá embora!"

Ouvi a senhorita Cook exclamar, e então a voz do guia dela interpôs: "Não seja tola, Florrie. Não seja cruel. Não vai te prejudicar," etc., e logo depois a pequena que eu tinha visto na casa da Sra. Holmes levantou-se para espreitar pela abertura das cortinas, coberta pelas vestes como antes, mas a sorrir com os olhos para mim. Dirigi a atenção da companhia para ela, chamando-a novamente de minha "freirazinha." Fiquei surpreendida, no entanto, com a evidente aversão que a Srta. Cook demonstrou pelo espírito e, quando a sessão terminou e ela recuperou a condição normal, perguntei-lhe se ela se lembrava dos rostos que vira em transe. "Às vezes," respondeu ela.

Contei-lhe sobre a "pequena freira" e pedi que me explicasse o motivo do seu aparente medo dela. "Eu mal posso dizer-lhe," disse Miss Cook; "Eu não sei nada sobre ela. Ela é uma estranha para mim, mas o rosto não está inteiramente desenvolvido, acho eu. Há *algo errado com a boca dela*. Ela assusta-me." Essa observação, embora feita com o maior descuido, fez-me apensar e, depois que voltei para casa, escrevi à Srta. Cook, a pedir-lhe que perguntasse aos guias dela quem era o pequeno espírito. Ela respondeu da seguinte forma:

"Prezada Sra. Ross-Church, perguntei a 'Katie King', mas ela não pode me dizer mais nada sobre o espírito que veio através de mim na outra noite, a não ser que ela é uma jovem intimamente ligada a si." Eu ainda não estava convencida da identidade do espírito, embora "John Powles" constantemente me assegurasse que *era* minha. Tentei muito comunicar com ela em casa, mas sem sucesso. Encontro nos memorandos que guardei das nossas sessões privadas naquele período diversas mensagens do "Powles" a referir-se à "Florence." Num deles, ele diz: "A falta de poder da tua filha para se comunicar contigo não se deve a que ela seja muito pura, mas porque ela é muito fraca. Ela vai falar contigo um destes dias. Ela *não* está no céu."

Esta última assertiva, tão pouco ciente como eu era na altura, do estado futuro, tanto me deixou intrigada como pesarosa. Não conseguia acreditar que um bebé tão inocente não se encontrasse na Presença Beatífica - no entanto não conseguia compreender o motivo que o meu amigo poderia ter para me conduzir ao erro. Eu ainda precisava aprender que, uma vez recebido no Céu, nenhum espírito poderia retornar à terra, e que um espírito pode ter um treino a ser submetido, mesmo que nunca tenha cometido um pecado mortal.

Mais uma prova, no entanto, do facto da minha filha morto nunca ter morrido veio até mim de onde eu menos esperava. Eu era editora da revista London Society na época, e entre os meus colaboradores estava o Dr. Keningale Cook, que se casara com Mabel Collins, o agora conhecido escritor de romances espiritualistas. Um dia, o Dr. Cook trouxe-me um convite da esposa (a quem eu jamais havia conhecido) para passar um fim-de-semana com eles no seu chalé em Redhill, e eu aceitei, sem saber nada das tendências de qualquer um deles, e eles saberem tão pouco da minha história particular quanto eu da deles.

Devo aproveitar esta oportunidade para referir que, nesse período, nunca havia feito da minha filha perdida assunto de conversa, mesmo junto das minhas amigas mais íntimas. A memória da sua vida e morte, e os problemas que a causaram, não eram felizes e não interessavam a ninguém além de mim. Tão pouco havia sido, pois, discutido entre nós que até a "Florence" reaparecer para reavivar o assunto, os meus *filhos mais velhos ignoravam* que a irmã havia sido marcada por alguma forma diferente deles.

Pode-se, pois, supor o quão improvável seria que estranhos e os médiuns públicos tivessem qualquer suspeita sobre o assunto. Desci até Redhill e, quando estava sentada com os Keningale Cook depois do jantar, o tema do Espiritualismo veio à tona, e fui informada de que a esposa era uma potente médium de transe, o que muito me interessou, pois eu não tinha tido, naquele período, qualquer experiência dessa classe particular de mediunidade.

À noite, nós fizemos uma sessão juntos, e como a Sra. Cook caiu em transe, o marido taquigrafou as falas dela. Diversos velhos amigos da família falaram através dela, e eu ouvia-os da maneira apática com que ouvimos a conversa de estranhos, quando a minha atenção foi despertada pela médium repentinamente ao deixar o assento e cair de joelhos diante de mim, beijar-me as mãos e o rosto, e soluçar violentamente ao mesmo tempo.

Esperei na expectativa de saber quem poderia ser, quando as manifestações igualmente de forma repentina cessaram, a médium voltou ao seu assento, e a voz de um dos seus guias disse que o espírito estava impossibilitado de falar por excesso de emoção, mas que iria tentar de novo, mais tarde nessa noite. Eu quase havia esquecido a circunstância ao ouvir outras comunicações, quando fiquei surpreendida ao ouvir a palavra *"Mãe!"* e suspirei em vez de falar. Eu estava prestes a dar uma resposta excitada, quando a médium levantou a mão para ordenar silêncio, e a seguinte comunicação foi anotada pelo Sr. Cook enquanto ela enunciava as palavras. As frases entre parênteses são as respostas que lhe dei.

"Mãe! Eu sou a 'Florence.' Devo ficar muito sossegada. Quero sentir que ainda tenho uma mãe. Estou tão sozinha. Por que deveria estar? Não consigo falar bem. Quero ser como um de vocês. Quero sentir que tenho uma mãe e irmãs. Estou tão longe de todos vocês agora."

("Mas eu sempre penso em ti, meu querido bebé falecido.")

"É exatamente isso - seu bebé. Mas eu não sou um bebé agora. Vou chegar mais perto. Eles me disseram que sim. Não sei se posso chegar quando você estiver sozinha. Está tudo tão escuro. Eu sei que você está lá, mas tão vagamente. Eu cresci *sozinha*. Não estou realmente infeliz, mas quero me aproximar de si. Eu sei que você pensa em mim, mas você pensa em mim como um bebé. Você não sabe eu como *sou*. Você viu-me, porque no amor que sinto eu me forcei a si. Ainda não estive entre as flores, mas hei de estar, muito em breve agora; mas quero que a *minha mãe* me leve até lá. Tudo o que me pode ser dado me foi dado, mas não posso receber isso, excepto na medida ——"

Aqui ela pareceu incapaz de se expressar.

("O problema que tive antes de teu nascimento afectou o teu espírito, Florence?")

"Somente na medida em que as coisas causam umas às outras; eu estive consigo, mãe, durante todo esse problema. Eu deveria estar mais perto de si *do que qualquer filho que você tem*, se eu pudesse aproxima-me de si."

("Não suporto ouvir-te falar com tanta tristeza, querida. Sempre acreditei que *tu*, pelo menos, era feliz no céu.")

"Eu não estou no céu! Mas chegará o dia, mãe - posso rir ao dizê-lo - em que iremos *juntos* para o céu e colheremos flores azuis - *flores azuis*. Eles são tão bons para mim aqui, mas se os olhos não puderem suportar a luz do dia, não poderemos ver os botões de ouro e as margaridas."

Só depois cheguei a apurar que na linguagem espiritual as flores azuis são típicas da felicidade. A pergunta seguinte que fiz foi se ela achava que poderia escrever através de mim.

"Eu não pareço capaz de escrever através de si, mas por quê, eu não sei."

("Conheces as tuas irmãs, Eva e Ethel?")

"Não! não!" com uma voz cansada. "O elo da irmandade é obtido apenas através da mãe. Esse tipo de irmandade não dura, porque existe uma superior."

("Já viste o teu pai?")

"Não!, ele encontra-se muito, muito longe. Fui até lé uma vez, mas não mais. .Querida mãe ele há de amar-me quando aqui vier. Eles disseram-mo, e sempre dizem a verdade, aqui! Não passo de uma criança, contudo não sou assim tão pequena. Pareço composto de duas coisas - uma criança na ignorância e uma mulher na idade. Por que não poderei falar em outros lugares? Eu desejei e tentei! Cheguei muito perto, mas parece tão fácil falar agora. Esta médium parece tão diferente."

("Gostaria que pudesses vir até mim quando eu estiver sozinha, Florence.")

"Você *há de* conhecer-me! Eu *hei de vir*, mãe, querida. Sempre poderei vir aqui. Eu *venho* até si, mas não da mesma maneira."

Ela falou com uma voz tão melancólica e triste que a Sra. Cook, pensando que me iria deprimir, disse: "Não deixe o seu velho estado mais triste do que realmente está."

A resposta que me deu foi realmente notável.

"Eu sou, como sou! Quando você vem aqui, se você descobrir que há tristeza, você não poderá alterá-la mergulhando em prazeres materiais, amiga! *A tristeza que sentimos cria o mundo em que vivemos*. Não são os actos que nos fazem mal. É o estado em que *nascemos*.

Mãe, você diz que eu morri sem pecado. Isso não é nada. Eu nasci *num estado*. Se eu tivesse sobrevivido, ter-lhe-ia causado mais dor do que você pode imaginar. Estou melhor aqui. Eu não estava apta para batalhar com o mundo, e eles tiraram-me dele. Mãe, não vai deixar que isso a deixe triste! Você não deve."

("O que posso fazer para te trazer para mais perto de mim?")

"Não sei o que me aproximará, mas já me ajudou só de falar consigo. Há uma escada de luminosidade - muitos degraus. Acredito que acabei de atingir um degrau agora.
Ah! os ensinamentos Divinos são tão misteriosos. Mãe, parecer-te-á estranho ouvir o teu 'bebé' dizer coisas como se as conhecesse?! Eu vou-me, agora. Adeus!"

E assim se foi a "Florence." A voz que falou a seguir foi a de um guia da médium, e eu pedi-lhe uma descrição pessoal da minha filha tal como ela tinha aparecido. Ela respondeu:

"Tinha o rosto cabisbaixo. Tentamos animá-la, mas ela está muito triste. É o *estado em que ela nasceu*. Toda deformidade física é a marca de uma condição. Um corpo fraco não é necessariamente a marca de um espírito fraco, mas a *prisão* dele, por o espírito poder ser demasiado apaixonado, de outra forma. Não pode julgar o modo por que a mente esteja deformada só por o corpo estar deformado. Não quer dizer que um cancro no corpo seja um cancro na mente. Mas a mente pode ser demasiado exuberante - pode precisar de um cancro para a restringir."

Copiei textualmente esta conversa a partir das anotações taquigráficas feitas no momento da sua enunciação; e quando nos lembramos que nem a Sra. Keningale Cook nem o marido sabiam que eu havia perdido uma filha - que eles nunca tinham estado em minha casa nem associado com nenhuma das minhas amigas - será, pelo menos, de reconhecer, mesmo por parte dos mais céticos, que foi uma coincidência bastante notável eu receber tal comunicação da boca de uma perfeita estranha.

Depois dessa a "Florence" apenas comunicou comigo uma vez através da mesma fonte. Ela achou a médium apropriada mais perto de casa e, naturalmente, aproveitou-se dela. Mas na segunda ocasião foi praticamente mais convincente do que na primeira. Certa tarde, fui consultar o meu advogado em total sigilo sobre como deveria agir em certas circunstâncias muito dolorosas, e ele aconselhou-me.

Na manhã seguinte, enquanto eu tomava o café da manhã, a Sra. Cook, que ainda morava em Redhill, correu para o meu quarto com um pedido de desculpas pela falta de cerimónia da sua visita, alegando ter recebido uma mensagem endereçada a mim na noite anterior que a "Florence" implorava para que ela me entregasse sem demora. A mensagem era no seguinte sentido:

"Diga à minha mãe que estive com ela esta tarde no advogado, e ela *não* deve seguir o conselho que lhe foi dado, pois isso a prejudicará em vez de a beneficiar."

A Sra. Cook acrescentou:

"Não sei ao que a 'Florence' alude, é claro, mas achei melhor, como estava para vir à cidade, informá-la de imediato."

A força desta anedota não cabe no contexto. O mistério reside no facto de uma entrevista secreta ter sido escutada e comentada. Mas a verdade é que, tendo mais confiança no conselho do meu guia visível do que no de meu guia invisível, acatei o primeiro e me arrependi para sempre.

A primeira conversa que tive com a "Florence" teve um grande efeito sobre mim. Eu soubera antes que a dor descontrolada que sentira tinha sido a causa da morte prematura dela no corpo, mas nunca me ocorreu que o espírito dela levaria os efeitos disso para o mundo invisível. Foi um aviso para mim (como deveria ser para todas as mães) não assumir a solene responsabilidade da maternidade sem estar preparada para sacrificar os próprios sentimentos pelo bem dos filhos. Contudo, a "Florence" assegurou-me de que a comunhão comigo na minha condição aperfeiçoada de felicidade logo tiraria o espírito dela do estado de depressão em que se encontrava; consequentemente, aproveitei todas as oportunidades de a ver e de falar com ela.

Durante os doze meses seguintes, participei de inúmeras sessões com diversas médiuns de comunicação, e a minha filha do espírito (como ela chamava a si própria) nunca deixou de se manifestar por meio da influência de qualquer uma delas, embora, é claro, de maneiras diferentes. Através de algumas ela me tocava apenas, e sempre com a mão de uma criança, para que eu pudesse reconhecê-la como dela, ou encostava a sua boca à minha para que eu pudesse sentir a cicatriz no lábio; através de outras ela falava, ou escrevia, ou mostrava o rosto, mas nunca assisti a uma sessão em que ela deixasse de anunciar a sua presença.

Certa vez num círculo às escuras, feito com o Sr. Charles Williams, depois de me ter puxado o vestido e o da minha vizinha do lado, Lady Archibald Campbell, várias vezes como que para nos atrair a atenção, a escuridão abriu-se diante de nós, e lá estava a minha filha, a sorrir para nós como um sonho encantado, com os cabelos claros a ondular nas têmporas e os olhos azuis fixos em mim. Ela estava vestida de branco, mas não vimos mais do que a sua cabeça e busto, sobre os quais suas mãos seguravam o seu envoltório. Lady Archibald Campbell viu-a de forma tão distinta quanto eu.

Numa outra ocasião, o Sr. William Eglinton propôs-me tentar obter a escrita espiritual através do seu braço. Ele orientou-me no sentido de ir para outra sala e escrever o nome do amigo que eu mais amava no mundo espiritual num pedaço de papel, que eu deveria enrolar bem e dar-lhe de volta. Eu fi-lo, tendo escrito o nome de "John Powles." Quando voltei para o Sr. Eglinton, ele descobriu o braço e, segurando o papel na vela até que se reduzisse a uma acendalha, esfregou a carne com as cinzas. Eu sabia o que se esperava que acontecesse.

O nome escrito no papel iriam reaparecer em letras vermelhas ou brancas no braço do médium. O cético diria que era um truque de leitura de pensamentos e que, sabendo o médium o que eu havia escrito, preparara a escrita durante a minha ausência. Mas, para surpresa dele e minha, quando finalmente ele sacudiu as cinzas do braço, lemos, escritas com caligrafia ousada e clara, as palavras - "Florença é a mais querida," como se a minha filha do espírito tivesse me repreendido amavelmente por escrever outro que não o nome dela.

Parece-me curioso agora olhar para trás e lembrar como ela costumava mostrar-se melancólica quando voltava para mim, pois assim que ela estabeleceu uma comunicação ininterrupta entre nós, ela se transformou no espírito mais alegre que já conheci, e embora

a sua infância já tenha passado e ela seja mais ponderada, atenciosa e feminina, ela sempre parece alegre e feliz. Ela manifestou-se amplamente para mim através da mediunidade do Sr. Arthur Colman.

Eu vi-a, durante uma sessão no escuro num círculo privado muito pequeno (em que o médium estivera seguramente preso o tempo todo) a correr pela sala como a criança que ela era, e a falar e a beijar cada um dos presentes à vez, a tirar as capas dos sofás e cadeiras e a empilhá-los no meio da mesa, e a mudar os enfeites de todos os presentes - a colocar as gravatas dos cavalheiros em volta do pescoço das damas e a pendurar os brincos das damas nas casas dos casacos dos cavalheiros - tal como ela poderia ter feito se ainda estivesse connosco, uma criança feliz e mimada, na terra. Eu vi-a aparecer no escuro e sentar-se no meu colo e beijar-me o rosto e as mãos, e deixar-me sentir o defeito na boca junto da minha.

Na noite brilhante de 9 de Julho - dia do meu aniversário - Arthur Colman apareceu-me inesperadamente a fazer-me uma visita e, como eu tinha algumas amigas comigo, concordamos em fazer uma sessão. Era impossível escurecer o quarto, pois as janelas eram sombreadas apenas por venezianas, mas nós baixámo-las e sentamos no crepúsculo.

A primeira coisa que ouvimos foi a voz de "Florence" a sussurrar - "Um presente para o aniversário da querida mãe," quando algo me foi colocado na mão. Então ela passou para o lado de uma senhora presente e deixou cair algo na mão dela, dizendo: "E um presente para a querida amiga da Mamá!" Eu soube imediatamente pela sensação que o que a "Florença" me tinha dado era um colar de contas, e ciente de quantas vezes, em circunstâncias semelhantes, artigos são meramente carregados pelo aposento, concluí que era um que eu tinha na cornija da lareira, e disse isso. Fui atendida pela voz de "Aimee," a controladora mais próxima ao médium.

"Você está enganada," disse ela, "a 'Florence' deu-lhe um terço que você nunca viu antes. Ela estava extremamente ansiosa por lhe dar um presente no seu aniversário, de modo que eu lhe dei as contas que foram enterradas comigo. Elas vieram do meu caixão. Eu tive-as nas minhas mãos. Tudo o que peço é que você não as mostre ao Arthur até que eu lhe dar licença. Ele não está bem de momento, e vê-las vai deixá-lo perturbado."

Fiquei bastante surpreendida, mas, é claro, segui as instruções dela e, assim que tive oportunidade de examinar as contas, descobri que elas realmente me eram estranhas e não tinham estado na minha casa antes. O presente que a minha amiga havia recebido era um grande topázio desmontado. O terço era feito de madeira esculpida e aço. Só passados alguns meses é que recebi permissão para o mostrar a Arthur Colman. Ele imediatamente o reconheceu como aquele que ele próprio colocara nas mãos da "Aimee" enquanto ela jazia no seu caixão, e quando vi como a visão o afectou, arrependi-me de lhe ter contado o sucedido. Ofereci-me para lhe devolver as contas, mas ele se recusou recebê-las, e elas permanecem na minha posse até hoje.

Mas o grande clímax que haveria de provar sem sombra de dúvida a identidade pessoal do espírito que comunicara comigo, com o corpo que eu trouxera ao mundo, ainda estava por vir. O Sr. William Harrison, o editor do Spiritualist (que, após dezassete anos de paciente pesquisa na ciência do Espiritualismo, jamais recebera uma prova pessoal do retorno dos seus próprios amigos ou parentes) escreveu-me a dizer que havia recebido um mensagem da sua amiga recentemente falecida, Sra. Stewart, no sentido de o levar a participar numa

sessão da médium Florence Cook mais um ou dois companheiros harmoniosos, que ela faria o possível para lhe aparecer no aspecto terreno e por lhe dar o teste que há tanto tempo procurava.

O Sr. Harrison perguntou-me, pois, se eu poderia juntar-me a ele e à Srta. Kidlingbury - a secretária da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas - numa sessão com a Srta. Cook, com o que concordei, e encontrámo-nos numa das salas do Associação para esse fim. Era uma sala muito pequena, com cerca de 2,5 metros por 4,8 metros, sem carpete e sem mobília, pelo que levamos connosco três cadeiras com fundo de vime para nossa acomodação para dentro.

A um canto da sala, a cerca de um metro e meio do chão, pregamos um velho xale preto e colocamos uma almofada atrás dele para a Srta. Cook apoiar a cabeça. A senhorita Florence Cook, que é morena, de corpo pequeno e esguio, olhos escuros e cabelos que usava numa profusão de cachos, vestia um merino cinza alto, ornamentado com fitas carmesim. Ela informou-me, antes da sessão, que ultimamente ela tinha ficado inquieta durante seus transes, e que tinha o hábito de andar no meio do círculo, e ela pediu-me como amiga (pois nisso nos tornamos naquela época) para a repreender bem se tal coisa ocorresse e ordenasse para voltar para o 'gabinete' improvisado como se fosse "uma criança ou um cachorro"; e prometi-lhe que o faria.

Após a Florence Cook se sentar no chão, atrás do xale preto (que deixava a sua saia merino cinza exposta), e encostado a cabeça na almofada, baixamos um pouco a luz do candeeiro a gás e sentamo-nos nas três cadeiras de vime. A médium pareceu muito inquieta a princípio, e nós ouvimo-la a protestar contra as influências por a usarem de forma tão rude. Passados poucos minutos, porém, houve um movimento trêmulo do xale preto, e uma grande mão branca foi várias vezes trazida à vista e de novo retirada.

Eu nunca tinha visto a Sra. Stewart (para quem estávamos expressamente a fazer a sessão) nesta vida e, portanto, não consegui reconhecer a mão; mas todos nós notamos como era grande e branca. Passado mais um minuto, o xale foi erguido, e uma figura feminina rastejou sobre as mãos e os joelhos de trás dele, e então levantou-se e nos encarou-nos. Era impossível, na penumbra e à distância em que ela se levantou de nós, identificar-lhe as feições, pelo que o Sr. Harrison perguntou se ela era a Sra. Stewart. A figura abanou a cabeça.

Eu havia perdido uma irmã alguns meses antes, e passou-me pela mente a ideia de que pudesse ser ela: "És tu, Emily?" perguntei; mas a cabeça ainda estava a abanar para expressar a negativa, e uma pergunta semelhante por parte da Srta. Kidlingbury, a respeito de uma amiga dela, encontrou a mesma resposta. "Quem poderá ser?", comentei curiosamente com o Sr. Harrison.

"Mãe! você não me conhece?" soou a voz sussurrante da "Florence." Comecei a aproximar-me dela, exclamando: "Ah! Minha querida filha! Nunca pensei que pudesse encontrar-te aqui!" Mas ela disse:

"Volte para a sua cadeira que eu irei até si!" Sentei-me novamente e "Florence" atravessou a sala e sentou-se *no meu colo*. Ela estava mais despida naquela ocasião do que qualquer espírito materializado que eu já vira. Ela não usava nada na cabeça, apenas os

cabelos, do que ela parece ter uma quantidade imensa, caíam pelas costas e lhe cobriam os ombros.

Tinha os braços estavam nus e os pés e parte das pernas, e o vestido que ela usava não tinha forma nem estilo, mas parecia tantas jardas de musselina macia e grossa, enrolada em torno do seu corpo desde o peito até abaixo dos joelhos. Ela representava um peso e tanto - uns sessenta quilos - e tinha membros bem formados. Na verdade, ela mostrou na altura, e pareceu ao longo de vários anos ser tão parecida com a irmã mais velha dela, Eva, em termos de tamanho e forma, que sempre observo a semelhança entre elas. Esta sessão ocorreu num período em que a "Florence" deveria estar com cerca de dezassete anos.

"Florence, minha querida," eu disse, "és tu mesma?"
"Aumente o gás" respondeu ela, "e olhe para a minha boca."

O Sr. Harrison fez o que ela desejava, e todos nós vimos distintamente *aquele peculiar defeito no lábio* com o qual ela nascera - um defeito, lembre-se, que alguns dos membros mais experientes da profissão afirmaram ser *"tão raro que nunca lhes tinha chegado à atenção antes.*

Ela também abriu a boca para que pudéssemos ver que ela não tinha goela. Prometi, no início do meu livro, limitar-me aos factos e deixar que a dedução deles fosse feita pelos meus leitores, de modo que não interromperei a minha narrativa para fazer comentários sobre esta prova incontestável de identidade. Eu sei que aquilo me deixou muda e me levou às lágrimas. Naquele instante, a Srta. Cook, que tinha estado a gemer e a mexer-se atrás do xale preto, de repente exclamou: "Não aguento mais isto," e saiu para o quarto. Lá estava ela no seu vestido cinza com fitas carmesim enquanto a "Florence" estava sentada no meu colo com uma cortina branca.

Mas apenas por um instante, pois assim que o médium se pôs inteiramente à vista, o espírito saltou e disparou para trás da cortina. Recordando as ordens que a Miss Cook me recomendara, eu repreendi-a veementemente por deixar o assento, até que ela rastejou de volta, a choramingar, para a sua posição anterior. O xale mal se fechou atrás dela quando a "Florence" reapareceu e se agarrou a mim, dizendo:

"Não deixe que ela faça isso de novo. Ela assusta-me muito."

Ela estava realmente toda a tremer.

"Ora, Florence," respondi. "Queres-me dizer que tens medo da tua médium? Neste mundo, somos nós, pobres mortais, que temos medo dos espíritos."

"Tenho medo que ela me mande embora, mãe," sussurrou ela.

No entanto, a Miss Cook não nos perturbou de novo, e "Florence" ficou connosco por mais algum tempo. Ela passou os braços em volta do meu pescoço, deitou a cabeça no meu peito e beijou-me dezenas de vezes.

Ela pegou-me na mão e abriu-a, e disse que tinha certeza de que eu lhe reconheceria a mão quando ela a empurrasse para fora da cortina, porque era muito parecida com a minha. Eu estava a sofrer muito naquela época, e a "Florence" disse-me que a razão por que Deus

permitira que ela se mostrasse a mim na sua deformidade terrena era para que eu pudesse ter certeza de que ela era ela própria e que o espiritualismo era uma verdade para me confortar.

"Por vezes você duvida, mãe", disse ela, "e pensa que os seus olhos e ouvidos a enganaram; mas depois disto você nunca mais deverá duvidar. Não pense que sou assim na vida do espírito. O defeito deixou-me à muito tempo. Mas adoptei-o esta noite para a convencer. Não se preocupe, querida mãe. Lembre-se que estou sempre perto de si. Ninguém me pode afastar de si. Os seus filhos terrenos podem crescer e sair pelo mundo e deixá-la, mas você sempre terá a sua filha espiritual perto de si."

Eu não calculei, nem consigo calcular por quanto tempo a "Florença" permaneceu visível naquela ocasião. Harrison disse-me depois que ela permaneceu por quase vinte minutos. Mas a sua presença indubitável foi um facto tão estupendo para mim, que eu só conseguia pensar que *ela estava lá* - que eu realmente segurei nos meus braços a pequena criança que eu tinha colocado com as minhas próprias mãos no seu caixão - que ela não estava mais morta do que eu, mas havia se transformado numa mulher.

Então eu apertei os braços apertados ao redor dela, com o meu coração a bater contra o dela, até que o poder diminuiu, e a "Florence" foi obrigada a dar-me um último beijo e a deixar-me estupefacto e confuso com o que acontecera tão inesperadamente. Dois outros espíritos materializaram-se e apareceram depois que ela nos deixou, mas como nenhuma delas era para a Sra. Stewart, a sessão, no que dizia respeito ao Sr. Harrison, foi um fracasso. Eu vi e ouvi "Florence" em inúmeras ocasiões desde aquela que narrei, mas não com a marca na boca, que ela me garante que nunca mais incomodará nenhuma de nós.

Eu poderia encher páginas com relatos dos seus modos bonitos e carinhosos e as suas mensagens de afecto e por vezes solenidade; mas contei tanto da sua história quanto interessaria ao leitor em geral. Foi maravilhoso para mim observar como os modos e a forma de comunicação dela mudaram com o passar dos anos. Era uma criança simples que não sabia como expressar-se a que me apareceu em 1873. É uma mulher cheia de conselhos e ternas advertências que me chega em 1890.

Mas ainda assim ela tem apenas dezanove anos. Quando ela atingiu essa idade, "Florence" me disse que ela nunca deveria envelhecer mais na idade ou aparência, e que havia atingido o clímax da perfeição feminina no mundo espiritual. Somente esta noite - a noite de vésperas do Natal - em que escrevo a sua história, ela vem até mim e diz: "Mãe, não deves dar rédea solta a pensamentos de tristeza! O passado é passado. Deixe que permaneça enterrado entre as bênçãos que te restam!"

E entre as maiores dessas bênçãos, considero a minha crença na existência da minha filha do espírito.

CAPÍTULO IX
A HISTÓRIA DE EMILY

A minha irmã Emily era a terceira filha do meu falecido pai e vários anos mais velha do que eu. Ela era uma mulher bonita – estritamente falando, talvez, a mais bonita da família, e bem diferente das outras. Ela tinha cabelos e olhos pretos, tez pálida, nariz bem formado e

mãos e pés pequenos e estreitos. Mas a sua beleza tinha ligeiras detrações - tão ligeiras, de facto, que eram imperceptíveis a estranhos, mas bem do conhecimento dos seus amigos íntimos.

Tinha a boca um pouco de lado, um ombro meio centímetro mais alto que o outro, os dedos das mãos não muito retos, nem os dedos dos pés, e os quadris correspondiam aos ombros. Ela era inteligente, dotada de um talento versátil e versátil e de uma disposição muito animada e contente. Ela casou com o Dr. Henry Norris de Charmouth, em Dorset, e viveu lá muitos anos antes da sua morte. Foi uma excelente esposa e mãe, uma boa amiga e uma Cristã sincera; na verdade, não acredito que mulher mais sincera, abnegada e melhor já tenha vivido neste mundo. Mas ela tinha sentimentos de animosidade e, em certas coisas, era muito fanática. Uma dela era o Espiritualismo. Ela opunha-se veementemente até mesmo à menção do tema, declarava que era diabólico e nunca deixava de me culpar por seguir uma ocupação tão perversa e profana. Ela era, pois, a última pessoa que eu deveria esperar que tirasse proveito dele para comunicar com os amigos.

A minha irmã Emily faleceu a 20 de Abril de 1875. A morte dela resultou de um súbito ataque de pleurisia e foi bastante inesperada. Eu estava a jantar mais cedo com os meus filhos no dia quando recebi um telegrama do meu cunhado a dizer: "A Emily está muito doente; telegrafarei quando ocorrer uma mudança," e acabara de enviar uma resposta para perguntar se eu deveria ir para Charmouth, ou se poderia ser útil, quando uma segunda mensagem chegou, a dizer: "Tudo acabado. Ela morreu calmamente às duas horas." Aqueles que sofreram choques semelhantes entenderão o que senti. Fiquei bastante atordoada e não pude perceber que a minha irmã nos havia falecido, tão completamente inesperada fora a notícia.

Tomei as providências necessárias para ir ao funeral dela, mas tinha a cabeça cheia de ideias sobre a Emily naquele momento e conjecturas sobre como ela haveria morrido e sobre o motivo porque que ela havia morrido (pois ainda desconhecido isso) e o que ela havia pensado e dito; acima de tudo, o que ela estava pensar e a sentir naquele momento. Retirei-me para descansar com o cérebro num turbilhão e passei metade da noite acordada, a olhar para a escuridão e a interrogar-me sobre a paragem da minha irmã. *Agora* era a hora (se alguma houver) dos meus órgãos cerebrais me pregarem uma peça e evocarem uma visão da pessoa em quem eu estava a pensar. Mas não vi nada; nenhum som rompeu o silêncio; os meus olhos pousaram apenas no escuro.

Fiquei bastante desapontada e, pela manhã, contei o sucedido aos meus filhos. Eu amava muito a minha irmã Emily e esperava que ela viesse dar-me o adeus. Na noite seguinte eu estava exausta pela falta de sono e pela emoção por que havia passado, e quando fui para a cama estava com muito sono. Não tinha adormecido há muito, porém, quando fui acordada - mas mal poderei dizer porquê - e ali bem ao lado da minha cama estava a Emily, a sorrir para mim. Quando perdi a minha pequena "Florence," a Emily era solteira e interessou-se muito pela minha pobre filha, cuidou dela durante a sua curta vida e, creio que realmente lamentou a sua perda, pois (embora ela própria tivesse filhos) ela sempre usava uma pequena imagem da "Florence" num medalhão na corrente de relógio.

Quando a Emily morreu, é claro que eu já estava há algum tempo em comunicação com a minha filha do espírito, e quando a minha irmã me apareceu naquela noite, a "Florence" vinha nos seus braços, com a cabeça apoiada no ombro dela. Reconheci as duas imediatamente, e a única coisa que me pareceu estranha foi que os longos cabelos negros da

Emily estavam penteados para trás à moda Chinesa, o que conferia à sua testa uma aparência anormalmente alta. Essa circunstância impressionou-me mais, porque todos nós temos testas tão altas com o cabelo a crescer nas têmporas que nunca pudemos usá-lo no estilo de que falo.

À excepção disso, a minha irmã estava linda e muito feliz, e a minha filhinha agarrava-se a ela com amor. A Emily não falou em voz alta, mas continuava a olhar para a "Florence" e para mim, enquanto a boca formava as palavras "Little Baby," que era o nome pelo qual ela havia sempre mencionara a minha filha do espírito. De manhã, mencionei o que tinha visto às minhas filhas mais velhas, e acrescentei: "Eu mal conheci a querida tia Emily, com o seu cabelo penteado para trás daquele jeito."

Essa aparição ocorreu na noite de quarta-feira, e na sexta-feira seguinte viajei até Charmouth para estar presente no funeral, que fora marcado para sábado. Encontrei a minha irmã Cecil diante de mim. Assim que ficamos a sós, ela disse-me: "Estou tão feliz por teres vindo hoje. Quero que arrumes bem a querida Emily no caixão. As criadas tinham-na arranjado antes da minha chegada, mas ela não parece nem um pouco como era. Mas não tenho coragem de lhe tocar. Era já tarde da noite, mas apanhei imediatamente uma vela e acompanhei Cecil até a câmara mortuária. A nossa irmã estava deitada, pálida e calma, com um sorriso nos lábios, tal como ela me aparecera, e com *todo o cabelo preto penteado para trás na testa.*

As criadas tinham-na arrumado assim, pensando que parecia mais arrumada. Foi impossível fazer qualquer alteração até de manhã, mas quando a nossa querida irmã foi levada para o túmulo, o cabelo a emoldur-lhe o rosto sem vida nos cachos ondulados em que sempre caía quando solto; tinha uma coroa de lilazes ao redor da cabeça, uma cruz de violetas ao peito, e nas mãos, lindamente moldadas como cera, ela tinha três lírios altos e brancos.

Menciono isso por ela me ter procurado desde então com o aspecto dessas mesmas flores para garantir o seu reconhecimento. Após o funeral, o meu cunhado deu-me os detalhes da sua última doença. Ele disse-me que na tarde de segunda-feira, quando a sua doença se agravara e ela começara (como ele disse) a delirar, ela falava continuamente com o pai, o Capitão Marryat (a quem ela tinha estado reverentemente muito ligada), a quem ela afirmou ter sentado ao lado da cama. A conversa dela era perfeitamente racional e desconexa apenas quando ela esperava uma resposta para as próprias observações que fazia.

Ela falou com ele sobre Langham e tudo o que havia sucedido lá, e expressou particularmente surpresa por ele estar com barba, dizendo: "A barba cresce lá, pai?" Fiquei ainda mais impressionada com esse relato porque o Dr. Norris, como a maioria dos médicos, atribuiu a circunstância inteiramente à imaginação distorcida de um cérebro errante. E, no entanto, o meu pai (que eu jamais vira desde a sua morte) foi-me descrito por vários clarividentes sempre a usar uma barba que ele nunca usara durante a sua vida, pois era moda então os oficiais da marinha usar apenas patilhas. Em todos os seus retractos ele é representado como inteiramente barbeado, e como ele era um homem tão conhecido, alguém poderia pensar que os clarividentes (caso estivessem a dissimular), ao descreverem as suas características pessoais, seguissem os indícios dados pelos seus retratos.

Durante algum tempo após a morte da minha irmã Emily, não soube de mais nada sobre ela e, pelas razões que referi, nunca contei em vê-la de novo até que nos encontrássemos no mundo espiritual. Cerca de dois anos após a sua morte, porém, o meu marido, o Coronel Lean

comprou dois ingressos para uma série de sessões a serem realizadas nas salas da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas sob a mediunidade do Sr. William Eglinton. Esta foi a primeira vez que vimos ou participamos com o Sr. Eglinton, mas ouvimos muito sobre os poderes dele e estávamos curiosos por os testar.

Na primeira noite, que foi um sábado, reunimo-nos com um grupo de doze, todos perfeitos estranhos, nos aposentos que referi, confortavelmente iluminado a gás. O Sr. Eglinton, que é um jovem com tendência para a corpulência, entrou no gabinete, que foi colocado no nosso meio, com espectadores a toda a sua volta. O gabinete era como um armário grande, feito de madeira e dividido em duas partes, sendo a divisória de arame, de modo que o médium pudesse ser trancado com cadeado, e uma cortina fechada na frente de ambos os lados.

Passado um tempo, uma voz apelou-nos para não tivéssemos medo, pois o médium estava a sair para obter mais poder, e o Sr. Eglinton, em estado de transe e vestido com um terno de noite, saiu do gabinete e iniciou um passeio pelo círculo. Ele tocou todos por sua vez, mas não parou até chegar ao coronel Lean, diante de quem permaneceu durante algum tempo, a fazer passes magnéticos pelo rosto e figura dele. Então, virou-se para entrar de novo no gabinete, mas, ao fazê-lo, alguém moveu a cortina de dentro e o Sr. Eglinton *realmente correu a cortina para um lado para permitir que a forma materializada passasse* antes de ele próprio entrar no gabinete. A figura que surgiu foi a de uma mulher vestida com roupa larga e branca que lhe caía até os pés. Os olhos eram negros e os longos cabelos negros caíam-lhe sobre os ombros. Suspeitei na época quem ela seria, mas cada um no círculo estava tão certo de que ela viera para ele ou para ela, que eu não disse nada, e apenas me interroguei mentalmente se seria a minha irmã para que eu pudesse receber uma prova da sua identidade.

Na noite seguinte (domingo), o Coronel Lean e eu estávamos em "sessão" juntos, quando a Emily veio à mesa para nos garantir que era ela quem tínhamos visto, e que ela voltaria na segunda-feira e se mostraria com mais clareza. Eu pedi-lhe para pensar em alguns meio pelo qual ela pudesse provar a sua identidade com o espírito que então nos falava, e ela disse: "Vou erguer a minha mão direita." O coronel Lean advertiu-me para não mencionar essa promessa a ninguém, para que pudéssemos ter certeza da correção do teste. Em conformidade, na noite de segunda-feira reunimo-nos para a nossa segunda sessão com o Sr. Eglinton, e a mesma forma apareceu, e caminhando até muito mais perto de nós, ergueu a mão direita. O Coronel Lean, ansioso para não ser enganado pelos próprios sentidos, perguntou à companhia o que o espírito estava a fazer. "Não consegue ver?" responderam os presentes. "Ela está a erguer a mão."

Nessa ocasião, Emily veio com todas as suas velhas características, e não haveria possibilidade de a confundir (pelo menos da minha parte) sem a prova que ela havia prometido dar-nos.

A garantia seguinte surpreendente que recebemos da sua proximidade aconteceu de uma maneira muito mais inesperada. Estávamos hospedados, no outono do ano seguinte, numa pensão na Rue de Vienne em Bruxelas, com um grande grupo de visitantes Ingleses, nenhum dos quais jamais havíamos visto até entrarmos na pensão. Entre elas encontravam-se diversas moças, que nunca tinham ouvido falar do Espiritualismo, e estavam muito interessadas em ouvir o relato das nossas experiências sobre o assunto. Uma noite, em que eu não passava bem e me mantinha no meu próprio quarto, algumas dessas jovens chamaram o coronel Lean e disseram:

"Oh! venha fazer uma sessão no escuro connosco e conte-nos histórias de fantasmas." Bem, ficar no escuro e contar histórias de fantasmas a cinco ou seis garotas bonitas é uma ocupação à qual poucos homens se oporiam, e logo todos estavam acomodados numa *salle-à-manger* escura e deserta. Entre eles estava uma jovem de dezasseis anos, a Srta. Helen Hill, que nunca havia mostrado mais interesse do que as outras por tais matérias. Depois de ficarem sentados no escuro por alguns minutos, ela disse ao coronel Lean: "Sabe, consigo ver uma senhora do lado oposto da mesa com toda a nitidez, e ela está a abanar a cabeça e a sorrir para si."

O coronel perguntou como era a senhora. "Ela é muito bonita," respondeu a garota, "tem olhos e cabelos escuros, mas parece querer que eu repare no anel que trás no dedo. Ela usa um anel com uma grande pedra azul incrustrada, de uma forma tão engraçada, e ela não para de girar o dedo e de apontar para ele. Ah! agora ela levantou-se e está a andar pela sala. Imagine só! ela está a mostrar os pés para que eu veja. Eles estão nus e muito brancos, mas tem os dedos torcidos!" Então a senhorita Hill ficou com medo e pediu que acendessem o bico do gás. Ela afirmou que a figura se tinha aproximado dela e arrancado a renda dos pulsos.

E quando a luz foi obtida e o vestido dela examinado, um folho de renda que havia sido pregado na manga naquela manhã havia desaparecido por completo. As jovens ficaram nervosas e saíram da sala, e o Coronel Lean, pensando que a descrição que Helen Hill havia feito do espírito coincidia com a da minha irmã Emily, veio directo para mim e surpreendeu-me com a pergunta abrupta se ela havia tido o hábito de usar qualquer anel em particular (pois ele não a vira durante vários anos antes da sua morte).

Eu disse-lhe que o anel favorito dela era uma turquesa bruta - tão grande e irregular que ela costumava chamar-lhe "batata."

"Ela teria alguma peculiaridade em relação aos pés?" continuou ele, ansioso. "Por que queres saber isso?" disse eu. "Ela tinha os dedos tortos, isso é tudo."

"Deus do céu!" exclamou ele, "então ela esteve connosco na *salle-à-mager*." Eu nunca mais encontrei a Miss Hill desde então, e não estou em posição de dizer se ela demonstrou alguma outra faculdade de clarividência; mas certamente que a exibiu naquela ocasião e num grau notável; pois ela nunca tinha ouvido falar da existência da minha irmã Emily, e ficou muito perturbada e aborrecida quando lhe disseram que a aparição que ela havia descrito era realidade e não imaginação.

CAPÍTULO X

A HISTÓRIA DA DAMA DE VERDE

A história que tenho para contar aconteceu há muito pouco tempo, e cada detalhe está tão fresco na minha mente como se o tivesse ouvido e visto ontem. A Sra. Guppy-Volckman há muito que é conhecida no mundo do espiritualismo como uma médium muito poderosa, bem como pelo grande interesse pessoal que tem no espiritualismo, algo que nem todos os médiuns partilham. Além disso, os seus recursos permitem-lhe satisfazer os seus

caprichos, e ao ouvir que certa casa em Broadstairs estava assombrada, sentiu um desejo intenso de averiguar a verdade.

Como a casa estava vazia, conseguiu as chaves junto do senhorio e partiu sozinha numa viagem de descoberta. Na altura, mal tinha recuperado de uma doença extremamente grave, que lhe deixara uma paralisia parcial dos membros inferiores; por isso, conseguiu alcançar a sala de estar, situada no primeiro andar, com grande dificuldade. Ao chegar, largou as muletas e sentou-se no chão para recuperar o fôlego.

A Sra. Volckman encontrava-se agora completamente sozinha. Fechara a porta de entrada atrás de si e, além disso, estava praticamente indefesa, pois só conseguia erguer-se com grande dificuldade e sem ajuda. Era uma tarde de verão, já na hora do crepúsculo, e ela sentou-se no chão nu da casa vazia, à espera do que poderia acontecer. Passado algum tempo (conto esta parte da história exatamente como a ouvi da sua boca), escutou um som de roçagar ou deslizar, como se fosse a cauda de um vestido de seda longa a descer as escadas despidas de alcatifa, vindas do andar superior. A sala onde se encontrava comunicava com outra, que dava para o corredor, e não demorou muito até que a porta entre as duas divisões se abrisse e a figura de uma mulher aparecesse.

A mulher entrou na divisão onde a Sra. Volckman estava, movendo-se com cautela, e começou a percorrê-la, tateando as paredes como se fosse cega ou estivesse embriagada. Vestia um manto de cetim verde, cuja longa cauda se arrastava atrás de si – na parte superior do corpo trazia uma espécie de echarpe de um material branco e brilhante, semelhante a gaze de seda – e na cabeça usava uma touca ou boina de veludo preto, debaixo da qual o seu longo cabelo negro lhe caía pelas costas. A Sra. Volckman, apesar de estar habituada desde sempre a manifestações e aparições de todo o género, disse-me que nunca tinha sentido tanto medo ao ver uma antes. Tentou levantar-se, mas, ao perceber que não o conseguiria fazer rapidamente, gritou de terror.

Mal o fez, a mulher virou-se e correu para fora da sala, aparentemente tão assustada quanto ela. A Sra. Volckman agarrou nas suas muletas, ergueu-se com dificuldade, desceu as escadas e conseguiu sair da casa em segurança. A maioria das pessoas nunca mais voltaria a entrar ali. No entanto, ela, pelo contrário, reuniu-se com o senhorio e, ali mesmo, obteve o contrato de arrendamento da casa e tomou posse dela. Assim que a casa foi mobilada e ficou pronta para ser habitada, convidou um grupo de amigos para ir até Broadstairs e conhecer a "Dama de Verde," conforme a tínhamos batizado.

O Coronel Lean e eu estávamos entre os convidados, juntamente com Lady Archibald Campbell, Miss Shaw, a Sra. Olive, a Sra. Bellew, o Coronel Greck, o Sr. Charles Williams e o Sr. e a Sra. Henry Volckman, formando assim um grupo de doze pessoas, incluindo os anfitriões. Reunimo-nos lá num dia luminoso de julho, e a casa, com as suas amplas divisões e janelas voltadas para o mar, parecia bastante acolhedora. O quarto onde a Sra. Volckman tinha visto a aparição foi mobilado como sala de estar, e a divisão adjacente, separada apenas por uma portière do aposento principal, foi convertida, por conveniência, no seu quarto.

Na primeira noite em que nos sentámos, eram cerca de sete horas, e havia tanta luz que baixámos todos os estores venezianos, o que, no entanto, pouco fez para atenuar a claridade. Não tínhamos um gabinete, nem cortinas, nem escuridão, pois era lua cheia, e as ondas brilhantes e cintilantes eram perfeitamente visíveis através das frestas dos estores.

Limitámo-nos a sentar-nos em volta da mesa, de mãos dadas, formando um círculo ininterrupto, rindo e conversando animadamente.

Passados alguns minutos, a Sra. Volckman disse que algo estava a erguer-se ao seu lado, vindo do chão, e, em pouco tempo, a "Dama de Verde" tornou-se visível para todos nós, de pé entre a médium e o Sr. Williams. Estava exatamente como nos tinha sido descrita, tanto na vestimenta como na aparência, mas o seu rosto era branco e frio como aquele tecido branco, semelhante a gaze de seda.

A Sra. Volckman, habituada a toda a vida a manifestações e aparições, disse-me que nunca tinha sentido um medo tão intenso antes. Tentou erguer-se, mas, ao perceber que não conseguia fazê-lo rapidamente, soltou um grito de terror. Assim que o fez, a mulher virou-se e fugiu da sala, aparentemente tão assustada quanto ela. A Sra. Volckman conseguiu agarrar as suas muletas, erguer-se com dificuldade, descer as escadas e sair da casa em segurança.

A maioria das pessoas jamais voltaria a entrar ali. No entanto, ela, ao contrário, reuniu-se com o senhorio e, ali mesmo, obteve um contrato de arrendamento da casa e tomou posse dela. Assim que a casa foi mobilada e ficou pronta para ser habitada, convidou um grupo de amigos para ir até Broadstairs e conhecer a "Dama de Verde," conforme a tínhamos batizado.

O Coronel Lean e eu estávamos entre os convidados, juntamente com Lady Archibald Campbell, Miss Shaw, a Sra. Olive, a Sra. Bellew, o Coronel Greck, o Sr. Charles Williams e o Sr. e a Sra. Henry Volckman, formando assim um grupo de doze pessoas, incluindo os anfitriões. Reunimo-nos lá num dia luminoso de julho, e a casa, com as suas amplas divisões e janelas voltadas para o mar, parecia bastante acolhedora. O quarto onde a Sra. Volckman tinha visto a aparição foi mobilado como sala de estar, e a divisão adjacente, separada apenas por uma portière do aposento principal, foi convertida, por conveniência, no seu quarto.

Na primeira noite em que nos reunimos, eram cerca de sete horas, e havia tanta luz que baixámos todos os estores venezianos, o que, no entanto, pouco fez para atenuar a claridade. Não tínhamos um gabinete, nem cortinas, nem escuridão, pois estava uma noite de lua cheia, e as ondas cintilantes e dançantes eram perfeitamente visíveis através pelas frestas dos estores. Limitámo-nos a sentar-nos em volta da mesa, de mãos dadas, formando um círculo ininterrupto, a rir e a conversar animadamente.

Passados alguns minutos, a Sra. Volckman disse que algo estava a erguer-se a seu lado, vindo do tapete e, pouco depois, a "Dama de Verde" tornou-se visível para todos nós, de pé entre a médium e o Sr. Williams. Estava exatamente como nos tinha sido descrita, tanto na vestimenta como na aparência, mas o tinha o rosto branco e frio como o de um cadáver, e os olhos estavam fechados. Inclinou-se sobre a mesa e aproximou o rosto de cada um de nós, por sua vez, mas parecia não ter capacidade de falar. Depois de permanecer connosco cerca de dez minutos, afundou-se como tinha surgido, através do tapete, e desapareceu.

Na noite seguinte, sob circunstâncias precisamente idênticas, voltou a aparecer. Desta vez, parecia ter ganho mais vitalidade no seu estado materializado, pois, quando a instei a dizer-me o seu nome, ela murmurou, com grande dificuldade, "Júlia!" E quando Lady

Archibald observou que achava que ela não tinha mãos, o espírito, de repente, estendeu uma pequena mão e agarrou os caracóis da sua testa com tal violência que lhe causou dor.

Infelizmente, os compromissos profissionais do Sr. Williams obrigaram-no a deixar-nos no dia seguinte, e a Sra. Volckman ainda estava demasiado fragilizada pela sua recente doença para conseguir sentar-se sozinha. Por isso, não conseguimos realizar outra sessão para a "Dama de Verde" durante a nossa estadia. Mas não tínhamos visto tudo da sua parte.

Uma certa noite, a Sra. Bellew e eu estávamos sentadas na janela saliente da sala de estar, entre a luz do dia e o lusco-fusco, discutindo um assunto muito privado, quando vi (ou assim pensei) a empregada da nossa anfitriã levantar a portière que separava as divisões e ficar ali parada, numa atitude de escuta. Imediatamente fiz sinal à Sra. Volckman.

"Vamos falar de outra coisa," disse, em voz baixa. "A Jane está no seu quarto."

"Ah, não está, não!" respondeu ela.

"Mas eu vi-a levantar a portière," insisti. "Ela acabou de a deixar cair."

"Estás enganada," replicou a minha anfitriã, "porque a Jane foi para a praia com a garota."

Eu tinha a certeza de que não me enganara, mas calei-me e nada mais disse. Retomámos a conversa e, quando estávamos profundamente envolvidas no delicado assunto, a mulher apareceu pela segunda vez.

"Sra. Volckman," murmurei, "a Jane está mesmo ali. Acabou de espreitar de novo."

A minha amiga levantou-se do seu assento.

"Vem comigo," disse, "e vou convencer-te de que estás errada."

Segui-a até ao quarto, onde me mostrou que a porta que dava para o corredor estava trancada por dentro.

"Estás a ver," continuou, "que ninguém além da 'Dama Verde' poderia ter entrado nesta divisão, a não ser pelo quarto onde estávamos sentadas."

"Então deve ter sido a 'Dama de Verde,'" respondi, "pois eu vi, sem qualquer dúvida, uma mulher de pé na entrada."

"Isso é bem provável," disse a Sra. Volckman. "Mas se ela voltar, terá o trabalho de afastar as cortinas."

E, com isso, desencaixou o reposteiro, que consistia em duas cortinas, e puxou-as por completo, fechando a entrada.

Mal regressámos aos nossos lugares na janela, as duas cortinas foram abruptamente afastadas, fazendo os anéis de latão tilintarem na haste, e a "Dama de Verde" surgiu na abertura por onde tínhamos acabado de passar. A Sra. Volckman disse-lhe para não ter

medo e para sair e falar connosco, mas aparentemente ela não conseguiu fazê-lo, limitando-se a ficar ali, a olhar para nós durante alguns minutos.

Imprudentemente, levantei-me do meu lugar e aproximei-me dela, com a intenção de lhe estender um gesto de amizade, mas ela deixou cair as cortinas sobre a sua figura. Passei imediatamente para o outro lado, mas encontrei o quarto vazio e a porta, como antes, trancado por dentro.

CAPÍTULO XI
A HISTÓRIA DO MONGE

UMA SENHORA chamada Uniacke, residente em Bruges (na Bélgica) que estava de visita à minha casa em Londres, conheceu e teve uma sessão com William Eglinton, com o qual ela ficou tão encantada que imediatamente o convidou para se hospedar com ela no estrangeiro, e quando o meu marido e eu estávamos prestes a ir para Bruges para ver a minha irmã, que também vivia lá, viajamos em grupo - o Sr. Eglinton ficou na casa da Sra. Uniacke, enquanto nós permanecemos com os nossos próprios familiares. A Sra. Uniacke também era médium e já havia experimentado algumas manifestações muito ruidosas e violentas na sua própria casa.

Ela estava, pois, bastante preparada para a visita e havia montado um quarto de hóspedes com um armário e persianas para as janelas, e tudo o que era necessário. Mas, um tanto para seu desgosto, fomos informadas na primeira sessão pelo controlador do Sr. Eglinton, "Joey," de que todas as futuras sessões deveriam ter lugar em casa da minha irmã em vez dessa. Não nos foi revelado o motivo para a mudança; disseram-nos para obedecermos. A casa da minha irmã era bastante peculiar, facto a que eu já aludi, assim como a algumas das visões e ruídos pelos quais foi assombrada, no capítulo intitulado "Ilusões de Ótica." O edifício é tão antigo que a data original se perdeu por completo. Uma pedra colocada em uma das paredes tinha a inscrição de que fora restaurada no ano de 1616. Um plano obsoleto da cidade mostra que ela permanecera na sua presente condição em 1562.

Antes desse período, porém, provavelmente por volta do século XIII, supõe-se, que tenha formado um convento, junto com três casas de cada lado, mas não resta nenhum registo impresso do facto. Por baixo, há passagens subterrâneas, cheias de lixo, que conduzem, ninguém sabe onde. Eu já tinha ficado nessa casa várias diversas antes e sempre senti influências desagradáveis, conforme já contei, especialmente numa grande sala no andar inferior, usada como sala de estar, mas que se diz ter formado originalmente, a capela do convento. Outros sentiram a influência além de mim, embora nunca tinha tido razão para supor que houvesse qualquer causa particular para isso.

Quando demonstramos curiosidade, porém, por descobrir a razão por que "Joey" desejava que realizássemos a nossa sessão na casa da minha irmã, ele disse-nos que o médium não havia sido trazida para Bruges para nosso prazer ou edificação, mas por haver um grande trabalho a ser realizado lá, pelo que a Sra. Uniacke tinha sido expressamente influenciada a convidá-lo, de modo que os efeitos de um poder mais alto do que o seu pudesse cumprir-se. Consequentemente, na noite seguinte, a Sra. Uniacke levou o Sr. Eglinton à casa da minha irmã, e "Joey," tendo sido convidado a escolher um quarto para a sessão, selecionou um '*entresol* '*(NT: Uma extensão, andar intermédio, ou sala de residência)* no andar superior, que conduzia por duas passagens curtas até os quartos. Uma vez as portas do quarto trancadas, foi pendurada uma cortina escura na entrada de uma dessas passagens, e o "Joey" declarou que era um gabinete de primeira classe.

De seguida reunimo-nos na sala de visitas, com a finalidade de escutar música e conversar, pois pretendíamos realizar a sessão ao final da tarde. A equipe consistia apenas do médium, da Sra. Uniacke, da minha irmã, do meu marido, e de mim própria. Depois de entoarmos um ou dois cânticos, o Sr. Eglinton ficou inquieto e afastou-se do piano, dizendo que a influência era forte demais para ele. Ele começou a andar para cima e para baixo na sala, e a olhar fixamente para a porta, ante a qual estava um reposteiro.

Várias vezes ele exclamou com as sobrancelhas franzidas: "Que se passa com essa porta? Há algo muito peculiar nela." Uma vez ele aproximou-se rapidamente, mas a voz do "Joey" foi ouvida por trás do reposteiro, a dizer: "Não chegues muito perto." O Sr. Eglinton de seguida, retirou-se para um sofá, e pareceu estar a debater-se de forma violenta com alguma influência desagradável. Fez o sinal da cruz e depois estendeu os dedos em direção à porta, como se quisesse exorcizá-la; finalmente, explodiu numa gargalhada zombeteira e de desdém que durou alguns minutos.

Em conclusão, surgiu no rosto dele uma expressão diabólica. Ele cerrou os punhos, rangeu os dentes e começou a tatear numa posição agachada em direcção à porta. Concluímos que ele queria chegar à sala onde ficava o gabinete e deixámo-lo prosseguir. Ele rastejou, em vez de caminhar, pelas escadas íngremes da torre, mas ao chegar ao topo, caiu em si próprio de repente e recuou vários degraus.

Felizmente, o meu marido estava mesmo atrás dele e salvou-o de uma queda. Ele queixou-se muito da influência e de uma dor de cabeça, e sentamo-nos à mesa a fim de recebermos instruções. Em alguns segundos, o mesmo espírito tomou posse dele. Ele saiu da mesa e caminhou em direcção aos quartos, ouvindo aparentemente todos os sons, e com a mão a segurar uma faca imaginária que era levantada a cada passo como se estivesse a preparar-se para atacar. A expressão no rosto de Eglinton durante essa possessão foi horrível demais para descrever. As paixões mais vis tomaram forma de maneira tão legível como se tivessem sido rotuladas. Havia um pequeno lance de escadas que levava do *entresol* ao corredor, fechado no topo das escadas por uma porta acolchoada, que havíamos trancado por medo de acidente.

Quando, aparentemente em busca do seu objetivo, o espírito conduziu o médium até essa porta e a encontrou presa, os gemidos que emitiu foram horríveis. Meia dúzia de vezes ele deu a volta exaustiva pela sala, esforçando-se por descer as escadas a fim de conseguir um objectivo qualquer e teve que voltar para nós, a gemer e confuso. A essa altura ele mostrou-se tão exausto que um de seus controladores, "Daisy," tomou posse dele e conversou connosco durante algum tempo.* Perguntamos à "Daisy" o aspecto do espírito que

havia controlado o Sr. Eglinton, e ela disse que ela não gostava dele - que ele tinha uma cara ruim, não tinha cabelo no topo da cabeça, e vestia um hábito longo preto. Disto concluímos que se tratava de um monge ou de um padre. Quando "Daisy" terminou de falar connosco, "Joey" desejou que o Sr. Eglinton fosse ao gabinete; mas assim que ele se ergueu, o mesmo espírito se apossou de novo e o levou a rastejar como antes em direcção aos quartos. Os seus "guias" levaram-no para o gabinete diante dos nossos olhos. Ele foi elevado muito acima das nossas cabeças, cujos pés nos tocaram a cada um de nós, à vez; ele foi então levado além da janela sem persianas, que nos permitiu avaliar a altura a que ele estava do chão, e, por fim, colocaram-no sobre uma grande mesa, dentro do gabinete.

(NT: A referida passagem, no jornal citado mais à frente, esclarece que Daisy a esta altura estabeleceu conversa com eles pela escrita conseguida através do controlo do braço do médium. Daisy tirara o casaco do médium e descobrira o seu braço, e pedira à autora que escrevesse o nome da pessoa mais amada que ela tivesse no mundo do espírito num pedaço de papel. Tendo deixado a mesa sem pensar que o prescrito tivesse muita importância, redigiu o nome de uma querida amiga há muito falecida, mas que trazia bastante na ideia, e logo dobrou o papel. O médium pegou nele conforme lho entreguei, e entregando-o à chama da lamparina queimou-o até ficar em cinzas, com que a seguir esfregou o braço. Num instante apareceram em carateres soltos as palavras "Florence é a mais querida," que eu considerei ser uma repreensão da minha querida filha falecida por eu ter escrito outro que não o nome dela no papel.)

Entretanto, nada de consequente ocorreu, e o "Joey" aconselhou-nos a levar o médium escadas abaixo para a sala de jantar.

Assim, suspendemos a sessão, e durante a ceia o Sr. Eglinton pareceu estar bastante presente em si próprio, e riu connosco em relação ao que tinha ocorrido. Assim que a refeição terminou, porém, a velha inquietação voltou a acometê-lo, e ele começou a andar para cima e para baixo na sala, passando volta e meia para o corredor. Passados alguns minutos, percebemos que o espírito irrequieto o controlava de novo, e todos nós o seguimos. Ele apressou-se na direcção da sala de estar, mas, ao ver que era perseguido, voltou para trás e três vezes pronunciou enfaticamente a palavra "Vai."

Ele então entrou na sala, que estava mergulhada na escuridão, e fechou a porta atrás de si, enquanto esperávamos do lado de fora. Passado pouco tempo, ele reabriu-a e, falando numa voz bastante diferente, disse: "Tragam uma luz! Eu tenho algo a dizer-lhes." Quando nos voltamos a reunir com uma lâmpada encontramos o médium controlado por um espírito novo, o qual 'Joey,' posteriormente nos disse ser um dos seus maiores guias. Indicando-nos para nos sentarmos, ele pôs-se diante de nós e disse:

"Eu fui seleccionado entre os controladores deste médium para lhes contar a história do ser infeliz que tanto os tem perturbado esta noite. Ele acha-se presente agora, e a confissão do crime dele através dos meus lábios o ajudará a livrar-se da condição terrena que o condenou. Há muitos anos atrás, a casa em que estamos agora foi um convento e, por baixo dela, havia quatro passagens subterrâneas que davam para norte, sul, leste e oeste, que se comunicavam com todas as partes da cidade.

(Devo declarar aqui que o Sr. Eglinton não havia sido anteriormente informado de nenhum detalhe relacionado com a história anterior da casa da minha irmã, nem tampouco a Sra. Uniacke nem eu a conhecíamos.)

"Nesse convento, vivia uma mulher muito bela — uma freira e, num dos mosteiros vizinhos, um padre que, contra a lei estrita da sua Igreja, havia concebido e alimentado uma paixão por ela. Era um Italiano que fora obrigado a deixar o seu próprio país, por razões mais do seu próprio conhecimento, e todas as noites ele escapava para esta casa por meio de uma das passagens subterrâneas, e tentava vencer os escrúpulos da freira e fazê-la ouvir a sua história de amor; mas ela, forte na fé, resistiu-lhe. Por fim, enlouquecido um dia em que ela repetiu a recusa, e pela própria paixão de culpa que o acometia, ele escondeu-se num dos quartos a norte no andar superior desta casa, e aí esperou no escuro que ela passasse por ele a caminho das suas devoções na capela; mas ela não apareceu.

Então ele desceu as escadas de forma furtiva, com um punhal debaixo das vestes, e encontrou-a no salão. Ele suplicou-lhe de novo para que ela lhe cedesse, mas uma vez mais ela resistiu-lhe, e ele esfaqueou-a dentro de portas no exacto local em que o médium o percebeu inicialmente. A sua alma pura procurou consolo imediato nas esferas espirituais, mas a dele tem-no acorrentado desde então no cenário do seu terrível crime. Ele arrastou o corpo dela pelas escadas secretas (que ainda existem) até as cavidades que existem por baixo, e escondeu-o na passagem subterrânea.

"Passados uns dias, ele foi junto dela de novo e enterrou-a. Ele viveu por muitos anos desde então e cometeu muitos outros crimes, embora nenhum seja tão ruim quanto esse. É o seu espírito infeliz que pede que as vossas orações o ajudem a progredir. É com esse propósito que fomos trazidos a esta cidade, para que possamos ajudar a liberar a alma miserável que não consegue encontrar descanso."

Eu perguntei: "Com que nome devemos orar por ele?"

"Orem pelo 'Ser angustiado.' Não o tratem por nenhum outro nome."

"Qual é o seu próprio nome?"

"Prefiro permanecer incógnito. Que Deus abençoe a todos e os mantenha no caminho da oração, da verdade e livres de todos os maus caminhos, e os conduza à vida eterna. Amém."

O médium caminhou até o local que ele indicara como a cena do assassinato e ficou ajoelhado durante alguns instantes em oração. Assim foi concluída a primeira sessão em que o monge nos foi apresentado. Porém, no dia seguinte, sentado à mesa apenas com a minha irmã, o nome de "Hortense Dupont" foi-nos transmitido, e a conversa que se segue foi-nos transmitida por batidas:

"Quem é?"

"Eu sou a freira. Eu amava-o. Não consegui evitá-lo. É um alívio pensar que ele terá quem por ele reze."

"Quando foi que ele a matou?"

"Em 1498."

"Como se chamava ele?"

"Não posso contar-lhes."

"E que idade tinha ele."

"Trinta e cinco!"

"E você?"

"Vinte e três."

"Você vem ver-nos amanhã?"

"Não tenho a certeza."

Naquela noite, a mando do "Joey," reunimo-nos às sete. O Sr. Eglinton não sentiu a influência na sala de visitas nesse dia, mas assim que entrou directamente na sala de sessões, foi possuído pelo mesmo espírito. As acções dele foram ainda mais animadas do que na primeira ocasião. Ele observou da janela a chegada da sua vítima através do pátio, e então recomeçou a sua perseguição furtiva, voltando de cada vez da porta trancada que lhe barrava a saída com tais gemidos comoventes que ninguém poderia ouvi-lo e permanecer impassível.

Por fim, a sua agonia foi tão grande, à medida que ele se esforçava uma e outra vez, como um animal amordaçado, por passar as paredes que o separavam do local que queria visitar, enquanto o suor escorria pelo rosto abaixo do médium com a luta, que tentamos levá-lo a falar connosco.

Imploramos em Francês que ele nos contasse o problema e acreditasse que éramos amigos dele; mas ele apenas nos afastou. Por fim, fomos influenciados a orar por ele e, ajoelhados, repetimos todas as conhecidas orações Católicas. Quando começamos o "De Profundis," o médium caiu prostrado por terra e pareceu lutar na sua agonia. Ao entoarmos o "Salve Regina" e a "Ave-maria," ele ergueu os olhos para o céu e cerrou as mãos uma na outra, e por altura do "Pai Nosso" ele pareceu juntar-se a nós. Mas, assim que paramos de rezar as paixões más retornaram, e o seu rosto ficou distorcido como se estivesse sequioso de sangue. Foi uma experiência que ninguém que a tivesse testemunhado jamais poderia esquecer.

Por fim, a minha irmã pegou num crucifixo, que colocamos sobre o seu peito. Não se passaram muitos segundos antes que uma expressão diferente lhe surgisse no rosto. Ele segurou-o com as duas mãos, com força ante os olhos, os lábios e o coração, segurou nele com o braço estendido e beijou-o apaixonadamente, enquanto repetíamos o "Anima Christi." Por fim, estendeu o crucifixo para que cada um de nós o beijássemos; um belo sorriso surgiu no rosto do médium, e o espírito abandonou-o.

Eglinton despertou naquela ocasião terrivelmente exausto. Tinha o rosto alvo como um lençol e tremia violentamente. As primeiras palavras que proferiu foram: "Eles estão a fazer alguma coisa à minha testa. Queimem um pedaço de papel e passem-me as cinzas." Ele esfregou-as entre os olhos, altura em que o sinal da cruz se tornou nitidamente visível,

desenhado em profundas linhas vermelhas na testa. Os controladores então disseram que, exausto como Eglinton estava, devíamos colocá-lo no gabinete, porquanto o trabalho deles ainda não estava concluído. Ele foi consequentemente conduzido em estado de transe à poltrona que estava por trás da cortina, enquanto nós formamos um círculo à frente dele. Em alguns segundos, o gabinete foi iluminado e uma cruz de fogo surgiu do lado de fora.

Como essa manifestação foi vista duas vezes, a cabeça e os ombros de uma freira apareceram a pairar do lado de fora da cortina. A touca branca e a peça que lhe cobria o queixo estavam presos como os "*religiosos*" têm o hábito de os prender, e ela parecia muito ansiosa por se mostrar, aproximando-se de cada um de nós à vez, e reaparecendo diversas vezes. O rosto era o de uma mulher jovem e bonita. "Joey," disse: "Essa é a freira, mas vocês vão entender que esta é apenas uma tentativa preliminar, em preparação para uma materialização mais perfeita." Perguntei à aparição se ela era a "Hortense Dupont" que tinha comunicado através de mim, e ela acenou com a cabeça várias vezes aquiescente. Assim terminou a nossa segunda sessão com o monge de Bruges.

No terceiro dia, estávamos todos sentados para jantar na casa da minha irmã por volta das dez horas da noite, quando ouvimos batidas fortes na sala e, seguindo o alfabeto, "Joey" queria que subíssemos as escadas e nos reuníssemos numa séance, e deixássemos a porta do topo das escadas (que até então tínhamos trancado com receio de um acidente) aberta; foi o que fizemos conforme as instruções. Assim que estávamos sentados à mesa, o médium foi submetido a um transe, e sucedeu a mesma pantomima que eu narrei anteriormente. Ele ficou à espreita da janela que dava para o pátio, e, em silêncio, tateou o caminho ao redor da sala, até se arrastar sobre o seu estômago até às escadas que levavam até à porta acolchoada.

Entretanto, quando ele descobriu que o obstáculo que até então lhe barrara o caminho fora removido (por estar aberta), ele deu um longo suspiro e partiu para a escada da torre, escutando às portas por onde passava para descobrir se estava a ser escutado. Quando ele chegou às escadas, e as desceu, em que tanto tínhamos receado que ele pudesse machucar-se, ele foi levado a descê-las da maneira mais maravilhosa, colocando unicamente a mão sobre as balaustradas, e mergulhando até o fundo num lance.

Colocamos uma lâmpada no corredor, para que, ao segui-lo, pudéssemos observar todas as suas acções. Quando chegou ao fundo da escadaria ele rastejou sobre o seu estômago até à porta da sala de visitas (que originalmente tinha sido a capela) e aí aguardou à escuta, correndo de volta para a sombra toda a vez que ele imaginava ter escutado um ruído.

Imaginem o nosso pequeno grupo de quatro pessoas naquela casa sombria e antiga, as únicas acordadas a essa hora da noite, a observar à luz sinistra de uma lamparina com a luz reduzida, a actuação daquela terrível tragédia. Prendemos a respiração quando o assassino se agachou junto à porta da capela, abrindo-a silenciosamente para espiar o seu interior e, de seguida, recuando com a sua adaga imaginária na mão, pronto para atacar assim que a vítima surgisse.

Por fim, ela lá pareceu chegar. Num instante, ele saltou ao encontro dela, golpeou-a pela primeira vez numa atitude meia-curvada, para então, aparentemente, ao dar com ela ainda com vida, se levantar à altura máxima da sua estatura e esfaqueá-la duas vezes, com golpes diretos dirigidos para baixo. Por um momento ele pareceu paralisado com o que havia feito, recuando com as duas mãos cruzadas na testa.

Então ele jogou-se prostrado sobre o suposto corpo, beijando o chão freneticamente em todas as direcções. Logo, ele despertou com o medo da detecção e ergueu o cadáver de repente nos braços. Ele caiu uma vez sob o suposto peso, mas cambaleou de novo, agarrou-o e arrastou-o pelo chão de pedra enquanto caminhava, até a cabeceira da escada que levava aos porões abaixo, onde ficava a boca de uma das passagens subterrâneas ainda estava por se descobrir.

A porta no início da sua fuga era moderna, e ele não conseguiu abrir a fechadura; assim, impedido de arrastar o corpo pelas escadas, ele jogou-se de novo sobre ela, a beijar o chão de pedra do corredor e a gemer. Por fim, ajoelhou-se no local do crime e começou a rezar. Nos ajoelhamo-nos com ele e, quando escutou as nossas vozes, ele ajoelhou-se na nossa direcção com as mãos estendidas. Sugeri que ele queria o crucifixo de novo e subi a buscá-lo, quando o médium me seguiu. Quando encontrei o que procurava, ele agarrou-o ansioso e, carregou-o até à janela, de onde tantas vezes ficara à espreita, e caiu de joelhos.

Depois de orar durante algum tempo, ele tentou falar connosco. Os lábios moveram-se e a língua mexeu-se, mas ele não conseguiu articular palavra. De repente, ele prendeu as mãos de cada um de nós em volta das suas, e torceu-as de forma violenta. Tentou abençoar-nos, mas as palavras não saíram. O mesmo sorriso bonito que tinha visto na noite anterior irrompeu no seu rosto, o crucifixo caiu-lhe das mãos, e ele caiu prostrado no chão. No instante seguinte, o Sr. Eglinton perguntava-nos onde estava e o que raio tinha sucedido com ele, já que se sentia tão esquisito. Ele declarou sentir-se terrivelmente exausto, mas disse que uma grande calma e paz se tinha abatido sobre ele, apesar da fraqueza, e acreditava que algum grande bem havia sido realizado. Ele não foi de novo posto em transe, mas o "Joey" ordenou que apagássemos a luz, e falou-nos por meio de voz direta e disse-nos o seguinte: -

"Vim para lhes dizer o que sei que os vai deixar muito felizes por ouvirem que, através do poder do médium, e do nosso poder e do grande poder de Deus, o espírito infeliz que lhes confessou o crime é liberto esta noite da parte mais pesada do seu fardo — o facto de estar acorrentado à terra. Não quero dizer que ele seja levado de imediato para as esferas, por ele ainda ter muito o que fazer para alterar as condições sob as quais ele trabalha, mas o pior já passou. Este foi o trabalho especial que o Sr. Eglinton foi trazido a Bruges para fazer, e o Ernest e eu podemos realmente dizer que, durante todo o curso do controlo que exercemos sobre ele, nunca precisamos usar tanto os nossos próprios poderes, nem pedir com sinceridade a ajuda de Deus, como nos últimos três dias.

"Todos vocês ajudaram num bom trabalho — a libertar a pobre alma da terra, e a colocá-la o no caminho certo, e *nós* estamos-lhes gratos e ao médium, assim como ele próprio. Ele será capaz de progredir rapidamente agora até chegar à sua esfera adequada, e daqui em diante os espíritos dele e da mulher que ele assassinou trabalharão juntos no sentido de desfazer para outros os danos que eles causaram a si próprios.

"Ela regozija-se na sua elevada esfera pelo trabalho que temos feito por ele, e será a primeira a ajudá-lo e a acolhê-lo no alto. Há muito mais espíritos presos à terra nesta casa e nas casas vizinhas que sofrem como ele sofreu, embora não na mesma extensão, nem pela mesma razão. Mas todos pedem e precisam da vossa ajuda e das vossas orações, e este é o maior e mais nobre objectivo do Espiritualismo — ajudar os espíritos pobres e infelizes a libertar-se da terra e a progredir para o alto. Passado um tempo quando este espírito

puder controlar o médium com calma, ele apresentar-se-á e lhes contará, através dele, toda a sua história e como ele veio a cair (em tentação). Enquanto isso, queremos agradecer-lhes muito por nos permitirem extrair tanta força de vós e por nos ajudarem com a vossa simpatia, e espero que vocês venham a acreditar que eu venha a permanecer para sempre, vosso afeiçoado amigo, Joey."

* * *

Esse relato, com muito pouca alteração, foi publicado no jornal *Spiritualist*, em 29 de Agosto de 1879, quando as nossas *sessões* tiveram lugar. Entretanto esta história tem uma sequela, que é quase tão notável quanto ela própria, e que não apareceu impressa até agora. De Bruges, nessa ocasião, eu e o meu marido fomos a Bruxelas, onde nos distraímos por meios muito diferentes de algo tão sério quanto o Espiritualismo. Estavam a decorrer muitas vendas em Bruxelas naquele momento, e um de nossos divertimentos era fazer um tour pelas salas de salões e inspecionar os artigos colocados para concorrência. Durante uma dessas visitas, eu senti-me muito atraída por um grande quadro a óleo numa moldura maciça que media cerca de um metro ou oitenta a dois metros quadrados. Ele retractava um homem vestido de um monge franciscano — isto é, uma túnica de sarja marrom, amarrada com cordas pela cintura — ajoelhada em oração com as mãos estendidas sobre um montão de brasas ardentes. Ele fora rotulado no catálogo como a imagem de um monge espanhol da ordem de São Francisco Xavier e era evidentemente uma pintura de um certo valor.

Senti-me atraída a vê-lo durante vários dias seguidos antes da venda e disse a meu marido que lhe cobiçava a posse. Ele riu e disse que iria alcançar muito mais dinheiro do que nos poderíamos dar ao luxo de dar para ele, opinião essa com que concordei. O dia da venda, entretanto, encontrou-nos nos nossos lugares para assistir à acção, e quando a foto do monge foi exibida, ofereci uma pequena quantia por ele. O coronel Lean olhou para mim com espanto, mas eu disse-lhe num sussurro que estava apenas a brincar e que devia parar por volta dos cem francos. Entretanto a licitação estava muito fraca e para minha surpresa, o quadro foi arrebatado por mim por setenta e dois francos. Eu mal podia acreditar que aquilo era verdade. Mal a venda foi concluída, os corretores rodearam-me a perguntar o quanto eu iria exigir pelo quadro, e disseram-me que não tinham pensado em licitar até que ele tivesse alcançado algumas centenas de francos.

Mas eu disse-lhes que havia conseguido a minha barganha e que pretendia ficar com ela. Quando voltamos no dia seguinte para fazer preparativos para que nos fosse enviado, o leiloeiro informou-nos que só a moldura em que fora enviado para venda havia custado trezentos francos, de modo que fiquei bastante satisfeita com a minha compra. Essa ocorrência ocorreu pouco antes de retornarmos a Inglaterra, onde chegamos muito antes do quadro, que, como muitos outros, foi deixado para nos seguir por uma rota mais barata e mais lenta. No domingo seguimte à nossa chegada a casa (sem que tenhamos visto quaisquer amigos entretanto), fomos a Steinway Hall para escutar a palestra do Sr. Fletcher. À sua conclusão, ele passou como de costume a um estado de transe e descreveu o que via diante dele. Em meio à menção que nos fez da visão de pessoas, lugares e incidentes que não eram do nosso conhecimento, de repente exclamou:

"Agora vejo uma coisa muito estranha, completamente diferente de tudo que já vi antes, e mal sei como descrevê-la. Um homem chega diante de mim - um estranho - e numa veste pertencente a alguma ordem monástica, uma túnica marrom de pano grosso ou flanela, com uma corda em volta da cintura e contas penduradas, pés descalços e uma cabeça rapada. Ele

está a arrastar um quadro para a plataforma, uma pintura muito grande numa moldura, que me parece um retrato dele próprio, ajoelhado sobre uma camada de lenha em brasa. Não! Eu estou errado. O homem diz-me que a imagem não é um retrato dele próprio, mas do fundador da sua Ordem, e diz que está na posse de algumas pessoas que se encontram neste salão esta noite.

"O homem pede-me para dizer a essa gente que foi o seu espírito que os influenciou a comprar este quadro em algum lugar sobre as águas, e que ele o fez, a fim de que eles pudessem manter na lembrança o que fizeram por ele. E deseja que eles pendurem esse quadro em alguma sala onde possam vê-lo todos os dias, para que nunca esqueçam a ajuda que os espíritos nesta terra podem prestar pelas suas orações aos espíritos que já passaram. E ele estende-lhes por meu intermédio os seus sinceros agradecimentos pela assistência que lhe prestaram, e diz que não está longe o dia em orará por si e por eles, para que a bondade deles volte a eles próprios."

O quadro a óleo chegou à Inglaterra em segurança algumas semanas depois, e foi pendurado sobre a lareira na nossa sala de jantar, onde permaneceu, um objecto familiar para todos os nossos amigos conhecidos.

CAPÍTULO XII
A MEDIUNIDADE DE MISS SHOWERS

Algum tempo antes de ter o prazer de conhecer a Miss Showers, ouvi, através de amigos que viviam no oeste de Inglaterra, falar dos poderes misteriosos e maravilhosos possuídos por uma jovem da sua convivência, que era seguida por vozes no ar, as quais conversavam com ela e cujos donos diziam ter-se tornado visíveis. Ouvi estas histórias com curiosidade, ainda mais porque os meus informantes não acreditavam de forma alguma no Espiritualismo e consideravam que os fenómenos se deviam a truques. Ao mesmo tempo, cresceu em mim um grande desejo de conhecer aquela rapariga de dezasseis anos que, sem qualquer benefício ou objetivo aparente, era tão hábil a ponto de mistificar todos à sua volta.

Quando ela e a mãe vieram para Londres, fui dos primeiros a pedir uma apresentação, e jamais esquecerei as experiências que tive com ela. Foi a primeira médium particular através da qual os meus amigos falecidos regressaram para conversar comigo; e só um espiritualista pode compreender a bênção de receber comunicações espirituais através de uma fonte que está acima de qualquer suspeita. Já escrevi extensivamente sobre Miss Showers em *A História de John Powles*. Ela era uma criança em comparação comigo, pois a sua vida mal tinha começado quando a minha estava virtualmente terminada, e nem ela nem qualquer membro da sua família tiveram jamais a oportunidade de conhecer sequer os nomes dos meus antigos amigos.

No entanto (conforme relatei), o John Powles fez da Miss Showers o seu porta-voz especial, e a minha filha "Florence" (então ainda uma criança) também apareceu através dela, embora a intervalos longos e de forma um tanto tímida. Os seus próprios controladores espirituais, ou "espíritos do gabinete" (como lhes chamam na América), ou seja, aqueles que estão sempre junto ao médium e ajudam os espíritos visitantes a manifestarem-se – o "Peter," a "Florence," a "Leonor" e a "Sally" – tornaram-se muito familiares para mim e deram-me oportunidades raras de testar a mediunidade dela.

De facto, durante um período, pediam sempre que eu estivesse presente nas sessões, o que me fez sentir-me altamente privilegiada. E posso mencionar aqui que a Miss Showers e eu estávamos tão em sintonia espiritualmente que as suas manifestações eram sempre muito mais fortes na minha presença. Não podíamos sentar-nos lado a lado a uma mesa de chá ou jantar, sem qualquer intenção ou desejo de realizar uma sessão, sem que ocorressem manifestações à plena luz.

Uma mão, que não pertencia a nenhuma de nós, surgia por baixo da toalha, entre nós – uma mão com força suficiente para agarrar as nossas – ou os nossos pés eram apertados ou empurrados por baixo da mesa, ou dedos apareciam subitamente e levavam a comida dos nossos pratos. Algumas das suas brincadeiras eram inconvenientes. Já tive o conteúdo de um copo que levava aos lábios derramado inteiramente sobre o meu vestido.

Era geralmente sabido que os nossos poderes eram simpáticos, e por fim o "Peter" deu-me permissão – ou melhor, ordenou-me – que me sentasse no gabinete com a "Rosie", enquanto as manifestações ocorriam do lado de fora. Ele costumava dizer que eu não significava para ele mais do que um espírito.

Certa noite, o "Peter" chamou-me para dentro do gabinete (que era simplesmente um grande armário embutido numa das extremidades da sala de jantar) antes do início da sessão e disse-me para me sentar aos pés da médium e "ser uma boa menina e ficar quieta." Miss Showers estava sentada numa cadeira baixa, e eu sentei-me com os braços apoiados no seu colo. Ela não entrou em transe, e conversámos o tempo todo.

De repente, sem qualquer aviso, duas figuras apareceram ao nosso lado. Não seria capaz de dizer de onde tinham surgido. Não as vi emergir do chão nem descer do teto. Simplesmente apareceram lá – o "Peter" e a "Florence" (não a minha filha, mas o espírito controlador de Miss Showers que usa o mesmo nome).

O "Peter" enviou a "Florence" para falar com os presentes, e ouvimos a voz dela a interagir com eles, assim como os comentários que faziam sobre ela (apenas uma cortina fina os separava da sala). Mas o "Peter" permaneceu connosco. Na penumbra, não conseguíamos vê-lo distintamente, mas podíamos ouvi-lo e senti-lo claramente. Ele trocou os nossos ornamentos e fitas, tirou os ganchos do nosso cabelo e fez comentários sobre o que se passava lá fora.

Passado algum tempo, a "Florence" voltou para obter mais energia, e ambos os espíritos falaram connosco e tocaram-nos ao mesmo tempo. Durante toda a sessão, os meus braços permaneceram sobre o colo da Miss Showers, e ela esteve acordada e a conversar comigo sobre os espíritos.

Certa noite, numa sessão na casa do Sr. Luxmore, em Hyde Park Square, a entidade "Florence" andou por entre os convidados no salão iluminado durante um longo período – chegou até a sentar-se ao piano e a acompanhar-se enquanto cantava uma canção naquilo a que chamou "a linguagem planetária." Naquela ocasião, a sua aparência era muito semelhante à da médium, e várias pessoas presentes comentaram a semelhança. Suponho que essa dúvida a tenha incomodado, pois, antes de se despedir, pediu luz.

Um pequeno candeeiro a óleo foi-lhe entregue, que ela colocou na minha mão, instruindo-me a segui-la e observar a médium. Obedeci, e a "Florence" conduziu-me até à sala adjacente, onde encontrei Miss Showers reclinada numa poltrona.

A primeira visão dela deixou-me aterrada. Para dificultar qualquer alteração na sua roupa, usava um vestido justo de veludo preto, abotoado atrás, e botas altas com inúmeras fileiras de botões. No entanto, parecia ter encolhido para metade do seu tamanho habitual, e o vestido pendia frouxo sobre o seu corpo. Os seus braços haviam desaparecido, e ao enfiar as mãos pelas mangas do vestido, encontrei apenas pequenos membros atrofiados, como os de uma criança pequena – os dedos alcançavam apenas até onde antes estavam os cotovelos. O mesmo acontecera com os seus pés, que ocupavam apenas metade do espaço dentro das botas. Parecia, de facto, a múmia de uma menina de quatro ou seis anos.

O espírito instruiu-me a tocar-lhe no rosto. A testa estava seca, áspera e ardente, mas do queixo escorria água abundantemente sobre o seu peito. A "Florence" disse-me então: "Quis que a visses porque sei que tens coragem para contar às pessoas o que viste."

Havia uma diferença marcante entre as entidades "Florence" e "Leonor," embora ambas, em certos momentos, se assemelhassem à médium. A "Florence" era mais alta e uma mulher muito bela. A "Leonor" era mais pequena e menos bonita, mas mais viva e atrevida.

Contudo, a "Leonor" sempre me causou uma impressão inquietante. Nunca se formava completamente, e por vezes exibia um pé que parecia feito de argila húmida, sem dedos ou com um número incorreto deles. E em certas ocasiões exalava um odor fétido e putrefato, como se tivesse sido enterrada por algumas semanas e depois desenterrada – um cheiro que nunca senti em outro espírito materializado antes ou depois.

Numa sessão na casa da Sra. Macdougal Gregory, "Leonor" insistiu em andar comigo pelo círculo. Mas o seu cheiro era tão nauseabundo que quase desmaiei e fui obrigada a abandonar a sala para não vomitar.

Naquela noite, após ser chamada repetidamente, a "Leonor" começou a desmaterializar-se diante dos nossos olhos. Então, ergueu-se do chão, flutuando fora da cortina, e pediu-me que colocasse as mãos sob o seu vestido. Ao fazê-lo, constatei que ela já não tinha pernas. A sua voz enfraqueceu, o seu rosto tornou-se indistinto e, num instante, desapareceu por completo.

Certa noite, na casa da Sra. Gregory, depois de concluída a sessão, a "Florence" espreitou por detrás da cortina e pediu-me para entrar. Fiz o que me pediu e encontrei-me em total escuridão. Disse-lhe: "De que serve vir aqui? Não consigo ver nada."

A "Florence" agarrou-me por uma mão e respondeu: "Eu guio-te! Não tenhas medo." Então, alguém me segurou pela outra mão, e ouvi a voz do "Peter" dizer: "Temos-te segura. Queremos que sintas a médium." As duas figuras conduziram-me entre elas até ao sofá onde a Miss Showers estava deitada. Passaram a minha mão por toda a sua cabeça e corpo.

Tal como antes, senti que as suas mãos e pés estavam encolhidos para metade do tamanho habitual, mas o coração parecia ter aumentado proporcionalmente. Quando a minha mão foi colocada sobre ele, saltava para cima e para baixo violentamente, sentia-se como se fosse um coelho ou outro animal vivo aos saltos no seu peito. O seu cérebro ardia como antes, mas as extremidades estavam geladas. Não havia qualquer dúvida sobre o estado anormal em que a médium fora lançada para produzir estas fortes manifestações físicas, que eram, por assim dizer, emprestadas da sua própria vida, e que, segundo me informaram, nunca podiam ser devolvidas integralmente.

Isto parece explicar o deterioramento de saúde que invariavelmente acompanha as manifestações físicas em médiuns de ambos os sexos. Foi também com base nisso que me explicaram o facto de que, em várias ocasiões, quando um espírito materializado foi agarrado e separado à força do médium, se descobriu que tinha sido transformado no próprio médium, sempre com consequências prejudiciais para este. Assim aconteceu, por exemplo, no caso da Florence Cook, quando foi agarrada pelo Sr. Volckman e pelo Sir George Sitwell.

O Sr. Volckman, ao capturar o espírito "Katie King" e verificar que segurava Florence Cook, concluiu que a médium teria encarnado fraudulentamente a entidade. Mas, no devido momento, contarei como estive na mesma sala com a "Katie King", enquanto a Miss Cook jazia em transe entre nós. A médium quase perdeu a vida nessa ocasião devido à súbita rutura do misterioso vínculo que a ligava ao espírito.

A Condessa de Caithness, que esteve presente e permaneceu com a Miss Cook até esta melhorar, contou-me que a jovem teve convulsões durante toda a noite e que, durante algum tempo, se acreditara que não sobreviveria. Se uma médium pode simular a materialização de um espírito, dificilmente será provável que também simule (ou opssa simular) convulsões, ainda mais na presença de um médico que lhe vigia seu leito.

"Vês," disse-me a "Florence," apontando para o corpo reduzido da médium em transe, "que a Rosie está com metade do tamanho e peso habitual. Eu tomei emprestada a outra metade para formar o corpo em que me mostro a ti. Se me agarrares com força, estarás a segurar nela—ou melhor, metade dela—e isso aumentará tanto a ação da parte vital que, se as duas metades não se reunirem, poderás liquidá-la."

"Vês que posso destacar partículas do organismo dela para meu uso e, quando me desmaterializo, restituo-as, devolvendo-lhe o seu tamanho normal. Se alguém me retiver à força, acelera o processo da minha reunião com ela, mas pode prejudicá-la gravemente, pois as partículas do cérebro ou do corpo podem ser danificadas pela violência do choque. Se acreditas que posso retirar essas partículas dela (conforme vês que faço) para tornar o meu corpo invisível visível aos vossos olhos, porque não poderás acreditar que posso fazê-las voltar ao seu lugar no momento em que o perigo se aproxima? Se me concedes o primeiro poder, não vejo razão para me negares o segundo."

Um dia, a Sra. Showers convidou-me para assistir a uma sessão preparada especialmente para amigos que vinham de longe. No entanto, quando cheguei à casa, soube que os amigos não tinham podido comparecer, e a reunião fora adiada. A Sra. Showers desculpou-se pela mudança de planos, mas eu fiquei contente com isso. Tinha participado muitas vezes em sessões com a "Rosie" na presença de outros, mas queria estar com ela completamente a sós e ver o que ocorreria espontaneamente, sem qualquer estímulo da nossa parte.

Assim, requisitámos o salão apenas para nós, trancámos a porta, apagámos as luzes e sentámo-nos lado a lado num sofá. As manifestações que se seguiram não foram todas agradáveis. Foi uma experiência pela qual valeu a pena passar uma vez, mas que não desejaria repetir, e só a relato porque oferece uma prova muito forte de que foi produzida por um poder exterior e totalmente distinto de nós—um poder que, uma vez chamado à ação, já não conseguíamos conter.

Sentámo-nos no escuro durante alguns minutos sem ouvir nem ver nada, quando, sem pensar, exclamei: "Agora, Peter, faz o pior de que fores capaz!" e, estendendo os braços, cantei: "Vem! Porque os meus braços estão vazios."

Num instante, uma grande e pesada figura caiu com força sobre os meus braços estendidos, magoando-me o ombro. Parecia feito de madeira ou ferro, mais do que de carne e osso. O que se seguiu foi um tratamento brutal, difícil de descrever. Era como se a sala estivesse cheia de criaturas materializadas determinadas a mostrar-nos que não deviam ser desafiadas.

Fomos esbofeteadas no rosto e nas mãos, o nosso cabelo foi puxado violentamente e as nossas roupas quase rasgadas do corpo. A minha saia de seda, que era separada do corpete, foi arrancada pela cintura e as aplicações de renda foram rasgadas. O vestido de musselina da Miss Showers também ficou muito danificado. Estávamos completamente aterrorizadas, mas nenhuma súplica ou reclamação fez diferença para os nossos agressores. Ao mesmo tempo, ouvimos o som de asas enormes a bater na escuridão, como se uma multidão de grandes aves ou morcegos estivesse a sobrevoar o quarto. O bater de asas era incessante, e também escutámos um ruído estranho a arranhar as paredes.

No meio dessa confusão, a "Rosie" foi-me arrancada dos braços (que o medo nos levara a agarrar-nos ainda mais uma à outra) e depositada no topo de uma mesa, a alguma distância de mim. O susto foi tal que ela começou a chorar. Desesperada, chamei: "Powles, onde estás? Não podes pará-los?" O meu apelo foi ouvido. A voz do "Peter" exclamou: "Ah, cuidado! Aqui vem Powles!" E, de repente, todo o barulho cessou.

Ouvimos então a chegada do meu amigo do espírito e, no momento seguinte, ele já estava a alisar-nos o cabelo desarrumado e a compor-nos as roupas, e a dizer-me para acender o gás e não ter medo. Assim que pude, obedeci, e encontrei a "Rosie" sentada no centro da mesa, dobrada sobre si própria, mas o resto do quarto e da mobília estavam intactos.

O "Peter" e o seu bando barulhento tinham desaparecido – tal como o "Powles" – e nada restava, a não ser as nossas saias rasgadas e o nosso aspeto descomposto, para provar que aquilo não fora um sonho perverso. O "Peter" não é um espírito maligno—longe disso—mas é muito frívolo e mundano. No entanto, quando consideramos que nove décimos dos espíritos libertos da carne são tão mundanos e frívolos (senão piores) quanto eram em vida, interrogo-me com que direito esperamos receber anjos em seu lugar.

Houve uma altura em que a minha irmã Blanche (que era muito cética quanto à possibilidade dos acontecimentos que eu relatava terem realmente ocorrido diante de mim) esteve hospedada na minha casa em Bayswater. Pedi então à Miss Showers que nos concedesse uma sessão mediúnica no meu próprio lar, e ela, gentilmente, aceitou. Essa foi uma concessão invulgar da sua parte, pois, devido a vários incidentes e escândalos ocorridos com médiuns que foram detidos à força (conforme já mencionei), a sua mãe era naturalmente contra o facto de ela realizar sessões fora do seu próprio círculo. No entanto, ao prometer que não convidaria estranhos, a própria Sra. Showers foi quem trouxe a filha à minha casa.

Não fizemos qualquer preparativo para a sessão, exceto abrir parte das portas dobráveis entre a sala de jantar e o escritório e pendurar uma cortina sobre a abertura. Mas tranquei cuidadosamente a porta do escritório, de modo que a única saída possível fosse através da

sala de jantar, e, para garantir ainda mais a segurança, coloquei contra a porta fechada uma pesada secretária cheia de livros e ornamentos.

Primeiro sentámo-nos na sala de estar do andar de cima, onde havia um piano. As luzes foram apagadas, e a Miss Showers sentou-se ao instrumento e tocou o acompanhamento de uma melodia simples, "Under the Willow She's Sleeping." Quatro vozes acompanharam a sua, ora individualmente, ora em conjunto.

Uma era um barítono, atribuído ao "Peter"; a segunda, um soprano, da "Leonor"; a terceira, um baixo profundo e retumbante, de um espírito que se apresentava como "O Vigário de Croydon," e que cantava com uma voz gorda, pomposa e presunçosa; e a quarta era um trémulo e desafinado falsete de outro espírito, chamado "A Abadessa."

A Sra. Showers contou-me que eram as mesmas vozes que, pela primeira vez, começaram a seguir a sua filha pela casa em Devonshire, dando-lhe a fama indesejável que lá angariara. As quatro vozes eram perfeitamente distintas umas das outras e, por vezes, misturavam-se de forma tão ridícula e se atropelavam mutuamente, que transformavam a música numa verdadeira mistura – após o que cada um culpou os outros pelo desarranjo.

"O Vigário de Croydon" sempre requeria enorme solicitude antes de exibir os seus talentos, mas, após começar, era difícil fazê-lo parar. Já "A Abadessa" estava sempre a lamentar-se de não lhe permitirem cantar os solos. Também se ouviu a voz de uma criança a entoar melodias infantis, num doce tom agudo e infantil, mas também se mostrava muito tímida e raramente se fazia escutar em omaração com as demais.

"Tudo ventriloquismo!", conforme imagino que algum leitor irá exclamar. Se assim fosse, a Miss Showers deveria ter feito fortuna a exibir-se em público. Já ouvi os melhores ventríloquos do mundo, mas nunca vi um capaz de produzir quatro vozes simultaneamente.

Depois da parte musical da sessão, descemos para a sala de jantar, onde o gás estava aceso, e a médium atravessou a divisão até ao escritório, que tinha sido preparado para ela, onde um colchão fora colocado no chão.

"Florence" foi a primeira a aparecer, alta e bela, com um olhar elevado como o de uma freira. Mediu a sua altura em relação à minha de encontro à parede, e verificámos que era dois centímetros mais alta – eu media 1,68m, a médium 1,52m e o espírito 1,73m, uma altura invulgar para uma mulher.

A seguir, apareceu a "Leonor," muito pequena, qu e mais parecia uma criança de quatro ou seis anos. Mas, diante dos nossos olhos, ela cresceu até que a cabeça ficasse ao nível da minha. Pediu-nos que notássemos que não estava a usar nenhuma peça de roupa da "Rosie".

Disse-nos que uma vez tinha "tomado emprestada" uma peça do vestuário da médium, e a Sra. Showers reconheceu-a, subiu ao quarto a meio da sessão e descobriu-a em falta na gaveta da filha. Ficou tão zangada com o incidente (com receio de que a reputação de Rosie pudesse ser posta em causa) que proibiu à "Leonor" o facto de voltar a fazer tal coisa, sob pena de ser afastada das sessões.

Então, num tom um pouco atrevido e de desafio, a "Leonor" pediu à Sra. Showers que confirmasse que, naquela noite, tudo o que vestia era dela, e não da médium.

Depois dela, surgiu uma entidade completamente diferente das outras duas, que se apresentou como a "Sally" e disse ter sido cozinheira em vida.

Era uma daquelas presenças espirituais cujas razões para regressar à Terra são difíceis de compreender. Embora sagaz, inteligente e divertida, tinha uma maneira rude e pouco refinada, e, à primeira vista, parecia ainda mais materialista do que nós próprias.

Mas, não nos interrogaremos tantas vezes o mesmo sobre certas pessoas que ainda vivem? "Para que nasceram? Que bem fazem? Porque foram autorizadas a vir?" Só Deus, sem cuja permissão nada acontece, pode responder a isso.

Frequentemente tínhamos de insistir muito para que o "Peter" se materializasse, mas invariavelmente ele recusava-se ou adiava a manifestação.

A desculpa que apresentava era a de que, como a médium era tão pequena, não conseguia obter poder suficiente dela para aparecer como um homem grande, e não queria surgir "com o aspeto de uma rapariga com um chapéu masculino."

"Apareci uma vez à Sra. Showers," disse ele, "e ela declarou que eu era a 'Rosie' disfarçada. Por isso, resolvi nunca mais me mostrar."

No final daquela sessão, porém, o "Peter" pediu-me para ir ao escritório ver como acordava a médium. Quando entrei e fui até ao colchão, encontrei a Miss Showers deitada em sono profundo, enquanto o "Peter," materializado, estava sentado a seus pés. Ele fez-me sentar a seu lado, pegou na minha mão e guiou-a sobre o seu rosto, para que eu pudesse senti-lo.

Depois, começou a despertar a "Rosie," sacudindo-a e tratando-a pelo nome, enquanto me segurava pela mão. No momento em que Miss Showers bocejou e despertou do transe, a mão escorregou da minha e "Peter" evaporou-se. Quando ela se sentou, disse-lhe suavemente: "Estou aqui! Peter trouxe-me e esteve sentado ao meu lado no colchão até há pouco."

"Ha, ha!", riu a sua voz junto ao meu ouvido, "e ainda estou aqui, queridas, embora não me consigam ver."

Quem poderá explicar tais coisas? Já as testemunhei vezes sem conta e, no entanto, até hoje, não consigo fazer mais do que acreditar e maravilhar-me.

Joey

CAPÍTULO XIII
A MEDIUNIDADE DE WILLIAM EGLINTON

Nas histórias que relatei sobre a "Emily" e "O Monge," fiz diversas referências aos extraordinários poderes exibidos por William Eglinton, mas os fenómenos mencionados não foram, de modo algum, os únicos que testemunhei através da sua mediunidade. Na sessão em que ocorreu a aparição da minha irmã Emily, o espírito controlador de Eglinton, "Joey," mostrou-se muito ativo. O "Joey" é um homem notavelmente pequeno – talvez dois terços mais leve do que o médium – e parece-se mais com um pequeno jóquei, embora afirme ter sido um palhaço em vida e reivindique ser o espírito do imortal Joe Grimaldi.

Sempre nos apareceu num traje branco justo, semelhante a um macacão de malha, o que o faz parecer ainda menor do que é. Costuma falar incessantemente, quer esteja visível ou invisível, e é um dos controladores espirituais mais inteligentes e benevolentes que conheço. Além disso, tem um caráter muito devoto, pelo qual, talvez, o público lhe conceda tão pouco crédito agora como o fez quando estava na Terra.

Na primeira vez em que nos encontramos nas Salas da Russell Street, o "Joey" não se mostrou até ao final da sessão, mas falou sem parar sobre os outros espíritos que se manifestaram. A minha irmã foi, conforme disse, a primeira a aparecer – depois veio uma aparição verdadeiramente extraordinária. No chão, a cerca de um metro do gabinete, surgiu apenas uma cabeça – a cabeça e a garganta de um homem moreno, com barba e bigode negros, coroada pelo turbante branco típico dos nativos orientais. A entidade não falou, mas revirava os olhos e mexia os lábios, como se tentasse articular palavras, mas sem sucesso.

O "Joey" disse que o espírito viera para o Coronel Lean e que fora decapitado. O coronel não conseguiu reconhecer os traços da entidade, mas, curiosamente, estivera presente na execução de dois nativos no Japão, condenados por terem assassinado oficiais ingleses. Concluímos, com base na descrição do "Joey," que aquela devia ser a cabeça de um deles. Ajoelhei-me no chão e aproximei o meu rosto do da entidade para garantir que não havia corpo algum oculto pela cortina do gabinete. Posso afirmar que era apenas uma cabeça, apoiada no pescoço – os olhos moviam-se, as feições agitavam-se, mas não havia nada mais no chão.

Tentei falar com ela, e percebi claramente o esforço que a entidade fez para me responder. A boca abriu-se, a língua projetou-se para fora e produziu um som surdo, mas não conseguiu formar palavras. Após algum tempo, a cabeça afundou-se pelo chão e desapareceu. Se esta não foi uma das aparições mais agradáveis que testemunhei, foi sem dúvida uma das mais extraordinárias. Não havia qualquer possibilidade de truque ou ilusão. A cabeça decapitada esteve sempre à vista da audiência, e os seus traços e expressões eram claramente os de um nativo oriental.

Depois dessa aparição, manifestaram-se dois ou três espíritos de ingleses, amigos de outros presentes na sessão. Então, o "Joey" declarou que nos ensinaria a "fazer musselina." Saiu completamente do gabinete e, diante de todos, começou a lançar as mãos ao ar, como se estivesse a fazer malabarismo, dizendo:

"É assim que fazemos vestes para as senhoras!"

Enquanto o fazia, um pequeno pedaço de musselina apareceu-lhe nas mãos. Continuou o movimento, e a delicada matéria foi-se acumulando e crescendo diante dos nossos olhos, formando ondulações de tecido que subiam acima da cabeça do "Joey" e caíam sobre o seu corpo, cobrindo-o completamente. Ele continuou a falar por baixo da pilha de musselina, dizendo-nos para nos lembrarmos do método, quando, num piscar de olhos, o tecido se alçou no ar e, diante de nós, e apareceu a alta figura do "Abdullah", o guia oriental de Eglinton.

Não houve escuridão. Não houve pausa. A musselina permaneceu exatamente onde tinha sido "fabricada," até que o "Joey" desapareceu e o "Abdullah" emergiu por baixo dela. Bem, "Abdullah" não é um espírito fácil de ocultar. Mede 1,88m de altura – uma estatura notável para um nativo – e o seu alto turbante torna-o ainda mais imponente. É um homem belíssimo, de nariz aquilino e olhos negros brilhantes. Acredito que seja persa de nascimento, pois o seu tom de pele e os seus traços são inequivocamente orientais. Não fala inglês, mas faz continências constantemente, e aproxima-se dos presentes quando solicitado, permitindo-lhes examinar as joias que usa em grande quantidade no turbante, nas orelhas e no pescoço, ou para lhes mostrar que perdeu um braço, sendo o coto claramente visível por baixo das suas vestes finas.

"Abdullah" possui todas as características de um oriental, inconfundíveis para quem, como eu, já conviveu com eles em vida. O seu corpo é longo, esguio e flexível, e consegue curvar-se até o chão e levantar-se com uma agilidade e graça incríveis. Quem pudesse supor, nem que por um só instante, que Eglinton poderia "disfarçar-se" de Abdullah, só poderia ser um tolo. Seria impossível a qualquer um imitar os movimentos ágeis e elásticos de um nativo, mesmo que tivesse tempo e ajuda para se vestir para o papel. Além disso, as mãos e os pés do "Abdullah" possuem todas as características típicas do seu povo – estreitos, longos e de aparência sem nervos, embora eu tenha ouvido dizer que pode aplicar uma força impressionante com a sua única mão quando deseja impor respeito.

Ele sempre nos tratou com a máxima cortesia, mas não é um espírito particularmente afável ou familiar. Quando o "Abdullah" se retirou, o "Joey" afastou a cortina do gabinete e mostrou-nos o médium e a si próprio. Lá estava Eglinton, vestido a rigor, com o fraque e a camisa impecavelmente engomada, reclinado na cadeira num sono profundo – enquanto o "Joey" estava sentado a cavalo nos seus joelhos, o seu fato branco a contrastar fortemente com as calças pretas do médium. Enquanto estava assim posicionado, o "Joey" beijou o Eglinton várias vezes e brincou com ele, dizendo-lhe para acordar e não parecer tão carrancudo.

Depois, perguntou aos presentes se todos o viam claramente e estavam convencidos de que não era o médium, desejou-nos as bênçãos de Deus, e as cortinas fecharam-se novamente sobre esta cena incompreensível. Mais tarde, Eglinton tornou-se um amigo íntimo da nossa família, e tivemos muitas oportunidades de participar em sessões com ele. Porém, até hoje, jamais testemunhei nada mais maravilhoso do que aquilo que presenciei na nossa primeira sessão juntos.

Quando Eglinton nos acompanhou a Bruges (conforme narrado na história de "O Monge"), o "Joey" fez questão de nos provar, de forma irrefutável, que não era uma "emanção" do médium, mas sim um ser completamente separado e distinto.

A casa da minha irmã, construída segundo um modelo muito antigo, possuía todos os quartos interligados entre si. O rés do chão, onde geralmente nos reuníamos, servia de elo de ligação entre seis quartos, todos em comunicação uns com os outros, sendo que apenas o primeiro e o último tinham entrada a partir do rés do chão. Colocámos o Sr. Eglinton no quarto nº 1, trancamos a porta de ligação com o quarto nº 2, de forma que a única saída possível fosse pelo nosso círculo, onde nos sentamos à volta da cortina, atrás da qual pusemos a sua cadeira.

Após se ter mostrado do lado de fora da cortina, o "Joey" informou-nos que iria atravessar a porta trancada e entrar nos quartos nº 2, 3 e 4, trazer algo de cada um para nós. Pouco depois, ouvimos a sua voz no quarto nº 2, a comentar tudo o que via por lá. Depois passou para o quarto nº 3, e assim sucessivamente, percorrendo os quartos até aparecer na porta de comunicação do quarto nº 5, atirando para o rés do chão vários objetos retirados de cada divisão. Em seguida, ordenou-nos que levantássemos a cortina e inspecionássemos o médium. Fizemo-lo e encontramos o Eglinton profundamente adormecido na sua cadeira, com a porta atrás dele ainda trancada. Depois, o "Joey" regressou pelo mesmo caminho e apareceu novamente do lado de fora do gabinete, enquanto a chave da porta trancada permaneceu o tempo inteiro na nossa posse.

O "Ernest" é outro controlador espiritual bastante conhecido do Eglinton, embora raramente se manifeste, a menos que seja para oferecer um teste extraordinário ou um conselho importante. É um espírito de personalidade profunda e séria, como o próprio nome sugere, e o seu símbolo é uma cruz de luz, que pode ser grande ou pequena, mas sempre brilhante e luminosa.

O "Ernest" raramente se materializa por completo, geralmente apenas o seu rosto aparece no meio do círculo – uma manifestação muito mais convincente para um cético do que a aparição de um corpo inteiro, que pode sempre ser atribuído a fraude do médium. Sempre que se manifesta, fala diretamente, numa voz grave e suave, completamente distinta do tom agudo e brincalhão do "Joey." A sua presença é um sinal certo de uma reunião bem-sucedida e harmoniosa.

Outro dos espíritos controladores de Eglinton é a "Daisy," uma jovem índia norte-Americana, mas só a ouvi falar enquanto o médium estava em transe. Não sei qual destes espíritos é responsável pelas escritas espontâneas no corpo, um fenómeno no qual o Eglinton tem grande sucesso. Por vezes, parece ser o "Joey"; noutras ocasiões, parece ser o "Ernest."

Uma certa noite, enquanto jantávamos com a família, formulei o pedido mental a "Joey" de escrever algo numa parte do corpo do médium que ele não conseguisse alcançar com as mãos. Queria assim provar que a escrita não podia ter sido preparada anteriormente com substâncias químicas, como algumas pessoas costumavam alegar. Pouco depois, notámos que o Eglinton parou de comer, começou a mexer-se inquieto e pareceu sentir desconforto. Quando lhe perguntámos o que se passava, ele corou, gaguejou e não soube explicar o que sentia. Por fim, levantou-se abruptamente da mesa e pediu licença para se retirar para o seu quarto.

Na manhã seguinte, contou-nos que, durante o jantar, a irritação nas costas se tornara insuportável, como se estivesse coberta de erupções cutâneas. Quando se olhou ao espelho, viu que tinha uma frase escrita nas costas, mas só conseguiu distinguir algumas palavras, pois o reflexo estava invertido. E como não havia nenhum outro homem na casa, não podia pedir ajuda a ninguém para ler o que estava escrito.

Certa vez, sem o consultar, coloquei um pequeno cartão e um pedacinho de grafite entre as páginas de um volume do "Leisure Hour." Depois, pedi-lhe para segurar o livro comigo sobre a mesa de jantar, e me garantisse que nunca o soltaria. O livro era tão espesso que, mais tarde, até tive dificuldade em encontrar o cartão novamente. O Eglinton apenas pousou a sua mão sobre a minha, que repousava sobre o livro. Enquanto o fazia, o suor escorria-lhe pelo rosto, mas não houve nenhum outro sinal de poder sobrenatural. Sinceramente, não esperava encontrar escrita no cartão. Mas, quando o sacudi para fora das páginas, descobri que nele havia uma carta completamente preenchida, assinada pela minha falecida filha "Florence."

Dizia o seguinte:

"Querida Mamã,

Estou tão feliz por poder comunicar contigo de novo e demonstrar, através de um facto real, que estou realmente presente. É claro que compreendes que não fui eu mesma quem escreveu esta mensagem. O "Charlie" está aqui comigo, assim como muitos outros, e todos te enviamos o nosso amor.

Tua filha,
FLORENCE."

A mediunidade de Eglinton abarca várias formas de fenómenos, como se pode perceber tanto pelos seus próprios relatos como pelo testemunho doa seus amigos. Uma narrativa sobre o seu trabalho espiritual, intitulada "Twixt Two Worlds", foi escrita e publicada por John T. Farmer, contendo descrições exaustivas dos seus dons extraordinários. Nesse livro, aparecem vários relatos escritos por mim, que, para benefício dos leitores que ainda não o conhecem, irei repetir aqui. O primeiro é a história de "O Monge", que já relatei detalhadamente no Capítulo XI deste livro.

O segundo trata-se de uma sessão realizada em 5 de setembro de 1884. O círculo era composto pelo Sr. e a Srª. Stewart, o Coronel e a Srª. Wynch, o Sr. e a Srª. Russell-Davies, o Sr. Morgan, o Coronel Lean e eu. Realizou-se nos aposentos privados de Eglinton, na Quebec Street. Sentámo-nos na sala da frente, com um queimador de gás aceso, e trancámos devidamente a porta. O médium retirou-se para o quarto dos fundos, separado da sala por cortinas. Menos de dois minutos depois, um homem surgiu por entre as cortinas e caminhou diretamente para o nosso meio.

Era um homem corpulento e muito moreno, e a maioria dos presentes comentou que ele exalava um cheiro muito peculiar. Ninguém o reconheceu, e, depois de aparecer duas ou três vezes, retirou-se. Foi imediatamente sucedido por uma mulher, muito parecida com ele, que também não foi reconhecida e se retirou. Antes de desaparecerem, os dois espíritos voltaram juntos e pareceram examinar atentamente os membros do círculo.

Após uma breve pausa, um homem mais baixo e franzino avançou, movendo-se de forma estranha e furtiva. O Coronel Lean pediu-lhe para lhe dar um aperto de mão, ao que o espírito respondeu agarrando-a e quase o derrubando da cadeira. Depois, cruzou a sala e repetiu a proeza com Sr. Stewart. Quando lhe pedi que reparasse em mim, segurou a minha mão e apertou-a firmemente entre as suas.

Mal ele desapareceu, o "Abdullah," com o seu metro e oitenta e oito de altura e um único braço, apareceu diante de nós, a saudar-nos respeitosamente. Depois, surgiu a minha filha "Florence", já com 19 anos, muito esguia e delicada. Aproximou-se duas ou três vezes, e aproximou-se o sufuciente para me tocar com a mã, as ma receu receosa de se aproximar mais. Mas logo regressou, trazendo Eglinton pela mão. Ele estava em transe profundo, e respirava com dificuldade.

"Florence" pegou-me pela mão, trouxe-o até ao meu lado quando ele desprendeu as minhas mãos das dos presentes de cada um dos meus lados, e fazendo com que eu me levantasse, colocou-me nos braços a minha filha.

Enquanto ela permanecia envolvida no meu abraço, sussurrou-me algumas palavras relativas a um assunto somente do meu conhecimento e colocou a minha mão sobre o seu coração, para que eu pudesse sentir que era uma mulher viva. O coronel Lean pediu-lhe que fosse até à beira dele. Ela tentou e falhou, mas, tendo-se retirado para trás da cortina para reunir forças, apareceu pela segunda vez com o Sr. Eglinton e, chamando o coronel Lean, abraçou-o.

Este é um dos exemplos mais perfeitos registados de uma forma espiritual que foi vista distintamente por dez testemunhas, com o médium à luz do gás. A materialização que surgiu a seguir foi para o Sr. Stewart. Este cavalheiro tinha acabado de chegar da Austrália e era um estranho para o Sr. Eglinton. Assim que viu a figura feminina que lhe acenou para que se aproximasse da cortina e falasse com ela, exclamou: "Meu Deus! Pauline," com uma surpresa e convicção tão genuínas que eram inconfundíveis. O espírito sussurrou-lhe então algumas palavras e, colocando os braços em volta do pescoço dele, beijou-o afetuosamente. Após um momento, dirigindo-se à esposa, disse-lhe que o espírito tinha exatamente a forma e os traços da sua sobrinha Pauline, que haviam perdido no ano anterior. O Sr. Stewart declarou-se inteiramente convencido da identidade da sobrinha e disse que ela tinha o aspeto exato que tivera antes de adoecer. Não devo omitir dizer que o médium também apareceu com essa figura, sendo a terceira vez, numa única noite, em que ele se manifestava juntamente com a forma espiritual.

A aparição seguinte, a sétima da noite, foi a de uma criança pequena, aparentemente com cerca de dois anos de idade, que se apoiava numa cadeira para caminhar. Abaixei-me e tentei falar com o bebé, mas este apenas chorou de maneira inquieta, como se estivesse assustado por se encontrar entre estranhos, e afastou-se. A atenção do círculo desviou-se desta visão ao ver "Abdullah" passar rapidamente entre as cortinas e surgir à vista com a criança, enquanto o Sr. Eglinton aparecia, no mesmo momento, entre as duas formas, criando um verdadeiro *tria juncta in uno (três unidos num)*. Assim terminou a sessão.

A segunda sessão de que escrevo teve lugar no dia 27 do mesmo mês, em circunstâncias muito similares. O círculo, desta vez, era composto por Mrs. Wheeler, Mr. Woods, Mr. Gordon, o Honorável Gordon Sandeman, a minha filha Eva, o meu filho Frank, o coronel Lean e eu. O Sr. Eglinton pareceu, nessa ocasião, ter alguma dificuldade em entrar em transe, e

saía frequentemente para o círculo para recolher poder, o que me levou a suspeitar que teríamos manifestações extraordinárias. A voz do "Joey" pediu-nos qie, sob nenhuma circunstância soltássemos as mãos, pois iam tentar algo muito difícil e poderíamos frustrar os seus esforços no momento da vitória.

Quando o médium finalmente ficou sob controlo na sala de trás, um homem alto, de cabeça descoberta, com cabelo escuro e uma grande barba, apareceu e aproximou-se de uma senhora presente. Ela ficou profundamente emocionada ao reconhecer o espírito, afirmando que era o seu irmão. Chamou-o pelo nome, beijou-o e assegurou-nos de que ele estava exatamente como em vida. A sua emoção foi tão intensa que receamos que desmaiasse, mas, depois de algum tempo, recuperou a calma.

A seguir, ouvimos notas de um clarinete. Disseram-me que o Sr. Woods (um recém-chegado das Antípodas) tinha perdido um irmão em circunstâncias particularmente dolorosas e que esperava (embora sem grandes expectativas) vê-lo naquela noite. Era a primeira vez que via o Sr. Woods, mas a semelhança entre os irmãos era tão notável que, quando um espírito apareceu a segurar um clarinete, não pude deixar de perceber quem era e exclamei: "Oh, Sr. Woods, ali está o seu irmão!" A figura aproximou-se do Sr. Woods e deu-lhe um aperto de mão. Quando ficaram frente a frente, a semelhança entre eles era impressionante, tanto nos traços como na expressão. A cabeça do espírito também estava descoberta, o que era incomum, e coberta de cabelo espesso e encaracolado. Apareceu duas vezes e, em ambas, disse distintamente: "Deus te abençoe!"

A Sra. Wheeler, que conhecera o espírito em vida, ficou assustada com o tom de voz, que reconheceu de imediato; e o Sr. Morgan, que fora um amigo íntimo do falecido na Austrália, confirmou a identificação. Perguntámos ao Sr. Woods o significado do clarinete, que era negro e elegantemente incrustado com prata. Ele explicou-nos que o seu irmão era um excelente músico e que tinha ganho um clarinete idêntico como prémio num concurso musical. "Mas", acrescentou, maravilhado, "o clarinete dele está trancado na minha casa, na Austrália."

A seguir, a minha filha "Florence" surgiu, mas apenas um pouco, o que me deixou desapontada; no entanto, "Joey" explicou que estavam a reservar energia para uma manifestação posterior. Ele então anunciou: "Aqui vem um amigo para o Sr. Sandeman", e um homem, que usava um distintivo e uma faixa maçónica, apareceu e percorreu o círculo, cumprimentando os membros da ordem maçónica com o aperto de mão tradicional.

Era um jovem bem-apessoado e afirmou ter conhecido algumas das pessoas presentes na Austrália, mas ninguém pareceu reconhecê-lo. Foi sucedido por uma figura masculina, que já se havia materializado na sessão anterior. Quando passou pela cortina, uma figura feminina apareceu a seu lado, a segurar uma luz muito brilhante, como se o estivesse a guiar. Ela não passou além da cortina, mas todos na sala a viram distintamente. Devido à sua roupa e tez, havíamos erroneamente apelidado o homem de "O Beduíno"; no entanto, o meu filho, Frank Marryat, que é marinheiro, percebeu então que ele era, na verdade, um indiano oriental, ao dirigir-se a ele em hindustâni, ao que este respondeu em voz baixa.

Alguém lhe pediu que se sentasse entre nós, ao que ele pegou numa cadeira pesada com uma só mão e a ergueu sobre a cabeça. Em seguida, agachou-se à maneira nativa, sentando-se nos calcanhares no chão, e desapareceu de repente, como antes.

O "Joey" então anunciou que iam tentar o experimento de "mostrar-nos como os espíritos eram formados a partir do médium". Esse foi o grande triunfo da noite. O Sr. Eglinton apareceu no nosso meio, em transe. Ele entrou na sala de costas, como se lutasse contra uma força que o empurrava para dentro. Tinha os olhos fechados e a respiração tornava-se cada vez mais difícil. Enquanto se mantinha assim, segurando-se a uma cadeira em que se apouara, uma massa etérea, semelhante a uma nuvem de fumo de tabaco, apareceu no seu quadril esquerdo. Luzes começaram a subir e descer pelas suas pernas, e um véu branco formou-se à volta da cabeça e ombros dele.

A massa crescia e ele respirava com mais dificuldade, enquanto mãos invisíveis puxavam pedaços longos do véu translúcido do quadril dele, que se amalgamavam assim que eram formados e caíam ao chão, sendo substituídos por outros. A nuvem continuou a engrossar e observávamos ansiosamente o processo, quando, num piscar de olhos, a massa se evaporou e um espírito, completamente formado, surgiu ao seu lado. Ninguém poderia dizer como tinha surgido no nosso meio, nem de onde viera, mas estava ali. O Sr. Eglinton retirou-se então para trás da cortina com o espírito recém-criado, mas, num instante, reapareceu (ou foi arremessado para fora) entre nós e caiu no chão. As cortinas abriram-se novamente e a figura completa de "Ernest" apareceu, levantando o médium pela mão. Assim que o viu, o Sr. Eglinton caiu de joelhos, e "Ernest" puxou-o para fora da nossa vista. Assim terminou a segunda destas duas sessões extraordinárias. Os relatos publicados sobre elas foram assinados com os nomes completos e moradas das testemunhas presentes.

Os poderes de William Eglinton abrangem várias fases de fenómenos, entre as quais a levitação é ocorrência comum; de facto, creio que nunca participei numa sessão com ele sem que tivesse sido elevado no ar. Já o vi, em várias ocasiões, erguer-se ou ser transportado para o alto, até que a sua cabeça tocasse no teto e os seus pés ficassem acima das cabeças dos participantes. Numa ocasião, enquanto estava sentado com ele, desenvolveu-se uma manifestação completamente nova. À medida que cada espírito se aproximava, o seu nome era anunciado, escrito no ar com letras de fogo, que circulou ao redor dos presentes. Como os nomes eram de amigos da audiência e não do Sr. Eglinton, e o fenómeno culminou com uma mensagem pessoal escrita para mim da mesma forma, não poderia ser atribuído a um truque previamente ensaiado.

Acompanhei o Sr. Eglinton, como intérprete, a uma sessão profissional em Paris, com cerca de quarenta pessoas, nenhuma das quais falava uma palavra de inglês, enquanto ele, por sua vez, ignorava por completo línguas estrangeiras. Ainda assim, ouvi espíritos franceses e alemães retornarem através dele para conversar com os seus entes queridos, que irradiavam alegria por poderem comunicar de novo. O médium, caso estivesse consciente, não teria sido capaz de compreender ou pronunciar uma única palavra das mensagens que transmitia fluentemente.

Concluirei este testemunho sobre os seus dons relatando uma sessão de escrita em ardósia – um fenómeno muito mal compreendido e alvo frequente de descrédito. Porque algumas pessoas ignorantes e obstinadas, que nunca investigaram devidamente a ciência do espiritualismo, decidem que algo "não pode ser, porque não pode", homens de honra e verdade são considerados charlatães e embustes, enquanto aqueles que acreditam são ridicularizados como tolos e cegos. Contudo, chegará o dia em que se verá qual das duas partes merece realmente esses rótulos.

Há alguns anos atrás, quando comecei a trabalhar com o Sr. Edgar Lee, do *St. Stephen's Review*, percebi que ele se interessava muito pelo espiritualismo, embora nunca tivesse tido oportunidade de o investigar. Por meio da minha intermediação, organizei-lhe uma sessão de teste com William Eglinton. Encontrámo-nos numa tarde na casa do médium, na Nottingham Place, com esse propósito, e sentámo-nos a uma mesa comum na sala de jantar dos fundos para a experiência de escrita em ardósia. A ardósia utilizada na ocasião (já que o Sr. Lee não trouxera a sua, conforme solicitado) era uma que havia sido presenteada ao Sr. Eglinton pelo próprio Sr. Gladstone.

Consistia em duas ardósias de tamanho médio, montadas em molduras de mogno, com dobradiças de caixa e, quando fechadas, eram trancadas com um aloquete Bramah e uma chave. Sobre a toalha da mesa havia uma coleção de pequenos pedaços de giz de várias cores. Na sala da frente, separada de nós por portas de correr, encontravam-se algumas estantes de livros.

O Sr. Eglinton começou por pedir ao Sr. Lee que entrasse sozinho na sala da frente e escolhesse mentalmente qualquer livro de que desejasse ver um excerto transcrito. O Sr. Lee fez o que lhe foi pedido e voltou ao seu lugar sem dar qualquer pista sobre o livro escolhido. A ardósia do Sr. Gladstone foi-lhe então entregue para que a limpasse com uma esponja e água; depois disso, foi-lhe solicitado que escolhesse quatro pedaços de giz e os colocasse entre as ardósias, trancando-as e guardando a chave. As ardósias permaneceram sobre a mesa, à vista de todos, e a mão do Sr. Lee manteve-se sobre elas o tempo todo. Tudo o que o Sr. Eglinton fez foi colocar a sua mão acima da do Sr. Lee.

— O senhor escolheu, creio eu, quatro pedaços de giz — branco, azul, amarelo e vermelho. Por favor, diga que palavra, em que linha e em que página do livro que escolheu há pouco, deverá ser transcrita com o giz branco — disse o médium.

O Sr. Lee respondeu (não me lembro dos números exatos), mais ou menos assim:
— A terceira palavra da 15ª linha da página 102, cujo conteúdo do volume, precisamos lembrar, ele não conhecia, pois nem sequer lhe havia tocado. Assim que ele enunciou a sua escolha, ouviu-se um som de arranhão entre as duas ardósias. Quando o barulho cessou, o Sr. Eglinton repetiu a mesma pergunta para os gizes azul, amarelo e vermelho, e os processos foram conduzidos da mesma maneira. Depois, pediu ao Sr. Lee que destrancasse as ardósias, lesse as palavras e, em seguida, fosse buscar o livro que tinha escolhido para comparar os resultados. Em cada caso, a palavra havia sido transcrita corretamente.

Diversos outros experimentos igualmente intrigantes foram realizados, incluindo a revelação do número do relógio de bolso do Sr. Lee, que ele não retirara do bolso e que, segundo ele, nem sequer conhecia. Então, o Sr. Eglinton perguntou-lhe:

— Tem algum amigo no mundo espiritual de quem gostaria de receber notícias? Se sim, e se recordar mentalmente o nome, tentaremos obter uma mensagem dele ou dela.

(Devo mencionar aqui que os dois eram completos estranhos um para o outro e que se tinham conhecido pela primeira vez naquela tarde. Além disso, como se verá pelo contexto, eu própria tinha um conhecimento muito superficial do Sr. Edgar Lee naquela época.)

O Sr. Lee pensou por um momento e respondeu que havia um amigo falecido de quem gostaria de ouvir notícias. O processo de limpeza e trancamento das ardósias foi repetido,

e os sons de arranhões recomeçaram. Quando cessaram, o Sr. Lee abriu as ardósias e leu a seguinte carta:

"Meu caro Will,

Estou totalmente satisfeito com a decisão que tomou com respeito ao Bob. Sem dúvida, envie-o para a escola em que está a pensar. Ele terá um desempenho melhor lá. A sua educação precisa de mais estímulo do que recebe atualmente. Obrigado por tudo o que tem feito por ele. Deus o abençoe.

Seu afetuoso primo,
R. Tasker."

Não pretendo reproduzir as palavras exatas dessa carta; embora tenham sido posteriormente publicadas, não tenho uma cópia comigo. No entanto, a essência do experimento não reside na exatidão das palavras, mas no seu significado. Quando vi a ardósia, olhei para o Sr. Lee com espanto.

— Para quem é esta mensagem? — perguntei.

— Está tudo certo — respondeu ele. — É para mim. É do meu primo, que me confiou a guarda do filho dele. O meu verdadeiro nome é William Tasker.

Nunca antes tinha ouvido sequer a sugestão de que "Edgar Lee" fosse apenas um pseudónimo, e a revelação apanhou-me completamente de surpresa. O Sr. William Tasker, também conhecido como Edgar Lee, ficou tão satisfeito com a sessão experimental que mandou fotografar a ardósia e publicou-a no *St. Stephen's Review*, juntamente com um relato detalhado de toda a experiência. Os acontecimentos daquela tarde foram suficientes para fazer qualquer pessoa parar por um momento no meio das atribulações da vida e refletir.

CAPÍTULO XIV
A MEDIUNIDADE DE ARTHUR COLMAN

Arthur Colman era tão íntimo de William Eglinton e tão associado a ele nos meus pensamentos, desde os dias em que os conheci, que me parece natural falar dele a seguir. Os seus dons mediúnicos estavam mais restritos à materialização, ao contrário de Eglinton, cujas manifestações eram mais variadas, mas, na materialização, Colman superava qualquer outro médium que conheci em Inglaterra. Infelizmente, nos últimos anos, devido ao impacto negativo que isso teve na sua carreira profissional, foi forçado, por justiça a si mesmo, a abandonar as sessões de manifestações físicas e, de facto, a deixar de realizar sessões, exceto para agradar a amigos próximos.

Considero essa decisão uma grande perda para o público, mas enquanto o mundo continuar a valorizar mais a vida terrena do que a espiritual, não será vantajoso para médiuns como Colman sacrificarem a sua saúde e vitalidade para iluminá-lo. Ser um médium físico significa literalmente ceder, pouco a pouco, a própria vida, e ninguém pode ser esperado para se submeter a tal desgaste por amor a um grupo de céticos e descrentes, que exaurem todos

os seus poderes e depois regressam a casa para o chamar de vigarista, impostor e charlatão.

Se, como estou convencida, cada um de nós está rodeado pelas influências que escolhe livremente para si – os de coração nobre e amoroso por anjos, os egoístas e incrédulos por espíritos malévolos – e se considerarmos que os últimos superam largamente os primeiros neste mundo, não é de admirar que a maioria das sessões mediúnicas sejam conduzidas por espíritos inferiores, atraídos pelos próprios participantes. Homens e mulheres céticos, blasfemos e sensuais reúnem-se, não para descobrir a verdade do Espiritualismo, mas para expor o que acreditam ser a sua falsidade, e são enganados pelas mesmas influências que os rodeiam e guiam as suas vidas diárias.

É nisso que reside o perigo de abordar o Espiritualismo como um mero passatempo, motivado apenas pela curiosidade e não pelo desejo genuíno de aprender. Ele concede maior poder às forças negativas que já nos cercam, e "o diabo que sai de nós retorna com outros sete piores do que ele". O alcoólico, que, ao entregar-se a uma fraqueza que sabe que deveria resistir, atrai para si os espíritos de bêbados falecidos, junta-se a uma sessão e, por meio de uma espécie de colaboração de forças, dá ainda mais poder aos guias que escolheu para si, conduzindo-se a um vício ainda mais profundo.

Esta reflexão, contudo, motivada pelo meu espanto contínuo diante da indiferença do mundo a experiências tão extraordinárias como as que testemunhei, levou-me mais longe do que pretendia em relação ao tema deste capítulo.

Arthur Colman é um homem jovem, de constituição frágil e aparência delicada, que chegou a estar à beira da morte devido à exaustão causada pelas manifestações físicas que se processavam através dele. No entanto, desde que deixou de realizar sessões, recuperou a saúde e parece agora uma pessoa completamente diferente. O simples facto de a sua condição física ter melhorado tão significativamente desde que parou de ceder àquelas exigências espirituais demonstra o fardo extremo que pesa sobre o médium durante tais manifestações.

Como Colman decidiu nunca mais realizar sessões, sinto-me ainda mais inclinada a registar o que testemunhei através dele, provavelmente pela última vez. Quando conheci o meu marido, Coronel Lean, ele nunca tivera contacto com o Espiritualismo e, por isso, era naturalmente curioso, embora também um pouco cético, ou melhor, incrédulo. Não estava disposto a aceitar, sem provas, os fenómenos que eu lhe descrevia, e o guia espiritual de Colman, "Aimée", mostrou-se muito ansioso para convencê-lo da sua veracidade. Assim, organizou-se uma sessão na qual o Coronel estaria presente, realizada na casa de Sr. e Srª. George Neville. O grupo que jantou junto, antes da sessão, era restrito: Sr. e Srª. Neville, Arthur Colman, Coronel Lean e eu mesma.

No entanto, enquanto estávamos na sala de estar após o jantar, e antes de iniciarmos a sessão, foi anunciada a chegada de uma senhora americana, de quem mal tínhamos conhecimento. Tínhamos expressamente desejado que não houvesse estranhos na sessão, e a sua chegada foi, portanto, indesejada, mas não sabíamos que desculpa arranjar para nos livrarmos dela. Era uma mulher insistente e, quando Srª. Neville lhe disse que estávamos prestes a realizar uma sessão, como uma forma de sugerir que partisse, ela apenas reforçou a sua determinação em ficar, alegando ter tido uma premonição do acontecimento.

Disse-nos que, naquela manhã, enquanto estava no seu quarto, viu uma figura de pé junto à sua cama, vestida de azul e branco, como as imagens da Virgem Maria, e que, ao longo do dia, teve uma impressão persistente de que deveria passar a noite com os Neville e que algo lhe seria revelado. Não conseguindo livrar-nos dela, fomos obrigados a convidá-la a assistir à sessão, algo que, evidentemente, já decidira fazer.

Os dois salões comunicavam entre si por portas dobráveis, que foram abertas, e uma portière foi estendida na abertura. No salão de trás, colocámos a cadeira de Colman. Ele vestia um fato cinzento-claro, e assegurámo-nos de que estava bem preso da seguinte forma: primeiro, as suas mãos foram costuradas dentro das mangas do casaco; depois, os seus braços foram colocados atrás das costas e as mangas costuradas juntas até os cotovelos. As pernas das calças foram igualmente costuradas, e ele foi amarrado pelo pescoço, cintura e tornozelos com fios de algodão branco, de modo que qualquer movimento da sua parte os romperia. Além disso, as extremidades de cada fio foram seladas à parede com cera e marcadas com o meu selo, onde se lia "Florence Marryat".

Convencidos de que estava completamente imobilizado e sem qualquer possibilidade de escapar sem que percebêssemos, deixámo-lo no salão de trás e sentámo-nos em fila no salão da frente, iluminado por um único bico de gás. Eu sentei-me na extremidade da fila, seguida pela senhora americana, Srª. Neville, Coronel Lean e Sr. Neville.

Não sei precisar quanto tempo esperamos pelas manifestações, mas não creio que tenha sido mais do que alguns minutos antes que uma figura feminina emergisse suavemente da lateral da cortina e ocupasse a cadeira vazia ao meu lado.

"Quem é?" perguntei.

"Florence," sussurrou ela, apoiando a cabeça no meu ombro e beijando-me o pescoço.

Eu estava a virar-me para distinguir melhor os seus traços quando percebi que uma segunda figura estava de pé diante de mim.

"Florence" disse-me então: "Mãe, ali está Powles", e, ao mesmo tempo, quando ele se inclinou para falar comigo, senti a sua barba roçar no meu rosto.

Não tive tempo de chamar a atenção dos meus amigos para os espíritos ao meu lado antes de ser surpreendida por exclamações sucessivas dos demais presentes.

A senhora americana exclamou: "É a mulher que me apareceu esta manhã!" Sr. Neville disse: "Esse é o meu pai!", enquanto o Coronel Lean perguntava a alguém se não diria o seu nome. Olhei ao longo da fileira de pessoas. Diante do Coronel Lean, estava um homem idoso, com uma longa barba branca; diante de Sr. Neville, uma figura semelhante. Perto da cortina escura, surgiu uma mulher vestida de azul e branco, como uma freira; e, ao mesmo tempo, "Florence" e "Powles" ainda permaneciam ao meu lado. Como se tudo isso já não fosse suficiente para enlouquecer uma pessoa, a portière foi subitamente afastada, revelando Arthur Colman no seu fato cinzento, completamente livre das suas amarras, mas sob o controle de "Aimée", que exclamou, jubilante, para o meu marido: "Agora, Frank, acreditas?" Ela então soltou a cortina, as aparições deslizaram ou desapareceram, e nós dirigimo-nos para a sala de trás, onde encontramos Sr. Colman ainda em transe, exatamente como o havíamos deixado, com todos os selos e costuras intactos. Nenhum dos fios havia sido rompido. Esta foi a maior quantidade de espíritos que já vi aparecer

simultaneamente com um único médium. Já tinha testemunhado a materialização de dois espíritos ao mesmo tempo, e até três, com Sr. Williams, Miss Showers e Katie Cook, mas, naquela noite, estavam cinco entidades espirituais diante de nós, ao mesmo tempo que o médium. Este é o tipo de fenómeno que a maioria das pessoas considera que não vale a pena despender um mínimo esforço para presenciar.

Já relatei como "Florence" costumava materializar-se com sucesso através deste médium, e como inúmeros amigos, completamente desconhecidos para ele, voltaram para nos visitar por meio das suas faculdades. A mediunidade de transe de Colman é tão impressionante quanto os seus fenómenos físicos; alguns poderiam até considerá-la mais extraordinária. Entre os muitos espíritos que voltaram a comunicar-se connosco através dele, dois destacam-se pelo seu caráter inconfundível. Um deles é Phillis Glover, a atriz; o outro é o meu enteado, Francis Lean, que morreu afogado num acidente no mar.

Phillis Glover teve uma vida muito agitada, principalmente na América, e era uma pessoa de talento versátil, tanto na conversação como em qualquer outro aspeto da sua existência. Tinha um estilo muito peculiar, uma forma de falar meio americana, recheada de expressões familiares e anedotas que inseria frequentemente nos seus diálogos. Nunca foi uma mulher comum em vida e, para imitar a sua maneira e o seu discurso com sucesso, alguém teria de ser tão brilhante quanto ela própria. Sem querer diminuir as capacidades intelectuais de Sr. Colman, tanto ele como eu sabemos que Phillis Glover era mais esperta do que qualquer um de nós. Assim, quando a sua influência ou espírito retorna através dele, não há qualquer possibilidade de engano. Não só preserva todos os seus trejeitos de voz, expressão e gestos (que Colman nunca viu), como também faz referência a acontecimentos e pessoas da sua vida terrena que ele nunca poderia conhecer. Além disso, relembra as suas antigas histórias e canta as suas velhas canções, fornecendo provas inquestionáveis da sua identidade, chegando até a recordar factos e incidentes que já tinham sido completamente esquecidos por nós. Quando ela se manifesta através dele, é como se estivéssemos novamente na presença de Phillis Glover, falando com ela com a mesma familiaridade dos velhos tempos.

"Francis", por sua vez, é igualmente notável. As circunstâncias da sua morte e os acontecimentos que a antecederam eram desconhecidos para nós até que ele os descreveu através de Sr. Colman. Ele fala sobre o conteúdo de cartas privadas, repete conversas, menciona circunstâncias e nomes que eram conhecidos apenas por ele e por nós. Tinha uma maneira peculiar de se expressar – rápida, nervosa, cortando as palavras de forma abrupta – e o seu espírito preserva esses traços até ao mais ínfimo detalhe, fornecendo uma prova incontestável da sua identidade para aqueles que o conheceram em vida. Mas estes são apenas dois exemplos entre as incontáveis evidências fornecidas pelos dons ocultos de Arthur Colman, que demonstram, de forma inegável, a possibilidade real de comunicação com os espíritos daqueles que partiram antes de nós.

CAPÍTULO XV

A MEDIUNIDADE DA SRª. GUPPY VOLCKMAN

A mediunidade desta senhora é tão amplamente reconhecida e tão universalmente atestada que nada do que eu possa escrever poderá acrescentar à sua fama. Além disso, conheci-a apenas pouco tempo antes de ela deixar de realizar sessões mediúnicas, pelo que a minha experiência com os seus dons é limitada. No entanto, as manifestações que testemunhei foram extraordinárias. Já mencionei anteriormente o caso da "Dama Verde", cuja aparição se deu exclusivamente devido à presença da Srª. Guppy Volckman, e, naquela ocasião, ela proporcionou-nos outro fenómeno notável da sua mediunidade.

Uma folha de tecido foi estendida, sendo segurada em ambas as extremidades por Sr. Charles Williams e a Srª. Volckman. Mantiveram-na erguida no centro da sala, sob plena luz, formando uma parede branca com cerca de um metro e meio de altura, ou seja, tão alto quanto os seus braços podiam alcançar confortavelmente. As mãos de ambos permaneceram visíveis do lado de fora do tecido, para que não houvesse suspeita de que algo pudesse estar oculto por detrás dele.

Após alguns instantes, uma cabeça de mulher apareceu acima da folha, seguida pela de um homem, e depois diversas mãos de diferentes tamanhos – algumas grandes e peludas, outras delicadas e femininas ou infantis – começaram a surgir, movendo-se para cima e para baixo, agarrando as mãos dos espectadores. Os rostos aproximavam-se dos médiuns, como se tentassem beijá-los, o que fez com que a Srª. Volckman, assustada, soltasse gritos e, por vezes, deixasse cair a extremidade do tecido. Se houvesse qualquer truque envolvido, esse descuido teria inevitavelmente revelado a farsa. No entanto, as aparições não pareciam ser afetadas por isso; assim que o tecido era novamente erguido, as figuras voltavam a surgir, repetindo os seus gestos.

Por fim, a Srª. Volckman ficou tão nervosa que recusou continuar a segurar o tecido e deixou-o cair completamente. No entanto, os rostos e as mãos permaneceram visíveis enquanto tiveram energia suficiente para se materializarem. As faces eram de tamanho natural, com olhos e lábios móveis. As mãos que surgiam variavam de tamanho e aparência— algumas eram grandes como as de um homem e cobertas de pelos, enquanto outras eram delicadas como as de uma mulher ou uma criança. Todas possuíam a capacidade de mover os dedos e segurar objetos que lhes eram apresentados. Durante todo o fenómeno, as quatro mãos dos médiuns permaneceram visíveis para a audiência, impossibilitando qualquer suspeita de manipulação oculta.

A primeira vez que fui apresentada a Srª. Volckman (então Srª. Guppy) foi numa sessão mediúnica realizada em sua própria casa, na Victoria Road, onde reuniu um grande número de convidados, incluindo várias figuras proeminentes do mundo da arte e da literatura. A sessão ocorreu numa sala de estar bem iluminada, e o grupo era tão numeroso que a disposição ao redor da mesa formava três camadas de pessoas. Entre os presentes estava a Srª. Mary Hardy, a médium americana (já falecida), e presumo que as manifestações daquela noite possam ser atribuídas a ambas.

A mesa utilizada era uma peça simples, construída especificamente para tais ocasiões, com um buraco circular no centro, de aproximadamente cinquenta centímetros de diâmetro. Estava coberta por um pano que pendia até ao chão e fora pregado firmemente ao tapete, deixando apenas a abertura central livre. (É importante mencionar que este tecido fora

fixado por um comité de senhores convidados, para eliminar qualquer suspeita de que pudesse haver um cúmplice escondido por baixo.) Sentámo-nos então ao redor da mesa, mas sem colocar as mãos sobre ela.

Pouco depois, começaram a surgir mãos através do buraco no centro da mesa—mãos de todos os tipos: dedos finos e alongados de mulher, pequenas mãos gordinhas de bebé, mãos enrugadas de idosos e mãos robustas de jovens. Algumas destas mãos traziam anéis nos dedos, sendo reconhecidas pelos seus donos; outras estendiam-se para serem seguradas, e algumas apareciam aos pares, unidas ou separadas. Uma mão pegou numa luva de um dos participantes e colocou-a na outra mão, demonstrando sua força ao apertar cada dedo e abotoá-la corretamente. Outro par de mãos comunicou através do alfabeto mudo, enquanto uma terceira mão tocava um instrumento musical.

Num dado momento, antes de presenciar estas manifestações, inclinei-me para examinar mais de perto o buraco na mesa e, brincando, perguntei: "Pergunto-me se terão força suficiente para agarrar algo e levá-lo com elas." Mal terminei a frase, uma enorme mão surgiu e agarrou-me pelo nariz com tanta firmeza que quase me puxou para dentro. O aperto foi tão forte que me fez lacrimejar.

Quando as manifestações das mãos cessaram, a mesa foi afastada e formámos um círculo na luz. A Srª. Guppy, desejando permanecer apenas como espectadora, retirou-se para a sala de estar adjacente, acompanhada pela Baronesa Adelma Vay e outros convidados, deixando a Srª. Hardy a conduzir a sessão. De repente, porém, a Srª. Guppy foi levitada e transportada, diante dos nossos olhos, para o centro do círculo. Enquanto sentia-se a subir pelo ar, exclamou: "Por amor de Deus, não larguem as mãos!"

Estávamos todos de pé, de mãos dadas, e eu segurava a mão do Príncipe Alberto de Solms. Quando a Srª. Guppy passou por cima de nós, os seus pés tocaram no meu pescoço e no dele. Tentando seguir sua instrução de não soltar as mãos, segurámo-nos com mais força, o que resultou em sermos empurrados para a frente e cairmos de joelhos pela força com que ela foi carregada sobre as nossas cabeças até ao centro da sala. Para nós, que sentimos o impacto físico da sua passagem, não restava dúvida de que a tínhamos visto levitar.

A força que a ergueu, no entanto, pareceu não ter a mesma delicadeza ao pousá-la de volta no chão, pois fê-lo com tal impacto que as duas pernas dianteiras da cadeira onde foi colocada partiram-se.

Assim que a Srª. Guppy regressou ao círculo, foi-nos dada a ordem de apagar as luzes e desejar algo. Unanimemente, pedimos flores, apesar de ser dezembro e estar um frio rigoroso. Instantaneamente, um forte cheiro de terra fresca preencheu a sala, e fomos instruídos a acender novamente o gás. O que vimos foi espantoso: no centro dos participantes, ainda de mãos dadas, havia um monte enorme de terra, arrancada do solo com as raízes ainda presas. Entre as plantas estavam loureiros, azevinho e laurestino, exatamente como se tivessem sido extraídas do jardim e simplesmente despejadas no tapete.

A Srª. Guppy, longe de se mostrar entusiasmada com a manifestação, parecia mais preocupada com o estado do seu tapete e pediu aos espíritos que, numa próxima vez, trouxessem algo mais limpo.

Os espíritos então pediram que apagássemos novamente as luzes, e desta vez cada pessoa deveria desejar algo para si própria. Eu, sabendo que era dezembro e que o meu pedido seria, no mínimo, improvável, desejei uma borboleta amarela.

No escuro, senti um pequeno objeto ser colocado na minha mão. O Príncipe Alberto sussurrou: "Recebeste alguma coisa?" Respondi: "Sim, mas não creio que seja o que pedi. Parece-me mais um objeto de joalharia."

Quando a luz foi reacendida, abri a pequena caixa que segurava, e para meu espanto, ali estavam duas borboletas amarelas. Mortas, naturalmente, mas nem por isso menos surpreendentes.

Nessa sessão, usei um vestido de musselina branca justo e sem bolsos, sobre um corpete igualmente ajustado. Como não tinha onde guardá-lo, segurei o meu lenço de mão, um fino exemplar de cambraia bordado pela minha irmã Emily (então já falecida), na própria mão durante toda a sessão. No final, percebi que o lenço tinha desaparecido.

Fiquei desapontada, pois aquele lenço tinha um grande valor sentimental para mim. Perguntei a todos os presentes se o tinham visto, chegando ao ponto de pedir-lhes que esvaziassem os bolsos, caso alguém o tivesse pegado por engano. Nada. Convencida de que o havia perdido, fui para casa sem ele.

Foi apenas ao retirar o vestido e o corpete que percebi algo estranho. O lenço estava ali, dobrado meticulosamente num quadrado de cerca de dez centímetros, colocado entre o meu espartilho e a camada inferior da roupa.

O mais extraordinário era a sua localização—exatamente sobre a parte mais estreita da minha cintura, onde nenhuma mão humana poderia ter alcançado, mesmo que o meu vestido fosse folgado. Para que alguém o colocasse ali, teria sido necessário desapertar completamente o espartilho.

Além disso, a maneira como o lenço foi dobrado e colocado era de uma precisão impecável—tão lisa e perfeitamente alinhada que não havia um único amassado no tecido.

As minhas leitoras poderão compreender melhor do que os homens a dificuldade de uma manobra como esta realizada por meios humanos; na verdade, teria sido absolutamente impossível para mim, ou para qualquer outra pessoa, colocar o lenço naquela posição sem antes remover o espartilho. Além disso, estava dobrado com uma perfeição impecável e colocado com tal suavidade que não apresentava um único vinco no tecido.

CAPÍTULO XVI

A MEDIUNIDADE DE FLORENCE COOK

Ao escrever sobre a minha própria mediunidade ou sobre a mediunidade de qualquer outra pessoa, desejo deixar bem claro que não pretendo relatar todas as sessões realizadas sob tal influência (pois, se eu incluísse tudo o que vi e ouvi durante as minhas investigações sobre o Espiritualismo, este volume tornar-se-ia desmesuradamente extenso), mas apenas certos eventos que considero notáveis e que nem todos tiveram a oportunidade de experienciar da mesma forma. A maioria das pessoas já leu sobre os fenómenos comuns que ocorrem nestes encontros. Assim, os meus leitores não encontrarão aqui descrições de maravilhas que—sejam elas verdadeiras ou falsas—possam ser explicadas por meios naturais.

Miss Florence Cook, agora Srª. Elgie Corner, é uma das médiuns mais faladas e sobre quem mais se escreveu. Sr. Alfred Crookes demonstrou um enorme interesse por ela e publicou um longo relato da sua investigação sobre o Espiritualismo conduzido sob a sua mediunidade. O Sr. Henry Dunphy, do *Morning Post*, escreveu uma série de artigos para a *London Society* (revista da qual eu era editora na época) descrevendo os seus dons e as provas que deu deles.

A primeira vez que encontrei a Florence Cook foi na casa do Sr. Dunphy, quando a minha pequena filha se manifestou através dela (ver "A História da Minha Filha do Espírito"). Nessa ocasião, enquanto estávamos sentados à mesa após a sessão—num grupo de cerca de trinta pessoas—toda a mesa de jantar, com tudo o que havia sobre ela, ergueu-se no ar até à altura dos nossos joelhos. Pratos e copos oscilaram perigosamente, mas sem se partirem ou se virarem. Fiquei tão impressionada e intrigada com o que presenciei naquela noite que fiquei ansiosa por conhecer melhor a Miss Cook.

Ela foi a médium do famoso espírito "Katie King", sobre quem tanto se acreditou e se desacreditou. As sessões realizadas na casa dos seus pais, em Hackney, apenas para testemunhar a manifestação desta entidade, eram frequentadas pelos homens mais brilhantes e científicos da época, como os juízes Cox e Ballantyne, o Sr. S. C. Hall, o Sr. Alfred Crookes e muitos outros, que mantinham uma grande proximidade com ela. Foi Sr. William Harrison, do jornal *Spiritualist*, quem me conseguiu uma apresentação à família Cook e o acesso às suas sessões—algo pelo qual sempre serei grata.

Para benefício dos não iniciados, começarei por explicar quem "Katie King" dizia ser. Segundo a sua própria versão da história, o seu nome verdadeiro era a Annie Owens Morgan e era filha de Sir Henry Morgan, o famoso bucaneiro que viveu por volta da época da República de Cromwell e que morreu no mar, sendo, na verdade, um pirata. Ela dizia ter cerca de doze anos quando o Carlos I foi decapitado, ter-se casado e tido dois filhos, mas também admitia ter cometido mais crimes do que gostaríamos de saber, chegando a confessar que assassinou homens com as suas próprias mãos. Contudo, apesar dessa vida turbulenta, dizia ter morrido ainda jovem, por volta dos vinte e dois ou vinte e três anos.

Quando questionada sobre o motivo do seu regresso ao mundo dos vivos, respondia sempre o mesmo: "É parte do trabalho que me foi dado fazer para convencer o mundo da verdade do Espiritualismo."

Esta foi a explicação que recebi diretamente dos seus lábios. A "Katie" já se manifestava na casa dos Cook anos antes de eu a conhecer e tornou-se tão familiar à família que

caminhava pela casa a qualquer hora sem assustar os seus habitantes. Dizia-se que muitas vezes se materializava e deitava-se na cama com a sua médium à noite, o que muito incomodava Florence. Após o casamento da Miss Cook com o Capitão Corner, ele próprio me confessou que, no início, sentia como se tivesse casado com duas mulheres e não sabia bem qual delas era realmente sua esposa.

A dinâmica das sessões era sempre a mesma. A Miss Cook retirava-se para um quarto nos fundos, separado da audiência por uma cortina fina de damasco. Pouco depois, a figura da "Katie King" surgia, vestida de branco, caminhando entre os assistentes sob a luz do gás, falando como qualquer outra pessoa presente.

Florence Cook (conforme já mencionei antes) era uma mulher muito pequena e delicada, uma brunette de olhos escuros, cabelos negros e cacheados, e um nariz aquilino fino. Por vezes, a "Katie" assemelhava-se a ela de maneira impressionante; outras vezes, era completamente diferente. Havia ocasiões em que media a mesma altura que a sua médium; noutras, era visivelmente mais alta.

Possuo uma fotografia da "Katie King" tirada sob luz intensa. Na imagem, ela surge idêntica à Florence Cook, embora Florence estivesse a observar o momento da captura da fotografia. Sentei-me várias vezes com o Sr. Crookes para assistir às suas experiências e testemunhei os testes descritos no seu livro sobre o assunto.

Vi a Florence com os seus cabelos escuros pregados ao chão com pregos, fora da cortina e à vista do público, enquanto a "Katie" caminhava pela sala e conversava connosco. Vi a Florence ser colocada numa balança especialmente construída pelo Sr. Crookes para esse propósito, enquanto a balança permanecia visível para o público. Sob condições normais, a Florence pesava oito pedras (aproximadamente 51 kg); contudo, assim que a forma materializada se manifestava por completo, a balança marcava apenas quatro pedras (cerca de 25 kg).

Além disso, vi com os meus próprios olhos a Florence e a "Katie" lado a lado em diversas ocasiões, o que eliminou qualquer dúvida que eu pudesse ter de que eram duas criaturas distintas.

Ainda assim, consigo compreender perfeitamente como devia ser difícil para os estranhos compararem a impressionante semelhança entre a médium e o espírito sem suspeitarem que eram a mesma pessoa. Uma noite, a "Katie" saiu da cortina e sentou-se no meu colo. Pude sentir que era uma mulher muito mais cheia e pesada do que a Miss Cook, mas a semelhança facial entre ambas era impressionante, e eu disse-lhe isso. A "Katie" não pareceu encarar o comentário como um elogio. Encolheu os ombros, fez uma careta e disse: "Eu sei que sou parecida com ela; não posso evitar, mas em vida fui muito mais bonita do que isso. Um dia vais ver, vais ver."

Depois de se retirar definitivamente naquela noite, voltou a pôr a cabeça para fora da cortina e chamou: "Quero falar com a Srª. Ross-Church." Levantei-me e fui até ela, que me puxou para dentro da cortina. Notei que esta era tão fina que a luz do gás da sala exterior tornava tudo visível dentro do recinto. A "Katie" puxou impacientemente o meu vestido e disse: "Senta-te no chão", o que fiz. Em seguida, sentou-se no meu colo e declarou: "Agora, querida, vamos ter uma boa conversa, como as mulheres fazem na Terra." A Florence Cook, entretanto, jazia ali perto, deitada num colchão no chão, num transe profundo. A "Katie" parecia muito ansiosa para que eu tivesse a certeza absoluta de que era Florrie quem ali

estava. "Toca-lhe", disse-me, "segura a mão dela, puxa os caracóis. Vês que é mesmo a Florrie deitada ali?" Quando lhe assegurei que estava completamente convencida, o espírito disse: "Agora olha para mim e vê como eu era em vida."

Virei-me para a figura que segurava nos braços e fiquei absolutamente atónita ao ver uma mulher de pele clara, olhos grandes e cinza-azulados, uma farta cabeleira ruiva dourada e um rosto de uma beleza delicada. A "Katie" riu-se do meu espanto e perguntou-me: "Não sou mais bonita que a Florrie agora?" Em seguida, levantou-se, pegou numa tesoura da mesa e cortou uma mecha do seu próprio cabelo e outra do cabelo da médium, entregando-mas. Guardei-as até hoje. Uma é quase preta, macia e sedosa; a outra, ruiva dourada e mais áspera. Depois de me fazer este presente, a "Katie" disse: "Agora volta para os outros, mas não contes nada esta noite, senão todos vão querer ver-me."

Numa outra noite, particularmente quente, a "Katie" sentou-se no meu colo em plena audiência, e senti suor no seu braço. Isso surpreendeu-me, e perguntei-lhe se, naquele estado, possuía veias, nervos e secreções como um ser humano, se tinha sangue a correr pelo corpo, coração e pulmões. A sua resposta foi simples e direta: "Tenho tudo o que a Florrie tem."

Nessa mesma sessão, chamou-me novamente para dentro da cortina e, deixando cair a sua túnica branca, ficou completamente nua diante de mim. "Agora", disse ela, "podes ver que sou uma mulher." E, de facto, era—e uma mulher lindamente formada. Examinei-a atentamente enquanto a Miss Cook permanecia inerte no chão ao nosso lado. Dessa vez, em vez de me dispensar rapidamente, "Katie" pediu-me que ficasse sentada ao lado da médium. Trouxe-me uma vela e fósforos e instruiu-me a acender a luz assim que ouvisse três batidas, pois a Florrie acordaria em estado de histeria e precisaria da minha ajuda.

Então, ajoelhou-se e beijou-me—ainda completamente nua.

"Onde está o teu vestido, Katie?" perguntei.

"Já foi. Mandei-o antes de mim," respondeu.

No instante em que terminou a frase, bateu três vezes no chão. Acendi o fósforo quase ao mesmo tempo que o sinal, mas assim que a chama se ergueu, a "Katie King" desapareceu como um relâmpago, e a Miss Cook despertou num acesso de lágrimas aterrorizadas, tal como havia sido previsto.

Noutra ocasião, alguém da plateia perguntou à "Katie" por que motivo ela não conseguia aparecer sob a luz de mais de um queimador de gás. A questão pareceu irritá-la, e respondeu: "Já vos disse várias vezes que não posso suportar uma luz forte. Não sei porquê, mas não consigo. Se quiserem provar a verdade do que digo, acendam todas as luzes e vejam o que acontece comigo. Só vos aviso: se o fizerem, não haverá sessão esta noite, porque não poderei voltar. Vocês decidem."

Diante deste desafio, foi posta à votação a decisão de testar ou não o efeito da luz intensa sobre a forma materializada. Todos os presentes, incluindo o Sr. S. C. Hall, concordaram em proceder com a experiência, pois isso resolveria de uma vez por todas a questão sobre a necessidade da penumbra (ou escuridão) para uma sessão de materialização. Informámos "Katie" da nossa escolha, e ela aceitou submeter-se ao teste, embora tenha afirmado depois que a fizemos sofrer bastante.

Ela posicionou-se contra a parede da sala, com os braços abertos, como se estivesse crucificada. Então, três queimadores de gás foram abertos ao máximo numa sala de cerca de cinco metros de largura. O efeito sobre a "Katie King" foi extraordinário.

Por um brevíssimo segundo, manteve-se inalterada. Mas logo começou a dissolver-se gradualmente, como uma boneca de cera derretendo diante do fogo.

Primeiro, os traços do seu rosto tornaram-se indistintos, parecendo derreter e fundir-se. Os olhos afundaram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, e o crânio colapsou sobre si mesmo. Em seguida, os membros começaram a desmoronar-se, e a figura foi-se afundando lentamente no chão, como um edifício em ruínas.

Por fim, restava apenas a sua cabeça acima do solo. Depois, apenas um monte de tecido branco que, com um movimento súbito, foi sugado para dentro de si mesmo—como se uma mão invisível o tivesse puxado—e nada mais restou do que o espaço vazio onde a "Katie King" estivera de pé momentos antes.

Ela estava sempre vestida com túnicas brancas, mas o tecido variava. Às vezes, parecia longo e espesso como linho; outras vezes, era fino como musselina ou jaconet; mas, na maioria das vezes, parecia um tipo de rede de algodão espessa.

Os assistentes frequentemente pediam a "Katie" um pedaço do seu vestido como recordação da sessão. Quando ela cedia, os visitantes guardavam religiosamente os fragmentos de tecido dentro de envelopes selados e levavam-nos para casa. Mas, para sua grande surpresa, ao abrirem os envelopes mais tarde, descobriam que o tecido havia desaparecido completamente.

"Katie" costumava dizer que nada material vindo dela poderia durar sem que isso retirasse um pouco da vitalidade da médium, enfraquecendo-a como consequência. Uma noite, enquanto cortava pedaços do seu vestido para distribuir generosamente, comentei que aquilo exigiria muitos remendos. Ela respondeu: "Vou mostrar-te como remendamos vestidos no Mundo Espiritual."

Então, dobrou várias vezes a parte da frente da sua túnica e fez dois ou três cortes circulares no tecido. Quando o soltou novamente, haviam-se formado cerca de trinta ou quarenta buracos. "Não parece um bonito escorredor?", perguntou, a rir.

Enquanto observávamos atentamente, a "Katie" começou a agitar suavemente a saia. Em menos de um minuto, o tecido estava completamente restaurado, sem vestígio de qualquer corte. Ficámos absolutamente maravilhados.

Depois disso, pediu-me que pegasse numa tesoura e lhe cortasse o cabelo. Naquela noite, tinha uma farta cabeleira de caracóis que lhe descia até à cintura. Seguindo as suas instruções, comecei a cortar, mas ela insistia: "Corta mais! Corta mais! Não para ti, porque sabes que não podes levá-lo contigo."

Continuei a cortar mecha após mecha. Mas, assim que as madeixas caíam no chão, o cabelo crescia novamente na sua cabeça. Quando terminei, a "Katie" pediu-me para examinar-lhe o cabelo e verificar se conseguia encontrar algum sinal dos cortes. Não havia nada. Além disso, as madeixas cortadas haviam desaparecido completamente.

"Katie" foi fotografada diversas vezes com luz artificial pelo Sr. Alfred Crookes, mas todas as imagens mostravam uma grande semelhança com Florence Cook, o que as tornava pouco úteis para provar que se tratavam de duas entidades distintas.

Ela sempre afirmou que desapareceria da Terra após maio de 1874. De fato, no dia 21 de maio, reuniu os seus amigos para se despedir, e eu fui uma das convidadas. A "Katie" pediu à Miss Cook que preparasse um grande cesto com flores e fitas, e sentou-se no chão, compondo um ramalhete para cada um de nós, como lembrança da sua existência.

O meu ramo—composto por lírios-do-vale e gerânios cor-de-rosa—ainda parece quase tão fresco hoje, passados dezassete anos, como no dia em que mo deu. Junto com ele, escreveu-me a seguinte mensagem, diante dos meus olhos:

"De Annie Owen de Morgan (vulgo 'Katie') para a sua amiga Florence Marryat Ross-Church. Com amor. Pensez à moi.
21 de maio de 1874."

A despedida foi tão emocionante quanto se estivéssemos a separar-nos de uma amiga querida pela morte. A "Katie" parecia não querer ir embora. Voltava repetidamente para um último olhar, especialmente para o Sr. Alfred Crookes, que era muito afeiçoado a ela—e a quem ela claramente retribuía esse carinho.

A sua predição cumpriu-se. Desde aquele dia, a Florence Cook nunca mais a viu ou ouviu falar dela.

Pouco depois, uma nova entidade tomou o seu lugar—um espírito que se apresentava como a "Marie". Era notavelmente diferente, pois cantava e dançava como uma artista profissional, o que a Miss Cook jamais fez em vida.

Eu provavelmente não mencionaria a "Marie" aqui, pois a vi apenas uma ou duas vezes, se não fosse pelo escândalo que envolveu seu nome.

Certa ocasião, Miss Cook (então já a Srª. Corner) foi contratada para uma sessão pública na sede da National British Association of Spiritualists. Entre os presentes estava Sir George Sitwell, um jovem cético que acusou a médium de fraude, afirmando que a "Marie" não era um espírito, mas a própria Florence disfarçada para enganar a audiência.

As acusações foram publicadas nos jornais, e a imprensa caiu violentamente sobre os Espiritualistas, classificando-os a todos como vigaristas ou tolos.

No dia seguinte, a Miss Cook tinha outra sessão pública agendada, na qual eu estava presente. Naturalmente, estava profundamente abalada. A sua honra e reputação haviam sido postas em causa, e sendo uma mulher orgulhosa, ela ressentia-se profundamente da injustiça.

A maioria da audiência naquela noite era composta por amigos e apoiantes, mas a Florrie hesitava em continuar. Colocou-nos a questão: "Devo continuar a sentar-me para estas experiências enquanto estiver sob esta suspeita?"

Nós, que já havíamos testado e comprovado sua mediunidade, recusámos terminantemente as acusações e insistimos para que a sessão prosseguisse.

Porém, a Miss Cook recusou-se a sentar-se sem que alguém ficasse dentro do gabinete com ela—e escolheu-me a mim para essa função.

Amarraram-nos juntas com uma corda grossa. Permanecemos atadas a noite inteira. E, sob essas condições, a "Marie" apareceu fora do gabinete, cantando e dançando diante do público—exatamente como fizera na noite em que o Sir George Sitwell a acusou.

Assim ficou provado, de maneira inequívoca, que a Miss Cook não poderia ter personificado a "Marie". Mas os jornais não se retrataram, e a reputação da Florence ficou manchada para sempre entre aqueles que formam opinião sem procurar a verdade.

Hoje, a Srª. Elgie Corner já não é médium, nem em sessões privadas, nem em públicas. Vive no coração do País de Gales, longe da fofoca e dos escândalos da cidade.

Quando a reencontrei no ano passado, confidenciou-me:

"Não passaria novamente pelo sofrimento que o Espiritualismo me causou—nem por todo o bem que este mundo pudesse oferecer."

CAPÍTULO XVII
A MEDIUNIDADE DE KATIE COOK

No que diz respeito à produção de fenómenos físicos, os Cook são uma família notável, pois todas as três irmãs são médiuns poderosas, sem que nenhuma delas tenha procurado desenvolver essa capacidade por conta própria. A segunda irmã, Katie Cook, não é menos dotada do que Florence, embora tenha realizado mais sessões privadas e, por isso, não tenha sido submetida aos mesmos testes científicos.

A primeira vez que tive a oportunidade de testar a mediunidade de Katie foi num encontro privado no estúdio do Signor Rondi, com um círculo de nove ou dez amigos. A sala era pequena e pouco mobilada, pois tratava-se de um ateliê de artista. Mantivemos o gás aceso, e antes de iniciarmos a sessão, trancámos a porta e colámos tiras de papel sobre as frestas, para garantir que ninguém entrasse ou saísse sem que notássemos.

O gabinete foi improvisado com uma cortina pendurada num canto da sala, atrás da qual colocámos uma cadeira para a médium. Katie era uma jovem muito pequena e magra, ainda mais do que Florence, com rosto fino e traços delicados. Naquela ocasião, vestia um vestido preto justo e botas altas de Hessian, que se apertavam com dezoito botões até à altura do joelho. Ela explicou-me que sempre as usava durante as sessões, pois demoravam muito a serem retiradas, o que ajudava a prevenir suspeitas.

Sentámo-nos em semicírculo, bem próximos da cortina, e reduzimos ligeiramente a intensidade da luz, mas sem apagá-la completamente. Não houve escuridão total, nem as mãos foram seguradas, o que demonstra a simplicidade da preparação.

Poucos minutos depois, a cortina ergueu-se e surgiu uma figura vestida de branco, que se apresentou como "Lily". Respondeu a várias perguntas sobre si própria e sobre a médium. Percebendo a dúvida de alguns dos presentes, sentou-se no meu colo e pediu-me que a examinasse, para que os outros compreendessem que o seu corpo era diferente do de Katie.

Imediatamente percebi que era muito mais pesada do que a frágil médium. A sua estrutura corporal assemelhava-se à de uma jovem robusta de nove ou dez pedras (aproximadamente 57 a 63 kg). Passei a mão pelo seu corpo e senti que tinha seios volumosos, braços e pernas bem torneados—uma constituição muito diferente da de Katie.

Enquanto permanecia no meu colo, meu marido e Signor Rondi entraram no gabinete para verificar se Katie ainda estava na cadeira. Encontraram-na apenas parcialmente em transe e, ao vê-los, ela própria estendeu os pés para fora da cortina e disse:

"Eu não sou 'Lily'. Sintam as minhas botas."

Meu marido tocava o joelho de Katie com uma mão, enquanto com a outra sentia a figura que estava no meu colo. Ficou completamente convencido de que havia dois corpos distintos presentes ao mesmo tempo.

Durante essa sessão, a "Lily" passou a mão pelo meu vestido e comentou:

"Que quente e confortável! Queria ter um assim para mim."

Brincando, perguntei:

"Estás com frio?"

Ela respondeu:

"Não ficarias se estivesses vestida apenas com esta túnica branca?"

Rindo-me, peguei no meu casaco de pele, que estava dobrado num sofá próximo, e coloquei-o nos seus ombros. A "Lily" ficou encantada:

"Oh, que quente! Posso levá-lo comigo?"

Disse-lhe que sim, contanto que o devolvesse antes do fim da sessão, pois não tinha mais nada para vestir.

Num instante, ela desapareceu com o casaco.

Subitamente, ouvimos a sua voz exclamar:

"Acendam o gás!"

Assim que iluminámos a sala, ela havia sumido—e o meu casaco também!

Procurámos por toda a parte naquela pequena sala. O casaco não estava em lado nenhum. Havia apenas um armário trancado, onde o Signor Rondi guardava materiais de desenho. Insisti para que fosse aberto, apesar de ele garantir que não o destrancava há semanas. Quando finalmente verificámos o seu interior, estava coberto de poeira e apenas continha blocos de desenho—nada mais.

Não tivemos outra opção senão reduzir novamente as luzes e continuar a sessão.

Passados alguns minutos, o casaco reapareceu misteriosamente, lançado do teto, caindo diretamente sobre a minha cabeça!

Ao regressar a casa, descobri algo ainda mais bizarro. O pelo do casaco estava a soltar-se inexplicavelmente. O meu vestido ficou coberto de fios de pele, e nunca mais consegui usá-lo, pois parecia estar completamente estragado.

Quando relatei isto mais tarde, a "Lily" explicou-me:

"Eu desmaterializei o casaco para levá-lo comigo."

Não posso confirmar esta afirmação, mas sei com certeza que ele não voltou como antes. Nem mesmo uma infestação de traças teria causado tamanho estrago.

A minha segunda sessão com Katie aconteceu em Museum Street, a convite do Sr. Chas. Blackburn, um dos maiores patronos do Espiritualismo, que investiu grandes quantias de dinheiro em pesquisas sobre o fenómeno. Os únicos convidados foram meu marido, o General e a Srª. Maclean. Sentámo-nos em volta de uma mesa pequena, sem cobertura, com o gás aceso e sem gabinete.

A Katie sentou-se entre o General Maclean e eu. Durante todo o tempo, garanti a sua presença física, segurando-lhe a mão. Mesmo quando precisou usar o lenço, teve de fazê-lo comigo agarrada a ela. Desta vez, ela não entrou em transe. Conversámos ocasionalmente durante a sessão, e ela respondeu sempre, embora num tom fraco, dizendo sentir-se tonta e enjoada.

Cerca de vinte minutos depois, a forma materializada da "Lily" apareceu no centro da mesa. Falou connosco e beijou-nos a todos, um por um. O seu rosto era muito pequeno, e o seu corpo apenas se formava até à cintura. No entanto, a sua pele era quente e firme ao toque.

Enquanto a "Lily" estava visível sobre a mesa, diante de todos nós, continuei a passar a mão pelo corpo de Katie—desde o seu rosto até os joelhos—para me certificar de que ela estava ali e que não era apenas a sua mão que eu segurava.

De repente, alguém agarrou e sacudiu a minha cadeira por trás. Virei-me para ver quem estava ali, quando, num instante, um par de braços envolveu o meu pescoço e outro envolveu o pescoço do meu marido. Nesse momento, a voz da minha filha "Florence" soou ao nosso lado, falando-nos carinhosamente. O seu cabelo longo e o tecido suave do seu vestido varreram o nosso rosto e as nossas mãos.

O cabelo da "Florence" era tão longo e abundante que, para que eu pudesse sentir o seu comprimento e textura, ela o sacudiu sobre o meu colo. Pedi-lhe um pedaço do seu cabelo e do seu vestido, mas como não havia uma tesoura por perto, a "Lily" materializou-se ainda mais e caminhou até ao outro lado da mesa, onde cortou um pedaço do vestido de "Florence" com o canivete do meu marido. Contudo, disse-nos que naquela noite não poderiam oferecer-nos um cacho de cabelo.

As duas entidades permaneceram connosco por mais de meia hora, enquanto o General Maclean e eu mantínhamos a Katie Cook sob rígida vigilância. Quando a energia começou a

enfraquecer, desapareceram, mas todos os presentes estavam dispostos a jurar que duas presenças estiveram entre nós, sem nunca terem entrado pela porta.

A sala era pequena e sem mobília, o gás permanecia aceso, e a médium esteve visível o tempo todo. A Srª. Maclean e eu éramos as únicas mulheres presentes, e mesmo assim duas jovens nos beijaram, falaram connosco e colocaram os seus braços nus sobre os nossos ombros ao mesmo tempo.

Além disso, havia diferenças notáveis entre a médium e as entidades materializadas. Como já descrevi, a Katie era magra e pequena, mas tanto a "Lily" como a "Florence" tinham rostos e corpos mais cheios. As mãos da "Florence" eram particularmente grandes e firmes, e o seu cabelo solto descia quase até aos joelhos.

Tive o prazer de participar noutra sessão com a Katie Cook no mesmo local, onde ocorreu um fenómeno inédito. Conforme já mencionei, a Katie é uma mulher pequena, com braços curtos, enquanto eu sou uma mulher alta, com braços longos. No entanto, a mão que eu segurava estendeu-se até alcançar os participantes do outro lado da mesa—muito além do que o meu braço poderia alcançar.

Todos puderam ver claramente o membro alongar-se até três vezes o seu tamanho natural, um fenómeno impossível de ser explicado por meios comuns. Também participei numa sessão na casa da família Cook, onde, se alguma fraude fosse praticada, teriam tido todas as oportunidades de a realizar. No entanto, as manifestações foram exatamente as mesmas das que ocorriam em locais desconhecidos para a médium.

Nessa ocasião, os meus acompanhantes foram o Capitão e a Srª. Kendal, e a disposição dos lugares à mesa foi a seguinte: Eu, a Katie Cook, o Capitão Kendal, a Florence Cook, o meu marido, a Sr.ª a Sr.ª Cook e a Sr.ª Kendal.

Cada membro da família foi posicionado entre dois observadores imparciais, e as suas mãos permaneceram constantemente seguradas.

Devo salientar que a sessão foi oferecida gratuitamente, por cortesia da Srª. Cook. Se houvesse intenção de engano, poderiam muito bem ter-nos deixado sozinhos com Katie, enquanto organizavam a manifestação dos "fantasmas" fora do nosso campo de visão.

Curiosamente, a Florence Cook, agora a Srª. Corner, relutou em participar na sessão, alegando que a sua mediunidade geralmente interferia na da irmã. No entanto, a mãe insistiu que ela permanecesse na sala, para que ninguém suspeitasse da sua ausência.

A verdade é que os Cook nunca gostaram particularmente das suas habilidades mediúnicas. As suas vidas foram invadidas por influências que os incapacitaram para outras ocupações mais práticas. Este é, conforme creio, o único motivo pelo qual nunca tentaram lucrar com a sua mediunidade. A família Cook afirmou-me repetidamente que considera o dom espiritual como a maior desgraça que lhes aconteceu. Durante esta sessão, uma grande quantidade de cerejas e botões-de-rosa foi lançada sobre a mesa.

É fácil acreditar que poderiam ter sido escondidos na sala e revelados no momento oportuno. No entanto, todas as pessoas que poderiam ter participado num truque estavam com as mãos firmemente seguradas por estranhos. Além disso, duvido muito que a Srª.

Cook, uma mulher de recursos limitados, tenha gasto dinheiro em frutas exóticas e flores de estufa para um evento sem qualquer remuneração.

Se a mediunidade já não é uma atividade rentável, quanto menos se for preciso comprar produtos caros para fabricar os fenómenos—especialmente numa cidade como Londres, onde tais itens têm preços exorbitantes. Por fim, relato um dos testes mais espantosos da mediunidade da Katie Cook. Certa noite, o Sr. Charles Blackburn convidou-nos para uma sessão na sua casa em Elgin Crescent.

Fomos colocados num pequeno quarto de refeições, no andar térreo. A sala era tão pequena que, quando nos sentámos à volta da mesa redonda, as nossas costas tocaram nas paredes, impedindo qualquer movimento sem ser notado. Além das cadeiras e da mesa, a única peça de mobiliário de destaque era um piano de armário trichord, que pertencia a Srª. Cook e que ela valorizava muito. A Katie Cook sentou-se entre nós, como de costume. A meio da sessão, a "Lily" apareceu e deu uma ordem urgente:

"Agarrem-se bem! Não larguem as mãos, aconteça o que acontecer!"

Nesse instante, embora nada víssemos (pois a sala estava escura), sentimo-nos rodeados por algo grande e pesado, que se movia sobre as nossas cabeças.

Uma das senhoras presentes entrou em pânico e soltou a mão do seu vizinho, soltando um grito de susto. No mesmo instante, houve um estrondo avassalador. A "Lily" exclamou: "Alguém largou as mãos!"

E a Srª. Cook gritou:

"Oh, meu Deus! O meu piano!"

Quando acendemos as luzes, ficámos chocados com o que vimos:

O pesado piano de armário havia sido transportado—inteiro—sobre as nossas cabeças e lançado ao chão, do outro lado da sala! O impacto quebrou-lhe as duas pernas esculpidas e partiu a tábua de som, causando danos significativos ao instrumento.

O mais surpreendente é que nenhuma pessoa na sala teria espaço para erguer, transportar e atirar o piano sem ser notada.

Se alguém tivesse movido o piano manualmente, teria sido impossível não nos tocarmos ou não sentirmos a sua presença entre nós.

Além disso, a expressão de desespero de Srª. Cook diante do seu precioso instrumento destruído convenceu-nos de que aquele não era um truque preparado por ela ou por sua filha.

Se algum cético nos pudesse ter visto naquele momento, teria sido incapaz de negar a realidade do que aconteceu naquela noite.

CAPÍTULO XVIII

A MEDIUNIDADE DE BESSIE FITZGERALD

Uma noite, fui tomar uma chávena de chá com a minha amiga, a Miss Schonberg, em Shepherd's Bush, quando ela propôs que fôssemos a uma sessão espiritualista com a Sra. Henry Jencken (Kate Fox), que morava ali perto. Acolhi a ideia com entusiasmo, pois tinha ouvido falar muito bem da médium em questão e nunca tivera a oportunidade de a testar. Consequentemente, fiquei proporcionalmente desiludida quando, ao enviar alguém à sua casa para perguntar se nos podia receber nessa noite, recebemos a mensagem de que o Sr. Jencken, seu marido, tinha falecido nessa manhã, e que ela não poderia ver ninguém.

A Miss Schonberg e eu começámos imediatamente a pensar no que fazer com o nosso tempo, e ela sugeriu que fôssemos visitar a Sra. Fitzgerald.

— Quem é a Sra. Fitzgerald? — perguntei.

— Uma médium maravilhosa — respondeu a minha amiga —, que conheci em casa da Sra. Wilson na semana passada e que me deu permissão para a visitar. Vamos juntas.

E assim partimos para a residência da Sra. Fitzgerald, na Goldhawk Road. Menciono estas circunstâncias apenas para mostrar como a minha primeira visita a ela foi totalmente imprevista.

Chegámos à sua casa e fomos conduzidas para uma sala de estar, tendo Miss Schonberg apenas enviado o seu nome. Poucos minutos depois, a porta abriu-se e uma mulher pequena e loura, vestida de veludo preto, entrou na sala. A Miss Schonberg saudou-a e estava prestes a dar alguma explicação sobre a minha presença ali, quando a Sra. Fitzgerald caminhou diretamente até mim e pegou na minha mão.

Os seus olhos pareciam dilatar-se e contrair-se, como o abrir e fechar de uma luz, de uma forma que desde então vi muitas vezes, e ela disse rapidamente:

— Você já foi casada uma vez; já foi casada duas vezes; e casar-se-á uma terceira vez.

Respondi:

— Se sabe alguma coisa, a Sra. Fitzgerald, deve saber que sou profundamente apegada ao meu marido e que a sua informação não me dá qualquer prazer em ouvir.

— Não! — disse ela —, não! Suponho que não, mas não se pode alterar o Destino.

Ela então começou a falar sobre acontecimentos da minha vida passada que exerceram a maior influência sobre toda a minha existência, ocorrências de natureza tão privada e importante que se torna impossível registá-las aqui, e por essa mesma razão foram duplamente convincentes para a pessoa a quem diziam respeito.

Pouco depois, a Sra. Fitzgerald dirigiu-se ao piano e começou a tocar a melodia da balada tão firmemente associada, na minha mente, ao John Powles, "Thou art gone from my gaze", enquanto se voltava para mim e acenava, dizendo:

— Ele está aqui!

De facto, após cerca de duas horas de conversa com ela, senti que esta desconhecida, vestida de veludo preto, havia revelado todos os segredos da minha vida e os exposto, nus e evidentes, diante de mim. Fiquei maravilhosamente atraída por ela. A sua personalidade agradava-me; a sua vida solitária, vivendo com os seus dois bebés na Goldhawk Road, fez-me sentir o desejo de lhe proporcionar companhia e prazer, e os seus dons extraordinários de clarividência e mediunidade em transe fizeram-me desejar a sua amizade. Dei-lhe, então, um convite caloroso para visitar a minha casa em Regent's Park, onde, durante alguns anos, foi uma visitante assídua e sempre recebida com entusiasmo.

Foi graças à sua bondade que tive, pela primeira vez, a oportunidade de estudar a mediunidade em transe ao meu ritmo, e em pouco tempo tornámo-nos tão familiares com o seu espírito-guia mais constante, a "Dewdrop", uma jovem indígena americana, e tão habituadas a comunicar, através da Sra. Fitzgerald, com os nossos próprios amigos falecidos, que a sua chegada à nossa casa passou a ser o sinal para a realização de um encontro espiritual.

Para aqueles que não estão familiarizados com o assunto e para os curiosos, creio que será útil descrever aqui o que se entende por mediunidade em transe. Uma pessoa assim dotada tem o poder de se entregar ao controlo das influências espirituais dominantes, que a fazem adormecer — um sono tão profundo e semelhante à morte que o espírito, de facto, se separa temporariamente do corpo. Esse corpo pode então ser ocupado e utilizado por outros espíritos, por vezes vivos, mas muito mais frequentemente falecidos, que o usam como se fosse o seu próprio.

Mencionei, no meu capítulo sobre "Espíritos Encarnados", como o meu amigo vivo, na Índia, conversou comigo através da Bessie Fitzgerald desta forma, bem como como "Florence" falou comigo através dos lábios inconscientes da Mabel Keningale Cook.

É claro que estou ciente de que seria muito fácil para uma médium simplesmente fechar os olhos e, fingindo estar em transe, dizer uma série de banalidades, que tolos de boca aberta poderiam aceitar como um novo evangelho. Por isso, torna-se imperativo testar este tipo de médiuns estritamente com base no que dizem e não depositar neles qualquer fé até se estar convencido de que os assuntos de que falam não poderiam, de forma alguma, ser conhecidos por ninguém, exceto pelo amigo de quem afirmam ser o porta-voz. Tudo isto eu comprovei plenamente por mim mesma através de repetidas tentativas e investigações; mas a parte desafortunada é que, quanto mais forte e convincente for a prova privada, mais difícil se torna apresentá-la ao público.

Tenho de me contentar, portanto, em dizer que alguns dos meus amigos falecidos (assim chamados) regressaram a mim com tanta frequência através da Bessie Fitzgerald e familiarizaram-se tão completamente com a minha vida presente, que às vezes esquecia-me de que tinham deixado este mundo e recorria a eles (ou melhor, a Bessie) para buscar conselho ou pedir simpatia, tão naturalmente como se ela fosse a sua forma terrena. Entre eles, a minha filha "Florence" era, necessariamente, a que estava mais frequentemente comigo, e ela e a "Dewdrop" geralmente dividiam o tempo que a Sra. Fitzgerald passava connosco.

Nunca vi um espírito-guia tão completamente identificado com o seu médium como a "Dewdrop" estava com Bessie. Por vezes, era difícil distinguir quem era quem, e nunca se podia ter certeza até que falasse se era o espírito ou a médium que tinha entrado na casa. Quando falava, no entanto, não havia engano possível. As suas personalidades eram

completamente diferentes. A Bessie Fitzgerald, uma mulher pequenina, de fala suave, dedicada aos seus filhos e geralmente discreta; a "Dewdrop", uma jovem indígena Sioux, astuta e profunda como a sua tribo, perspicaz e atrevida como uma ianque, com uma dose de travessura que, por vezes, devia ser bastante inconveniente.

Ela costumava pregar partidas à Sra. Fitzgerald, que poderiam tê-la colocado em apuros, como por exemplo, tomar o seu controlo enquanto viajava num autocarro e falar na sua língua ianque indígena aos passageiros até ao ponto de lhes fazer arrepiar os cabelos, com a suspeita de que tinham uma lunática como companheira.

Uma noite, realizámos uma grande e bastante "requintada" festa, composta principalmente por senhoras e cavalheiros da profissão teatral, e inteiramente composta por não-espiritualistas, exceto nós próprios. A Sra. Fitzgerald tinha sido convidada para esta festa, mas recusou, pois não era do seu gosto. Ficámos, portanto, bastante surpreendidos quando, já com todos os convidados reunidos, ouvimos o seu nome ser anunciado e a vimos entrar na sala vestida com um traje matinal. Assim que pus os olhos nela, porém, percebi que não era ela, mas sim "Dewdrop". O passo decidido com que caminhava, o jeito travesso com que se balançava de um lado para o outro, a malícia nos olhos, tudo denunciava o controlo indígena.

Para piorar a situação, dirigiu-se diretamente ao Coronel Lean e, atirando-se ao chão aos seus pés, deitou a cabeça sobre o seu joelho e disse com carinho:

— Vim para a festa.

Imaginem o espanto dos nossos convidados! Fui obrigada, imediatamente, a explicar a situação em defesa da minha amiga. Embora os presentes parecessem um pouco céticos, ficaram extremamente interessados, e a visita da "Dewdrop" acabou por ser o evento da noite. Ela conversou com cada um separadamente, dizendo-lhes verdades desconcertantes e profetizando o seu futuro de uma forma que os fazia empalidecer de medo ou corar de vergonha. Houve até uma pequena disputa entre os homens para ver quem levaria a "Dewdrop" para a mesa do jantar.

Lá, ela tornou-se particularmente animada, fazendo comentários pessoais em voz alta, que em alguns casos eram bastante embaraçosos de ouvir, e que a Bessie Fitzgerald preferiria cortar a língua a pronunciar. Também comeu pratos que teriam deixado Bessie doente durante uma semana. Esta era outra peculiaridade estranha do controlo da "Dewdrop". Ela não apenas expulsava o espírito da médium; ela também regulava a maquinaria interna do corpo da Bessie.

Bessie, no seu estado normal, era uma mulher muito delicada, com problemas no coração e nos pulmões, obrigada a ter extremo cuidado com a alimentação. Comia como um passarinho e apenas os alimentos mais simples. A "Dewdrop", por outro lado, gostava de comida indigesta e devorava-a livremente; no entanto, Bessie disse-me que nunca sentia qualquer desconforto com os alimentos assimilados pelo seu corpo enquanto estava sob o controlo da "Dewdrop".

Um dia, quando a Sra. Fitzgerald jantava connosco, tínhamos algumas maçãs para sobremesa, que ela gostaria de ter provado, mas temia as consequências.

— Não me atrevo — disse ela — se comer uma maçã crua, terei indigestão durante uma semana.

Escolheu, em vez disso, um pouco de gengibre em conserva; e estávamos a continuar a sobremesa quando vi a sua mão estender-se sorrateiramente e agarrar uma maçã. Olhei para o seu rosto. A "Dewdrop" tinha tomado o seu lugar.

— "Dewdrop" — disse eu, autoritariamente —, não deves comer isso. Vais prejudicar a Bessie. Larga-a imediatamente.

— "Não vou," respondeu a "Dewdrop", puxando o prato para si; "Gosto de maçãs. Estou sempre a querer que 'Medy' as coma, e ela não quer, por isso tem de se afastar até eu ter comido quantas quiser."

E, de facto, comeu três ou quatro delas, e Bessie nunca teria tido conhecimento do facto se eu não lho tivesse contado.

Na ocasião da festa para a qual veio sem ser convidada, "Dewdrop" permaneceu connosco até ao fim e regressou a casa de táxi, deixando a Sra. Fitzgerald na sua residência sem que esta se apercebesse de que alguma vez a tinha deixado.

Nessa altura, estávamos constantemente em casa umas das outras, e passei muitas noites sozinha com Bessie na Goldhawk Road, com a sua empregada fora a fazer compras e os seus pequenos filhos a dormir no quarto por cima. O seu bebé, na altura, era um rapaz gorducho de cerca de quinze meses, que costumava acordar e chorar pela mãe. Se a "Dewdrop" estivesse presente, ficava sempre muito impaciente com essas interrupções.

— "Que chatice o George" — dizia ela — "Tenho de subir para o acalmar."

Depois desaparecia durante alguns minutos, enquanto a Bessie despertava e falava comigo, e então, num piscar de olhos, a "Dewdrop" voltava.

Um dia, aparentemente, o "George" não queria ser consolado, pois ao regressar, "Dewdrop" disse-me:

— "Não adiantou nada; tive de trazê-lo para baixo. Está no tapete, lá fora, à porta."

E, de facto, lá encontramos o pobre bebé a chorar, de camisa de noite. Não sendo capaz de andar, como foi transportado do último andar para o rés-do-chão, deixo aos meus leitores determinar.

A filha de Bessie, a Mabel, prometia ser tão extraordinária médium quanto a mãe. Costumava entrar em casa, corada da brincadeira no jardim com as "crianças-espírito", das quais falava com tanta familiaridade como dos seus pequenos vizinhos ao lado. Vi-a a jogar à bola com uma criança invisível, observando a bola ser lançada, deter-se a meio do ar e depois ser devolvida, exatamente como se uma criança viva fosse a adversária de Mab.

Perdi vários bebés devido a partos prematuros durante o meu segundo casamento, e a mais velha deles, uma menina, parecia ser uma companheira constante da Mabel. Ela falava sempre sobre o que "a menina da Sra. Lean" (como a chamava) tinha feito e dito; e um dia teve um ataque violento de choro porque a mãe não lhe prometia comprar um vestido igual ao que "a menina da Sra. Lean" usava.

A propósito destas crianças nascidas mortas, tive uma experiência curiosa com a Sra. Fitzgerald. Nunca antes tinha pensado que crianças assim nascidas possuíssem almas ou vivessem novamente, mas a "Florence" desenganou-me ao dizer que tomava conta dos seus pequenos irmãos e irmãs. Ela chegou até a afirmar conhecer os nomes pelos quais eram conhecidos no mundo espiritual.

Quando um bebé nascido morto chega ao outro lado, disse ela, é entregue ao parente mais próximo do seu progenitor, que o chama pelo nome que escolher. Assim, a minha primeira menina foi batizada pela mãe do Coronel Lean como a "Gertrude", em homenagem a uma sua grande amiga, e a segunda foi nomeada pelo meu pai como a "Joan", pois disse que era o seu nome feminino favorito.

Após investigações posteriores, descobrimos que a Sra. Lean tinha, de facto, uma amiga chamada a "Gertrude" e que a "Joan" era distintamente o nome feminino ideal do Capitão Marryat. No entanto, isso pouco significava.

Tornei-me muito curiosa para ver ou falar com estes meus bebés desconhecidos e costumava insistir com a "Florence" para que os trouxesse até mim. Ela protestava comigo da seguinte maneira:

— "Querida mãe, sê razoável. Lembra-te de que são apenas bebés e que este mundo é completamente estranho para eles. Quando os teus filhos terrestres eram pequenos, nunca permitiste que fossem levados para junto de estranhos, com medo de que chorassem. A 'Gertie' e a 'Yonnie' comportar-se-iam da mesma forma se os trouxesse até ti agora."

No entanto, continuei a insistir até que ela fez a tentativa, e a "Gertie" voltou através da Sra. Fitzgerald. Demorou bastante tempo até conseguirmos convencê-la a permanecer connosco, e quando finalmente superou a sua timidez inicial, era como falar com uma pequena selvagem.

A "Gertie" não sabia o significado de nada, nem os nomes de nada. As suas perguntas incessantes — "O que é um pai?" "O que é uma mãe?" "O que é um cão?" — eram muito difíceis de responder. Mas, por outro lado, falava do mundo espiritual e do que fazia lá com a maior facilidade.

Contou-nos que conhecia muito bem o seu irmão Francis (o rapaz que se afogou no mar) e que "corria corridas e o Francis 'perseguia-a'; e quando a apanhava, segurava-a debaixo da fonte, e os salpicos molhavam o seu vestido e faziam-no parecer prateado."

A palavra "perseguia" ("chivied"), soando-me demasiado mundana, perguntei a "Gertie" onde a tinha aprendido; e ela respondeu:

— "Francis diz 'chivy', por isso também posso dizer."

E, de facto, era uma expressão que ele usava frequentemente.

A "Gertie" começou, ao fim de algum tempo, a interessar-se tanto pelos meus enfeites e peças de porcelana, pondo-os em perigo, que comprei uma boneca para ver se brincaria com ela.

A princípio, ficou encantada com o "pequeno espírito", como lhe chamou, e segurou-o ao colo, exatamente como uma criança mortal faria.

Mas quando começou a questionar-me sobre porque é que a boneca não olhava para ela, nem lhe respondia, nem se movia, e eu lhe disse que era porque não estava viva, ficou terrivelmente desiludida.

— "Não está viva!" — exclamou — "Deus não a fez?"

E quando lhe respondi negativamente, atirou-a para o outro lado da sala e nunca mais olhou para ela.

A "Gertie" tinha cerca de cinco anos nesta altura e parecia ter uma grande ideia da sua própria importância. Anunciava-se sempre como "A Princesa Gertie" e era muito digna no seu comportamento.

Um dia, quando uma amiga estava presente e a "Gertie" lhe pediu um beijo, estendeu-lhe a mão em vez da face, dizendo:

— "Podes beijar a minha mão."

A "Yonnie" (como "Joan" se chamava a si própria) tinha apenas dezoito meses e costumava manifestar-se a chorar alto, como uma criança arrastada à força para junto de estranhos, e a única palavra que alguma vez conseguimos arrancar dela foi "rebuçados".

Assim, comprei alguns para ela, com os quais encheu a boca de tal maneira que quase sufocou a médium, levando a "Florence" a repreender-me seriamente pela minha imprudência e a ameaçar nunca mais trazer a "Yonnie" para este mundo.

Havia mais três crianças — rapazes — que eu ansiava igualmente por ver novamente, mas, por alguma razão inexplicável, a "Florence" disse que era impossível que eles se manifestassem. As meninas, no entanto, vinham até nos tornarmos completamente familiares com elas.

Sei que tudo isto pode parecer muito infantil, mas se não tivesse um contexto notável, não o teria contado. Todo o espanto disto será compreendido mais adiante.

Nessa época, a Sra. Fitzgerald sofria muito de insónia, e sempre afirmava que melhorava depois de me visitar. Certa noite, portanto, quando ficou em minha casa até mais tarde do que o habitual, propus-lhe que ficasse e partilhasse a minha cama, regressando a casa na manhã seguinte.

Ela concordou e, à hora habitual, fomos descansar juntas. Tomei o cuidado de trancar a porta do quarto e de manter o gás aceso; na verdade, a Bessie estava tão nervosa com o que poderia ver que não teria permanecido no escuro sob nenhuma circunstância.

A cama que ocupávamos era do tipo dossel médio, com um baldaquino e cortinas de ambos os lados. Assim que a Bessie se deitou, enfiou-se debaixo dos cobertores como um esquilo e adormeceu profundamente.

Eu, porém, estava demasiado curiosa para ver o que poderia acontecer para seguir o seu exemplo, por isso mantive a cabeça na almofada, os olhos bem abertos e a olhar em todas as direções.

Pouco depois, vi as cortinas do lado oposto da cama serem sacudidas suavemente; em seguida, uma mão e um braço brancos apareceram por trás delas e passaram-se para cima e para baixo ao longo da elevação que representava o corpo da Bessie Fitzgerald.

Finalmente, após avançar e recuar várias vezes, uma figura feminina emergiu e caminhou até ao pé da cama, onde permaneceu a olhar para mim.

Ela parecia, em todos os aspetos, tão solidamente formada como qualquer ser humano e estava perfeitamente visível, como se fosse vista à luz do dia.

A sua cabeça e busto lembraram-me imediatamente a célebre a "Clytie", de tão clássicos e belamente formados que eram. O seu cabelo e pele eram claros, os seus olhos luminosos, líquidos e gentis, e toda a sua postura era de modesta dignidade.

Estava vestida com um tecido branco-creme, espesso e macio, entremeado com ouro baço. Não usava ornamentos, mas na sua mão direita segurava um longo ramo de palmeira, oliveira ou murta, algo alto, afilado e de um verde escuro.

Mal se podia dizer que me sorriu, mas havia nela uma expressão indescritível de paz e tranquilidade.

Quando descrevi esta aparição a Bessie na manhã seguinte, ela reconheceu-a imediatamente como sendo o seu guia espiritual, "Goodness", que já tinha visto clarividentemente, mas afirmou que eu era a única pessoa que alguma vez lhe dera uma descrição correta desta entidade, que era a mais pura e elevada entre as que a acompanhavam.

Depois do "Goodness" permanecer na mesma posição por alguns minutos, regressou para trás da cortina, que servia de cabine espiritual, e a "Florence" surgiu, tendo comigo uma conversa em sussurros.

Em seguida, um rosto escuro, apenas um rosto, que se dizia ser o da "Dewdrop", espreitou quatro ou cinco vezes e depois desapareceu.

Então, uma voz disse:

— "Não mais! Boa noite."

Virei-me para onde Bessie dormia ao meu lado e adormeci também.

Depois disso, sempre que sofria de insónias particularmente severas, ela costumava vir passar a noite comigo, dizendo que o meu magnetismo a fazia dormir, e manifestações semelhantes ocorriam sempre que estávamos juntas e a sós.

A mediunidade da Sra. Fitzgerald, no entanto, não era usada apenas para satisfazer curiosidade ou prever o futuro. Ela era uma diagnosta médica extraordinária e trabalhou durante muito tempo ao serviço de um conhecido médico. Sentava-se num canto da sala de espera e dizia-lhe exatamente qual a doença de cada paciente que entrava. Disse-me que

conseguia ver o interior de cada pessoa com a mesma clareza como se fossem feitas de vidro.

Este dom, no entanto, fazia com que absorvesse uma espécie de reflexo da doença que diagnosticava, e, após algum tempo, a sua saúde debilitada obrigou-a a abandonar essa prática. O seu guia espiritual, a "Dewdrop", autodenominava-se "um espírito do metal", ou seja, os seus conselhos eram extremamente fiáveis no que dizia respeito a especulações e transações financeiras.

Muitos corretores da bolsa e homens de negócios da cidade costumavam consultar regularmente Bessie antes de se envolverem em qualquer tipo de investimento, e ela recebeu muitos presentes valiosos em troca da sua assistência em "fazer fortuna". Um cavalheiro, de facto, deixou uma grande soma de dinheiro ao seu pequeno filho quando morreu, em gratidão pela fortuna que a "Dewdrop" o tinha ajudado a acumular. As pessoas que zombam do Espiritualismo e declaram que é inútil mal sabem o quanto aqueles que nele acreditam tiram proveito da sua previsão e orientação espiritual.

Nunca me arrependi, a não ser quando negligenciei seguir o conselho de um médium em quem já tinha comprovado poder confiar.

No outono de 1883, apresentei ao público provincial britânico o meu próprio espetáculo, "Cartas de Amor", e este teve um sucesso imediato e inegável. Os meus contratos começaram a chegar rapidamente, e já tinha datas marcadas para toda a primavera de 1884, quando o Sr. Edgar Bruce me ofereceu um contrato no Prince of Wales' Theatre (então chamado apenas de Prince's), prestes a ser inaugurado em Piccadilly.

Eu ansiava por conseguir um contrato nos palcos de Londres e estava ansiosa para aceitá-lo; contudo, não sabia se seria sensato abdicar dos meus compromissos provinciais.

Escrevi a Bessie para perguntar a "Dewdrop" o que devia fazer; a resposta foi: "Não aceites, é apenas um fogo de palha."

Perante isto, enviei uma mensagem ao Sr. Bruce para perguntar quanto tempo deveria durar o contrato, e a resposta dele foi que esperava que "The Palace of Truth" estivesse em cartaz por pelo menos um ano e que, de qualquer forma, eu deveria considerar-me parte de uma "companhia residente".

Perante essa garantia, cancelei todos os meus compromissos de espetáculos, regressei a Londres, atuei no Prince's Theatre por apenas onze semanas e acabei envolvida em quatro processos judiciais com os meus desiludidos contratantes.

Uma das observações mais comuns feitas por pessoas ignorantes é: "Se os espíritos sabem alguma coisa, que me digam o nome do vencedor do Derby e então eu acreditarei neles", e por aí adiante.

Um dia, falei sobre isto com a "Dewdrop", e ela disse:

— "Podíamos dizer, se quiséssemos, mas não nos é permitido fazê-lo. Se o Espiritualismo fosse geralmente usado para esse tipo de coisa, o mundo inteiro correria para ele apenas para enganar os outros. Mas, se me prometeres que não o abrirás até depois do Derby, dar-te-ei agora o nome do vencedor num envelope selado, para provar que o que digo é verdade."

Fornecemos-lhe os materiais necessários, e ela fez algumas marcas a lápis num pedaço de papel e selou-o. Era o ano em que "Shotover" venceu o Derby. No dia seguinte à corrida, abrimos o envelope e encontramos o desenho de um homem com uma arma na mão, uma sebe e um pássaro a voar do outro lado; muito esquemático, mas perfeitamente compreensível para quem soubesse ler nas entrelinhas.

Uma noite, estava no teatro com Bessie, numa frisa, quando percebi que a "Dewdrop" tinha tomado o seu lugar. "Dewdrop" adorava ir ao teatro, e os seus comentários eram tão engraçados e inocentes que os mantinham constantemente divertidos. De repente, entre os atos, disse-me:

— "Vês aquele homem na primeira fila da plateia, com a cabeça careca, sentado ao lado da velha senhora de pescoço gordo?"

Respondi que sim.

— "Agora observa" — disse a "Dewdrop" — "Vou até lá para me divertir um pouco. Primeiro, vou fazer cócegas na cabeça do velho, depois vou arranhar o pescoço da velha senhora. Agora, tu e 'Medy' fiquem atentos."

No momento seguinte, a Bessie falou comigo na sua própria voz, e eu contei-lhe o que a "Dewdrop" planeava fazer.

— "Oh, pobrezinhos!" — disse ela, com compaixão — "Ela vai atormentá-los!"

Observar o que se seguiu foi uma autêntica comédia.

Primeiro, o velho levou a mão à cabeça careca, depois tirou o lenço e sacudiu-o, em seguida esfregou-a e, por fim, friccionou-a vigorosamente para aliviar a irritação crescente.

Depois, a velha senhora começou a fazer o mesmo no pescoço e, ao ver que não passava, olhou furiosa para o velho, como se achasse que ele era o culpado.

Na verdade, ambos estavam tão visivelmente incomodados que não havia dúvida de que "Dewdrop" tinha cumprido a sua promessa.

Quando voltou para junto de mim, disse:

— "Viste-me a andar ao longo da primeira fila da plateia, com os meus mocassins, contas, penas e toda a minha pintura de guerra, a fazer cócegas na cabeça do velho?"

— "Não te vi, 'Dewdrop'," — respondi — "mas tenho a certeza de que lá estiveste."

— "Ah! Mas o velho sentiu-me, e a velha também," — replicou ela.

A Bessie Fitzgerald agora é a Sra. Russell Davies e continua a realizar as suas sessões espiritualistas em Upper Norwood. Ninguém que as assista pode deixar de se sentir intrigado com os diversos fenómenos que ali testemunhará.

CAPÍTULO XIX
A MEDIUNIDADE DE LOTTIE FOWLER

Como fui apresentada a Lottie Fowler muitos anos antes de conhecer a Bessie Fitzgerald, suponho que o relato da sua mediunidade deveria ter vindo primeiro; Mas estou a escrever esta narrativa verídica sem qualquer plano fixo ou artificial, apenas conforme me ocorre, embora não de memória, pois foram tiradas notas de todos os pormenores no momento da ocorrência.

Em 1874, trabalhava intensamente na imprensa londrina e era frequentemente enviada para relatar qualquer novidade ou curiosidade que pudesse resultar num artigo interessante. Foi por esse motivo que recebi uma ordem de um dos principais jornais da cidade para ir assistir a uma sessão espiritualista com uma clarividente americana recém-chegada a Inglaterra, a Srta. Lottie Fowler. Até então, nunca tinha ouvido falar da médium e sabia muito pouco sobre clarividência.

Ela estava hospedada na Conduit Street, e cheguei à sua casa logo pela manhã, às dez horas, enviando um cartão com apenas o nome do jornal.

Fui prontamente admitida. A Srta. Fowler, naturalmente, ansiava por ser noticiada pela imprensa e apresentada à sociedade londrina. Encontrei-a uma mulher elegante, bem-vestida, com cerca de trinta anos e um rosto agradável e inteligente. Aqueles que só a conheceram depois de a doença e o infortúnio terem afetado a sua aparência podem sorrir com a minha descrição, mas repito que, há dezassete anos, a Lottie Fowler era próspera e enérgica.

Recebeu-me muito cordialmente e convidou-me a entrar numa pequena sala nos fundos, onde, devido ao tempo quente, as janelas e portas estavam abertas. Ali, sob a luz do sol, sentou-se, segurou a minha mão e começou a falar sobre os seus planos e esperanças para Londres. De repente, os seus olhos fecharam-se, a cabeça caiu para trás, respirou com dificuldade por alguns minutos e depois endireitou-se novamente, ainda de olhos fechados, e começou a falar num tom alto e num inglês entrecortado.

Era o seu guia espiritual conhecido, "Annie", sem dúvida uma das melhores clarividentes vivas. Ela começou por me explicar que, em vida, tinha sido uma rapariga alemã e que não conseguia falar inglês corretamente, mas que eu a entenderia melhor com o tempo. Depois, descreveu o meu nascimento à beira-mar, a personalidade e a profissão do meu pai, falou da minha mãe, dos meus irmãos e irmãs, das minhas doenças, do meu casamento e da minha vida doméstica. Então, disse:

— "Espera! Agora irei até à tua casa e direi o que vejo lá."

Depois, mencionou os nomes de todos os meus filhos e traçou um esboço do caráter de cada um, incluindo o "bebé com nome de flor," como chamou à minha pequena Daisy.

Quando esgotou o assunto do meu passado e presente, disse:

— "Vais dizer que li tudo isso da tua mente, por isso agora direi o que vejo no teu futuro. Vais casar-te uma segunda vez."

Naquela época, editava uma revista de moda e estava rodeada de muitos escritores. Mantinha a minha casa aberta às terças-feiras, e tinha inúmeros amigos. Pode ser (não digo que fosse), mas pode ser que, por vezes, especulasse sobre o meu destino caso ficasse livre... A sessão de que falo ocorreu numa manhã de quarta-feira; e quando "Annie" me

disse que eu me casaria uma segunda vez, os meus pensamentos, suponho, tomaram asas involuntariamente, pois ela imediatamente acrescentou:

— "Não! Não com o homem que partiu o copo na tua casa ontem à noite. Vais casar com outro soldado."

— "Não, obrigada" — exclamei — "para mim, já chega de homens do exército. Tive soldados suficientes para uma vida inteira."

"Annie" assumiu uma expressão muito séria.

— "Casarás com outro soldado" — reiterou ela — "Consigo vê-lo agora, a caminhar por uma esplanada. Ele é muito alto e forte, tem cabelo castanho cortado bem curto, mas tão macio e brilhante! A parte de trás da sua cabeça parece tão lisa quanto a de uma toupeira. Tem um rosto largo, um rosto agradável e sorridente, e quando ri, mostra dentes muito brancos. Vejo-o a bater à tua porta. Ele diz: 'A Sra. Ross-Church está em casa?' 'Sim, senhor.' Então, ele entra numa sala cheia de livros. 'Florence, a minha esposa morreu. Queres ser minha esposa?' E tu respondes: 'Sim'."

"Annie" falava de forma tão natural, e eu estava tão espantada com o seu conhecimento dos meus assuntos, que só quando regressei a casa percebi que ela me tinha chamado pelo meu nome, o qual tinha sido cuidadosamente mantido em segredo dela.

Perguntei-lhe:

— "Quando morrerá o meu marido?"

— "Não vejo a morte dele em lado nenhum" — respondeu ela.

— "Mas como posso casar novamente se ele não morrer?" — perguntei.

— "Não sei, mas não posso dizer-te o que não vejo. Vejo uma casa em grande confusão, papéis espalhados por todo o lado, tudo virado do avesso, e duas pessoas a seguirem caminhos diferentes; e oh, há tanto sofrimento e tantas lágrimas! Mas não vejo morte em lado nenhum."

Regressei a casa muito impressionada com tudo o que a Srta. Fowler tinha dito sobre o meu passado e presente, mas muito cética em relação às suas profecias para o futuro.

No entanto, três anos depois, quando muito do que ela dissera se tinha concretizado, viajava de Charing Cross para Fareham com o Sr. Grossmith, para apresentar o nosso espetáculo "Entre Nous", quando o comboio parou, como de costume, em Chatham para abastecimento de água. Na plataforma, vi um oficial, o Coronel Lean, em uniforme, a conversar com alguns amigos. Nunca o tinha visto antes, mas disse imediatamente ao Sr. Grossmith:

— "Vês aquele oficial em uniforme informal? Esse é o homem que Lottie Fowler me disse que eu iria casar."

A descrição dela tinha sido tão exata que o reconheci imediatamente. Claro que fui alvo de muitas risadas e, passado algum tempo, até eu mesma ri da situação. Dois meses depois,

porém, fui contratada para recitar no Instituto Literário de Chatham, onde nunca tinha estado antes.

O Coronel Lean assistiu à récita e apresentou-se a mim. Tornou-se visitante assíduo da minha casa em Londres (que, aliás, tinha sido trocada por uma numa esplanada), e dois anos depois, em junho de 1879, casámo-nos. Superei a minha natural relutância em expor assuntos privados ao público apenas por uma questão de justiça para com Lottie Fowler.

É inútil relatar qualquer coisa relacionada com o sobrenatural (embora me tenham ensinado que este termo é incorreto, pois nada do que existe está acima da natureza, mas apenas constitui uma continuação dela), a menos que se esteja preparado para provar que é verdade.

Lottie Fowler não permaneceu muito tempo em Inglaterra naquela ocasião. Regressou aos Estados Unidos por algum tempo, e eu já era a Sra. Lean quando a reencontrei. A sua segunda visita foi notável. Tinha ido a outra médium, que me deixara muito preocupada com certas profecias sobre a saúde do meu marido; na verdade, ela disse que ele não viveria mais de dois anos, e fiquei tão inquieta com isso que a minha amiga Miss Schonberg sugeriu que fôssemos imediatamente ver a Lottie Fowler, que acabara de chegar a Inglaterra e estava hospedada em Vernon Place, Bloomsbury.

Embora já fosse tarde, partimos imediatamente.

A resposta ao nosso pedido para ver a Srta. Fowler foi que ela estava demasiado cansada para receber mais visitantes naquele dia.

— "Peçam-lhe, por favor, que me veja" — insisti — "Não a demorarei nem um instante; só quero fazer-lhe uma pergunta."

Fomos então admitidas e encontrámos Lottie quase a dormir.

— A "Srta. Fowler" — comecei — "disse-me há cinco anos que eu me casaria uma segunda vez. Pois bem, casei-me, e agora dizem-me que vou perder o meu marido."

Depois, contei-lhe quão doente ele estava, o que os médicos disseram e o que a médium tinha predito.

— "Disse-me a verdade antes" — continuei — "diga-me agora. Ele vai morrer?"

A Lottie pegou num medalhão que continha um cacho do cabelo dele, segurou-o por um momento e depois respondeu, confiante:

— "Eles não sabem de nada. Ele não vai morrer — pelo menos não agora — não por muito tempo."

— "Mas quando?" — perguntei, desesperada.

— "Deixa isso para Deus, criança" — respondeu ela — "e sê feliz por ora."

E, de facto, o Coronel Lean recuperou da sua doença e voltou a ser forte e saudável.

Mas de onde veio a confiança da Srta. Fowler para afirmar que um homem que nunca tinha visto, nem sequer ouvido falar, se recuperaria de uma doença que os médicos consideravam mortal?

A partir desse momento, a Lottie e eu tornámo-nos grandes amigas e assim permanecemos até hoje.

É notável que ela nunca tenha aceitado um único xelim meu em pagamento pelos seus serviços, embora tenha estado comigo dezenas de vezes, nem sequer aceitava um presente, mesmo quando estava em extrema necessidade de dinheiro.

Disse-me que lhe tinham dito que nunca prosperaria se tocasse no meu dinheiro.

Ela tem uma das naturezas mais gratas, afetuosas e generosas que possam existir e chegou a passar fome para ajudar outras pessoas que viviam às suas custas.

Vi-a passar por doença, pobreza e dificuldades, e considero-a uma das mulheres mais bondosas e nobres que existem.

Alegra-me ter, ainda que nesta pequena oportunidade, a chance de prestar testemunho do seu caráter.

Houve um tempo em que ela tinha uma vasta e distinta clientela de consulentes, que lhe pagavam generosamente por uma sessão, mas, nos últimos anos, os seus clientes diminuíram, e a sua fortuna decresceu proporcionalmente.

Agora, regressou aos Estados do Sul da América e afirma que viu Inglaterra pela última vez.

Tudo o que posso dizer é que a considero uma grande perda pessoal, tanto como conselheira em assuntos de negócios quanto como profetisa do futuro.

Ela também, assim como a Bessie Fitzgerald, era uma excelente diagnosta médica.

Foi amplamente consultada por médicos da Corte na época da grave doença do Príncipe de Gales e previu a sua recuperação desde o início.

Foi através da sua mediunidade que o corpo do falecido Lorde Lindesay de Balcarres, que havia sido roubado do jazigo da família, foi finalmente recuperado; e o atual Lorde Lindesay deu-lhe um belo relógio esmaltado e incrustado com diamantes, em comemoração do evento.

Ela previu o tumulto que ocorreu em Londres há alguns anos e o desastre da Ponte Tay; mas quem, nos dias de hoje, acredita nas profecias dos médiuns?

Desde que conheci a Lottie Fowler, praticamente não houve evento na minha vida para o qual ela não me tenha preparado de antemão, mas a maioria deles são demasiado insignificantes para interessar ao leitor.

No entanto, um deles, o mais triste que já enfrentei, foi predito de maneira extraordinária.

Em fevereiro de 1886, a Lottie (ou melhor, "Annie") disse-me:

— "Há uma grande aflição reservada para ti, Florris" (ela chamava-me sempre "Florris"); "estás a passar sob nuvens negras, e há um caixão pendurado sobre ti. Ele sairá da tua casa."

Isso deixou-me muito inquieta.

Ninguém vivia na minha casa além do meu marido e de mim.

Perguntei-lhe:

— "É o meu próprio caixão?"

— "Não!"

— "É o do meu marido?"

— "Não; é de uma pessoa muito mais jovem."

Interroguei-a com insistência, mas ela não quis dizer mais nada, e tentei afastar essa ideia da minha mente.

Ainda assim, ela voltava constantemente, pois sabia, por experiência, o quão certeiras eram as suas previsões.

Até que, por fim, senti que já não suportava mais a incerteza e fui ter com ela.

— "Tens de me dizer que o caixão de que falaste não é para um dos meus filhos, ou a incerteza vai enlouquecer-me."

"Annie" pensou por um momento e depois disse lentamente:

— "Não, não é para um dos teus filhos."

— "Então, posso suportar qualquer outra coisa" — respondi.

O tempo passou e, em abril, um tio meu faleceu.

Corri novamente para Lottie Fowler.

— "É esta a morte que profetizaste?" — perguntei-lhe.

— "Não" — respondeu ela — "o caixão tem de sair da tua casa. Mas esta morte será seguida por outra na família."

E, de facto, dentro de uma semana, houve outra morte.

No fevereiro seguinte, os meus vizinhos do lado perderam o seu único filho.

Conhecia o rapaz há anos e fiquei muito triste por eles.

Enquanto observava os preparativos para o funeral da janela do meu quarto, vi o caixão ser carregado para fora da porta de entrada, que ficava ao lado da minha, separada apenas por uma grade.

Sabendo que muitos médiuns proféticos veem o futuro numa sucessão de imagens, ocorreu-me que a Lottie deveria ter visto este caixão a ser levado e confundido a casa com a minha.

Fui ter com ela novamente.

Isso prova o peso que essa predição teve sobre mim durante todo esse tempo.

— "Não ocorreu agora a morte de que falaste?" — perguntei-lhe.

— "O caixão não saiu da minha casa?"

— "Não" — respondeu ela — "será um parente, alguém da família. Está muito mais próximo agora do que antes."

Senti-me desconfortável, mas não permiti que isso me tornasse infeliz.

A "Annie" dissera que não seria um dos meus filhos e, enquanto eles fossem poupados, sentia-me forte para enfrentar qualquer coisa.

Em julho seguinte, a minha filha mais velha veio ter comigo em grande aflição.

Tinha ouvido falar da morte de um amigo, alguém que tinha estado associado à sua vida profissional, e a notícia abalou-a profundamente.

Sempre se opôs ao Espiritualismo.

Não via utilidade nele e achava que eu acreditava muito mais do que o necessário.

Muitas vezes pedi-lhe que me acompanhasse a sessões ou para ver médiuns em transe, e ela sempre recusou.

Dizia que não havia ninguém no outro lado com quem quisesse falar.

Mas quando o seu jovem amigo morreu, implorou-me que a levasse a um médium para obter notícias dele, e fomos juntas a Lottie Fowler.

A "Annie" não esperou qualquer explicação, mas iniciou a sessão imediatamente:

— "Vieste aqui perguntar-me como podes ver o teu amigo que acabou de partir" — disse ela.

— "Bem, ele está bem. Está nesta sala agora, e diz que o verás muito em breve."

— "A que médium devo ir?" — perguntou a minha filha.

— "Não vás a nenhum médium. Espera um pouco e verás com os teus próprios olhos."

A minha filha era uma médium física, embora eu tivesse evitado que participasse em sessões por receio de que isso prejudicasse a sua saúde; e, como ela, acreditei que a "Annie" queria dizer que o seu amigo se manifestaria através da sua própria energia mediúnica.

Ela virou-se para mim e disse:

— "Oh, mãe, vou ficar terrivelmente assustada se ele me aparecer à noite."

E "Annie" respondeu:

— "Não, não vais ficar assustada quando o vires. Vais ficar muito feliz."

"O teu encontro será uma fonte de grande prazer para ambos."

A minha filha tinha acabado de assinar um contrato lucrativo e estava prestes a iniciar uma digressão provincial.

O seu próximo pedido foi:

— "Diz-me o que vês para mim no futuro."

"Annie" respondeu:

— "Não consigo ver com clareza. Noutro dia poderei dizer-te mais, mas hoje tudo está enevoado. Sempre que tento ver, uma parede parece erguer-se atrás da tua cabeça e bloquear a visão."

Depois, virou-se para mim e disse:

— "Florris, esse caixão está muito perto de ti agora. Está suspenso mesmo sobre a tua cabeça!"

Respondi, com descuido:

— "Gostaria que viesse e acabasse logo com isto. Já passaram dezoito meses, Annie, desde que fizeste essa sombria profecia!"

Mal poderia imaginar que se concretizaria de forma tão rápida e terrível. Três semanas depois daquela sessão, a minha querida filha (que estava hospedada comigo) foi levada para fora da minha casa no seu caixão, a caminho de Kensal Green. Fiquei tão atordoada com o golpe que demorou algum tempo até me lembrar da previsão da "Annie".

Quando lhe perguntei por que motivo me torturou com a angústia de um mal iminente durante dezoito meses, ela disse que os meus espíritos guardiões a tinham instruído a fazê-lo, pois, de outra forma, o choque repentino poderia ter afetado o meu cérebro. Quando perguntei por que razão negou que fosse um dos meus filhos, ela manteve que apenas obedecera a uma ordem superior, pois revelar a verdade tão antecipadamente teria-me meio matado, como, de facto, teria acontecido.

A "Annie" afirmou que, mesmo durante aquele último encontro, não tinha ideia de que a morte que previa era a da jovem diante dela. Viu que o futuro dela estava enevoado e que o caixão pairava sobre a minha cabeça, mas não ligou os dois factos entre si.

Da mesma forma, ouvi quase todos os eventos do meu futuro através dos lábios da Lottie Fowler, e ela nunca se enganou, exceto numa única ocasião, relacionada com o tempo. Ela previu um acontecimento para um determinado ano e ele não ocorreu até mais tarde; isso

tornou a "Annie" tão cautelosa que agora recusa-se terminantemente a dar datas. Sempre aviso os consulentes para não depositarem fé em datas específicas. Os espíritos disseram-me que não há tempo nas esferas espirituais, mas que o percebem apenas como um reflexo do futuro, que parece mais próximo ou mais distante consoante se reflete no rosto do consulente.

Assim, algo que ocorrerá dentro de vários anos surge enevoado e distante, enquanto os eventos da próxima semana ou do próximo mês parecem brilhantes, distintos e bastante próximos. Este é um método de previsão que só pode ser aperfeiçoado com prática e deve, em qualquer circunstância, ser considerado incerto e enganador.

Muitas vezes, servi de amanuense para Lottie Fowler, pois recebia cartas de todo o mundo que só podiam ser respondidas sob transe, e ela pediu-me que registasse as respostas à medida que a "Annie" as ditava.

Dessa forma, respondi às perguntas mais meticulosas vindas do estrangeiro, relacionadas com saúde, dinheiro e objetos perdidos, enquanto a Lottie dormia profundamente e a "Annie" ditava as cartas. Recebi inúmeras respostas agradecendo-me por intermediar, e elogiando a precisão e o valor das informações enviadas por "Annie".

Naturalmente, seria impossível, neste relato, descrever o contacto constante que mantive com a Lottie Fowler durante os últimos dez ou doze anos e a forma como ela traçou o meu futuro para mim. Evitou que eu alimentasse falsas esperanças que nunca se concretizariam, que fizesse maus negócios que me causariam perdas financeiras, e que acreditasse em amizades que não passavam de disfarces para o egoísmo e a traição.

Aprendi muitas lições amargas através dela. Também ganhei bastante dinheiro graças a ela. Ela contou-me o que acontecerá comigo entre este momento e a minha morte, e sinto-me preparada para o que for mau e satisfeita com o que for bom. A saúde da Lottie Fowler deteriorou-se bastante antes de deixar Inglaterra, tornando-se necessário que partisse.

Mas penso que, se o público britânico soubesse que mulher extraordinária tinham entre eles, teriam feito valer a pena a sua permanência no país.

CAPÍTULO XXI
MÉDIUNS PRIVADOS

As pessoas que desejam argumentar contra o Espiritualismo estão sempre certas, como regra geral, de que os médiuns recorrerão a qualquer truque ou fraude para obter ganhos.

Se lhes respondermos, como no meu caso, que as sessões foram dadas como uma oferta de livre vontade, dizem que o objetivo era obter introduções, popularidade ou publicidade em troca.

Mas o que se pode alegar contra um médium que empresta os seus dons a uma pessoa que nunca viu, e provavelmente nunca verá, e por nenhuma razão além da insistência dos seus guias espirituais?

Tal homem é o Sr. George Plummer, de Massachusetts, América.

Em dezembro de 1887, quando a minha mente estava muito inquieta, a minha amiga Miss Schönberg aconselhou-me a escrever a este médium e pedir-lhe orientação.

Ela disse-me que não deveria esperar uma resposta imediata, pois o Sr. Plummer mantinha uma caixa onde depositava todas as cartas recebidas de desconhecidos sobre assuntos espirituais, e quando sentia a inspiração, retirava uma ao acaso e escrevia a resposta ditada pelos seus guias.

Tudo o que eu precisava fazer era incluir um envelope endereçado (mas não selado) na minha carta, para que a resposta me fosse devolvida.

Assim, preparei uma carta diplomática com o seguinte teor:

"Caro senhor,
Sabendo que tem a bondade de realizar sessões para desconhecidos, ficaria muito grata se me dissesse o que vê para mim.

Atentamente, F. LANE."

Transpus as letras do meu nome verdadeiro, "Lean", para que se lesse "Lane".

Enderecei o envelope de resposta da mesma forma para a casa em Regent's Park, onde então morava, e escrevi tudo numa caligrafia disfarçada para ocultar ao máximo a minha identidade.

O tempo passou e nada ouvi do Sr. Plummer.

Estive em digressão pelas províncias durante todo o ano de 1888 e, no final desse ano, regressei a Londres e instalei-me numa nova casa, numa zona diferente da cidade.

Por essa altura, já quase me tinha esquecido do Sr. Plummer e da carta que lhe enviei, e quando, em dezembro de 1889, dois anos depois de a ter enviado, o meu próprio envelope, com a minha própria caligrafia, reenviado pelas autoridades postais de Regent's Park, me foi entregue, não o reconheci de imediato.

Fiquei a girá-lo entre os dedos, pensando como se parecia com a minha própria escrita, quando de repente a verdade me assaltou.

Abri-o e li o seguinte:

GEORGETOWN, 28 de novembro de 1889

Sra. Lane,

Prezada senhora,

Por favor, perdoe-me pelo aparente descuido em responder ao seu pedido. Na altura em que recebi a sua carta, não podia escrever e ela acabou por se extraviar. Agora, ao encontrá-la, mesmo que já tarde, coloco-me em condição para lhe responder. Vejo diante de

mim uma senhora de olhos azul-escuros, de vida muito nervosa, calorosa e impulsiva—tropical na sua natureza.

Uma mulher de sentimentos intensos—uma mulher cuja vida tem sido uma constante desilusão. Hoje, o fluxo da sua vida segue suavemente, mas de forma monótona. Sinto da esfera desta senhora um cansaço da vida—diria que ela se sente como Alexandre, porque já não há mais mundos para conquistar.

Ela é a sua pior inimiga. Naturalmente generosa, irradia a sua refinada esfera magnética para os outros e não recebe de volta aquilo que pode utilizar. Vejo um cavalheiro de tez clara, ainda na vida terrena—bravo, generoso e bondoso—mas não compreende a sua vida interior. E, no entanto, hoje ele tem a maior admiração por si. Sinto em si um talento de ordem marcante. E, no entanto, a vida é uma decepção.

Não que não tenha sido bem-sucedida num sentido refinado e mundano, mas a sua natureza espiritual foi reprimida. A sociedade em que se movimenta é de cultura intelectual; não é da alma. E é alimento para a alma que hoje lhe falta. Você é uma mulher inspirada. Os pensamentos surgem-lhe já formados, por assim dizer. Mas não parecem libertar os minúsculos mensageiros da sua vida espiritual. De alguma forma, não sinto confiança em mim mesmo ao escrever-lhe. A melhor leitura obtém-se geralmente ao ler diretamente para uma pessoa. Mas, se não corresponder ao que procura, consideremos um fracasso e deixemos para lá.

O ano de 1890 será mais favorável para si do que os últimos dez anos. Acredito que, de alguma maneira, encontrará mais reciprocidade espiritual. Assim como a vara de adivinhação aponta para a água na terra, assim o meu olho intuitivo reconhece a sua vida interior. Você compreenderá o meu significado através disto, e ele tornar-se-á mais claro para si, mais através da sua intuição do que do seu intelecto. Dir-lhe-ia para seguir sempre os seus instintos e intuições ao longo da vida. Se isto lançar alguma luz sobre o seu caminho, fico satisfeito.

Com os meus mais respeitosos cumprimentos,
GEORGE PLUMMER

Há duas coisas notáveis nesta carta.

Primeiro, a avaliação do Sr. Plummer sobre a minha vida interior coincide quase inteiramente com a de Sr. Fletcher, feita em 1879, dez anos antes.

Depois, embora tenha feito a leitura através da carta que escrevi em 1887, ele descreve a minha posição e os meus arredores tal como estavam em 1889.

Ambos os factos pareceram-me muito curiosos, vindo de um desconhecido do outro lado do Atlântico, e respondi imediatamente à sua carta, ainda mantendo a minha leve incógnita, dizendo-lhe que, já que tinha conseguido ler tanto sobre a minha vida apenas a partir da minha caligrafia de há tanto tempo, gostaria que tentasse ler mais a partir de palavras que agora lhe enviava diretamente.

Também incluí um pedaço da caligrafia de um amigo.

Desta vez, o Sr. Plummer não me fez esperar.

A sua próxima carta estava datada de 8 de fevereiro de 1890.

Prezada senhora,

Recebi a sua carta de 3 de janeiro e teria respondido antes, mas o espírito não se manifestou. Estive preso a um quarto de doente por quase três meses, com todas as suas preocupações e ansiedades. Não é a melhor condição para escrever. A melhor condição para refletir a sua vida, para dar força à sua alma, é estar em repouso e ter todas as condições terrenas anuladas. Mas isso não é possível hoje.

Por isso, tentarei penetrar no mistério da sua vida da melhor forma possível e irradiar-lhe pelo menos alguma força. A relação da alma é a dificuldade da sua vida, e você é tão perfeitamente inspiracional que isso torna a condição ainda pior. Grandes tipos de Homens e Mulheres vêm até si a partir da vida superior, e o seu espírito e alma captam esse reflexo, mas sentem-se desapontados porque não podem viver essa vida.

Mas está a obter um desenvolvimento através de todo esse atrito. Se agora entrasse em contacto com uma natureza que pudesse irradiar-lhe exatamente o que você lhe poderia dar, seria feliz. O amor é absoluto, como bem sabe. Muitas vezes, na troca de pensamento, damos força uns aos outros. E, a cada carta que escrevemos, a cada aperto de mão, damos algo da nossa própria personalidade. Você é demasiado sensível às esferas das pessoas.

Tem uma personalidade de vida tão forte que o poder que a inspira não consegue estabelecer a junção perfeita até que você chegue ao ponto de preferir morrer a viver. Isso foi uma condição de negação. Agora, esteve a correr num nível morto de vazio por dois anos e meio. (Esse foi exatamente o tempo desde que perdi a minha filha.)

Quero dizer que assim lhe parece. Uma mesmice em tudo.

A caligrafia do cavalheiro transmite-me uma boa esfera—um coração caloroso—fiel à sua compreensão das coisas. Parece ser uma espécie de "casa de passagem" para si. Ou seja, você vagueia no mar da Idealidade, lá bem no fundo, sabe? E ele mantém-se mais ligado à realidade—uma espécie de contrapeso para si. Você precisa disso.

Pois, de facto, já está pronta para a outra vida, embora ainda não seja tempo de partir. Embora seja escritora, é uma escritora desapontada. Nenhum mortal além de si mesma sabe disso. A sua mente já voou em alturas grandiosas e sublimes, e não consegue traduzi-las em palavras, é esse o problema. Mas, com o tempo, conseguirá, mais perfeitamente do que hoje, retratar com a sua pena a sua alma e os seus voos espirituais.

Assim vejo-te feliz. Esse cavalheiro é um poder auxiliar, se é ou não o poder pleno da tua vida, hoje não consigo discernir. És, enfaticamente, uma mulher de Destino e deves seguir as tuas impressões, pois, através dessa lei intuitiva, serás salva. Com isso quero dizer que irás, por assim dizer, saltar sobre as dificuldades em vez de as contornar. A tua alma está hoje mais desperta e consciente das suas necessidades do que nunca antes na tua vida, especialmente nos últimos seis meses.

Os casamentos físicos são bons sob a lei material—trazem certos desdobramentos. Mas quando o homem e a mulher mortais atingem um certo estado de desenvolvimento, tornam-

se insatisfeitos e anseiam pela plena realização do amor. E não há limitação para essa lei. As mulheres geralmente curvam-se à lei do amor do coração, que por vezes traz grande alegria e grande sofrimento. O tempo está maduro para governantes.

Serão colocados em destaque homens e, mais especificamente, mulheres que exemplificaram o amor divino. Elas ensinarão a lei de forma tão clara que até aqueles que correm a poderão ler. E só pode ser ensinada por aqueles que a incorporaram. Há alguns anos, neste país, houve uma agitação. Fez o seu trabalho na fermentação. A próxima fase deve ser a humanização. O mundo material deve submeter-se ao espiritual. As mulheres emergirão como forças inspiradas. Isto é o que me vem escrever para ti hoje. Se isso te trouxer força ou um raio de sol, fico satisfeito.

Com os meus mais respeitosos cumprimentos,
GEORGE PLUMMER

O Sr. Plummer não ocupa uma posição elevada no mundo, nem é um homem rico.

Não ganha popularidade com as suas cartas, não ouve aplausos—não colhe qualquer benefício pessoal, nem aceita dinheiro. Seria difícil, com qualquer grau de razão, acusá-lo de enganar o público com o objetivo de lhes esvaziar os bolsos. Não consigo ver, portanto, como poderia obter o seu conhecimento sobre a vida interior das pessoas por meios mortais, nem, a menos que fosse compelido por um poder superior ao seu, por que razão se daria ao trabalho de o fazer.

Outra médium cuja saúde foi o preço pago pela manifestação de um poder sobre o qual, a certa altura, não tinha qualquer controlo, e que nunca lhe trouxe mais do que o agradecimento dos seus amigos, foi a Sra. Keningale Cook (Mabel Collins), a quem mencionei na "História do meu Filho Espírito". Havia um fotógrafo em Londres, chamado Hudson, que teve grande sucesso no desenvolvimento de fotografias espiritualistas.

Ele preparava-se para tirar uma fotografia normal e, ao revelar a chapa, uma ou mais formas espirituais apareciam ao lado do consulente—formas nas quais eram reconhecidos os rostos de amigos falecidos. Claro que a maioria das pessoas dizia que as chapas eram previamente preparadas com figuras vagas e enevoadas, e que era a imaginação do consulente que fazia o resto.

Durante algum tempo, quis testar pessoalmente os poderes do Sr. Hudson, e, certa manhã, muito cedo, entre as nove e as dez horas, pedi à Sra. Cook, como médium, que me acompanhasse ao seu estúdio. Ele não nos conhecia pessoalmente e fomos tão cedo que o encontrámos relutante em começar a trabalhar. De facto, a princípio, recusou.

Interrompemos o seu pequeno-almoço e ele estava em mangas de camisa.

Disse-nos que o seu estúdio tinha sido recentemente pintado e que era impossível usá-lo até estar seco. Mas insistimos para que tirasse as nossas fotografias até que ele concordou, e subimos ao estúdio. Era, sem dúvida, difícil evitar sujar-nos com tinta fresca, e o biombo colocado atrás de nós estava completamente molhado. Não mencionámos uma única palavra ao Sr. Hudson sobre fotografias espiritualistas, e assim que ele retirou a primeira chapa e a ergueu à luz, vimos que passou a manga do casaco sobre ela.

Quando lhe perguntámos o que estava a fazer, ele virou-se para nós e perguntou:

— "As senhoras são espiritualistas?"

Quando respondemos que sim, ele continuou:

— "Apaguei a chapa porque pensei que havia algo nela, e a maioria dos consulentes não gostaria. Muitas vezes, sou obrigado a destruir três ou quatro negativos antes de obter uma imagem clara."

Pedimos-lhe então que não apagasse mais nenhuma, pois estávamos curiosas para ver os resultados. Consequentemente, ele revelou três fotografias nossas, sentadas lado a lado. A primeira era demasiado indistinta para ser útil. Representava-nos com uma terceira figura—apenas uma mancha branca—deitada no chão, enquanto uma massa de cabelo estava sobre o meu joelho. Mais tarde, a "Florence" informou-me que aquilo era uma tentativa de a representar.

A segunda fotografia mostrava a Sra. Cook e eu como antes, com o "Charlie" de pé atrás de mim.

Falei sobre o "Charlie" (Stephen Charles Bernard Abbott) em "Curiosas Coincidências", e sobre o quanto ele era apegado a mim e à minha família. Na fotografia, ele aparece com o seu capuz e hábito monástico, com cordas à cintura, e o rosto inclinado para baixo. Na terceira fotografia, uma senhora idosa, de touca de rede e xaile branco, estava de pé com as duas mãos nos ombros da Sra. Cook.

Era a sua avó, e o perfil estava tão nitidamente delineado que o seu pai, o Sr. Mortimer Collins, a reconheceu imediatamente como o retrato da sua mãe. A idosa tinha pertencido à seita dos Irmãos de Plymouth e usava o mesmo xaile de seda branca com uma borda bordada que costumava usar nos seus últimos anos de vida. Vi muitas outras fotografias espiritualistas tiradas pelo Sr. Hudson, mas mantenho a minha decisão de falar apenas daquelas que comprovei pelos meus próprios sentidos.

Tenho ainda hoje as duas fotografias que mencionei e muitas vezes desejei que a saída do Sr. Hudson de Londres não me tivesse impedido de voltar a posar para ele, de forma a obter as imagens de outros amigos. A Miss Caroline Pawley é uma senhora que anuncia a sua disponibilidade para obter mensagens do mundo espiritual para outras pessoas, mas os seus guias proíbem-na de aceitar presentes ou dinheiro. A princípio, pensei que isto devia ser um "ardil".

— "Certamente" — disse a um amigo que conhecia Miss Pawley — "deveria levar livros, flores ou alguma pequena oferta."

— "Se o fizeres, ela devolvê-los-á" — foi a resposta.

— "Tudo o que é necessário é escrever e marcar um encontro, pois o seu tempo está muito preenchido."

Assim, escrevi, e Miss Pawley teve a amabilidade de marcar uma data próxima para a minha visita. Era apenas alguns meses após a perda da minha querida filha, e eu ansiava por notícias dela.

Cheguei à residência de Miss Pawley, uma pequena casa bem arranjada nos subúrbios, e fui recebida pela anfitriã, uma mulher de rosto doce e sereno, que parecia a própria personificação da paz e da felicidade tranquila.

Após trocarmos cumprimentos, disse-me:

— "Perdeste uma filha."

— "Perdi uma há cerca de vinte anos, um bebé de dez dias de vida" — respondi.

— "Não me refiro a ela" — disse Miss Pawley — "Refiro-me a uma jovem. Vou dizer-te como soube disso.

Ontem, peguei no meu caderno de apontamentos e consultei-o para verificar os compromissos que tinha marcado para hoje. Li os nomes em voz alta para mim mesma. Ao chegar à anotação *'Srª. Lean, 3 horas'*, ouvi uma voz suave dizer atrás de mim:

'Essa é a minha querida, querida mãe!'

E quando me virei, vi ao meu lado uma jovem de estatura mediana, com olhos azuis e cabelo castanho muito comprido.

Ela disse-me que era dela que estavas a sofrer de saudades neste momento."

Não respondi a estas palavras, pois a minha dor ainda era demasiado recente para que pudesse falar sobre ela; e a Miss Pawley continuou:

— "Vamos!" — disse ela alegremente — "Vamos buscar papel e lápis e ver o que a querida criança tem para nos dizer."

Ela não entrou em transe, mas escreveu rapidamente por alguns momentos e depois entregou-me uma carta escrita da seguinte maneira. Repito (como já disse antes) que não avalio a genuinidade de uma manifestação apenas pelo ato em si.

Qualquer pessoa poderia ter escrito a carta, mas só eu poderia reconhecer as expressões familiares e a caligrafia, nem detetar as aparentes incoerências que a tornaram tão convincente.

A carta foi escrita em duas caligrafias diferentes, alternando entre linhas: a primeira linha foi escrita pela "Eva", a seguinte pela "Florence", e assim sucessivamente.

Agora, os meus filhos terrenos, desde os seus primeiros dias, nunca me chamaram outra coisa senão "Mãe", enquanto a "Florence", que me deixou antes de poder falar, chama-me constantemente "Mamã".

Este facto, por si só, jamais poderia ser do conhecimento da Miss Pawley. Além disso, a parte escrita pela minha filha mais velha estava na sua própria caligrafia firme e decidida, enquanto a da "Florence" era mais infantil, com uma letra descuidada, mas graciosa.

As linhas diziam o seguinte, sendo as **itálicas** as palavras de Florence:

"A minha própria e amada mãe.

Minha querida, querida, queridíssima Mamã.
Não deves sofrer tanto por mim.
E, sabendo tudo o que te ensinámos, não devias sofrer.
Acredita em mim, eu não estou infeliz.
Claro que não, e ela será muito feliz em breve.
Mas sofro ao ver-te sofrer.
Querida Mamã, tenta ver que foi para o melhor. Florence tem razão. Foi para o melhor, querida Mãe.
E todos nos reencontraremos tão em breve, sabes.
Deus te abençoe por todo o teu amor por mim. Adeus, querida, queridíssima Mamã.
Tua própria menina.
Tua amorosa pequena Florence."

Não posso comentar esta carta. Só a torno pública por uma causa que me é sagrada. Para mencionar outro caso de mediunidade que não é exercida nem por remuneração nem por aplausos, sou obrigada, neste exemplo, a ocultar o nome, pois revelar a identidade seria uma injustiça para com um favor que me foi graciosamente concedido.

Ouvi falar de uma família de sobrenome D, que realizava sessões privadas uma vez por semana, nas quais a mãe, irmãos e irmãs falecidos se materializavam e juntavam-se ao círculo. Tendo expressado o desejo, por meio de um conhecido mútuo, de assistir a uma dessas sessões, o Sr. D teve a gentileza de me enviar um convite. Descobri que ele era um comerciante de alta posição, vivendo numa boa casa nos subúrbios, e que estranhos eram raramente (se alguma vez) admitidos no seu círculo.

O Sr. D explicou-me, antes do início da sessão, que consideravam o Espiritualismo uma coisa profundamente sagrada, que se reuniam apenas para comunicar com os seus próprios familiares falecidos—sua esposa e filhos—e que a sua esposa nunca se manifestava a menos que estivessem sozinhos. A sua família terrestre consistia numa filha jovem casada e no seu marido, além de quatro ou cinco crianças de diferentes idades. Ele tinha perdido, segundo me contou, um filho já crescido e dois mais pequenos.

William Haxby, o médium de quem falei no meu capítulo "Sobre Céticos", e que desde então faleceu, tinha sido íntimo da sua família e frequentemente voltava para eles. Após estas explicações, a sessão começou.

As salas dos fundos e da frente estavam separadas apenas por cortinas de renda. Na parte de trás, onde a jovem filha casada se sentava num sofá, havia um piano e um órgão americano. Na sala da frente, que era iluminada por um candeeiro a óleo, sentávamo-nos dispersos em cadeiras e sofás, mas sem qualquer necessidade de dar as mãos. Em muito pouco tempo, as cortinas de renda abriram-se e apareceu o rosto de um jovem. Era o irmão mais velho falecido.

— "Olá, Tom!" — exclamaram todos, e os mais novos aproximaram-se para o beijar.

Ele falou por algum tempo com o pai, dizendo-lhe o que pretendiam fazer naquela noite, mas acrescentando que a mãe não conseguiria materializar-se.

Enquanto falava, um menino pequeno surgiu ao seu lado.

— "Aqui está o Harry!" — gritaram as crianças, e trouxeram o seu irmão espírito para o meio da sala.

Ele parecia ter cerca de cinco anos. O pai disse-lhe para vir falar comigo, e ele obedeceu, como uma criança humana, e ficou diante de mim, com a sua mão apoiada no meu joelho. Logo depois, uma menina juntou-se ao grupo, e os dois irmãos caminharam pela sala, falando com todos por sua vez. Enquanto estávamos ocupados com eles, ouvimos as notas do órgão americano.

— "Aqui está o Haxby" — disse o Sr. D. — "Agora teremos um espetáculo."

(Devo dizer que o Sr. Haxby era um organista talentoso quando estava vivo.)

Ao ouvir o seu nome, ele também apareceu entre as cortinas, mostrando o seu rosto com as suas feições desajeitadas, e indicou que ele e o "Tom" iriam tocar um dueto. Assim, os dois instrumentos começaram a soar juntos, e os espíritos tocaram magnificamente—com uma terceira influência juntando-se com um instrumento de cordas. Esta sessão foi muito menos impressionante do que muitas das que já descrevi, e eu nem a teria incluído neste relato, exceto para demonstrar que nem todos os médiuns exercem a sua profissão para explorar os outros.

A família D. deseja apenas evitar atenção pública. Não há qualquer vantagem ou diversão em enganar uns aos outros, e, no entanto, dedicam uma noite por semana para comunicar com aqueles que amaram na Terra e que sentem apenas ocultos por um curto período de tempo, separados por um véu muito fino. As suas sessões espirituais realmente concretizam a crença do grande poeta:

"Então, as formas dos que partiram
Entram pela porta aberta;
Os amados, os de coração fiel,
Vêm visitar-me mais uma vez.

Com um passo lento e silencioso,
Chega esse mensageiro divino,
Toma a cadeira vazia ao meu lado,
E pousa a sua mão suave na minha.

Não pronunciada, mas compreendida,
É a prece silenciosa do espírito.
Repreensões suaves, terminando em bênçãos,
Sopradas dos seus lábios de ar."

Na casa da senhora que mencionei em "A História do Monge", a Sra. Uniacke de Bruges, testemunhei fenómenos maravilhosos. Não foram manifestações agradáveis—muito longe disso—mas não havia dúvida de que eram genuínas. Se provinham da energia da Sra. Uniacke, da minha irmã Blanche, ou de uma jovem chamada Miss Robinson, que se sentava com elas, ou do poder combinado das três, não posso dizer.

Mas já tinham experienciado esses fenómenos várias vezes antes de eu me juntar a elas, e estavam ansiosas para que eu os testemunhasse. Sentámo-nos na casa da Sra. Uniacke, numa sala de estar nos fundos, que continha um piano e várias estantes cheias de livros—

alguns deles muito pesados. Sentámo-nos à volta de uma mesa, na mais completa escuridão, apenas nós quatro mulheres, com as portas trancadas e as janelas fechadas com ferrolhos.

Acostumada como estava a todo tipo de manifestações e mediunidade, fiquei realmente assustada com o que aconteceu. A mesa movia-se violentamente, as nossas cadeiras eram arrastadas debaixo de nós e objetos pesados eram atirados pela sala. Quanto mais a Sra. Uniacke tentava acalmar a situação e Miss Robinson ria, pior se tornava a confusão. Os livros eram retirados das prateleiras e atirados contra as nossas cabeças, alguns golpes foram suficientemente fortes para nos ferir. As teclas do piano, do outro lado da sala, eram esmagadas com força, como se alguém quisesse parti-las.

No meio de tudo isto, Miss Robinson caiu desamparada no chão e começou a falar em flamengo, uma língua da qual não tinha qualquer conhecimento. A minha irmã entende flamengo e manteve uma conversa com ela. Mais tarde, contou-nos que a Miss Robinson se tinha apresentado com o nome de um flamengo recentemente falecido na cidade e descreveu muitos eventos da sua vida, bem como mensagens que queria transmitir à sua família—tudo em flamengo perfeito e compreensível.

Quando a jovem recuperou os sentidos, voltou a sentar-se à mesa, pois a minha irmã estava ansiosa para que eu visse outro fenómeno: uma mesa, a que chamavam "Mademoiselle", a dançar, enquanto mãos invisíveis tocavam o piano. Como a manifestação não ocorreu, pensaram que a minha presença poderia ser a causa e pediram-me que me afastasse da mesa.

Fui então até às portas de correr que davam para a sala da frente e fiquei ali de pé, segurando de propósito na maçaneta. O barulho e a confusão aumentaram visivelmente quando as três senhoras ficaram sozinhas. "Mademoiselle", que estava num canto da sala, começou a dançar, e as notas do piano ressoaram com força. Havia algo estranho para mim na maneira como o piano estava a ser tocado. Soava como se estivesse a ser tocado com os pés em vez das mãos.

Quando o tumulto atingiu o auge, de repente, e sem aviso, abri as portas de correr e deixei a luz entrar na sala. E vi: o banco do piano estava montado sobre as teclas, martelando-as para baixo. Assim que a luz entrou, tanto a "Mademoiselle" quanto o banco do piano caíram com um estrondo no chão, e a sessão terminou. As senhoras estavam sentadas à mesa, e o chão e os móveis estavam cobertos com os livros que tinham sido atirados abaixo—as estantes estavam quase vazias—e vasos de flores estavam espalhados.

Nunca, antes ou depois, estive num pandemónio semelhante.

O falecido Sir Percy Shelley e sua esposa, Lady Shelley, não tendo filhos próprios, adotaram uma menina que, por volta dos quatro ou cinco anos, sofreu graves queimaduras no peito e nos ombros e teve de ficar confinada à cama durante vários meses. O berço da criança ficava no quarto da Lady Shelley e, quando a sua mãe adotiva se preparava para rezar, costumava dar-lhe um lápis e um pedaço de papel para a manter ocupada. Um dia, a menina pediu caneta e tinta em vez de lápis e, ao ser-lhe recusado, começou a chorar, dizendo:

— "O homem disse que eu devia ter caneta e tinta."

Como lhe tinham dito expressamente que não devia chorar, para evitar reabrir as feridas, a Lady Shelley providenciou-lhe os materiais desejados e continuou as suas orações. Quando se levantou, ficou surpresa ao ver que a criança tinha desenhado um esboço de um grupo de figuras no estilo de Flaxman, representando pessoas ajoelhadas em luto ao redor de um leito onde um homem doente estava deitado.

Ela não compreendia o significado do desenho, mas ficou espantada com a sua execução, tal como todas as pessoas que o viram. A partir desse dia, passou a dar à menina um cartão e tinta todas as manhãs, obtendo um novo desenho a cada dia. A criança falava constantemente sobre "o homem" que a ajudava a desenhar.

Isto continuou até que o número de desenhos chegou a trinta ou quarenta, momento em que um "glossário de símbolos" foi escrito por esta criança, que não sabia escrever nem soletrar, explicando o significado de toda a série.

Foi então descoberto que os desenhos representavam a jornada da alma após deixar o corpo, até se perder "na Infinidade de Deus"—um tema improvável de ser escolhido ou compreendido por uma criança de cinco anos. Ouvi esta história diretamente da boca da Lady Shelley e examinei pessoalmente os desenhos originais. Houve planos para os publicar por subscrição, mas, pelo que sei, nunca se concretizaram. Também conheci a menina que os desenhou, sem dúvida sob controle espiritual.

Na altura, era uma jovem casada e completamente ignorante sobre Espiritualismo. Perguntei-lhe se se lembrava das circunstâncias em que desenhou aqueles esboços, e ela riu e disse que não. Sabia que os tinha desenhado, mas não fazia ideia de como. Tudo o que podia dizer-me era que nunca mais fez nada extraordinário desde então e que não tinha qualquer interesse pelo Espiritualismo.

CAPÍTULO XXIII
A LEITURA DAS CARTAS

Arriscando-me a ser alvo de risos, não posso deixar de dedicar algumas palavras, nesta narrativa das minhas experiências espiritualistas, ao que se chama "ler as cartas".

"Imaginem!"—posso já ouvir alguma criatura querida, com o nariz arrebitado como uma flor, exclamar—"uma mulher sensata a acreditar em cartas!"

E, no entanto, Napoleão acreditava nelas e regulava o destino das nações com base nelas; e as únicas vezes em que negligenciou os seus avisos foram seguidas da retirada de Moscovo e da derrota em Waterloo. Ainda assim, eu própria não acreditava na leitura das cartas—até que a crença me foi imposta. Sempre achei algo cruel condenar velhas mulheres a prisão e trabalhos forçados por lerem as cartas às criadas. Quem pode afirmar com certeza se isso é ou não obter dinheiro sob falsas pretensões? E, se for, por que razão não aplicar a mesma pena a todos os comerciantes desonestos que vendem produtos inferiores ou dão menos peso do que o devido?

As mulheres deveriam ser aconselhadas a cuidar dos seus próprios interesses num caso—porque não no outro? Mas a verdadeira diferença reside em quem lê as cartas. Muito poucas pessoas conseguem fazê-lo com sucesso, e acredito que deve ser feito por alguém com poder mediúnico, que, de alguma forma misteriosa, influencia a disposição do baralho.

Já vi cartas serem baralhadas e cortadas vinte vezes na esperança de afastar um número desfavorável à sorte do consulente, e ainda assim, a mesma carta surgia repetidamente na posição menos desejada.

No entanto, para contar a minha própria experiência:

Quando vivia em Bruxelas, anos antes de ouvir falar do Espiritualismo moderno, conheci uma senhora irlandesa chamada Sra. Thorpe, uma viúva que trabalhava como acompanhante de jovens damas belgas de alta nobreza que tinham perdido a mãe. Morávamos perto uma da outra, e ela costumava visitar-me para conversar. Com o tempo, soube, por intermédio de alguns amigos, que a Sra. Thorpe era uma mestra na leitura das cartas; e, um dia, quando estávamos a sós, pedi-lhe que lesse a minha sorte.

Não acreditava minimamente nisso, mas queria divertir-me.

A Sra. Thorpe recusou de imediato.

Disse-me que as suas previsões tinham-se provado tão verdadeiras que tinha medo de olhar para o futuro novamente.

Ela previra o nascimento de um herdeiro para um casal que estava casado há vinte anos sem filhos, e a morte de uma jovem prestes a casar-se—e ambos os eventos se concretizaram. De facto, o seu patrão, o Barão, proibira-lhe estritamente de voltar a fazê-lo enquanto vivesse na sua casa. No entanto, isso apenas aguçou ainda mais a minha curiosidade, e insisti até que, sob a promessa de absoluto sigilo, ela acedeu ao meu pedido. Previu várias coisas em que pouco acreditei, mas que registei religiosamente para ver se se realizariam.

As três mais importantes foram:

Que o meu marido, o Coronel Ross-Church (que na altura estava gravemente doente na Índia), não morreria, mas que o seu irmão, Edward Church, sim. Que eu teria mais um filho do meu primeiro casamento—uma filha de pele e cabelo muito claros, que se revelaria a mais talentosa de todos os meus filhos. Que, depois do nascimento dessa filha, nunca mais viveria com o meu marido novamente.

Todos esses acontecimentos pareciam extremamente improváveis na época, e, de facto, não se concretizaram senão anos depois; no entanto, cada um deles se cumpriu, e a filha que, ao contrário de todos os seus irmãos e irmãs, é tão pálida como um lírio, não será de forma alguma a última na corrida pelo talento.

No entanto, essas cartas foram lançadas quatro anos antes do seu nascimento.

A Sra. Thorpe disse-me que aprendeu a arte com uma aluna da própria condessa italiana que lia as cartas para o Imperador Napoleão.

Mas isto não é uma arte—e não pode ser aprendida.

É inspiração.

Muitos anos depois, quando comecei a estudar o Espiritualismo, a minha irmã contou-me sobre uma senhora idosa extraordinária, vizinha sua, que ganhara uma reputação temível na

aldeia devido ao seu poder profético com as cartas. Tal como a Sra. Thorpe, tinha ficado com medo de si própria e dizia ter abandonado a prática. A última vez que lançou as cartas, uma jovem conhecida sua tinha percorrido alegremente o caminho desde uma aldeia vizinha para lhe apresentar o seu noivo e pedir que lhes previsse o futuro conjugal.

A velha senhora lançou as cartas e viu a carta da morte surgir três vezes, acompanhando o anel de casamento. Disse aos jovens, para grande desânimo deles, que deveriam preparar-se para uma desilusão, pois o casamento seria adiado devido a um obstáculo inesperado. Mais tarde, contou-me que não ousou dizer-lhes mais do que isso.

Saíram de lá um pouco abatidos, mas ainda esperançosos, e iniciaram o caminho de volta para casa. Antes de chegarem, o jovem cambaleou e caiu morto no chão. Ninguém esperava tal catástrofe. Ele parecia estar na melhor saúde e espírito. O que fez esta velha senhora prever o que ninguém mais via? Essas não são histórias inventadas depois da profecia se ter cumprido.

Todos na aldeia sabiam que era verdade e ficaram aterrorizados com a ideia de olhar para o seu próprio futuro. Fui uma exceção à regra e convenci a Sra. Simmonds a lançar as cartas para mim. Eu tinha acabado de completar dois meses à beira-mar, estava com saúde robusta e ansiosa por regressar a casa, sobretudo para reencontrar um amigo muito querido. Segui as instruções e baralhei e cortei as cartas. A velha senhora olhou para elas com uma expressão séria.

— "Não gosto das tuas cartas" — disse ela.

— "Vejo muito sofrimento à tua frente—problemas e doença.

Não voltarás para casa tão cedo como esperas.

Serás retida por uma doença, e quando finalmente regressares, encontrarás uma carta sobre a mesa que te partirá o coração. Lamento que tenhas ficado fora tanto tempo. Houve traição na tua ausência. Uma mulher com olhos e cabelos escuros, completamente oposta a ti, passou à tua frente. No entanto, será um sofrimento intenso, mas passageiro. Em breve verás a sabedoria disso e agradecerás por ter acontecido." Aceitei o meu destino com despreocupação.

Apesar de tudo o que ouvira, não acreditei que se concretizaria. Faltavam apenas alguns dias para o meu regresso e tinha recebido cartas carinhosas desse meu amigo ao longo de toda a minha ausência. No entanto, como o Destino (e as cartas) determinaram, adoeci no dia seguinte à leitura, e fiquei três semanas acamada com febre.

Quando, enfraquecida e desanimada, finalmente voltei para casa, encontrei a carta que a Sra. Simmonds tinha predito—informando-me de que a minha amizade com essa pessoa estava terminada para sempre. Após isto, comecei a ter mais respeito pelas cartas—ou melhor, pelas pessoas que sabem lançá-las corretamente.

Em 1888, durante a minha digressão com a minha companhia teatral "O Goblin Dourado", fiquei pela primeira vez na vida em Accrington. A nossa estadia seria de apenas uma semana, e, como se poderia esperar, o alojamento era muito precário. Após alguns dias, uma das atrizes da companhia disse-me:

— "Miss Marryat, há uma velhinha tão engraçada na minha hospedaria!

Gostava que viesses vê-la. Ela sabe ler a sorte com as cartas, e sei que acreditas nessas coisas. Ela contou-me e ao meu marido tudo sobre nós de forma maravilhosa!

Mas não podes vir quando o velho está em casa, porque ele diz que isso é coisa do diabo e proibiu-a de o fazer."

— "Estou muito interessada nesse tipo de coisa" — respondi — "e irei certamente visitá-la, se me disseres quando posso ir."

Combinámos um horário para a visita e, quando cheguei ao seu quarto, fui apresentada a uma velha senhora de aparência desalinhada, com roupas gordurosas e cheirando a tabaco de rapé. Não parecia ter uma alma acima de uma garrafa de gin. Ainda assim, sentei-me com ela à mesa, e as cartas foram cortadas. Ela não me disse nada que pudesse ter ouvido de amigos meus. Em vez disso, mergulhou imediatamente no futuro. Os meus assuntos domésticos estavam num estado extremamente complicado naquela altura, e nem eu própria fazia ideia de como iriam terminar.

A cartomante viu toda a situação num relance—descreveu os intervenientes da cena, os lugares onde viviam, as pessoas que os rodeavam, e exatamente como tudo terminaria—o que de facto aconteceu. Ela previu o desenrolar da digressão, quanto tempo duraria e quais membros da companhia iriam sair antes do fim. Disse-me que uma mulher da companhia, que eu acreditava ser minha amiga, revelar-se-ia uma das minhas maiores inimigas e seria a causa de um afastamento entre mim e um dos meus parentes mais próximos.

Ela abriu-me os olhos para o verdadeiro caráter dessa mulher de uma forma que me obrigou, mais tarde, a descobrir aquilo que talvez nunca tivesse percebido sozinha. E esta informação veio de uma velha proprietária de hospedaria, suja e ignorante, que provavelmente nunca tinha ouvido falar do meu nome até ele lhe ser apresentado naquele momento. No entanto, contou-me coisas que os meus amigos mais íntimos e inteligentes não tinham capacidade de me dizer.

Depois dessa mulher de Accrington, nunca mais consultei as cartas para adivinhação, até que, no ano passado, a minha atenção foi chamada para uma outra mulher em Londres, muito talentosa na mesma prática. Uma amiga pediu-me que a acompanhasse para ver o que essa cartomante nos poderia revelar. Essa mulher, de origem humilde e que se apresentava como costureira, recebeu-nos num quarto trancado por dentro. Era uma senhora já idosa, mas surpreendentemente inteligente e bem-educada para a sua posição. No entanto, não conseguia explicar o motivo da sua aptidão para ler as cartas.

Disse-me simplesmente:

— "Isso vem até mim, não sei porquê, nem como."

E veio com força total no meu caso. Ela descreveu o meu passado, o meu presente e o meu futuro como se estivesse a ler um livro aberto. Mencionou repetidamente a descrição de uma pessoa, referindo-se constantemente a essa figura no meu futuro. A certa altura, decidi testá-la:

— "Espere um momento" — disse eu.

— "Essa pessoa de quem fala tantas vezes... já a conheci?"

— "Claro que sim" — respondeu ela — "conhece-o intimamente."

— "Não reconheço essa descrição" — repliquei, fingindo não saber de quem se tratava.

A mulher virou-se e olhou-me diretamente nos olhos.

— "Não o reconhece?" — repetiu ela, num tom incrédulo.

— "Então deve estar muito distraída.

Muito bem! Vou dizer-lhe como poderá reconhecê-lo:

Da próxima vez que encontrar um cavalheiro na rua, que lhe levante o chapéu e, antes de apertar a sua mão, retire um papel escrito ou impresso do bolso e lho entregue, lembre-se das minhas palavras. Esse é o homem de quem falo." Ri-me da estranheza da ideia e regressei a casa. Mas, ao caminhar da estação até à minha porta, encontrei exatamente a pessoa descrita. Ao aproximar-se de mim, levantou o chapéu e, em seguida, meteu a mão no bolso e disse:

— "Boa tarde! Tenho algo para si!

Encontrei o Burrows esta manhã. Ele ia a caminho da sua casa, mas como estava com pressa, pediu-me que, caso a encontrasse hoje, lhe entregasse isto." E passou-me um papel impresso com regulamentos, que eu havia pedido a esse tal Burrows que me conseguisse. Aqui não houve uma simples interpretação vaga das cartas, nem frases genéricas e repetitivas. Foi uma profecia concreta de um evento ainda não realizado. É neste tipo de previsões que baseio a minha opinião: Dadas as pessoas certas e as circunstâncias adequadas, as cartas podem ser uma fonte de informação extraordinária. É absurdo atribuir exemplos como este ao acaso, ao mero palpite, ou a truques. Se os leitores ainda acreditam que não passa de um engano, faço-lhes um desafio: Tentem por si mesmos. Se isto for uma tolice qualquer e se qualquer velha ignorante puder fazer isto, então qualquer um de vocês também conseguirá aprender. Comprem um baralho e sigam as instruções tradicionais—existem inúmeros livros que ensinam como se faz—e depois vejam se conseguem prever um único evento futuro com precisão.

Provavelmente, descobrirão (como eu descobri) que as cartas são um livro selado para quem não tem o dom. Daria muito para conseguir ler as cartas corretamente para mim mesma ou para os meus amigos. Mas nada me "vem". Para mim, as cartas permanecem meras figuras num pedaço de papelão, e nada mais. E, no entanto, uma criatura ignorante, sem inteligência própria, consegue penetrar nos mistérios da minha mente, desvendar os meus pensamentos e desejos mais secretos, e, mais ainda, perscrutar o futuro e dizer-me o que irá acontecer. Se, depois de tudo isto, os céticos ainda duvidam da minha história, só posso repetir o meu conselho: Tentem vós próprios. Se conseguirem acertar uma vez, nunca mais deixarão de acreditar.

CAPITULO XXIV

A MEDIUNIDADE DE WILLIAM FLETCHER

Pode recordar-se que, na *História de John Powles*, quando entrei uma noite no Steinway Hall como uma perfeita desconhecida em relação ao Sr. Fletcher, ouvi-o descrever as circunstâncias da morte do meu velho amigo de uma forma extremamente impressionante. Isso causou em mim tal impacto que fiquei ansiosa por ouvir mais do que o Sr. Fletcher poderia ter a dizer-me em privado. Para esse fim, escrevi-lhe e marquei um encontro na sua residência particular em Gordon Square.

Não ocultei o nome, e sabia que ele certamente me reconheceria, pois, apesar de ter chegado recentemente da América, serei porventura mais conhecida como autora nesse país do que aqui. No entanto, não pretendia avaliar as suas capacidades com base no que me dissesse sobre a minha vida exterior. E, pelo que se seguiu, a sua guia, *Winona*, percebeu claramente quais as intenções que eu tinha a esse respeito.

Após a sessão, escrevi o seguinte para o *Banner of Light*, um jornal espiritualista de Nova Iorque:

"Já consultei muitos clarividentes, tanto em público como em privado, e testemunhei feitos espantosos da sua parte, como indicação e descrição de objetos ocultos, ou leitura de textos impressos ou escritos muito além do seu alcance visual. Contudo, conhecia os truques por trás de tudo isso. Enquanto caminhava para Gordon Square, pensei: *Se o Sr. Fletcher me vai brindar com algum tipo de ilusionismo mental, terei desperdiçado o meu tempo e esforço.* Confesso que, ao aproximar-me da casa, senti uma certa hesitação, e questionei-me se não estaria prestes a ser enganada pelos talentos de um conferencista brilhante, cuja eloquência me cativara ao ponto de desejar conhecê-lo melhor.

Até a vida privada de uma pessoa de renome profissional se torna rapidamente domínio público em Londres. Se o Sr. Fletcher quisesse descobrir os meus defeitos e fraquezas, bastar-lhe-ia perguntar, por exemplo, à minha melhor amiga ou a alguém a quem tivesse prestado mais benefícios – que, sem dúvida, lhe haveriam de contar o pior do pior acerca de mim. No entanto, o pequeno criado que atendeu à minha chamada fê-lo de forma tão pronta que não tive tempo de reconsiderar e voltar atrás.

Fui conduzido através de um corredor alcatifado e subi uma escadaria até um salão duplo, repleto de indícios de que o meu amigo clarividente não só possuía bom gosto artístico, mas também os meios para o satisfazer. A sala onde me foi pedido que aguardasse estava decorada com quadros e mobiliário luxuoso, incluindo um *causeuse* (sofá) coberto com bordados artísticos, estrategicamente colocado junto a uma janela aberta. Dali, podia avistar algumas árvores majestosas no jardim abaixo, onde os cães do Sr. Fletcher descansavam à sombra. Nada naquilo se assemelhava à ideia de um refúgio de mistério ou magia, nem à casa de alguém que precisasse recorrer a truques para ganhar a vida.

Poucos minutos depois, o Sr. Fletcher entrou na sala e cumprimentou-me com a cortesia de um verdadeiro cavalheiro. Contudo, antes de nos dedicarmos ao propósito da nossa reunião, ele fez questão de me mostrar algumas das suas obras de arte favoritas, incluindo um retrato de Sarah Bernhardt, gravado por ela própria no papel da personagem Sra. Clarkson em *L'Étrangère*. Só então regressámos à sala de estar, onde nos sentámos no

causeuse, um de frente para o outro. Sem escurecer as janelas ou adotar qualquer tipo de precaução, o Sr. Fletcher pousou suavemente a sua mão esquerda sobre a minha.

Após um minuto, reparei que um tremor convulsivo lhe atravessava o corpo. Os seus olhos fecharam-se e a cabeça tombou para trás sobre as almofadas, como se tivesse adormecido. Permaneci imóvel e em silêncio, com a minha mão na dele. Pouco depois, ele reabriu os olhos de forma natural e, sentando-se direito, começou a falar-me com uma voz surpreendentemente suave, fina e feminina. Era ele – ou melhor, a sua guia *Winona* – que iniciava a sessão dizendo que não perderia tempo com factos que poderiam ser facilmente obtidos do mundo exterior. Em vez disso, focar-se-ia exclusivamente na minha vida interior.

E então, com uma acuidade absolutamente impressionante, *Winona* descreveu os meus pensamentos e sentimentos como se os estivesse a ler num livro aberto. Relatou palavras e ações que tinham ocorrido a centenas de quilómetros de distância, em completa privacidade. Detalhou as personalidades das pessoas que conhecia, revelando-me quem era sincero e quem era falso, fornecendo nomes e locais de residência. Contou-me os motivos que me levaram a certas decisões e, o mais surpreendente, revelou verdades sobre mim própria que nem eu tinha reconhecido até serem postas diante de mim por meio de uma perfeita estranha.

Cada pergunta que lhe fiz foi respondida com exatidão, e fui repetidamente encorajado a explorar mais revelações através dela."

O facto é que fiquei praticamente sem palavras com o que ouvi, incapaz de fazer qualquer coisa além de me maravilhar com o dom extraordinário que permitia a um homem não apenas ler cada pensamento que passava pela minha mente, mas também ver, como num espelho, cenas que estavam a ocorrer a quilómetros de distância, com os seus protagonistas e os motivos que os moviam. *Winona* leu-me o futuro, assim como o passado, e a primeira profecia clara que pronunciou já se concretizou de forma totalmente inesperada.

Quando anunciei que estava satisfeita, o clarividente reclinou novamente a cabeça sobre as almofadas, os mesmos tremores convulsivos percorreram-lhe o corpo e, um minuto depois, sorria-me, perguntando se tinha tido uma boa sessão.

Este é um excerto da carta que escrevi sobre o Sr. Fletcher ao *Banner of Light*. Mas, por mais forte que seja a descrição verbal, elas nunca terão o mesmo impacto que as palavras proferidas. Contudo, na minha vontade de tornar esta declaração o mais credível possível, irei agora um passo além e transcreverei exatamente o que *Winona* me disse naquela ocasião, conforme anotei as suas palavras. Algumas partes terei de omitir, não por minha causa, mas devido à traição que, com razão, atribuiu a pessoas que ainda se encontram vivas neste mundo. Mas, creio, restará o suficiente para provar até que ponto esse espírito penetrou profundamente na minha vida interior.

Eis então a maior parte do que *Winona* me disse no dia 27 de junho de 1879:

"És uma Criança do Destino, que nunca foi criança. A tua vida está repleta de tragédias como poucas que já li. Não te falarei de factos do passado, porque são do conhecimento do mundo e poderia tê-los ouvido de outros. Falarei de ti. Quando entro em contacto contigo, tenho de deixar o mundo terreno e entrar numa esfera planetária que habitas – e sempre habitarás – sozinha. É como se estivesses numa sala isolado do resto da humanidade. És um

íman para o mundo. Não tens realmente nada em comum com os demais. Atrais as pessoas a ti e vives da sua energia; e quando elas já não têm mais a dar, nem tu mais a exigir, o encanto desaparece para ambos. Tem de ser assim, porque o espírito necessita de alimento, tal como o corpo; e quando esse alimento se esgota, o afeto extingue-se e as pessoas somem-se da tua vida.

Interrogas-te muitas vezes da razão porque, uma amizade que hoje te parece indispensável, se torna perfeitamente supérflua amanhã. Essa é a explicação. Mais do que isso: se insistires em manter perto de ti aqueles cuja energia espiritual já esgotaste, eles acabarão por envenenar-te, em vez de te nutrir. Talvez não gostes de ouvir isto, mas aqueles que mais valorizas são precisamente aqueles de quem deverias afastar-te com mais frequência. A separação não diminuirá a influência que tens neles eles; antes pelo contrário, aumentá-la-á. O contacto constante pode ser fatal para os teus afetos mais profundos. Tu sugas tanto dos outros que os deixas vazios, e sem nada para te dar.

Interrogas-te igualmente muitas vezes do motivo porque, após viveres algum tempo num determinado lugar, te sentes triste, cansada e adoentada – não fisicamente, mas mentalmente exausta – e sentes como se precisasses desesperadamente de partir para outro sítio. Quando te instalas nesse novo local, acreditas inicialmente que será aquele onde irás viver e morrer feliz; mas, passado algum tempo, a mesma sensação de cansaço e desânimo regressa, e sentes que não conseguirás respirar até partires de novo, tal como fizeste antes. Isto não é imaginação. Deve-se a que a tua natureza tenha absorvido tudo o que podia desse ambiente, e a mudança se torna uma necessidade vital. Nunca serás capaz de viver muito tempo num único lugar sem mudar, e deixo-te um aviso: nunca te estabeleças em definitivo em lado nenhum com a ideia de aí ficares para sempre. Se fosses forçada a fazê-lo, morrerias rapidamente. Morrerias de fome espiritual.

Nem todas as pessoas nascem sob um destino traçado, mas tu nasceste, e podes fazer muito pouco para alterá-lo. A Inglaterra é o país do teu destino. Nunca prosperarás, seja em termos de saúde, mente ou dinheiro, num país estrangeiro. É bom viajar para mudar de ares, mas nunca tentes viver no estrangeiro. Neste momento, estás a pensar em partir, mas não permanecerás fora tanto tempo quanto imaginas. Algo acontecerá que te fará mudar de planos – não um problema real, mas uma inquietação. O plano que tens em mente não resultará." (*Esta previsão cumpriu-se à letra.*)

"Este ano marca o fim de um ciclo na tua carreira profissional – não de azar, mas de estagnação. O teu trabalho tem sido menos brilhante nos últimos anos. No Natal de 1879, a tua sorte melhorará. Alguém que parecia ter-te abandonado voltará a procurar-te, tomará o teu partido e irá trazer-te bastante dinheiro." (*Isto também aconteceu.*)

"Ainda não atingiste o auge do teu sucesso. Ele está por vir. Está apenas a começar. Terás outro filho, pelo menos um, mas não sei se ele viverá neste mundo. Não consigo ver a sua vida terrena, mas vejo-te nesse estado."

"O teu sistema nervoso esteve, durante muitos anos, sob tensão máxima – agora está relaxado, e as tuas forças físicas estão no seu ponto mais baixo. Neste momento, não conseguirias suportar uma gravidez. Antes que isso aconteça, precisarás de te tornar muito mais leve de espírito, mais contente e sentir em paz contigo própria. Tens de deixar de desejar um filho, ou mesmo de esperar ter um. Nunca tiveste um coração verdadeiramente em paz. Toda a tua felicidade foi febril."

"Vejo aquela que representa o teu génio maligno. Neste momento, está fora da tua vida, mas cruzou o teu caminho no ano passado e causou-te muito sofrimento – e não sem razão. Parece-me que algum choque ou acidente pôs fim a essa relação, mas essa pessoa voltará a cruzar-te o caminho e talvez te cause mais dor do que qualquer outra coisa até agora. Não é jovem, é corpulenta e não é bonita, pelo que vejo. Tem problemas com a bebida. Vejo-a agora, a cambalear sob o efeito do álcool."

"Ela já foi casada mais do que uma vez. Vejo o nome escrito no ar. Ela faria qualquer coisa para te tirar aquilo que mais valorizas, até mesmo chegar ao ponto de planear a tua morte. Está loucamente obcecada com o que é teu. Para alcançar os seus objetivos, não se limitaria apenas a atos imorais, mas sim a algo ainda mais repugnante – imundície, pura imundície. Não tenho qualquer hesitação em dizer isto. Sempre que cruzares o seu caminho, em público ou em privado, foge dela como se de uma peste." (*Esta informação revelou-se correta em todos os detalhes. O nome foi-me dito na íntegra. Repito-o como exemplo da precisão das mensagens transmitidas através da mediunidade de transe.*)

"O ano de 1883 vai ser extremamente infeliz para ti. Padecerás de uma doença grave, a ponto dos teus amigos não saberem se vais sobreviver ou não. Durante essa enfermidade, sofrerás uma enorme angústia mental, causada por uma mulher cujo nome começa por--- Encontrarte-ás com ela algum tempo antes, e ela fingirá ser a tua mais querida amiga. Vejo-a inclinada sobre ti, a dizer que é a tua melhor amiga, e tu sentir-te-ás inclinada a acreditar nela. Ela tem a mesma altura que tu, mas parece mais baixa devido a um certo jeito que tem de se locomover. Não é bela no sentido estrito da palavra, mas tem uma aparência marcante. É morena e extremamente fascinante. Tem o hábito de manter os olhos baixos quando fala. É possivelmente francesa, ou de ascendência francesa, mas fala inglês.

Ela exercerá um certo domínio sobre a mente de…, a ponto de quase vos separar." (*Neste momento, perguntei: "Como poderei evitar isso?"*)

"Se eu te dissesse que, ao apanhares o comboio das três horas em Gower Street, irias ser esmagada, tu não o apanharias. Quando conheceres uma mulher que corresponda a esta descrição, pára e pergunta a ti própria se será aquela contra a qual te adverti, antes de a deixares cruzar a soleira da tua porta."

"O caráter de--- é positivo para o bem, mas negativo para o mal. Se lhe apresentares algo que seja claramente para seu benefício, ele recusará, mas se o mal lhe for apresentado de forma atrativa, ele hesitará e considerará se não será, ao invés, um bem. Se desejares orientá-lo corretamente, deves fazê-lo convencendo-o de que lhe é impossível tomar um caminho errado. Eleva a sua natureza elevando os seus padrões de justiça. Faz com que lhe pareça inconcebível rebaixar-se, convencendo-o de que seria desonroso para ele. Ele é muito vaidoso. A admiração é o ar que respira. Está sempre preocupado com o que as pessoas dirão sobre ele ou sobre as suas ações. É muito fraco perante a tentação, especialmente a tentação da lisonja. Gosta demasiado da companhia de mulheres. Tens uma tarefa difícil pela frente, e já cometeste muitos erros por tua própria culpa. Ele acredita pouco demais na maldade dos outros – muito pouco. Se fosse infiel àqueles que confiam nele, ficaria genuinamente surpreendido ao perceber que os deixou de coração destroçado.

O teu verdadeiro trabalho está apenas a começar. Até agora, tudo foi entusiasmo, sem grandes perigos. Agora, vem a monotonia e o medo da saturação. O teu maior erro ao longo da vida tem sido deixar de afirmar o lado positivo do teu caráter. Nasceste para liderar, mas tens vivido como uma escrava. Seja por indolência ou por falta de confiança no sucesso,

tens respondido de forma passiva às afrontas que te foram feitas, e, no final, saiste derrotada.

Tens cometido um erro ao permitires que as tuas amigas tenham conhecimento de todas as tuas alegrias e tristezas. Os homens simpatizariam e teriam pena. As mulheres, porém, apenas aproveitarão a informação para seu benefício próprio. Afirma a tua posição de dona da tua própria casa, e não permitas que certos visitas se façam convidadas, especialmente aquelas que não vêm por ti. És, de certa forma, uma porta aberta para mais de uma falsa amiga.

Quero alertar-te particularmente com respeito a duas mulheres solteiras – ou, pelo menos, se são casadas, não vejo os maridos delas em parte nenhuma. Ambas gostam demasiado do---, uma delas em particular. E tu ris-te disso, permites e até incentivas certas manifestações de afeto que nunca deveriam ser aceites. Se eu lhes dissesse que frequentam a tua casa apenas por causa do---, e não por ti, ficariam indignadas. Dão-te presentes e realmente gostam de ti, mas--- é o verdadeiro atrativo. E no caso de uma delas, só é preciso tempo, lugar e oportunidade para que isso se torne na tua ruína e na dele.

Uma delas apresenta uma dificuldade ao andar. Não preciso dizer mais nada. Ela deseja tornar-se ainda mais íntima e viver sob o mesmo teto que tu. Tens de impedir isso. A outra está a fazer mais mal a si própria do que a qualquer outra pessoa. É tola e romântica e precisa de alguém para idealizar. É uma pena que essa fantasia seja alimentada pela proximidade que tem. ---não sente por elas nada além de pena e amizade, mas ele não precisa de amar uma mulher para que ela se torne perigosa para ele.

Enquanto as vossas vidas se prolongarem, ---continuará a amar-te, e manterás a tua influência que exerces sobre ele, se assim o desejares. Mas cabe-te a ti decidir se quererás fazê-lo. Não deves julgar a sua natureza pela tua. Estás a isolar-te demasiado. Devias estar rodeada por um círculo de homens, para não dependeres apenas da energia de---. Devias sair mais, conviver com homens inteligentes, ouvir o que têm a dizer-te. Não podes permanecer sempre no mesmo círculo. Isso é mau para ambos. Estás a exigir demasiado dele espiritualmente, e esgotá-lo-ás antes do tempo.

Uma mulher não pode nutrir-se espiritualmente apenas da energia de outras mulheres. Precisa de absorver também a energia dos homens.

Há ainda outra pessoa para quem te quero alertar: uma viúva, de cabelos claros, olhos claros, não inteligente, mas astuta. Só tem um propósito com as visitas que te faz. Gostaria de tomar o teu lugar. Não hesitaria em usurpar os teus direitos. Sê cortês com ela, se quiseres, mas não a encorajes. Seria melhor se desaparecesse das vossas vidas por completo. Nunca te trará boa sorte. Ainda poderá causar-te muitos dissabores.

---precisa de trabalho – ativo e constante – ou a sua saúde irá deteriorar-se, tanto física como espiritualmente. Ele está a viver na inércia.

Dizes-lhe demasiadas vezes que o amas. Deixa que ele sinta que há sempre um nível mais alto a alcançar e um abismo mais fundo onde pode cair na tua consideração. Ele não é o único homem no mundo. Porque deverias mentir-lhe, dizendo que é?"

"Grande parte da culpa é tua."

(*Considerando que o Sr. Fletcher nunca tinha visto, nem, tanto quanto eu sabia, ouvido falar das pessoas que mencionou nesta longa dissertação, torna-se uma questão de especulação de onde ou de quem ele teria obtido esse conhecimento profundo do caráter e da personalidade delas – cada palavra da qual posso garantir corresponder a uma verdade absoluta.*)

"Muitos são os espíritos que andam à tua volta. Alguns desejam falar. Um espírito grandioso e nobre está por trás de ti, com as mãos erguidas em bênção sobre a tua cabeça. Ele é o teu pai. Envia-te a seguinte mensagem:

'Minha querida filha, houve tantas influências antagónicas em relação às minhas na tua última vida matrimonial que me foi muito difícil aproximar-me de ti. Agora, essas influências desapareceram. As condições atuais são-me muito mais favoráveis, e espero estar frequentemente contigo e ajudar-te ao longo da vida que tens pela frente.

Vejo o rosto de um espírito exaltado, mesmo acima da tua cabeça, e leio o nome *Powles*. Esse espírito está mais próximo de ti e mais ligado a ti do que qualquer outro no Mundo Espiritual. Ele vem apenas a ti e a mais uma criatura através de ti – a tua segunda filha. Diz que o reconhecerás pelo sinal da cantiga que lhe cantaste no leito de morte. O amor que tem por ti é o mais puro e verdadeiro, e está sempre a teu lado, embora influências inferiores, por vezes, impeçam a sua manifestação.

A tua filha surge a descer suavemente e dá-lhe as mãos. É um espírito muito puro e belo. Indica-me que na Terra teve o mesmo nome que tu, mas no mundo espiritual é tratada por outro nome – um nome relacionado com flores.

Traz-me um ramo de lírios brancos, ligeiramente tingidos de azul, com pétalas azuladas, atados com uma fita azul. Por gestos, faz-me entender que o seu nome espiritual tem que ver com essas flores.

Acho que tenho de ir agora, mas espero que voltes a reunir-te comigo. Da próxima vez, poderei dizer-te mais. O meu nome é *Winona*, e quando me chamares, eu virei. Adeus.'"

Este foi o fim da primeira sessão que tive com o Sr. Fletcher, e creio que até os mais céticos concordarão que foi suficientemente impressionante para um primeiro encontro com uma perfeita estranha.

No ano seguinte, escrevi novamente para o *Banner of Light* a respeito do Sr. Fletcher, mas apenas apresentarei um excerto da minha carta:

"Disse-lhe, na minha carta do ano passado, que tinha tido uma sessão com o Sr. Fletcher de caráter tão privado que era impossível torná-lo público. Durante essa entrevista, *Winona* fez várias profecias surpreendentes sobre o futuro, que, creio que interessará aos leitores saber, já se concretizaram.

Querendo obter mais provas do poder do Sr. Fletcher antes de lhe redigir esta carta, preparei um teste diferente para ele na semana passada. Da gaveta de uma escrivaninha cheia de cartas antigas, de olhos fechados, selecionei quatro folhas dobradas ao acaso. Coloquei-as em quatro envelopes em branco, previamente preparados, sem olhar para elas, e fechei-as normalmente com goma adesiva, selando-as depois com lacre.

Levei esses envelopes ao Sr. Fletcher e pedi a *Winona* que me falasse do caráter das pessoas que haviam redigido essas cartas. Ela encostou-as, uma a uma, à testa do médium e, ao devolver-mas, fiz anotações na parte externa de cada envelope sobre os comentários dela. Ao abrir os selos, verifiquei que a descrição do caráter de cada remetente era absolutamente acertada, apesar das cartas terem sido escritas há anos (*algo que Winona percebeu de imediato*).

Também me disse quais dos meus correspondentes ainda estavam vivos e quais já tinham falecido. Aqui, como podem notar, não poderia haver qualquer influência da minha própria mente sobre a do médium, pois eu própria estava ignorava por completo, até reabrir os envelopes, quem eram os remetentes dessas cartas.

Há dois meses, fui convidada a participar numa especulação financeira, sobre a qual tinha dúvidas. Decidi, pois, procurar o Sr. Fletcher e pedir uma consulta a *Winona*, com a intenção de a interrogar sobre o assunto. No entanto, antes mesmo de eu mencionar o tema, foi ela quem o trouxe à conversa. Prosseguiu descrevendo a própria especulação, as pessoas envolvidas e o montante esperado de lucro. Por fim, explicou-me como e por que motivo o negócio iria ruir, proibindo-me terminantemente de me envolver. Segui o conselho de *Winona* e, desde então, tenho-me sentido grata por o ter feito, pois tudo aconteceu exatamente como ela previra."

Acredito que aqueles que desejam obter o máximo benefício possível da clarividência deveriam estar mais dispostos a escutar e a aprender, e menos inclinados a questionar e a duvidar. Muitos que ouviram o relato da minha experiência correram apressadamente a procurar o mesmo médium, apenas para acabarem profundamente desiludidos. Se refletissem sobre o seu encontro, provavelmente perceberiam que passaram o tempo todo a falar, fornecendo todas as informações ao médium, e, assim, não lhe deixaram qualquer trabalho a fazer. A esses, eu sempre digo:

Se o vosso objetivo é obter conselhos sobre negócios ou notícias de um amigo perdido, permaneçam completamente passivos até que o médium tenha dito tudo o que tem para dizer. Dêem-lhe tempo para entrar em sintonia convosco e silêncio para que possa comunicar com os espíritos que vos acompanham; pois são esses espíritos – e não os guias do médium – que fornecem a história da vossa vida e apontam os perigos que vos ameaçam.

Quando o médium terminar de falar, provavelmente perguntar-lhes-á se têm questões a colocar. Nesse momento, sim, será a vossa vez de falar e de obter as respostas específicas que procuram. Se estas orientações forem seguidas, será bastante mais provável que tenham uma sessão satisfatória, do que se forem impacientes e apressados.

CAPÍTULO XXV
DIVERSOS MÉDIUNS

Um clarividente intenso e notável é o Sr. Towns, de Portobello Road. Enquanto consultor de negócios ou profeta do futuro, não acho que ele seja ultrapassado. O consultor de profecias não encontrará uma grande mansão que o receba na Estrada Portobello. Antes pelo contrário, este adivinho mantém uma pequena loja no comércio de petróleo, e ele próprio é apenas um comerciante honesto e, por vezes, de fala rude.

Ele atenderá clientes em particular a qualquer dia em que estiver em casa, embora seja melhor marcar uma reunião, mas ele mantém um círculo nas suas instalações todas as noites de terça-feira, no qual todos são admitidos e onde a contribuição é qualquer coisa que você pode estar disposto a dar, cobre ou ouro. Essas reuniões, que são muito bem frequentadas, são sempre abertas pelo Sr. Towns com oração, após o que um hino é cantado e a sessão começa. A luz a gás está acesa o tempo todo, e o Sr. Towns senta-se no meio do círculo. Ele não entra em transe, mas esfrega a testa durante alguns minutos e depois vira-se de repente e dirige-se aos membros da sua plateia, ao que parece, de maneira promíscua, mas é exactamente esse o modo como ele é impressionado. Ele fala, via de regra, por meio de metáfora ou alegoria, mas o seu significado faz-se perfeitamente claro para a pessoa a quem se dirige.

Não são apenas mulheres disparatadas, nem inquiridores curiosos, que frequentam os círculos do Sr. Towns. Podemos ver muitos homens de negócios sérios e muitas vezes ansiosos ao seu redor, à espera de apurar se eles deverão vender as suas acções ou mantê-las até uma subida no mercado; onde deverão procurar certificados ou papéis de valor perdidos; ou a quem deverão atribuir a culpa pelo dinheiro ou pelos artigos de valor que tiverem desaparecido. Certa vez, na minha presença, um homem de aparência séria manteve os olhos fixos nele por algum tempo, evidentemente ansioso por falar. O Sr. Towns voltou-se de repente para ele:

"Você quer saber, senhor," começou ele, sem qualquer prefácio, "onde aquele certificado de batismo pode ser encontrado."

"Sim, de facto", respondeu o homem; "é um caso de perda de milhares se não acontecer."

"Deixe-me ver," disse o Sr. Towns, com o dedo na testa.

"Já terá experimentado uma igreja com uma torre quadrada sem qualquer campanário, uma construção feia e desajeitada, caiada de branco por dentro, numa vila? Pare! Eu posso ver os livros de registro — o nome da vila é.... A entrada está registada na página 200.
O nome é.... O nome da mãe é.... É esse o certificado que você quer?"

"É, mesmo," disse o homem;" e está na igreja em que parte?"

"Eu não disse que estava na igreja em ....?" Respondeu o Sr. Towns, que disse não gostar que o questionem nem contestem. "Vá lá e você o encontrará."

E o homem foi e o encontrou lá. Escutar as conversas que ocorrem entre ele e os seus clientes nessas reuniões, e o Sr. Towns aparentemente não é menos bem-sucedido nos

casos de amor do que nos negócios, é uma experiência interessante tomar parte, mesmo que apenas por curiosidade. Mas, naturalmente, visitá-lo em particular é exigir muito mais da sua atenção; no entanto, assente a todos e não adianta tentar enganá-lo. Ele tem um carácter extremamente perspicaz, e se não gostar de um homem, ele dir-lho-á sem a menor hesitação. Na pequena loja de petróleo nenhuma mentira da sociedade é fabricada.

Um parente meu, que não era o marido mais fiel do mundo, e que, em consequência, julgou a probidade da esposa pela própria, foi, durante a sua ausência temporária, ao Sr. Towns para lhe colocar uma questão delicada. A senhora era bem conhecida do médium, mas o marido ele nunca tinha visto antes, nem fazia tinha ideia de quem fosse o cliente fosse, até ele tirar uma carta do bolso, coloca-la sobre a mesa e dizer:

"Pronto! Nessa carta e diga-me se o remetente me é fiel."

O Sr. Towns contou-me que, ao pegar no envelope nas mãos, viu o rosto da senhora estampado nele e, ao mesmo tempo, toda a obscuridade da própria vida do marido.

Ele levantou-se como uma divindade irada e apontou para a porta. "Esta carta," disse ele, "foi escrita pela Sra— —. Vá, homem, e lave bem as suas próprias mãos e depois venha-me fazer perguntas sobre a sua esposa."

E assim o grande "figurão" teve que se esgueirar porta abaixo de novo. Fui muita vez pessoalmente ao Sr. Towns antes de me envolver em qualquer negócio de novo, e sempre recebi os melhores conselhos e me foi dito exactamente o que ocorreria durante o seu desenvolvimento. Quando eu estava prestes a começar a turnê "Golden Goblin" em execução com o meu filho — fui até ele perguntar se iria ter sucesso. Ele não apenas me disse quanto dinheiro viria a render, mas também onde se verificariam os pontos fracos.

O drama foi concluído e os ensaios estavam em andamento, e foi altamente elogiada por todos que a ouviram e viram. O Sr. Towns, porém, que não a tinha visto nem ouvido, insistiu que teria de ser alterada antes que se tornasse num sucesso completo. Isso irritou-me, e eu sabia que iria deixar o meu filho e autor, irritado; além disso, acreditei que fosse um engano, pelo que não disse nada a respeito.

Antes que se passasse um mês, porém, foram admitidas mudanças em todos os lados conforme exigido e, consequentemente, foram feitas. Tudo o que o Sr. Towns prognosticou naquela ocasião sucedeu, até mesmo com respeito aos estranhos que eu viria a conhecer na excursão, e como o conhecimento viria a afectar a minha vida futura; quanto tempo iria durar a turnê e em que cidades viria a obter maior sucesso. Posso garantir a alguns dos meus amigos profissionais que, se eles se dessem ao trabalho de consultar um clarividente de confiança sobre os seus compromissos antes de os contratar, não se veriam com tanta frequência nas mãos de gestores falsos como agora.

Há pouco tempo, recebi uma intimação no tribunal do condado e, embora soubesse que tinha razão, a lei tem tantas lacunas que fiquei nervosa. O caso fora convocado para as onze horas de uma determinada quarta-feira e na noite anterior juntei-me ao círculo do Sr. Towns. Quando chegou a minha vez de o questionar, eu disse:

"Você vê onde irei estar amanhã de manhã?"

Ele respondeu:

"Vejo que você foi convocada para comparecer a um tribunal, mas o caso vai ser adiado."

"Adiado", repeti, *"mas ele foi marcado para as onze...! Não pode ser adiado."*

"Os casos por vezes são transferidos para outro tribunal," disse o Sr. Towns.

Então, pensei que ele tivesse deixado completamente o estado profundo e respondi:

"Você está a cometer um erro. Isso é coisa bastante comum. Não pode ir para um tribunal superior. Mas virei eu a ganhá-lo?"

"À tarde," disse a médium. As respostas dele decepcionaram-me tanto que não confiei nelas e fui ao tribunal do condado na manhã seguinte em estado de nervosismo. Mas ele tinha inteira razão. O processo foi instaurado às onze, mas como o réu não se manifestou, foi preterido, e as audiências seguintes ocuparam tanto tempo que o magistrado achou que nunca mais ia poder tratar da minha, pelo que *a transferiu para as duas horas para um outro tribunal* para ser ouvida perante o escrivão, que decidiu imediatamente o processo a meu favor, de modo que o ganhei à tarde.

* * *

Uma certa tarde, nos meus dias do meu espiritualismo "verde," quando cada nova experiência quase me levava a respiração a parar, entrei na Biblioteca Progressiva em Southampton Row para perguntar se sabiam de algum novo médium que tivesse chegado à cidade. O Sr. Burns (do *Medium & Daybreak*) não tinha conhecimento de nenhuma, mas perguntou-me se eu já tinha assistido a alguma das sessões da Sra. Olive, uma série das quais ocorria semanalmente nos Salões da Biblioteca. Eu não tinha, e obtive uma passagem de meia coroa para a admissão e voltei na mesma noite. Quando entrei na sala de sessão, a médium ainda não tinha chegado e eu tive tempo de fazer um inventário da audiência.

Parecia uma audiência muito triste e séria. Não se ouvia um sussurro nem riso, e impressionou-me o facto de se parecerem mais com pacientes que aguardassem a chegada do médico do que pessoas ligadas a uma diversão noturna. E, para minha surpresa, foi isso justamente que descobri depois que eles realmente eram. A Sra. Olive não nos deixou à espera durante muito tempo, e quando ela entrou, vestida com um vestido de musselina lilás, com os cabelos dourados repartidos nitidamente na testa, olhos muito azuis e dirigindo um sorriso doce e feminino para o seu círculo, ela parecia tão diferente da ideia popular de uma médium profissional quanto qualquer um poderia. Ela sentou-se numa cadeira no meio do círculo e, após fechar os olhos, adormeceu. Logo ela se sentou e, ainda com os olhos fechados, disse numa voz muito agradável, mas decididamente masculina:

"E agora, meus amigos, que posso eu fazer por vós?"

Uma senhora do círculo começou a pedir conselhos acerca da filha. A médium ergueu a mão. "Pare!" exclamou. "Você está a fazer o *meu* trabalho. Amiga, a sua filha está doente,

diz você. Mas cabe a mim ver o que está acontecer com ela. Venha aqui, mocinha, e deixe-me sentir o seu pulso."

Feito isso, a médium passou a detalhar exactamente o conteúdo do estômago da garota e aconselhou-a sobre o que comer e beber de futuro. Outra senhora avançou com uma receita por escrito. O médico examinou-a, fez uma ou duas alterações na prescrição e disse-lhe para continuar até novas ordens.

A minha curiosidade foi despertada, e sussurrei à da cadeira vizinha para me dizer quem era o controlador. "Sir John Forbes, um médico célebre," respondeu ela. "Ele estabelece uma conexão quase tão grande agora quanto tinha quando vivo." Eu não estava exactamente doente na época, mas também não estava robusta, e nada do que o meu médico de família prescrevera parecia fazer-me bem. De modo que desejando testar a perícia de "Sir John Forbes," fui até junto da médium e ajoelhei-me a seu lado.

"Qual se passa comigo, Sir John?" comecei:

"Não me chame por esse nome, amiguinha," respondeu ele; "não temos títulos neste lado do mundo."

"Como devo tratá-lo, então?" disse eu.

"Doutor, doutor simplesmente," foi a resposta que me deu, mas numa voz muito gentil.

"Então, diga-me o que está a suceder comigo, doutor."

"Aproxime-se que eu vou sussurrá-lo ao ouvido." Então fez-me um relato detalhado da maneira como eu padecera e perguntou do que eu estava a tomar. Quando eu lhe disse, ele respondeu, balançando a cabeça:

"Tudo errado, tudo errado. Olhe aqui! Dê-me um lápis e papel."

Eu tinha um caderno no bolso, com um lápis metálico, que lhe entreguei, e ele anotou uma receita nele. "Tome isso e você vai ficar melhor, amiguinha," disse ele, enquanto me devolvia.

Quando tive tempo para examinar o que ele havia escrito, descobri, para minha surpresa, que a receita vinha num Latim abreviado, com a quantidade de cada ingrediente na caligrafia abreviada normal médica. Parecia muito improvável que a Sra. Olive, uma mulher simples, embora de aparência inteligente, tivesse tido uma educação desse nível. No entanto, decidi-me a obter uma opinião mais avalizada que a minha, pelo que da vez seguinte que o meu médico de família me chamou, eu disse:

"Recebi uma receita, doutor, que estou ansiosa, com sua permissão, por tentar. Eu gostaria que você a examinasse e me dissesse se aprova que a tome." Ao mesmo tempo, entreguei-lhe o caderno e vi-o ficar muito vermelho a olhar para a receita.

"Haverá algo errado?" perguntei.

"Ah! Não, minha cara!" respondeu ele num tom ofendido; "você pode experimentar o seu remédio, sem problema, pois não me importa — só que, da próxima vez que você quiser consultar um novo médico, aconselho-a a dispensar o antigo primeiro."

"Mas esta receita não foi prescrita por um médico," argumentei. Com isso, ele ainda mais ofendido.

"Não adianta tentar enganar-me, Sra. Ross-Church! Essa receita não foi prescrita por mais ninguém senão um médico."

Levei muito a levá-lo realmente a acreditar em *quem* a transcrevera e em que circunstâncias.

Quando ele se convenceu da veracidade da minha afirmação, ficou muito surpreendido e pôs todo o seu melindre profissional de lado. Ele fez mais. Ele não apenas me incentivou a preparar a receita, mas confessou que a sua decepção inicial fora devido ao facto de ter pensado nisso ele próprio. "Isso," disse ele, apontando para um determinado ingrediente, "é justamente o indicado para o seu caso, e faz-me sentir um tolo pensar que uma *mulher* devesse pensar no que *eu* deixei passar."

Nada levaria esse médico a acreditar no Espiritualismo, embora ele continuasse a afirmar que apenas um médico poderia prescrever o remédio; mas como vi dezenas de outros casos tratados na época pela Sra. Olive, e vi dezenas desde então, sei que ela o faz por um poder que não é dela. Muitos anos depois das consultas a que "Sir John Forbes" me habituou, de aconselhamento com respeito à minha saúde, e da sua médium se casar com o Coronel Greck e ir viver para a Rússia, ele ficou com tanto pesar por deixar a sua inúmera clientela, e por os pacientes o perderem, que quis controlar-me para que eu pudesse dar continuidade à sua prática, mas após várias tentativas desistiu por o considerar inútil.

Ele disse que o meu cérebro era demasiado activo para qualquer espírito me magnetizar; e ele não é o primeiro, nem o último, a fazer a mesma tentativa e a fracassar. "Sir John Forbes" não era o único controlo da Sra. Olive. Ela tinha um espírito encantador chamado "Sunshine," que costumava fazer-se presente para questões de clarividência e profecia; e um negro muito cómico chamado "Hambo," que era tão bem-humorado e tão cheio de sagacidade nativa e resposta pronta quanto os negros em geral, e como a Sra. Olive, que é uma mulher muito gentil e sossegada, decididamente não era. "Hambo" era o conselheiro e consultor empresarial, e por vezes materializava-se, o que os outros não faziam. Essas três influências eram tão diferentes uma da outra, e da Sra. Olive, quanto qualquer criatura poderia ser.

"Sir John Forbes," tão digno, cortês e verdadeiro benfeitor — um velho cavalheiro tão meticuloso; "Sunshine," uma doce e simpática garota Índia, cheia de gentis repreensões pelos erros e exortações para levar uma vida mais elevada; e "Hambo," engraçado e espirituoso, que trata as coisas pelo nome e, ocasionalmente, se permite descer na grosseria, mas que nunca rude nem perverso. Eu conheci-os a todos no espaço de anos, até chegar a considerá-los velhos amigos. A Sra. Greck é agora viúva, vive na Inglaterra e, segundo ouvi dizer, faz sessões de novo para os amigos. A ser verdade, um grande benefício na pessoa de "Sir John Forbes" regressou a uma parte da humanidade.

Eu mantive um conhecido médium físico até o fim, não porque eu não considerasse os poderes dele como inteiramente genuínos, mas por serem de uma natureza que não apelará àqueles que não os tiverem testemunhado. Refiro-me ao Sr. Charles Williams, com quem já participei tantas vezes a sós, assim como à Sra., Guppy Volckman. As manifestações que ocorrem nas suas séances são sempre de carácter material.

O muito badalado "John King" é o seu principal controlador (de C. Williams) e invariavelmente aparece sob a sua mediunidade; e "Ernest" é o nome de outro. Eu vi Charles Williams deixar o gabinete em transe e vagar sem rumo pela sala, enquanto "John King" e "Ernest" permaneciam com o círculo, e ouvi eles reprová-lo pela sua irreflexão. Eu também o vi nas mesmas circunstâncias, durante uma sessão da tarde, confundir as cortinas da janela com as cortinas do gabinete, e puxá-las repentinamente para o lado, deixando a luz do dia entrar em cena, e revelar um vazio onde um momento antes tinham estado duas figuras de pé a conversar.

Certa vez, em que "John King" perguntou ao Coronel Lean (meu marido) o que lhe devia trazer, foi-lhe dito *mentalmente* que trouxesse o anel de meia argola de diamantes incrustados do meu dedo e o colocasse no meu marido.

Este anel de meia argola era usado entre a minha aliança de casamento e um anel de cobra de ouro pesado, e eu estava a segurar na mão do meu vizinho o tempo todo, mas o anel foi separado dos outros dois e transferido para o dedo do Coronel Lean sem que eu estivesse ciente da circunstância. Essa e diversas outras maravilhas, eu testemunhei sob a mediunidade do Sr. Williams; mas como não posso apresentar qualquer prova de que são genuínos, excepto aminha própria convicção, seria inútil anotá-las aqui. Só não podia fechar a lista dos médiuns com quem participei intimamente em Londres e dos quais recebi tanto gentileza como cortesia, sem incluir o seu nome.

Sucede o mesmo com diversos outros — com o Sr. Frank Herne (agora falecido) e a sua esposa, a Sra. Herne, que eu conheci como Sra. Bassett, uma médium famosa para a voz directa do espírito; com a Sra. Wilkinson, uma clarividente que tem uma grande clientela de patronos ricos e aristocráticos; com a Sra. Wilkins e o Sr. Vango, ambos fiáveis, embora, por enquanto, menos conhecidos do público espiritualista; e com o Dr. Wilson, o astrólogo, que lhes revelará tudo o que vocês já fizeram e tudo que farão, se ao menos lhe derem a oportunidade de fazer o seu horóscopo. A todos e a cada um apresento os meus agradecimentos por me terem proporcionado maiores oportunidades de pesquisar a verdade de uma ciência que possui o maior interesse para mim e que me proporcionou o maior prazer.

CAPÍTULO XXVI
O ESPIRITUALISMO NA AMÉRICA

A SRA. M.A. WILLIAMS

Fui para a América com um compromisso profissional em Outubro de 1884. Alguns meses antes, os Espiritualistas da Grã-Bretanha fizeram-me uma oferta muito liberal de escrever as minhas experiências para a imprensa Inglesa, mas recusei fazê-lo até que pudesse acrescentar-lhes as minhas notas Americanas. Eu tinha-me correspondido (como mostrei) com o *Bannner of Light* em Nova Iorque; e o que ouvi sobre o Espiritualismo na América

deixou-me curiosa para o testemunhar. Mas eu estava determinada a testá-lo num plano estritamente privado. Eu disse a mim própria:

"Vi e ouvi quase tudo que havia para ver e ouvir sobre o assunto na Inglaterra, mas, com uma ou duas excepções, nunca participei em sessão nenhuma onde eu não fosse conhecida. Agora vou visitar um país estranho onde, em questões como o Espiritualismo, posso ocultar a minha identidade, de modo a não dar aos médiuns nenhuma pista sobre o meu ambiente nem os nomes de meus amigos falecidos."

Eu naveguei para a América bastante determinada a prosseguir uma investigação estritamente secreta e, com esse fim em vista, jamais mencionei o assunto a ninguém.

Tirei alguns dias de férias em Nova Iorque antes de seguir para Boston, onde o meu trabalho começou, e hospedei-me num dos maiores hotéis da cidade. Aterrissei numa manhã de Domingo e na noite de segunda-feira resolvi fazer a minha primeira aventura. Se eu fosse um visitante em Londres, teria que procurar o tipo certo de pessoa e fazer uma dúzia de indagações antes de apurar onde a médium se escondia do medo da lei; mas eles ordenam melhor essas coisas do outro lado do Atlântico. As pessoas têm permissão para manter as suas opiniões particulares e a sua religião particular ali, sem serem atacadas e levadas para a prisão como bandidos e indigentes.

Quaisquer que sejam as opiniões da maioria, sobre esse assunto ou qualquer outro (e Deus sabe que eu gostaria que cada indivíduo fosse forte o suficiente para se regular pela sua opinião e corajoso o suficiente para reconhecê-la perante o mundo), eu acho que é um descrédito para um país civilizado que permite que leis antigas, feitas quando éramos pouco mais que selvagens, continuem em vigor nos dias de hoje. Somos oprimidos demais por um governo paternalista, que se tornou tão cego e senil que engole camelos enquanto tenta filtrar um mosquito.

Todavia, em Nova Iorque não houve obstáculo ao meu desejo. Bastava olhar para as colunas de anúncios dos jornais para saber onde vivia a médium e em que dias realizava as suas sessões públicas. Acontece que a Sra. M.A. Williams era a única que mantinha a casa aberta nas noites de segunda-feira para materialização; e eu lá me resolvi eu a ir. Não existe privacidade como num grande *hotel*, onde ninguém tem a oportunidade de ver o que o seu vizinho está a fazer. Assim, pois, quando o terminei o jantar, coloquei uma capa escura, chapéu e véu e, caminhando a campo aberto, entrei num dos carros que passavam pela rua onde a Sra. Williams residia. Chegada a casa, bati à porta, e estava prestes a perguntar se iria haver alguma sessão lá nessa noite, quando o criado me poupou ao problema dizendo: "Lá em cima, se faz favor, senhora," e nada mais dissemos um ao outro.

Depois de subir as escadas, encontrei-me numa grande sala, cujo chão estava coberto com uma grossa carpete, pregada em todo o lambril. De um lado, havia cerca de trinta ou quarenta cadeiras com fundo de cana e, de frente para eles, a cabine. Consistia em quatro colunas pregadas sobre o tapete, com barras de ferro a liga-las no topo. Não havia teto, mas as cortinas marrom-escuro costumavam ser fechadas, só que quando entrei, foram atiradas para trás, sobre as barras de ferro, para revelar o interior. Havia uma poltrona estofada para uso do médium e, em frente à cabine, uma mesa estreita com papéis e lápis, cujo uso eu não descobri a princípio.

No terceiro lado da sala havia um harmônio, colocado de forma que o artista se sentasse de costas para o gabinete e para os presentes. Uma grande lamparina a gás, quase como um holofote, feita em forma quadrada como uma lanterna, foi fixada contra a parede, de modo a lançar a luz sobre a cabine, mas foi equipada com uma cortina deslizante de seda vermelha, com a qual podia ser escurecida, se necessário. Cheguei cedo e apenas alguns visitantes ocupavam as cadeiras. Perguntei a uma senhora se poderia sentar-me onde quisesse e, ao ela disse que "Sim," pelo que me sentei na cadeira da primeira fila, exactamente em frente à cabine, não esquecendo que estava ali tanto pela causa do Espiritualismo quanto pelos meus próprios interesses. Os assentos foram rapidamente ocupados e deviam encontrar-se trinta e cinco ou quarenta pessoas presentes, quando a Sra. Williams entrou na sala e, acenando com a cabeça àqueles que conhecia, dirigiu-se ao gabinete.

A Sra. Williams é uma mulher entroncada de meia-idade, com cabelos e olhos escuros e uma tez fresca. Ela vestia um vestido justo de um azul claro, com uma boa quantidade de renda no pescoço e nas mangas. Ela vinha acompanhada por um cavalheiro, e então descobri pela primeira vez que é comum na América ter, o que eles chamam, um "condutor" da sessão. O condutor senta-se perto das cortinas da cabine e, se algum espírito estiver fraco demais para se exibir do lado de fora ou para falar de maneira audível, transmite a mensagem que desejar enviar aos amigos; e quando eu soube quão poucas precauções os Americanos tomam para prevenir tais ultrajes como os que ocorreram na Inglaterra, e quantas mais materializações sucedem numa noite lá do que aqui, eu vi a necessidade de um condutor proteger o médium e regular a ordem da sessão.

O condutor da Sra. Williams abriu os procedimentos com um pequeno discurso muito elegante. Ele disse: "Vejo diversos rostos estranhos aqui esta noite, e estou muito satisfeito por vê-los, e espero que eles possam obter prazer e lucro com o nosso encontro. Temos apenas uma regra para a condução das nossas sessões, a de que você devem comportar-se como damas e cavalheiros.

Não se pode dar crédito a tudo que se vê, mas lembrem-se de que esta é a nossa religião, e a religião de muitos presentes, e como vocês se comportariam com reverência e decoro se estivessem numa igreja de noutra ordem ou confissão religiosa vossa, então eu imploro-lhes que também se comportem aqui. E se algum espírito vier até vós que vocês não reconheçam de imediato, não lhe firam a susceptibilidade negando-lhe a identidade. Eles podem estar ansiosos por este momento de encontro de novo convosco, e a fazer o máximo para assumir mais uma vez a semelhança que usavam na Terra; no entanto, alguns falham. Não tornem o seu fracasso mais difícil de suportar repudiando grosseiramente todo o seu reconhecimento.

Os estranhos que estão presentes esta noite podem confundir o motivo desta mesinha ser colocada na frente da cabine, e pensar que ela tenha a intenção de os manter longe de uma inspeção dos espíritos. Não é nada disso! Antes pelo contrário, todos serão convidados, por sua vez, a subir e reconhecer os seus amigos. Mas estabelecemos como regra nessas sessões que nenhum espírito materializado, que seja forte o suficiente para ir além daquela mesa, tenha permissão para retornar ao gabinete. Eles devem se desmaterializar-se à vista dos presentes, para que nenhuma possível suspeita recaia sobre a médium. Estes lápis e papéis acham-se aqui colocados para o caso de algum espírito incapaz de falar ser inspirado a escrever em lugar disso. E agora vou começar a noite com um cântico.

O acompanhante então tocou "Footsteps of Angels," o público cantou com empenho, e tendo as cortinas sido fechadas em volta da Sra. Williams, a obscuridade foi lançada através da lâmpada a gás e a sessão começou.

Acho que não demorou mais do que um ou dois minutos até ouvirmos uma voz sussurrar: "Pai," e três garotas, me vestes brancas coladas do corpo, apareceram entre a abertura das cortinas. Um velho de cabelos alvos levantou-se do assento e caminhou até a cabine, quando as três saíram ao mesmo tempo, se penduraram ao pescoço dele e o beijaram e sussurraram. Quase esqueci onde me encontrava. Eles pareciam tão perfeitamente humanos, tão alegres e parecidos com garotas que se revelavam, com algo entre dezassete e vinte anos, e todas falavam ao mesmo tempo, tão parecido com o que as garotas da terra fariam, que era do mais misterioso. O velho voltou ao seu lugar, e enxugou os olhos. "São as suas filhas, senhor?" perguntou um dos assistentes. "São! As minhas três meninas," respondeu ele. "Eu perdi-as a todas antes dos dez anos de idade, mas você vê, eu tenho-as de volta aqui."

Diversas outras formas apareceram depois disso - uma, a de uma criança pequena de cerca de três anos, que entrava e saía da cabine como uma borboleta e fugia a rir dos presentes que tentavam apanhá-la. Algumas das reuniões que ocorreram por uma primeira vez revelaram-se muito emocionantes. Um jovem de cerca de dezassete ou dezoito anos, que foi chamado a ver o espírito da sua mãe, soluçou de tal modo amargo que fiquei de coração destroçado ao ouvi-lo. Não havia a menor dúvida se *ele* a reconhecera ou não. Ele estava tão emocionado que mal ergueu os olhos durante o resto da noite. Uma senhora trouxe o seu filho espiritual até mim, para que eu pudesse ver a perfeição com que ele se materializara. Ela falou sobre ele com o orgulho que ela teria mostrado se ele tivesse passado em algum exame difícil.

O jovem vinha vestido com um terno de noite e apertou a minha mão por ordem da sua mãe, com o aperto firme de um mortal. Naturalmente, eu tinha visto muito disso na Inglaterra para que tudo isso me surpreendesse. Ainda assim, eu nunca assisti a uma sessão onde tudo parecia ser tão estranhamente humano — tão pouco místico, excepto, com efeito, a regra de desmaterialização diante dos assistentes, que eu só tinha visto "Katie King" fazer antes. Mas aqui, cada forma, depois de ter sido avisada pelo condutor de que o seu tempo havia expirado, afundava-se no tapete como se fosse a forma mais comum de retrocesso.

Alguns, e mais especialmente os homens, não avançaram além das cortinas; então os seus amigos eram convidados a subir e a falar com eles, e diversos eram os que entravam na cabine. Havia necessariamente muitas formas, familiares às demais, das quais eu nada sabia; uma era a de um velho ministro com quem todos haviam participado, outra, a de um cavalheiro que tinha sido um assistente constante nas sessões da Sra. Williams.

Certa vez o condutor disse-me. "Não estou ciente do seu nome," disse ele (e eu pensei: "Não! meu amigo, e você também não vai saber quem sou ainda!"), "mas um espírito aqui deseja que você suba até à cabine." Avancei, esperando ver alguma amiga, e lá estava um padre católico com a mão estendida em gesto de bênção. Ajoelhei-me e ele deu-me a bênção do costume e depois fechou as cortinas. "Você conheceu o espírito?" perguntou-me o condutor. Eu respondi com um balanço de cabeça; e ele prosseguiu: "Ele era o padre

Hayes, um padre muito conhecido nesta cidade. Suponho que você seja Católica, não?" Eu disse-lhe que sim e voltei ao meu lugar.

O condutor dirigiu-se a mim de novo. "Acho que o padre Hayes deve ter vindo abrir o caminho para alguma das suas amizades," disse ele. "Aqui está um espírito que diz que veio por causa de uma senhora chamada 'Florence,' que acabou de cruzar o mar. Você responde à descrição?" Eu estava prestes a dizer "Sim," quando as cortinas se abriram novamente e a minha filha "Florence" correu pela sala e me caiu nos braços. "Mãe!", exclamou ela, "Eu disse que viria a si e tomaria conta de si - não disse?"

Eu olhei para ela. Ela tinha exactamente a mesma aparência de quando viera a mim na Inglaterra — o mesmo luxuriante cabelo castanho, feições e figura, como eu vira sob as diferentes mediunidades de Florence Cook, Arthur Colman, Charles Williams e William Eglinton; a mesma forma que na Inglaterra haviam afirmado ser meia dúzia de diferentes médiuns vestidos de forma a representar a minha filha apresentou-se diante de mim lá em Nova Iorque, a milhares de milhas do outro lado do mar, e pelo poder de uma pessoa que nem mesmo sabia quem eu era. Se eu não tivesse sido convencida antes, como poderia ter sido ajudada no convencimento então?

"Florence" pareceu tão feliz quanto eu, não parou de me beijar e falou sobre o que tinha acontecido comigo a bordo do navio que estava a chegar, e estava evidentemente a *par* de todas as minhas acções. Em seguida, ela disse:

"Há outro amigo seu aqui, mãe! Viemos juntos. Vou buscá-lo."

Ela voltou-se para regressar à cabine quando o condutor a deteve.

"Você não deve voltar por aqui, por favor. Qualquer outro caminho que queira," e ela imediatamente fez uma espécie de reverência e desmaterializou-se pela carpete abaixo.

Eu estava onde a "Florence" me tinha deixado, a imaginar o que iria acontecer a seguir, quando ela surgisse novamente a alguns metros de mim, a cabeça primeiro, e a sorrir como se tivesse descoberto uma nova brincadeira. Desta vez ela foi autorizada a entrar na cabine, mas um momento depois ela pôs a cabeça para fora de novo e disse: "Aqui está o seu amigo, mãe!" e a seu lado estava o controlador de William Eglinton, "Joey," no seu facto branco, com um boné branco puxado sobre a cabeça. "'Florence' e eu viemos estabelecer novas linhas para si aqui," disse ele: "pelo menos, vim para colocá-la no caminho, mas não posso ficar muito tempo, sabe, por precisar voltar para o 'Willy.'"

Eu realmente não me importei se ele ia ficar muito tempo ou não. Parecia ter obtido a última prova de que precisava da verdade da doutrina que sustentara havia tanto tempo, de que não existe Morte, como a entendemos neste mundo. Aqui estavam os dois seres espirituais (por acreditar na identidade de quem, eu chamara a mim própria de idiota crédula cinquenta vezes, apenas para vir a acreditar neles ainda mais a fundo) na *propria persona em* Nova Iorque, a reivindicar-me numa terra de estranhos, que ainda não haviam descoberto quem eu era.

Fiquei mais profundamente comovida do que alguma vez em tais circunstâncias e mais profundamente grata. "Florence" fez grandes amizades com os nossos primos Americanos,

mesmo na sua primeira aparição. O condutor da Sra. Williams disse-me que nunca tinha ouvido falar em nada mais bonito do que a ideia do que uma filha espiritual cruzar o oceano para proteger a sua mãe num país estranho, e me especial, por ele poder sentir pela influência dela, quão puro e belo espírito era. Quando eu lhe disse que ela havia deixado este mundo aos dez dias de idade, ele disse que isso explicava a coisa, mas ele podia ver que não havia nada de terreno nela.

Fiquei encantada com esta sessão e esperava participar junto da Sra. Williams muitas vezes mais, mas o destino decretou que eu deveria deixar Nova Iorque mais cedo do que havia previsto. A liberdade perfeita com que foi conduzida deixou-me encantada, e os espíritos pareciam muito familiarizados com os participantes. Não houve nada tipo "Doce Espírito, escuta a minha oração." Nenhum medo algum de serem detidos ou manipulados por entre os espíritos, nem nenhum receio, apenas intensa ternura por parte dos seus parentes. Foi a essa causa que atribuí principalmente o grande número de materializações que testemunhei — *quarenta* das quais ocorreram naquela noite.

Eles também falavam de forma muito mais distinta e audível do que aqueles que eu tinha visto na Inglaterra, mas acredito que a atmosfera árida dos Estados Unidos é muito mais favorável ao processo de materialização. Percebi uma outra diferença. Embora os espíritos femininos se apresentassem principalmente vestidos de branco, eles usavam vestidos e não simplesmente cortinas, enquanto os homens invariavelmente envergavam as roupas (ou a aparência de roupa) que teriam usado se ainda estivessem na terra. Deixei os aposentos da Sra. Williams, determinada a ver o máximo que pudesse sobre mediunidade enquanto estivesse nos Estados Unidos.

CAPÍTULO XXVII
A SRA. EVA HATCH

Fiquei tão desapontada por ser levado às pressas para Boston antes de ter visto mais algum ou alguma médium de Nova Iorque, que aproveitei a primeira oportunidade de assistir a uma sessão lá. Algumas palavras que ouvira acerca de Eva Hatch fizeram-me decidir visitá-la primeiro. Ela pertencia à seita Shaker, e ouvi dizer que ela era uma mulher extremamente pura e honesta e uma médium muito fiável. A sua primeira aparição transmitiu-me essa impressão. Ela tinha um semblante belo e plácido, cheio de doçura e serenidade, e uma figura de matrona rechonchuda. Fui incógnita, como fizera com a Sra. Williams, e misturei-me com a multidão para não ser notado. A cabine da Sra. Hatch era bem diferente do da Sra. Williams.

Foi construído com tábuas como uma pequena cabana, e o telhado era perfurado com inúmeros orifícios redondos para ventilação, como uma caixa de pimenta. Tinha uma porta no centro, com uma janela de cada lado, tudo protegido por cortinas escuras. As janelas, disseram-me, eram para acomodação daqueles espíritos que não tinham o poder de materializar mais do que o rosto, ou a cabeça e o busto. O condutor da Sra. Hatch era uma mulher, que se sentava perto da cabine, como no outro caso.

A Sra. Eva Hatch não havia entrado no armário cinco minutos quando saiu de novo, em transe, com uma senhora muito velha com cabelos grisalhos que lhe pendiam até ao braço, e deu a volta ao círculo. Ao fazê-lo, a velha senhora estendeu a mão atrofiada e abençoou os

presentes. Ela chegou bem perto de cada um e mostrou-se claramente visível a todos. Disseram-me que esse era o espírito da mãe da Sra. Hatch e que era seu costume vir primeiro e dar a sua bênção à sessão. Eu nunca tinha visto o espírito de uma pessoa idosa antes, e foi uma visão linda. Além disso ela era a velhinha mais doce, muito pequena e de aparência frágil, e meio reclinada no seio da filha, mas a sorrir serenamente para todos.

Depois de darem a volta pela sala, a Sra. Hatch voltou a entrar na cabine e não a deixou até que a sessão fosse concluída. Havia muitos participantes presentes, a maioria dos quais eram antigos clientes da Sra. Hatch, pelo que, naturalmente, os seus amigos os procuraram primeiro. Contudo, é surpreendente que uma vez familiarizada com a materialização, quão pouco nos preocupamos em ver os espíritos que vêm ao nosso vizinho do lado. Eles são como um monte de prisioneiros soltos, um a um, para ver os amigos e parentes. Os poucos momentos de que dispõem são inteiramente dedicados a assuntos do lar sem qualquer possível interesse para o espectador.

O primeiro prodígio e possível choque ao ver os supostos mortos voltar na sua antiga aparência para saudar aqueles que eles deixaram na terra, ouve-se com lânguida indiferença e talvez um pouco de impaciência pela nossa própria vez, com respeito às palavras sussurradas de estranhos. Os "espíritos da cabine" ou "controladores" da sra. Hatch, entretanto, eram muito interessantes. Um, que se autodenominava o Espírito de Oração, "veio e ajoelhou-se no meio do círculo e orou connosco. Primeiro, pediu que o gás da iluminação fosse apagado, e enquanto orava ela iluminou-se com clarões de luz, em forma de estrelas e cruzes, até ficar visível da cabeça aos pés, e pudermos ver-lhe as feições e vestido como se estivesse rodeada de electricidade.

Dois outros espíritos de gabinete eram um negro e uma negra, que apareceram juntos, a entoar alguns dos seus hinos e melodias nativos. Quando vi essas aparições, pensei para mim própria: "Esta é uma boa oportunidade para descobrir a malandragem, se é que isto envolve malandragem." A dupla era, sem dúvida, da raça negra. Não havia como confundir-lhes os lábios grossos e os narizes e olhos branco-amarelados, nem a pele de um castanho polido, que nenhum carvão pode imitar adequadamente. Eles eram negros, sem dúvida; mas e o buquê negro?

Todo mundo que se misturou com gente de cor no Oriente ou no Ocidente sabe o que é isso, embora seja muito difícil de descrever, sendo algo como óleo quente e rançoso misturado à fuligem de carvão, com uma pequena coisa pior no meio. Eu pensei, "Bom, se essas formas são humanas, deverá haver algum odor ligado a elas, e eu estou determinado a descobri-lo." Peguei, pois, no vestido da jovem quando ela passou, e perguntei-lhe se ela me dava um beijo.

Ela deixou directamente o companheiro, e colocou os braços (que estavam nus) em volta do meu pescoço, e abraçou-me diversas vezes; e eu posso afirmar, sob juramento, que ela estava tão completamente isenta de qualquer coisa parecida com o odor de uma mulher de cor quanto era possível ela estar. Ela parecia tão fresca, doce e pura quanto uma criança. Muitas outras formas surgiram e foram reconhecidas pelo círculo, designadamente uma muito bonita que se autodenominava Imperatriz Josefina; mas como eles não poderiam acrescentar nada ao meu testemunho, eu ignoro-as.

Eu tinha começado a pensar que "Florence" não me iria visitar naquela noite, quando o condutor da sessão perguntou se havia alguém na sala que respondesse pelo nome de "Bluebell." Devo fazer um pequeno exame em retrospectiva aqui e dizer aos meus leitores que dez anos antes da altura sobre a qual estou a escrever, eu tinha perdido o meu cunhado, Edward Church, em circunstâncias muito dolorosas. Ele tinha ficado órfão e no controlo da sua fortuna desde muito jovem, e vivia com o meu marido, o coronel Ross-Church, e eu. Mas o pobre "Ted" fora o seu pior inimigo.

Ele possuía um coração muito generoso e disposição afetuosa, mas isso levou-o a extravagâncias que lhe engoliram a fortuna, e então ele começou a beber e matou-se por causa isso. Eu e os meus filhos amávamo-lo profundamente, mas todas as nossas orações e súplicas foram em vão, e no final ele ficou tão mal que os médicos insistiram na nossa separação. Consequentemente, o pobre "Ted" morreu no exílio, e isso foi mais um agravamento da nossa dor.

Durante dez anos, tentei obter comunicação com ele em vão e desisti de esperar vê-lo novamente. Apenas uma vez eu tinha ouvido um "Bluebell" (o apelido que me pusera) engasgado por um clarividente em transe, mas nada mais tinha acontecido. Agora, ao ouvi-lo pela segunda vez, da boca de um estranho num país estrangeiro, isso naturalmente despertou as minhas expectativas, mas pensei que pudesse ser apenas uma mensagem de "Ted" para mim.

"Haverá alguém aqui que reconheça o nome de 'Bluebell'?" repetiu o condutor. "Certa vez tive um amigo que me tratava assim," disse eu.
"Alguém está a chamar por esse nome. É melhor você subir à cabine," respondeu ela. Levantei-me imediatamente e fiz o que ela me disse, mas quando cheguei à cortina encontrei Florence."

"Minha querida filha," disse eu, enquanto a abraçava," por que razão chamaste por 'Bluebell'? Ela não me respondeu, excepto abanando a cabeça, e colocando o dedo sobre os lábios e apontando para o tapete. Eu não sabia o que fazer da situação; eu nunca a tinha visto incapaz de articular a fala antes.

"Qual é o problema, querida?" disse eu; "não consegues falar comigo esta noite?"

Ainda assim, ela abanou a cabeça e bateu no meu braço com a mão, para atrair a minha atenção para o facto de estar a apontar vigorosamente para baixo. Eu olhei para baixo também quando, para meu espanto, vi subir pelo tapete o que me parecia a cabeça calva de um bebé ou de um homem velho, e uma pequena figura, com *não mais de um metro de altura,* com os traços de Edward Church, mas sem um cabelo na cabeça, aparecer gradualmente, e olhar-me no rosto com uma expressão lamentável de reprovação, como se ele receasse que eu lhe fosse bater. Contudo, o rosto, no entanto, era inconfundível o de Ted, embora a figura fosse ridiculamente insignificante, que não pude deixar de o reconhecer.

"Ah, Ted!" Exclamei, "sempre vieste ver-me finalmente?" e estendi-lhe a minha mão. A pequena figura agarrou-o, tentou levá-la aos lábios, desatou a chorar e afundou-se no tapete com muito mais rapidez do que antes.

Eu também comecei a chorar. Foi patético. Com o desaparecimento do tio, "Florence" recobrou a língua. "Não chore, mãe," disse ela;

"O pobre do tio Ted está emocionado por a ver. Foi por isso que ele não conseguiu materializar-se melhor. Ele estava com uma pressa terrível. Ele vai parecer-se mais com ele próprio na próxima. Eu estava tanto a tentar ajudá-lo, que não ousei gastar um pouco da força com a fala. Ele vai ficar muito melhor, agora que a viu. Você virá aqui de novo, não é?"

Eu disse-lhe que certamente viria, se pudesse; e, de facto, estava inteiramente ansioso por ver o meu pobre cunhado de novo. Para provar o quão difícil teria sido enganar-me nesta questão, gostaria de falar um pouco sobre a aparência pessoal de Edward Church. Ele era um homem de aparência notável — na verdade, nunca vira ninguém como ele antes nem depois. Ele era muito pequeno; não apenas baixo, mas inteiramente pequeno, tinha umas mãos e uns pés minúsculos e uma cabeça pequena.

O cabelo e os olhos eram do preto mais profundo — os primeiros partidos ao meio, com uma ondulação de cada lado, e era naturalmente ondulado. A sua tez era muito escura, os traços delicados e ele usava um pequeno bigode pontudo. Em criança, ele sofreu um ataque de varíola confluente, que lhe atingiu profundamente o rosto e quase corroeu a ponta do nariz.

Um homem assim não era facilmente imitado, mesmo que alguém em Boston já tivesse ouvido falar da sua existência inconsequente. Para mim, porém, ele tinha sido um querido amigo e irmão, antes que a maldição da Bebida parecer mudar-lhe a natureza, e eu sempre estive ansiosa por saber como ele se saíra naquele estranho país para onde fora forçado a viajar, como todos nós, *sozinho*. Fiquei muito satisfeita ao descobrir que o negócio não interferiria com a minha segunda visita à Sra. Eva Hatch, que ocorreu duas noites depois.

Nesta ocasião, "Florence" foi uma das primeiras a aparecer, e "Ted" veio com ela, um tanto fraco e trêmulo na sua segunda introdução nesta esfera mundana, mas não mais careca nem de tamanho reduzido. Agora apresentava toda a sua altura, de cerca de um metro e setenta; tinha a cabeça coberta com um cabelo preto crespo, repartido como ele costumava usá-lo quando estava na terra; em todos os detalhes ele parecia o que costumara ser, até mesmo nas roupas. Eu poderia jurar que tinha visto aquele mesmo conjunto de roupas; o casaco recortado que ele sempre usava, com gravata e colarinho elegantes, e uma touca vitoriana (NT: Usadas para impedir que o fumador ficasse com o cabelo a cheirar a tabaco) de veludo azul-escuro na cabeça, exactamente igual ao que me lembrava de ter tido em seu poder.

"Florence" ainda parecia estar a actuar como sua intérprete e guia. Quando eu lhe disse:

"Ted, estás muito parecido contigo próprio, hoje," ela respondeu: "Ele não pode falar consigo, mãe, ele ainda está fraco mas está muito grato por a ver de novo. Ele quer que eu lhe diga que tem tentado comunicar consigo muitas vezes, mas que nunca o conseguiu na Inglaterra. Ele ficará muito feliz quando puder falar livremente consigo."

Enquanto ela falava, "Ted" estava a olhar dela para mim como um animal surdo e mudo que tentasse entender o que estava a acontecer de uma maneira verdadeiramente

patética. Abaixei-me e beijei-lhe a testa. O toque pareceu quebrar o feitiço que pairava sobre ele. "Perdoa," proferiu ele com a voz embargada.

"Não há nada a perdoar, querido," respondi, "excepto todos precisarmos perdoar uns aos outros. Você sabe como todos nós te amávamos Ted, e nós te amamos até o fim e sofremos profundamente por ti. Lembras-te das crianças, e como gostavas delas e eles de ti. Elas comummente falam do pobre tio Ted."

"Eva — Ethel," disse ele com voz entrecortada, referindo-se às minhas duas filhas mais velhas. Nesse momento, ele pareceu repentinamente falhar e ficou tão fraco que" Florence "o levou de volta para a cabine de novo. Mais nenhum espírito veio a mim naquela noite, mas perto do final da sessão "Florence" e "Ted" apareceram juntos novamente e abraçaram-me afectuosamente. "Florence" disse:

"Ele está tão feliz agora, mãe; ele diz que vai descansar em paz agora que sabe que você o perdoou. E ele não virá sem o cabelo de novo," acrescentou ela, a rir." Espero que não," respondi, "porque ele me assustou." E então os dois me deram um beijo de despedida e retiraram-se para o gabinete, e eu fiquei a vê-los com saudade e a sentir que gostaria de também poder ir.

CAPÍTULO XXVIII
AS IRMÃS BERRY

Ninguém me apresentou às Misses Berry. Vi o anúncio delas nos jornais públicos e fui incógnita à sua sessão, como fizera com outras pessoas. A primeira coisa que me impressionou nelas foi a classe superior de patrocinadores que atraíram. No vestiário das mulheres, onde deixaram os seus pesados agasalhos e guarda-chuvas, a conversa que se travou deixou isso bem evidente. Helen e Gertrude Berry eram garotas bonitas, não afectadas e femininas; e o seu condutor, o Sr. Abrow, um dos cavalheiros mais corteses que já conheci.

As irmãs, ambas altamente mediúnicas, nunca se sentavam juntas, mas sim em noites alternadas, mas aquela que não se sentava ocupava sempre lugar na audiência, para evitar suspeitas ligadas à sua ausência. Gertrude Berry tinha estado casada recentemente com o Sr. Thompson e, por causa da sua saúde, desistiu das suas sessões, logo depois de eu a conhecer. Ela era uma jovem alta e bem formada, com cabelos dourados e uma bela tez.

A sua irmã Helen era mais pequena, mais pálida e mais franzina. Ela tinha estado noiva de um cavalheiro que morrera pouco antes da data marcada para o casamento, e o seu espírito, a quem ela chamava de "Charley," era o principal controlador das suas sessões, embora ele nunca se manifestasse. Encontrei a sala de sessões, que não era muito grande, atulhada de cadeiras que haviam sido ocupadas de antemão, pelo que o Sr. Abrow apanhou uma no andar de baixo e colocou-a ao lado da sua para mim, que era a posição exacta que eu deveria ter escolhido. Eu perguntei-lhe mais tarde como ele ousou admitir um estranho tão próximo, e ele respondeu que ele próprio era um médium e sabia em quem podia ou não confiar à primeira vista.

Como as minhas obrigações profissionais me levavam para trás e para frente para Boston, que era o meu ponto central de partida, e por vezes me dava apenas um dia de descanso lá, eu tinha o hábito de posteriormente, quando descobri que deveria tirar "uma noite de folga," de enviar um telegrama ao Sr. Abrow para me manter um lugar, tão difícil era garantir um, a menos que fosse reservado. Ao todo, participei cinco ou seis vezes com as irmãs Berry e gostaria de ter podido participar cinquenta ou sessenta vezes em vez disso, pois nunca havia gostado tanto de sessões na minha vida. A cabine era formada por uma sala interna com uma porta separada, que precisava ser lacrada por um comité de estranhos todas as noites.

Tiras de papel colado foram-lhes fornecidas, nas quais escreveram os nomes antes de as afixar na abertura interna da porta. Na primeira noite, inspecionei a cabine igualmente por uma questão de princípio e colei o meu papel ao da "Sra. Richardson" escrito na porta. A cabine continha apenas um sofá para a Srta. Helen Berry se reclinar. O chão estava coberto com um tapete pregado. A porta que dava para a cabine era protegida por duas cortinas escuras penduradas por anéis numa haste de latão.

A porta da sala das sessões estava situada em ângulo reto em relação à da cabine, ambas as quais abriam para um patamar quadrado e, para ter "ficar duplamente segura," a porta da sala das sessões foi deixada aberta, de modo que os olhos dos assistentes naquela extremidade dominavam uma visão, durante toda a sessão, do lado de fora da porta da cabine trancada e colada.

Pela posição dessas portas, será visto o quão impossível teria sido para alguém sair ou entrar no gabinete sem ser detectado pelos presentes, que estavam com os rostos voltados para a porta da sala das sessões. A primeira materialização que apareceu naquela noite foi a de uma noiva, vestida no seu traje nupcial; e um senhor, que ocupava uma cadeira na primeira fila e segurava uma flor branca na mão, levantou-se imediatamente, foi até ela, abraçou-a e sussurrou algumas palavras, depois deu-lhe a flor branca, que ela prendeu no decote do seu vestido, após o que ele fez uma ligeira vénia aos convidados e, em vez de voltar a sentar-se, saiu da sala. Então o Sr. Abrow disse-me: "Se quiser, senhora, pode sentar-se agora" e, como a cena me despertou a curiosidade, aceitei a oferta, na esperança de encontrar alguém que me revelasse o significado.

Encontrei-me ao lado de uma senhora de aparência muito doce, que mais tarde conheci pessoalmente como a Sra. Seymour.

"Você pode me dizer por que aquele cavalheiro foi embora tão de repente?" perguntei-lhe eu num sussurro.

“Ele raramente fica para uma sessão,” respondeu ela; "ele é um homem de negócios e não tem tempo a perder, mas está aqui presente todas as noites. A senhora com quem você o viu falar é a esposa dele. Ela morreu no dia do casamento, há onze anos, e ele nunca deixou de vir ao seu encontro em todas as oportunidades desde então. Ele traz-lhe uma flor branca sempre que vem.

Ela aparece sempre primeiro, para que ele possa voltar ao trabalho. "Essa história pareceu-me bastante interessante, e sempre observei esse senhor depois, e nunca deixei de vê-lo à espera da sua noiva, de flor branca na mão.

"Você espera encontrar algum amigo esta noite?" disse eu ao meu novo conhecido.

"Ah! sim!" respondeu ela. "Vim ver a minha filha 'Bell.' Ela morreu há alguns anos e estou a criar os dois filhos pequenos que ela deixou. Nunca faço nada por eles sem consultar a mãe. Agora mesmo, preciso trocar de educadora de infância e recebi diversas reputações excelentes de outras pessoas, e trouxe-os aqui esta noite para que 'Bell' possa dizer-me a quem responder.

Também tenho o padrão para as batas de inverno das crianças," continuou ela, que dão para algumas quadras de tecidos de lã, "e sempre gosto de deixar 'Bell' escolher o que ela mais gosta." Isso dará aos meus leitores uma ideia de quanto mais os espiritualistas Americanos consideram os seus amigos falecidos como parte actual do círculo familiar, e interessados nas suas questões domésticas. "Bell" me breve apareceu, e a Sra. Seymour trouxe-a até mim. Ela era uma jovem mulher de cerca de três ou quatro e vinte, e parecia muito feliz e sorridente.

Ela examinou as reputações dos criados de maneira tão prática quanto a sua mãe poderia ter feito, mas disse que não aceitaria nenhuma delas, e que a Sra. Seymour devia esperar até receber mais alguns. A adequada ainda não tinha chegado. Ela também examinou os padrões e indicou a que ela gostava mais. Então, quando ela estava prestes a retirar-se, ela sussurrou algo à sua mãe, e a Sra. Seymour disse, para minha surpresa (pois é preciso lembrar que não lhe revelei o meu nome): "Bell disse-me que conhece uma filha sua na vida espiritual, chamada de 'Florence.' Será esse o caso?" Respondi que tinha uma filha com esse nome; e a Sra. Seymour acrescentou "'Bell' diz que ela vai estar aqui esta noite, que ela é um espírito muito puro e muito elevado, e elas são grandes amigas."

Pouco depois disso, o Sr. Abrow observou: "Está uma jovem na cabine agora que diz que se o nome da sua mãe é 'Sra. Richardson,' ela deve ter casado pela terceira vez desde que a viu pela última vez, pois ela era a 'Sra. Lean' então." Essa observação deu-me vontade de rir; e o Sr. Abrow disse: "Ela veio por si, senhora? O boné cabe-lhe na cabeça?"

Fui obrigada a reconhecer então que havia dado um nome falso para evitar o reconhecimento. Mas a menção do meu nome de casada não atraiu a atenção para mim, e foi apenas uma prova de que não havia sido fornecido por nenhum conhecimento anterior do Sr. Abrow a meu respeito. Eu era conhecida nos Estados Unidos apenas como "Florence Marryat," e até hoje eles acreditam que eu ainda seja a "Sra. Ross-Church," sendo esse o nome com o qual os meus primeiros romances foram escritos.

Assim, reconheci "Florence" imediatamente na partida que me pregaram e levantei-me para me aproximar da cortina, quando ela *saltou* e correu para os meus braços. Acho que nunca a tinha visto tão charmosa e infantil antes. Ela parecia uma personificação da alegria. Vinha vestida com um vestido baixo que parecia feito de renda e musselina, o cabelo caía solto pelas costas até os joelhos e as mãos estavam cheias de rosas de damasco. Isso foi em Dezembro, quando rosas de estufa eram vendidas por um dólar cada em Boston, e ela trazia, aí uns vinte. O cheiro delas era delicioso, e ela enfiou-mas continuamente sob o nariz, dizendo:

"Sinta o cheiro das minhas rosas, mãe. Você não gostaria de ter um jardim como o meu? Temos campos delas na (Summerland) Terra do Verão! Ah! Como eu gostaria que você fosse lá."

"Não poderei ir logo, querida?" disse eu.

"Não! Ainda não," respondeu 'Florence.' "Você ainda tem muito trabalho a fazer. Mas quando você vier, tudo será flores para si e para mim."

Perguntei-lhe se conhecia 'Bell' e ela disse:

"Ah! Sim! Viemos juntas esta noite."

Então pedi-lhe que viesse falar com a mãe de "Bell," e os modos dela mudaram imediatamente. Ela mostrou-se acanhada e tímida, como uma menina, desacostumada a estranhos, e agarrou-se ao meu braço quando a levei para o lado da Sra. Seymour. Depois de me dizer algumas palavras em voz muito baixa, ela virou-se para mim e disse:

"Tenho que ir agora, por termos uma grande surpresa para si esta noite — uma surpresa muito grande."

Eu disse-lhe que gostava de grandes surpresas, quando eram agradáveis, e "Florence" riu e foi embora. Eu descobri que sua *estreia* havia criado tal sensação entre os assistentes — sendo tão incomum um espírito materializado parecer tão forte e perfeito na primeira ocasião de usar um médium — que me senti compelida a fornecer-lhes uma pequena explicação sobre a questão.

E quando eu lhes disse como eu a perdi quando era uma criança pequena de dez dias de idade — como ela voltou para mim através de vários meios de comunicação na Inglaterra, e deu provas inconfundíveis da sua identidade — e como eu, sendo uma estranha no seu país, e chegada a ele havia apenas algumas semanas, já a tinha conhecido através da Sra. Williams, da Sra. Hatch e da Srta. Berry — elas disseram que foi um dos exemplos mais maravilhosos e perfeitos de materialização de que já tinham ouvido falar.

E quando se considera o quão perfeita a corrente é, desde a altura em que "Florence" voltou para mim como uma criança, demasiado fraca para falar, ou mesmo para eu entender onde ela estava, até os anos durante os quais ela cresceu e se tornou forte quase diante dos meus olhos, até que ela pudesse "amarrar-se" (como eu narrei) aos meus braços como um ser humano e falar tão distintamente quanto (e muito mais sensato do que) eu própria, acho que os meus leitores reconhecerão igualmente que a história dela não é comum, e eu tenho alguma razão para acreditar no Espiritualismo.

Os espíritos de cabine da Srta. Berry eram bem diferentes do tipo comum. Uma foi, ou melhor, tinha sido uma dançarina — não Europeia, mas sim mais, imagino, do tipo Asiático ou Egípcio. Seja como for, ela costumava sair da cabine — uma criatura ágil e flexível como uma pantera ou uma cobra — e dava voltas, saltos e piruetas que lhe haveriam de angariar uma fortuna no palco. Na verdade, eu costumava pensar (estando sempre à procura de trapaças) que nenhuma criatura humana que soubesse dançar como ela jamais desperdiçaria os seus talentos, especialmente num país inteligente como a América, com uma audiência de

Espiritualistas, cujo único motivo para se encontrar era o de ver os amigos, e que não pagaria um centavo a mais para ver um "espírito de cabine." Outro era um Índio a quem chamavam de "O Bravo." Ele também era uma criatura ágil e activa, sem um grama de carne supérflua no corpo, mas com muitos músculos. Ele parecia gostar muito das damas da companhia, mas evidentemente não confiava nos homens.

Um homem entroncado e corpulento que era, imagino, um pouco cético, desejou testar a força muscular do "Bravo" e apalpar-lhe os bíceps e foi convidado a dar um passo em frente no círculo para esse propósito. Mal se aproximou dele, o Índio agarrou-o nos braços e atirou-o de cabeça. Ele não o machucou, mas quando o cavalheiro se levantou novamente, ele disse: "Bem! Eu peso 200 libras e não achava que nenhum homem na sala pudesse ter feito isso." As senhoras do círculo usavam principalmente flores ao peito — buquês, segundo o costume das damas Americanas — e começaram, todas, a tirar as flores dos seus buquês e a entregá-las ao "Bravo," "para dar à sua *squaw*, à mulher dele." Ele acenou com a cabeça e tagarelou algo Sioux ou Cherokee ininteligível em resposta, e deu a volta por todo o círculo de joelhos.

O homem corpulento supôs que ele estivesse pintado, e que o seu cabelo longo, liso e preto fosse uma peruca. Quando ele veio até mim, eu disse: "Bravo! Posso tentar ver se o seu cabelo é uma peruca?" Ele acenou com a cabeça e disse: "Puxe — puxe!" o que eu fiz, e descobri que, sem dúvida, crescia-lhe na cabeça. Então ele pegou o meu dedo e o levou-o a tocar o rosto diversas vezes para mostrar que não estava pintado. Eu não tinha flores para o presentear, pelo que disse: "Venha aqui, Bravo, que eu vou dar-lhe algo para a sua squaw," e quando ele se aproximou, eu beijei-o. Ele riu, e os olhos brilharam de malícia enquanto ele correu a conversar no seu dialeto nativo para trás das cortinas.

Num minuto ele saiu de novo a correr, e vindo até mim ejaculou, "Não — dar — squaw!" e correu de volta. O Sr. Abrow riu muito com este incidente, assim como todos os assistentes, o primeiro declarando que eu tinha cativado inteiramente o "Bravo." Logo as cortinas do armário foram abanadas e, após uma pausa, abriram-se lentamente e surgiu a figura de uma Índia. Raramente tinha visto coisa mais maligna e cruel do que o olhar dela. O Sr. Abrow perguntou *quem* ela procurava e o *que* ela queria, mas ela não falou. Ela ficou ali em silêncio, mas carrancuda para mim por baixo do emaranhado dos seus longos cabelos negros. Por fim, o Sr. Abrow disse-lhe:

"Se você não quiser falar com ninguém do círculo, precisa ir embora, pois está apenas a impedir a vinda de outros espíritos."

A mulher voltou regressou para trás das cortinas, um tanto amuada, mas da vez seguinte que o "Bravo" apareceu, ela veio com ele, e ele nunca mais voltou à minha presença, a não ser que a sua "mulher" permanecesse nas cortinas e lhe observasse as acções. O Sr. Abrow disse-me que havia anos que os "Bravos" tinham o hábito de se manifestar nas suas sessões, mas que nunca tinham visto a "mulher" antes.

Na verdade, não acho que eles se tenham sentido muito gratos para comigo por ter, com a minha precipitação, eliminado esse novo recurso no seu entretenimento noturno, pois a "squaw" provou ser um espírito muito terreno e subdesenvolvido, e subsequentemente deu-lhes alguns problemas, já que eles não conseguiam afastá-la quando queriam.

Perto do final da noite, o Sr. Abrow disse: "Encontra-se um espírito aqui agora que está muito ansioso por se mostrar, mas é a primeira vez que ele tenta materializar-se por completo e não está certo de obter êxito. Ele diz-me que há uma senhora no círculo que acabou de chegar à América e que essa senhora lhe entoou uma canção junto ao seu leito de morte na Índia. Se ela for até à cabine agora e entoar essa canção de novo, ele tentará mostrar-se-lhe."

Aqueles meus leitores que leram "A história de John Powles" reconhecerão imediatamente de quem se tratava. Eu reconheci, é claro, e confesso que, ao me levantar para me aproximar do gabinete, tremia como uma folha de álamo. Tinha tentado tantas vezes e falhado outras tantas ver esse meu querido velho amigo, que pensar em encontrá-lo agora seria como uma verdadeira ressurreição dos mortos. Pense nisso! Tínhamo-nos separado em 1860, e isto sucedeu em 1884 — vinte e quatro anos depois. Eu tinha sido uma menina quando dissemos "Adeus," e ele partiu naquela jornada que me parecia então tão misteriosa a mim. Agora eu estava uma mulher de meia-idade, que passara por tantas coisas de que ele havia sido salvo, que me sentia mais como sua mãe do que como sua amiga. De todas as minhas experiências, essa foi para mim a mais solene e interessante.

Eu mal esperava ver-lhe mais do que o rosto, mas fui até o gabinete e comecei a cantar com a voz muito trêmula a primeira estrofe da velha canção que ele tanto apreciava:

"Desapareceste da minha vista como um lindo sonho,
E eu te procuro em vão pelos prados e riachos;
Frequentemente pronuncio o teu querido nome aos ventos passageiros,
Mas a tua doce voz está muda para o suspiro do meu peito.
Na quietude da noite, quando as estrelas brilham suavemente,
Oh! aí, frequentemente, o meu coração mantém comunhão com o teu.
Pois sinto que estás perto e onde quer que eu esteja.
O Espírito de Amor zela por mim."

Eu mal tinha atingido ao fim dessas linhas quando as duas cortinas do armário foram abertas de modo tão brusco que os anéis de latão chacoalharam na haste, e John Powles apareceu diante de mim. Não um rosto, nem uma figura semi-formada, nem uma aparição que tivesse medo de passar para a luz — o próprio John Powles, robusto e vivo, que saiu rapidamente e me tomou nos seus braços e me beijou quatro ou cinco vezes, como um irmão distante poderia ter feito; e, por estranho que pareça, não me senti nem um pouco surpreendida com aquilo, mas agarrei-me a ele como uma irmã. Pois John Powles nunca me tinha beijado durante a sua vida. Embora tivéssemos vivido por quatro anos na mais íntima intimidade, muitas vezes sob o mesmo teto, nunca havíamos cedido a nenhuma familiaridade.

Acho que homens e mulheres não eram tão desleixados nos seus como são agora; de qualquer forma, a única vez que o beijei foi quando ele jazia morto, e o meu marido me disse para o fazer. E, no entanto, pareceu-me perfeitamente natural beijá-lo e chorar por ele, ao encontrá-lo de novo. Por fim, aventurei-me a dizer: "Oh, Powles! É realmente você?"

"Olha para mim e veja por ti própria," respondeu ele. Eu olhei. Era realmente ele mesmo. Ele possuíra olhos muito azuis na vida terrena, excelentes feições, uma tez rosada, cabelos ruivos e uma barba e bigode dourados. Os olhos, cabelos e traços eram os mesmos, só que

sua tez era mais pálida e ele não usava barba. "Ah!" Exclamei, "A sua barba?" "Não te lembras que eu a cortei pouco antes de deixar este mundo?" disse ele; e então eu recordei-me do facto de que ele tinha feito isso devido a uma ordem do governo a respeito.

E, a respeito disso, posso mencionar o que parece uma coisa curiosa - que os espíritos praticamente de modo invariável voltam à terra numa primeira vez *tal como a tiverem deixado*, como se os pensamentos que tiverem tido no momento da despedida os envolvessem no seu retorno. Esta, entretanto, não fora a primeira tentativa de materialização de John Powles, embora tenha sido o primeiro êxito que obtivera, pois precisamos lembrar-nos que ele tentou mostrar-se através da Srta. Showers, e então ele usava uma barba.

No entanto, quando o vi através da Srta. Berry, ele não trazia nenhuma, nem a retomou durante a minha estadia na América. Quando superamos a emoção do encontro, ele começou a falar-me dos meus filhos, especialmente dos três que nasceram antes da sua morte, e dos quais ele gostava muito. Ele falou de todos eles pelo nome e pareceu bastante interessado nas suas perspectivas e questões.

Mas quando comecei a falar de outras coisas, ele interrompeu-me. "Eu sei tudo," disse ele, "tenho estado contigo em espírito ao longo de todas as tuas provações e jamais poderei sentir o menor interesse ou afeição por aqueles que tas provocaram.

Minha pobre amiga, tu realmente tiveste o teu purgatório na terra."

"Mas fale-me de si, querido Powles! Você está feliz?" perguntei-lhe. Ele parou por um momento e a logo respondeu:

"Muito feliz, à tua espera."

"Certamente que não a sofre mais, certo?" disse eu, "após todos estes anos?"

"Minha querida Florence." respondeu ele, "leva mais do que uns quantos anos a expiar uma vida de pecado. Mas estou mais feliz do que antes, e a cada ano o fardo se torna mais leve, e voltar para ti ajudar-me-á muito."

Enquanto ele falava comigo, a cortina abriu-se de novo e surgiu o meu cunhado, Edward Church, com um aspecto não abatido e infeliz, como tinha sucedido em casa da Sra. Eva Hatch, mas radiante e sorridente, e em roupa de noite, conforme também percebi quando tive tempo para reflectir nisso, tinha vindo o John Powles. Eu não soube a quem falar primeiro, mas continuei a virar-me de um para o outro de maneira aturdida. John Powles estava a dizer-me que estava a preparar o meu lar no Paraíso e que me viria buscar para me levar quando eu morresse, quando "Ted" o interrompeu.

"Isso deveria ter sido a minha tarefa, Bluebell," disse ele, "só que o Powles antecipou-se-me."

"Eu gostaria de poder voltar logo convosco, estou farta deste mundo," respondi. "Ted" abraçou-me e apertou-me contra o peito.

"Ah! É tão difícil separar-nos de novo. Como eu gostaria de poder carregar-te nos meus braços para o Paraíso! Aí não deveria ter mais nada a desejar."

"Nesse caso, não quer voltar, Ted?" Perguntei-lhe eu.

"Querer voltar," disse ele com um estremecimento; "por nada desta vida! Ora, Bluebell, a morte é como um trabalho pelo qual precisamos inevitavelmente passar, mas que receamos por sabermos tão pouco sobre ela. Bem, comigo *o trabalho terminou*. Conheci o pior e cada dia encurta o termo da punição. Estou *grato* por ter deixado a terra tão cedo."
"Você está com o mesmo aspecto de antes, Ted," disse eu; "os mesmos cachos de cabelo e o bigode desgrenhado."

"Puxa-o," respondeu ele alegremente. Não venhas tu a dizer, Bluebell, que ele era falso e que eu era a senhorita Berry bem vestida. Sonte os meus bíceps," continuou ele, jogando o braço para cima como os homens fazem, "e sente o meu coração," colocando a minha mão sobre ele, "sente como bate pela minha irmã Bluebell."

Eu disse a John Powles: "Mal o vi em traje de noite. Nunca o vi nele antes" (o que era verdade, já que o conhecimento que travamos ocorrera na Índia, onde os oficiais nunca têm permissão de aparecer em nada além de uniforme, especialmente à noite).

"Eu gostaria," prossegui, "que da próxima vez viesse de uniforme."

"Vou tentar," respondeu ele, e aí seu tempo para aquela ocasião esgotou-se e eles foram obrigados a partir.

Uma coisa cómica sucedeu na segunda visita que fiz aos Berry. É claro que eu estava ansiosa por ver o meu cunhado e "Powles" de novo, e quando fui chamada ao gabinete e vi um jovem magro e moreno ali parado, tomei-o de imediato pelo "Ted," e, sem para ele olhar, estava prestes a beijá-lo, quando ele recuou e disse:

"Eu não sou 'Edward!' Eu sou o amigo dele 'Joseph,' a quem ele deu permissão para e conhecer."

Percebi então que "Joseph" era muito diferente de "Ted," mais alto e mais bonito, com uma expressão Judaica. Gaguejei e desculpei-me, e senti-me muito estranha como se quase tivesse beijado um mortal por engano. "Joseph" sorriu como se a questão fosse de muito pouca importância. Ele disse que jamais conhecera "Ted" na terra, mas eles eram amigos íntimos no mundo espiritual, e o "Ted" tinha-lhe falado tanto sobre mim que ficara muito ansioso para me ver e falar comigo. Ele era um jovem de aparência muito elegante, mas não parecia ter muito a dizer sobre si próprio, e deu-me a impressão de que havia sido um "conquistador" enquanto estivera aqui em baixo, e não o esquecera por completo no mundo espiritual.

Havia um espírito que frequentemente aparecia nessas sessões e me interessava muito. Tratava-se de uma mãe com o seu filho de algumas semanas de idade. A senhora era doce e de aparência amável, mas era o bebé que me impressionava - um bebé que nunca chorava, nem gritava, nem ficava com o rosto vermelho, e ainda assim não era feito de cera

nem de madeira, mas se mostrava palpavelmente vivo e animado. Eu sempre ia até o gabinete quando esse espírito aparecia e lhe pedia que me deixasse sentir o bebé.

Era uma criatura minúscula, com um rosto de aparência de cera, e ela sempre o carregava envolto num véu de rede, mas quando eu lhe toquei a mão, os dedinhos apertaram os meus como um bebé, enquanto tentava levá-los à boca. Eu já tinha visto várias crianças espirituais materializarem-se antes, mas nunca um bebé tão pequeno como este. A mãe contou-me que falecera durante o parto e que o bebé fora com ela. Ela tinha sido amiga das Srtas. Berry e procurava-as por esse motivo.

Na véspera de Natal, por acaso eu estava em Boston e desliguei-me, e ao descobrir ser um costume dos Espiritualistas Americanos realizarem reuniões nesse aniversário com o propósito de ver os seus amigos espirituais, aluguei um lugar para a ocasião. Cheguei algum tempo antes de a sessão começar, e ao meu lado ficara sentado um cavalheiro, vestido de maneira bastante rústica, que observava tudo ao seu redor com a maior atenção. Em seguida, ele virou-se para mim e disse, um tanto envergonhado: "Você acredita nesse tipo de coisa?" "Sim," respondi, "e tenho acreditado nisso nos últimos quinze anos." "Você já viu alguém que você reconhecesse?" Ele continuou. “Muitos,” disse eu. Então ele aproximou-se um pouco mais de mim e baixou a voz.

"Você sabe," começou ele, "que hoje cavalguei sessenta quilómetros pela neve para estar presente nesta reunião, por a minha velha mãe me ter enviado uma mensagem a dizer que me encontraria aqui?! Eu não acredito nisso, sabe. Eu nunca estive numa sessão antes e sinto-me como se estivesse a fazer papel de tolo aqui, mas não podia negligenciar a mensagem da minha pobre e velha mãe, o que quer que isso dê." "Claro que não, " respondi eu: "e espero que o trabalho que teve seja recompensado."

Eu não tinha muita fé nas minhas próprias palavras, porém, por eu ter visto pessoas decepcionadas repetidas vezes na sua primeira sessão, seja pelos espíritos dos seus amigos serem muito fracos para se materializar, ou por muitos tentarem reunir o poder de uma vez só, e assim neutralizarem o efeito em todos. O meu amigo noivo estava pronto naquela ocasião com as suas flores brancas na mão e eu aventurei-me a dirigir-me a ele e dizer-lhe quão lindo eu considerava a fidelidade da sua esposa e a dele.

Ele pareceu agradado com o meu reparo e começou a falar abertamente sobre ela. Ele disse-me que ela havia voltado a ele antes do seu corpo ser enterrado e que esteve com ele desde então. "Ela é tão real e verdadeiramente a minha esposa," disse ele, "como quando a recebi no altar, que não poderia casar-me mais do que se ela vivesse na minha casa." Quando a sessão começou, ela apareceu primeiro como de costume, e o marido trouxe-a para o meu lado. "Esta é a Srta. Florence Marryat, querida," disse ele (pois a essa altura eu já havia deixado de lado minha incógnita com as Berry). "Já sabes o nome dela, não é?" "Ah! sim," respondeu ela, enquanto me dava a mão," eu conheço-a muito bem. Eu costumava ler os seus livros."

Tinha o rosto estava coberto com o véu de noiva, mas o marido levantou-o para que eu pudesse vê-la. Ela era uma garota muito bonita de talvez 20 anos - parecia uma cigana, com grandes olhos escuros e cabelos escuros e encaracolados, e uma tez morena. "Ela não mudou nada desde o dia em que nos casamos," disse o marido, olhando-a com ternura, "embora eu tenha crescido e me tenha tornado um homem velho." Ela ergueu a mão e acaricio-lhe o rosto. "Seremos jovens juntos algum dia," disse ela.

Então ele perguntou-lhe se ela não ia beijar-me, e ela ergueu o rosto contra o meu como uma criança, e ele baixou o véu sobre ela de novo e a levou embora. O espírito seguinte que apareceu foi o da mãe de meu amigo rústico, e o espanto e a emoção que o invadiu ao vê-la foram inconfundíveis.

Quando ele foi até o gabinete e a viu de cabeça baixa e os ombros a treme com os soluços que não conseguiu reprimir. Passado um tempo, ele ficou mais calmo e falou com ela, e então também vi que ma trazia. "Preciso trazer a minha mãe até si," disse ele, "para que você veja que ela realmente voltou para mim." Eu levantei-me e a senhora apertou-me a mão. Ela devia ter, pelo menos, uns setenta anos, e era um espécime perfeito de velhice. O rosto era como que de cera e o cabelo como prata; mas cada ruga era distinta, e tinha as mãos estavam cheias de veias azuladas.

Ela tinha perdido os dentes e murmurou um pouco ao falar, mas o filho disse: "Ela tem medo de que você não entenda o que ela diz; mas ela quer que você saiba que ela ficará muito feliz se seu retorno me levar a acreditar numa existência futura."

"E você vai acreditar?" perguntei ei. Ele olhou para a mãe. "Eu não entendo," respondeu ele. "Parece maravilhoso demais para ser verdade; mas como poderei deixar de crer, *quando ela está aqui?*"

As palavras dele eram tanto o eco dos meus próprios fundamentos de crença, que eu simpatizei bastante com eles. "John Powles," "Ted" e "Florence," todos vieram ver-me naquela noite; e quando eu disse "adeus" a "Florence," ela disse: "Oh, ainda não é um 'adeus,' mãe! Estou de volta de novo, antes que você vá."

Actualmente, algo que tinha muito longe da ideia — que, na verdade, nunca havia entrado nela - aconteceu comigo. Disseram-me que uma jovem queria falar comigo e, ao subir ao gabinete, reconheci uma rapariga que *conhecia de vista, mas com quem nunca tinha falado* - pertencente a uma grande família de crianças, que viviam no mesmo terraço em Londres que eu, e que morrera de uma forma maligna de escarlatina cerca de um ano antes. "Sra. Lean," disse ela, apressadamente, notando a minha surpresa, "você não me conhece? Eu sou a May —"

"Sim, eu reconheço-te, minha querida filha," respondi; "mas o que te levou a vir até mim?" "A Minnie e a Katie estão muito tristes comigo," disse ela. "Eles não compreendem. Eles pensam que eu fui embora. Eles não sabem o que é a morte - que é apenas como entrar no quarto ao lado e fechar a porta."

"E o que eu posso fazer, May?" perguntei-lhe eu.

"Diga-lhes que você me viu, Sra. Lean. Diga que estou viva — mais viva do que elas; que se elas forem a uma sessão em busca de mim, irei até elas e lhes contarei tantas coisas de que elas nada sabem agora." "Mas onde estão as tuas irmãs?" disse eu.

Ela pareceu confusa. "Não sei. Não posso dizer o lugar; mas você vai conhecê-las em breve e vai contar-lhes."

"Se eu as encontrar, certamente que lhes direi," disse eu; mas naquele momento eu não tinha a menor ideia de onde as outras garotas poderiam estar.

Quatro meses depois, porém, quando eu me encontrava hospedada em Londres, Ontário, elas irromperam inesperadamente pelo meu quarto de hotel, tendo dirigido (esqueci quantos quilómetros) para me ver actuar. Naturalmente, mantive a minha promessa; mas embora tenham chorado quando aludi à "May," elas evidentemente não puderam acreditar na minha história de a ter visto, e assim, suponho, o desejo da pobre menina permanece insatisfeito. Acho que o pior purgatório do outro mundo deve ser descobrir como os nossos amigos se dão bem sem nós neste. Via de regra, não fingia muito interesse pelos espíritos que não vinham por mim; mas houve um que apareceu várias vezes com as Berry e me pareceu um velho amigo. Era "John Brown," não o "John Brown" de Sua Majestade, mas o herói da música -

"Pendurem o John Brown numa macieira torta.
Que a sua alma vagará por aí.
Glória! glória! Aleluia!
Por a sua alma andar a apregoar por aí."

Quando eu costumava ouvir essa música cantada com muitos brados e alguns palavrões na Inglaterra, eu imaginava (e acho que a maioria das pessoas também) que na América era uma canção cómica. Mas não. Era uma canção patriótica, e o motivo é (embora cómico) para glorificar a Deus, por, *embora* eles poderem pendurar o "John Brown" numa macieira torta, a sua alma ainda "sairá a pregar por aí." Assim, certo ou errado, aquilo estava explicado para mim. "John Brown" é um herói patriótico na América e, quando ele apareceu, toda a sala se aglomerou para o ver.

Ele era um homem baixo, com um semblante singularmente benevolente, cabelos grisalhos, bigodes de carneiro e olhos azuis profundos como porcelana. Uma espécie de homem, como me pareceu, feito mais para actos de amor do que para heroísmo, mas, segundo todos os relatos, ele era amável e heróico. Um cavalheiro presente na véspera de Natal avançou ansiosamente para ver a materialização e gritou: "Sim! É ele — é o meu velho amigo — é 'John Brown' — o maior homem que já pisou esta terra. "Antes que a sessão desta noite fosse concluída, o Sr. Abrow disse:" Há uma pequena senhora no gabinete de momento que se apresenta como uma personagem muito elevada.

Ela diz que é a 'Princesa Gertrude.'" "O que foi que disse, Sr. Abrow?", exclamei, incapaz de acreditar no que ouvia." 'A Princesa Gertie,' mãe," disse "a Florence," a meter a cabeça de fora pelas cortinas. "Você conheceu-a antes em Inglaterra, sabe." Subi até o gabinete, as cortinas abertas, e lá estava a minha filha" Florence" como sempre, mas a segurar na frente dela uma criança de cerca de sete anos. Ajoelhei-me diante desse espírito da minha própria criação. Ela era uma criaturinha de aparência frágil, muito clara e pálida, com grandes olhos cinzentos e cabelos castanhos a cair-lhe sobre a testa.

Ela parecia um lírio com as mãozinhas brancas dobradas em posição submissa à sua frente.
"És a minha pequena Gertie, querida?" disse eu.

"Eu sou a 'Princesa Gertie,'" respondeu ela, "e a 'Florence' diz que você é minha mãe."

"E estás feliz por me ver, Gertie?" perguntei eu.

Ela olhou para a irmã, que imediatamente a estimulou. "Diz 'sim, mãe,' Gertie." "Sim! Mãe," repetiu a pequenina, como um papagaio.

"Vens até mim, querida?" disse eu. "Posso pegar-te nos meus braços?"

"Não esta noite, mãe," sussurrou 'Florence,' "você não conseguiria. Ela está ligada a mim.

Estamos amarradas. Você não poderia separar-nos. Da próxima vez, talvez, a 'Princesa' esteja mais forte, e capaz de falar mais. Vou levá-la de volta agora."

"Mas onde está a 'Yonnie'?" perguntei, e a "Florence" riu. "Não consegui controlar dois deles ao mesmo tempo," disse ela. "A 'Yonnie' virá outro dia," e voltei ao meu lugar, mais perplexo do que de costume.

Fiz alusão à "Princesa Gertie" no relato que fiz sobre a mediunidade de Bessie Fitzgerald e disse que a minha alusão encontraria o seu significado mais adiante. Naquela época, eu mal acreditava que pudesse ser verdade que as crianças que nasceram prematuramente e nunca respiraram neste mundo devessem ser espíritos vivos e sencientes que me encontrariam no seguinte, e pensava que algum espírito adulto devia estar a enganar-me para seu próprio prazer.

Mas aqui, nesta terra estranha, onde os meus bebés arruinados nunca tinham sido mencionados nem imaginados, encontrar a "Princesa Gertie" aqui, a apelidar-se pelo seu próprio nome, e trazida pela sua irmã "Florence," deixou o assunto além da dúvida. Lembrei-me de como uma vez, muito antes, quando ao ser questionada sobre sua ocupação nas esferas espirituais, "Aimee" (guia do Sr. Arthur Colman), disse que ela era "uma pequena ama" e que a "Florence" também era, a minha filha acrescentou: "Sim! Sou a ama da mamãe. Tenho suficiente que fazer a cuidar dos bebés dela. Ela apenas olhou para mim e 'jogou-me' de volta no mundo espiritual, e ela tem 'jogado' bebés atrás de mim desde então."

Naquela época, eu tinha um relacionamento agradável com a Sra. Seymour, a mãe de "Bell," e quando voltei para o meu lugar e lhe contei o que havia acontecido, ela disse-me: "Gostava que você partilhasse as despesas de uma sessão privada comigo aqui. Podemos ter uma só para nós por dez dólares (duas libras), e seria tão encantador passar uma tarde a sós com as nossas filhas e amigos," concordei prontamente e combinamos com o Sr. Abrow antes de sairmos naquela noite, ter uma sessão privada na tarde seguinte ao dia de Natal, quando ninguém poderia ser admitido, excepto nós as duas. Quando lá nos encontramos, a sala das sessões estava iluminada a gás como à noite, mas preferimos fechar a porta. Helen Berry era a médium e o Sr. Abrow apenas participou connosco. As filas de cadeiras pareciam muito vazias sem nenhum participante, mas sentámo-nos naquelas que ficavam de frente para o gabinete na primeira fila.

A primeira coisa que aconteceu foi o advento da "Squaw," parecendo tão maligna e cruel como sempre, que se esgueirou para dentro do cobertor sujo, com o cabelo preto a cair-lhe pelo rosto, e que deliberadamente se sentou na outra extremidade da sala. O Sr. Abrow estava inconfundivelmente irritado com a ocorrência. Ele não gostava particularmente da influência daquele espírito, que ele considerava ter um efeito negativo na sessão. Ele

começou por lhe perguntou por que ela tinha vindo, e disse-lhe que o "Bravo" não viria, e para voltar para ele.

Então ele tentou a severidade e ordenou que ela deixasse a sessão, mas tudo foi em vão. Ela manteve-se obstinada e persistente sentada e não deu sinais de "se mexer." Pensei em tentar o que a gentileza faria por ela, e aproximei-me com essa intenção, mas ela parecia tão feroz e ameaçadora, que o Sr. Abrow me implorou para não chegar perto dela, por medo de que ela me fizesse algum mal.

Assim, deixei-a sozinha, e ela manteve-se sentada durante toda a sessão, evidentemente com os olhos fixos em mim e a desconfiar do meu comportamento quando afastada da crítica do público. Entretanto a sua presença parecia não fazer diferença aos nossos amigos espirituais. Eles marcharam para fora do gabinete um atrás do outro, até vermos o irmão da Sra. Seymour e a filha "Bell," que trouxe o pequeno "Jimmie" (um filho pequeno que havia ido para o lar antes dela) com ela, e a "Florence" o "Ted " e o " John Powles," todos tão felizes, fortes e faladores, que eu disse à Sra. Seymour que só faltava uma mesa de chá para pensar que estávamos a ter uma "Em Casa." Por último, mas não menos importante (em qualquer caso na sua própria avaliação), veio a "Princesa Gertie." O Sr. Abrow tentou fazer amizade com ela, mas ela repeliu os avanços dele com veemência.

"Não gosto de você, senhor Mans," repetia ela, "você é desagradável. Não gosto de nenhum homem. Eles são todos desagradáveis."

Quando eu lhe disse que ela era muito rude e o Sr. Abrow era um cavalheiro muito gentil e que amava crianças pequenas, ela ainda insistiu que não falaria "a ninguém." Ela veio sozinha nessa ocasião, e eu peguei nela nos meus braços e carreguei-a até a Sra. Seymour. Ela era um peso de pluma. Eu senti como se não tivesse nada nos meus braços. Eu disse à Sra. Seymour:

"Por favor, descreva-me o aspecto desta criança. Tenho tanto medo de que os meus sentidos me enganem que não posso confiar em mim própria."

A Sra. Seymour olhou para ela e respondeu: "Ela tem uma testa larga, cabelo castanho-escuro cortado transversalmente e caindo directo sobre os ombros de cada lado. Os olhos são de um azul acinzentado, com pálpebras grandes e pesadas, nariz curto, e uma boca decidida por uma criança assim."

Este testemunho, feito por uma estranha, da aparição de uma criança que nunca tinha vivido, era uma descrição exacta (em embrião, claro) do pai, o coronel Lean, que nunca havia posto os pés na América. Talvez esta seja uma prova de identidade tão boa quanto qualquer que eu já dei. A nossa sessão privada durou duas horas e, embora os diferentes espíritos continuassem a entrar no gabinete a intervalos para obter mais força, todos eles estiveram connosco a entrar e sair durante o tempo todo. A última coisa agradável que vi foi a minha querida "Florence" fazer com que a "princesa" desse um beijo de despedida na mão, e a única desagradável, a visão da rabugenta "Squaw" a infiltrar-se atrás delas com a evidente convicção de que a sua noite tinha sido desperdiçada.

CAPÍTULO XXIX
O DOUTOR

Gostava de saber se não terá parecido estranho a nenhum dos meus leitores que, durante todas essas manifestações na Inglaterra e na América, eu nunca tivesse visto a forma, nem ouvido a voz do meu falecido pai, o Capitão Marryat. Certamente, se essas diversas médiuns vivessem de trapaças e falsidade, e desejassem enganar-me com sucesso, *alguns* deles teriam pensado em tentar representar um homem tão conhecido e cuja aparência era tão familiar.

Outros homens e mulheres célebres voltaram e foram reconhecidos apenas pelos seus retratos, mas, embora eu tenha assistido a diversas sessões realizadas apenas para mim, e nas quais fui a pessoa principal, o meu pai nunca reapareceu. Especialmente, se essas manifestações fossem todas fraudes, isso poderia ser esperado na América. O nome do capitão Marryat ainda é "uma palavra familiar" entre os Americanos e as suas obras amplamente lidas e apreciadas, e onde quer que eu aparecesse entre eles, era cordialmente recebida por esse motivo.

Uma vez que confessei a minha identidade e os pontos de vista que defendia sobre o Espiritualismo, todos os médiuns em Boston e Nova Iorque tinham tido tempo suficiente para fazer uma imitação do meu pai em meu benefício, se assim o desejassem. Mas ele nunca me apareceu; nunca me disseram que ele estava presente. Apenas duas vezes em todo o curso de minha experiência recebi o mais pequeno sinal dele e, nessas ocasiões, ele enviou-me uma mensagem — uma vez por meio do Sr. Fletcher (conforme já relatei), e outra vez por meio do seu neto e meu filho, Frank Marryat.

Daquela vez, ele disse-me que nunca me deveria aparecer e que eu nunca deveria esperar por ele. Mas como as médiuns Americanas nada sabiam sobre essa comunicação estritamente privada, e eu tinha visto, antes de me separar delas, dezassete dos meus amigos e parentes, nenhum deles (excepto a "Florence," o "Powles" e a "Emily,") eu alguma vez tinha visto na Inglaterra, é no mínimo estranho, considerando a sua popularidade (e admitindo as suas tramoias), que o capitão Marryat não estivesse entre eles.

Assim que me tornei conhecida nas sessões das Berry, várias pessoas se apresentaram a mim, entre as quais, a Sra. Isabella Beecher Hooker, a irmã da Sra. Harriet Beecher Stowe e Henry Ward Beecher. Ela ficou encantada por me encontrar tão interessado no Espiritualismo, e ansiosa por que eu participasse junto de uma amiga dela, uma grande médium cujo nome ficou tão apagado nas minhas anotações a lápis, que não tenho certeza se era o Dr. Carter ou Carteret, e, portanto, devo falar dele aqui simplesmente como "o médico." O médico estava de partida para Washington na tarde seguinte, pelo que a Sra. Hooker me convidou para tomar o pequeno-almoço com ela na manhã seguinte, altura em que ela teria descoberto se ele nos poderia dispensar uma hora antes de partir na sua viagem.

Quando cheguei a casa dela, soube que ele se havia gentilmente oferecido para me dar uma sessão de cortesia às onze horas, de modo que, assim que terminamos o café da manhã, partimos para a residência dele. Descobri que o médico era bastante jovem e se declarou perfeitamente ignorante em questões de Espiritualismo. Ele disse-me: "Eu não sei nem afirmo saber o que ou quem é que aparece aos meus clientes enquanto estou a dormir. Não sei nada do que está a acontecer, excepto de ouvir dizer.

Não sei se as formas que aparecem são espíritos, ou transformações, ou materializações. Você precisa julgar por si própria. Há uma peculiaridade nas minhas sessões. Eles ocorrem na escuridão total. Quando as aparições (ou como você quiser chamar-lhes) aparecem, elas precisam trazer as suas próprias luzes ou vocês não as verá, e não tenho condutor para as minhas sessões. Se tudo o que vier não pode se puder anunciar, deverá permanecer no anonimato. Mas acho que você descobrirá que, por via de regra, eles podem mudar por conta própria. Esta é a minha sala de sessões."

Enquanto falava, ele conduziu-nos a um quarto sem mobília, digo quarto, porque estava equipado com o guarda-vestidos com ganchos, comum em todos os quartos na América. Esse guarda-vestidos o médico usava como gabinete. A porta era deixada aberta sem nenhuma cortina pendurada diante dela. A escuridão em que ele se sentou tornava isso desnecessário. O quarto estava escurecido por duas molduras, cobertas com preto Tecido Americano, que cabia nas janelas.

Tendo trancado a porta do quarto, o médico entregou-me a chave. Então pediu que nos sentássemos durante alguns minutos no gabinete para deixar a nossa influência nele. Ao fazermos isso, examinámo-lo naturalmente. Era apenas um armário grande. Não tinha janela nem porta, excepto a que dava para o quarto, e nenhum móvel, excepto uma cadeira com fundo de cana.

Quando voltamos para a sala de sessões, o médico viu-nos confortavelmente instaladas em duas poltronas antes de colocar as molduras pretas para excluir a luz. A sala ficou escura como breu, e o médico teve que tatear o caminho até o gabinete. A Sra. Hooker e eu ficamos sentadas por alguns minutos numa expectativa silenciosa. Então, ouvimos a voz de uma negra cantava canções de "pretos," e a minha amiga disse-me que era a "Rosa," a controladora do médico.

Em breve a "Rosa" começou a repreender ou a encorajar alguém, e pudemos ver luzes débeis, como faíscas de um incêndio, a voar pela porta aberta do gabinete. Então as luzes pareceram congregar-se e agrupar-se em torno de uma forma alta, envolta em algum material enevoado, parada do lado de fora do gabinete. "Não pode dizer-nos quem você é?" perguntou a Sra. Hooker, "Tem que dizer o seu nome, sabe," interveio "Rosa," ao que uma voz baixa disse: "Eu sou Janet E. Powles."

Bem, essa foi uma coincidência extraordinária. Eu tinha visto a Sra. Powles, a mãe do meu amigo "John Powles," apenas uma vez — quando ela viajara de Liverpool para Londres para me encontrar no meu retorno da Índia e saber de todos os detalhes da morte do seu filho. Mas ela continuou a corresponder-se comigo e a demonstra-me bondade até o dia da sua própria morte, e como ela tinha uma filha com o mesmo nome, ela sempre assinava "Janet E. Powles." Mesmo que eu estivesse à espera de ver a velha senhora e publicasse o facto nos jornais de Boston, aquele *E* inicial teria resolvido a questão da sua identidade na minha ideia.

"Sra. Powles," exclamei, "que bom que você veio ver-me." "O Johnny ajudou-me a vir," respondeu ela. "Ele está tão feliz por ter encontrado você novamente. Ele ansiava por isso há tantos anos, e eu vim para agradecer-lhe por o fazer feliz." (Aqui estava uma outra coincidência. "John Powles" nunca fora tratado por nada além de "Powles" pelo meu marido e por mim. Mas a mãe dele manteve o nome infantil de "Johnny," e eu me lembrava de como ele costumava irritá-lo quando ela o usava nas suas cartas. Ele dizia-me:

"Se ela me tratasse por 'John' ou 'Jack' ou qualquer coisa que não fosse 'Johnny.'")

Eu respondi: "Não posso sair do meu lugar para ir até si. Não quer vir ter comigo?" Porquanto o médico pedira que não saíssemos dos nossos lugares, mas que insistíssemos que os espíritos se aproximassem de nós. A "Sra. Powles" disse: "Não posso sair mais pela sala hoje. Estou muito fraca. Mas você há de ver-me."

As luzes então pareceram andar ao redor do rosto dela e do vestido até se tornarem fixas, e ela revelou-se por completo à vista no seu aspecto terreno. Ela sorriu e disse: "Estávamos todos no Opera House na noite de quinta-feira e alegramo-nos com o seu sucesso. O 'Johnny' teve muito orgulhoso de si. Muitos dos seus amigos estiveram lá além de nós."

Então eu vi que, ao contrário dos espíritos na casa da Miss Berry, a forma da "Sra. Powles" estava envolta numa espécie de branco transparente *sobre* um vestido escuro. Todos os espíritos que apareceram com o médico vinham vestidos assim, e eu interroguei-me se a substância transparente teria alguma coisa que ver com as luzes, que pareciam electricidade. Um incidente ocorrido mais adiante pareceu confirmar essa ideia. Quando a "Sra. Powles" se foi, o que adivinhamos pela extinção das luzes, o rosto bonito e a forma de "Harry Montagu" surgiram. Eu conhecera bem na Inglaterra, antes da viagem fatal que fez para a América, e jamais me poderia enganar quanto ao seu sorriso doce e maneiras fascinantes. Ele também não saiu além da porta, mas permaneceu a cerca de três ou quatro metros de nós, apesar de tudo. Ele apenas disse: "Boa sorte para si. Não podemos perder o interesse pela velha profissão, sabe, assim como pelas pessoas mais velhas."

"Eu gostaria que você me viesse ajudar, Harry", respondi.

"Ah, eu venho!" disse ele, animado; "diversos de nós vimos. Somos todos elos da mesma corrente. Metade da inspiração do mundo vem daqueles que já se foram. Mas eu preciso ir! Estou a ver-me forçado. A Ada está aqui à espera de a ver. Adeus!"

E quando a sua luz se apagou, o doce rosto de Adelaide Neilson apareceu em seu lugar. Ela disse: "Você chorou quando soube da minha morte; no entanto, nunca me conheceu. Como foi que isso sucedeu?"

"Eu chorei?", respondi, meio esquecida; "se sim, deve ter sido por eu achar tão triste que uma mulher tão jovem, bonita, e talentosa como você era, tenha deixado o mundo tão cedo."

"Ah não! não triste," respondeu ela, alegremente; "é glorioso! glorioso! Eu não voltaria de novo nem por mundos."

"Você já viu seu túmulo?", perguntei-lhe. Ela abanou a cabeça.

"O que são túmulos para nós? Apenas armários, onde vocês guarda as nossas vestes descartadas."

"Você não me pergunta o que o mundo diz sobre si, agora," disse-lhe eu.

"E eu não me importo," respondeu ela. "Não me esqueça! Adeus!"

Ela foi sucedida por um espírito que se autodenominou "Charlotte Cushman," e que me falou gentilmente sobre a minha vida profissional. A Sra. Hooker disse-me que, até onde ela podia apurar, nenhum desses três espíritos jamais havia aparecido na mediunidade do médico. Mas então saiu "Florence," a dançar pela sala - literalmente a dançar, e a segurar com as duas mãos a saia de um vestido, que parecia ser feito da mais fina musselina ou renda, e para cima e para baixo com que os pirilampos disparavam uma rapidez estupenda. Ela parecia estar vestida de electricidade e infinitamente satisfeita consigo própria. "Olha!" ela exclamou; "olha o meu vestido! não é lindo? Olha o fogo! Quanto mais eu o agito, mais o fogo sai! Ah, mãe! se você pudesse ter um vestido assim para o palco, que sensação você não havia de fazer!

"E ela balançou a saia, até que o fogo pareceu iluminar cada parte da sua cortina, e ela parecia estar em chamas. Eu observei: "Eu nunca soube que você se interessasse tanto por um vestido seu antes, querida." "Ah, não é o vestido," respondeu ela;" é o fogo!" E ela realmente parecia tão encantada com a nova experiência quanto uma criança com um novo brinquedo.

Quando ela nos deixou, uma figura escura avançou para a sala e ejaculou: "Ma! ma!" Eu reconheci imediatamente a entonação peculiar e o modo de tratamento do meu enteado, Francis Lean, de quem, desde que me anunciou a sua própria morte, não tivera nenhuma comunicação, excepto pela mediunidade de transe. "És tu, meu pobre menino," disse eu, "chega para mais perto de mim. Não tens medo de mim, tens?"

"Ah não! Ma! claro que não, só que estive no Opera House, sabe, com os outros, e aquela peça que você recitou, mãe — você sabe qual — é tudo verdade, Ma — e eu não quero que você volte para a Inglaterra. Fica aqui. Ma — fica aqui!"

Eu sabia perfeitamente bem ao que o rapaz estava a aludir, mas não entraria nisso ante um estranho.

Assim, eu apenas disse: "Tu esqueceste dos meus filhos, Francis - o que eles não haveriam de dizer se eu nunca mais voltasse para casa?" Isso pareceu intrigá-lo, mas passado um tempo ele respondeu: "Então vá para *eles*, Ma; vá para *eles*." Durante todo esse tempo ele tinha estado a falar no escuro, e eu só o conheci pelo som da sua voz. Eu disse: "Não vais mostrar-te a mim, Francis? Já faz muito tempo que não nos encontramos."

"Nunca mais desde que me viste nas docas. Era *eu*, Ma, e em Brighton também, só que você não acreditou até que soube que eu tinha partido."

"Diz-me a verdade sobre o acidente, Francis," perguntei-lhe eu. "Aconteceu algum homicídio?" "Não," respondeu ele, "mas brigamos por causa dela, sabe, e lutamos, e foi assim que o barco virou. A culpa foi *minha*, Ma, tanto quanto de qualquer outra pessoa."

"Como foi que o teu corpo nunca foi encontrado?"

"Foi arrastado para baixo numa corrente subjacente, ma. Tinha ido parar ao Cabo Horn antes de eles oferecerem uma recompensa pelo seu resgate."

Então ele começou a ficar iluminado, e assim que a figura foi iluminada eu vi que o menino estava vestido com "camisola de lã" e "malha" de tecido de lã escura, como eles usam no serviço mercantil nos climas quentes, mas por cima tudo — a cabeça e os ombros incluídos — enrolados numa quantidade de tecido branco e frágil que mencionei antes.
"Não aguento isto. Faz-me parecer uma menina," disse "Francis," e com as mãos ele o arrancou. Simultaneamente, a iluminação cessou e ele foi-se. Chamei-o pelo nome várias vezes, mas nenhum som saiu da escuridão. Parecia que o véu de que ele não gostava preservara a sua materialização e que, sem a sua proteção, ele se dissolvera de novo. Quando outra figura escura saiu do armário e se aproximou de mim, ajoelhou-se aos meus pés, achei que fosse "Francis" que voltasse e, colocando minha mão na cabeça inclinada, perguntei: "É você de novo, querido?"

Uma voz estranha respondeu, com as palavras, "Perdoe! Perdoe!"

"Perdoar!" Repeti: "O que devo perdoar?"

"A tentativa de assassinar o seu marido em 1856. Arthur Yelverton Brooking perdoou. Ele está aqui comigo agora. Você vai-me perdoar também?"

"Certamente," respondi, "já perdoei há muito tempo. Você expiou o seu pecado na forca. Não poderia fazer mais nada."

A figura ficou em pé e iluminou-se da cabeça aos pés, quando vi os dois homens juntos, Arthur Yelverton Brooking e o sipaio de Madras que o assassinou. Nunca vi nada mais brilhante do que a aparência do sipaio. Ele vinha todo envolto em branco, com o traje nativo, com um "puggree" ou turbante branco na cabeça. Mas o seu "puggree" brilhava com joias — tiras delas penduradas sobre o seu pescoço — e o cinto dele continha uma magnífica adaga cravejada de joias. Precisam ter em mente que eu não estava sozinha, mas que isso foi visto pela Sra. Hooker, assim como por mim (para quem foi tão inesperado quanto para ela), e que eu sei que ela haveria de o testemunhar hoje. E agora, para explicar a razão dessas aparições inesperadas.

Em 1856, o meu marido, o então tenente Ross-Church, era ajudante do 12º de Infantaria Nativa de Madras, e Arthur Yelverton Brooking, que durante algum tempo cumprira o dever com o 12º, foi ajudante de outro corpo nativo, ambos estacionados em Madras. O Tenente Church não era um favorito dos seus homens, por quem era considerado um autoritário, e um dia, quando houve uma revisão na ilha de Madras, e os dois ajudantes voltavam para casa juntos, um sipaio do 12º atirou nas costas do tenente Church com a intenção de o matar,

mas infelizmente a bala atingiu em vez disso o tenente Brooking, que, após durar mais doze horas, morreu, deixando uma jovem esposa e um bebé para trás. Por essa ofensa o sipaio foi julgado e enforcado, e no seu julgamento toda a verdade veio, é claro, à tona. Essa foi, pois, a razão por que os espíritos do assassinado e do assassino vieram como amigos, porque o ferimento nunca tinha sido realmente destinado a Brooking.

Quando eu disse que o havia perdoado, o sipaio tornou-se (como eu disse) um clarão de luz, ajoelhou-se novamente e beijou a bainha do meu vestido. Ao se ajoelhar ali, ele foi coberto, ou amontoado, por uma massa da mesma cortina transparente que envolveu "Francis" e, quando ele se levantou de novo, estava numa nuvem. Ele juntou uma ponta dele e, colocando-o na minha cabeça, ele envolveu-me e a ele próprio e giramos com ele, até que estivéssemos presos numa espécie de casulo. A Sra. Hooker, que assistiu a todo o processo, disse-me depois que ela nunca tinha visto nada parecido antes — que ela podia ver distintamente o rosto escuro e o rosto branco juntos o tempo todo sob a cortina, e que eu estava tão brilhantemente iluminada quanto o espírito. Disto eu não estava ciente, mas o seu brilho quase me deixou deslumbrada.

Deixem que observe também que estive nas Índias Orientais, e a poucos metros de distância dos sipaios, e que tenho certeza de que nunca poderia ter estado envolta no mesmo tecido com um mortal sem ter estado dolorosamente ciente disso em mais do que um aspecto. O espírito não me desenrolou de novo, embora o processo de enrolamento lhe tivesse levado algum tempo. Ele retirou o invólucro com um puxão e fiquei sozinha mais uma vez. Eu perguntei por que nome eu deveria tratá-lo, e ele disse: "O Espírito de Luz."

Ele então expressou o desejo de magnetizar algo que eu usava, para poder se aproximar melhor de mim. Dei-lhe um broche que continha o cabelo de "John Powles," que a mãe dele me dera depois da sua morte, e ele carregou-o de volta para o armário com ele. Era um valioso broche de ônix e pérolas, e eu esperava que o meu amigo oriental não o levasse muito para longe, quando descobri que tinha sido reposto e preso à minha garganta sem que eu percebesse.

"Arthur Yelverton Brooking" tinha desaparecido antes disso, e nenhum deles voltou de novo. Esses não foram todos os espíritos que vieram sob a mediunidade do médico durante aquela sessão, mas apenas aqueles que eu havia conhecido e reconhecido. Vários amigos da Sra. Hooker apareceram e alguns dos controladores do médico, mas como eu disse antes, eles não pudiaam ajudar a minha narrativa, por isso os omiti-los da descrição. A sessão durou duas horas no total, e fiquei muito grata ao médico por me dar a oportunidade de estudar uma fase da ciência para mim inteiramente nova.

CAPÍTULO XXX

A SRA. FAY

Havia uma jovem chamada "Annie Eva Fay," que veio da América para Londres há alguns anos e apareceu no Hanover Square Rooms, em uma exposição à maneira dos irmãos Davenport e dos senhores Maskelyne e Cook. Ela não deve ser confundida com a Sra. Fay que é sujeito deste capítulo, porque elas não tinham nada que ver uma com a outra. Alguém em Boston me aconselhou a não ir a uma das sessões públicas da Sra. Fay. Elas foram-me descritos como sendo muito físicas e pouco refinadas; que as influências eram de baixa ordem e que o público lhes correspondia.

Porém, quando estou a estudar um assunto, gosto de ver tudo o que posso e ouvir tudo o que posso sobre ele, e de formar a minha própria opinião independente da de qualquer outra pessoa. Assim fui sozinha uma noite ao endereço da Sra. Fay e sentei-me num canto tranquilo, a observar tudo o que acontecia. O círculo certamente contava com alguns membros de uma classe humilde, mas concluo que deveríamos ver isso em todos os lugares se o custo de ingressão fosse mais baixo. As médiuns, tal como os outros profissionais, fixam os seus custos de acordo com o bairro da cidade em que vivem. Mas cada membro estava silencioso e respeitável, e mostrava ser, evidentemente, crente.

Um jovem em luto profundo, com uma menina também de preto, de cerca de cinco ou seis anos, chamaram-me a atenção de imediato, pelo seu jeito triste e abstraído. Ele evidentemente tinha ido lá, pensei eu, na esperança de ver alguém que havia perdido. A Sra. Fay (ao passar pela sala em direção ao seu gabinete) pareceu-me uma mulher muito sossegada e de aparência simples, sem qualquer sonoridade ou vulgaridade. O seu gabinete era composto de apenas duas cortinas, feitas de algum material branco, e penduradas em colunas em ângulo, a um canto da sala, o artifício mais transparente possível.

Qualquer coisa como um alvoroço ou confusão dentro dele, como seria ocasionada por vestir ou "maquilhar," teria ficado aparente de vez para o público de fora, que estava sentado à luz de um queimador de gás comum e um globo. No entanto, a Sra. Fay não estava sentada ali havia muitos minutos, quando correram para a sala da sessão duas das materializações mais extraordinárias que eu já tinha visto, e ambas tão opostas à Sra. Fay na aparência quanto qualquer criatura poderia ser.

Uma era uma faxineira Irlandesa ou vendedeira de maçãs (ela poderia ser qualquer uma) com um rosto moreno e enrugado, um nariz quebrado, cabelo grisalho emaranhado, um chapéu amassado, apresentando sujeira e desordem geral, e uma língua que podia falar Irlandês lato, e chamar “os bois pelo nome” ao mesmo tempo. "Biddy," como era chamada, vinha acompanhada de um menino vendedor do jornal de rua — um daqueles traquinas que correm atrás das carruagens e fazem girar vira-ventos na lama, que falava na "gíria da sarjeta" num estilo inteiramente ininteligível para a porção decente dos participantes. Os dois lá continuaram de uma maneira sem dúvida engraçada, mas nada edificante e propositada para expulsar da sala qualquer investigador do Espiritualismo, sob a impressão de que fossem espíritos malignos empenhados na nossa destruição. O facto de qualquer um deles ser representado pela Sra. Fay estava fora de questão.

Em primeiro lugar, ela teria, nesse caso, sido uma atriz e imitadora tão esperta, que teria feito fortuna no palco — acrescentando que o menino “Teddy” era pequeno demais para ela, e “Biddy "era demasiado grande. Além do mais, nenhuma atriz, por mais experiente que

fosse, o poderia ter "inventado" à época. Fiquei bastante satisfeita, pois, por nenhum dos dois ser a médium, mesmo que não lhe pudesse ter visto a figura porquanto, através das cortinas finas, se via sentada na sua cadeira.

Por que essas manifestações físicas baixas são permitidas, não sei dizer. Não era de se admirar que elas tivessem chocado a sensibilidade do meu amigo. Senti-me meio propensa quando eles pareceram levantar-se e fugir. No entanto, fiquei muito feliz depois por não ter feito isso. Eles desapareceram após um tempo e foram sucedidos por uma pessoa muito mais agradável, um espírito do gabinete chamado "Cigana," que parecia ter pertencido a uma das tribos ciganas aquando na terra, de tão morena, arqueada e viva que era.

Logo o jovem de preto foi chamado, e eu vi-o a conversar com um espírito feminino muito seriamente. Passado um tempo, ele pegou-a pela mão dela e conduziu-a para fora da cortina, e chamou a menina que ele havia deixado no seu assento pelo nome dela. A criança ergueu os olhos e gritou "Mãezinha! Mãezinha!" e voou para os braços do espírito, que se ajoelhou e a beijou, e pudemos ouvir a criança chorar e dizer: "Ah, mãezinha, por que foi embora? — por que você foi embora?" Foi uma cena muito comovente — pelo menos pareceu-me a mim. O reconhecimento instantâneo por parte da menina, e a sua perfeita inconsciência, excepto do retorno da sua mãe havia em *propria persona*, teria sido uma prova mais que convincente da genuinidade do Espiritualismo para um cético, do que cinquenta milagres da máxima importância.

Quando a mãe espiritual teve que partir de novo, a agonia da criança ao se separar foi muito evidente. "Leve-me consigo," disse ela repetidamente, e o pai teve que realmente carregá-la de volta para o assento. Quando eles chegaram lá, os dois choraram em uníssono. Depois, ele disse-me meio que a desculpar-se — ele estava sentado ao meu lado —

"É a primeira vez, entende, que Mary vê a pobre mãe, mas eu queria que ela desse prova da sua identidade, e eu acho que ela a deu com toda a clareza, pobre criança! Ela nunca irá contentar-se em deixar-me vir sozinho agora."

Eu disse: "Acho uma pena você tê-la trazido tão jovem," e foi o que fiz.

A "Florence" não apareceu (ela disse-me depois que a atmosfera estava tão "rude" que ela não pode), e comecei a pensar que ninguém viria ao meu encontro, quando um marinheiro comum, vestido com roupas comuns de marinheiro, correu para fora do gabinete e começou a dançar um hornpipe *(NT: Dança de marinheiro)* na minha frente. Ele dançou-a admiravelmente também, e com todo tipo de estalo vigoroso de dedos a marcar o ritmo, e quando ele terminou, ele fez (leg) uma profunda vénia com a perna direita dobrada, como os marinheiros lhe chamam, e parou diante de mim. "Você veio por mim, meu amigo?" perguntei eu. "Não exactamente," respondeu ele, "mas vim com o Capitão. Vim preparar caminho para ele.

O capitão vai estar aqui directamente. Estivemos juntos no *Avenger*." (Bem, todo o mundo sabe que o meu irmão mais velho, Frederick Marryat, se afogou nos destroços do *Avenger* em 1847, mas como eu era criança na época, e não tinha nenhuma lembrança dele, eu nunca sonhei em vê-lo novamente. Ele era primeiro-tenente quando ele morreu, pelo que não sei por que os marinheiros lhe deram a patente de brevet *(NT: Promoção honorária) mas repito as palavras que proferiu tal como as disse.)* Passados um ou dois minutos, fui chamado ao gabinete e vi o meu irmão Frederick (a quem eu reconhecido pelo aspecto) ali de pé vestido

com uniforme naval, mas parecendo muito rígido e pouco natural. Ele sorriu ao me ver, mas não tentou beijar-me.

Eu disse: "Ora! Fred! És realmente tu? Pensei que te tivesses esquecido completamente de mim." Ele respondeu: "Esquecer a pequena Flo? Por que deveria eu? Achas que eu nunca mais te vi desde aquela época, nem ouvi nada a respeito de ti? Eu sei tudo — tudo!"
"Nesse caso deves saber que não tive uma vida muito feliz," disse eu. "Não te preocupes," respondeu ele, "precisavas disso. Fez-te bem!" Mas tudo o que ele disse foi sem vida, como se falasse mecanicamente - talvez por ser a primeira vez que se materializava.

Eu tinha-lhe dito "adeus" e baixei a cortina, quando ouvi o meu nome ser chamado duas vezes, "Flo! Flo! "E virei-me para receber a minha irmã "Emily" nos meus braços. Ela parecia-se exactamente com ela, mas ela só teve tempo de me beijar e de murmurar," Tão feliz, tão feliz por nos encontrarmos novamente," quando ela pareceu desfalecer. Os olhos dela fecharam-se, a cabeça caiu para trás no meu ombro, e antes que eu tivesse tempo de perceber o que ia acontecer, ela passou pelo braço que a sustentava e afundou no chão. A sensação do peso dela ainda estava a fazer o meu braço formigar, mas a "Emily" foi-se, completamente. Fiquei muito desapontada.

Eu desejava muito ver essa irmã de novo e falar com ela confidencialmente; mas se foi algo de antagónico na influência dessa sala de sessões (a "Florence" posteriormente disse que tinha sido), ou se houve alguma outra causa, eu não sei, mas com certeza os meus amigos não pareceram florescer ali.

Tive uma outra decepção horrível antes de partir. Uma voz de dentro do gabinete bradou: "Aqui estão dois bebés que querem a senhora sentada debaixo do quadro." Agora, havia apenas um quadro pendurado na sala, e eu estava sentada em baixo dele. Olhei ansiosamente para o armário e vi sair dele a "Princesa Gertie" a conduzir uma criança pequena de cabelos cor de linho e pés descalços, sem roupas, apenas uma espécie de camisa branca. Era a "Joan," a "Yonnie" que tantas vezes pedira para ver, e levantei-me com a maior expectativa de receber o pequeno par.

Contudo, assim que elas alcançaram o centro da sala, dando passos muito curtos e cuidadosos, como bebes que se colocam no chão pela primeira vez, o espírito do armário "Cigana" saltou para fora das cortinas e disse decididamente: "Fora! Não queremos ter filhos por perto," ela colocou a mão na cabeça das minhas pequenas e pressionou-as contra o chão. Elas pareceram desmoronar diante dos meus olhos, e o lugar onde tinham estado ficou vazio. Não pude deixar de sentir ira. Eu exclamei, "Oh! Por que você fez isso?

Aqueles eram os meus bebés, e eu tenho desejado vê-las assim." "Eu não posso evitar," respondeu a "Cigana," "mas esta não é uma sessão para crianças." Fiquei tão aborrecido que não me interessei mais pelo processo. Apareceu um grande número de formas, trinta ou quarenta ao todo, mas, quando voltei ao hotel e comecei a fazer as minhas anotações, mal conseguia lembrar o que eram. Eu tinha sonhado o tempo todo com o quanto deveria ter gostado de segurar aquela pequena "Yonnie" de cabelos louros nos meus braços.

CAPÍTULO XXXI

VIRGINIA ROBERTS

Quando voltei para Nova Iorque, foi em circunstâncias excepcionais. Eu contraí um resfriado enquanto viajava nos Estados Unidos, tive um severo ataque de bronquite e pneumonia em Chicago, fui compelida a abandonar os meus assuntos e, assim que estava suficientemente recuperada para viajar, recebi ordem para voltar a Nova Iorque para recobrar a saúde. Aí, passei a residir no Victoria Hotel, onde vivia uma senhora, que conheci na minha anterior visita à cidade. Como não tenho permissão para publicar o nome desta senhora, devo chamá-la de Sra. S —.

Ela já era Espiritualista há algum tempo antes de eu a conhecer, e ela interessou-me muito ao me mostrar uma anotação no seu diário, feita quatro anos antes da minha chegada à América. Era um relato das declarações de uma Sra. Philips, uma clarividente então residente em Nova Iorque, durante a qual ela profetizou a minha chegada à cidade, descreveu a minha aparência pessoal, profissão e ambiente geral na perfeição, e predisse a minha amizade com a Sra. S —.

A profecia terminava com palavras no sentido de que o nosso encontro seria seguido de certos efeitos que influenciariam a sua vida futura, e que em 17 de março de 1885, daria início a uma nova era na sua existência. Foi no início de Março que vivemos pela primeira vez sob o mesmo teto.

Assim que a Sra. S. descobriu que provavelmente eu teria algumas semanas de lazer, ela ficou muito ansiosa por visitarmos a médium de Nova Iorque juntas; pois embora ela tivesse acreditado durante tanto tempo no Espiritualismo, ela (devido à oposição da família) não encontrou muita simpatia no assunto, nem teve a oportunidade de fazer muitas investigações. Portanto, decidimos, assim que eu estivesse bem o suficiente para sair à noite, que assistiríamos a algumas sessões. Por acaso, quando esse momento chegou, descobrimos que a médium mais acessível era a Srta. Virginia Roberts, de quem nenhuma de nós sabia nada além do que tínhamos aprendido nos jornais públicos. No entanto, era necessário que eu me expusesse o menos possível ao ar nocturno, e assim combinamos, como que por acaso, visitar primeiro a Srta. Roberts.

Nós encontrámo-la a morar com a mãe e o irmão numa pequena casa numa das ruas secundárias da cidade. Ela era uma jovem de dezasseis anos, muito reservada e de aparência um tanto tímida, que precisava ser forçada para poder falar. Ela havia começado a fazer sessões poucos meses antes, e isso devido a que o irmão (que também era médium) tivesse sido acometido por uma doença e tivesse obrigado a desistir das suas sessões por um tempo.

A sala das sessões era muito pequena, as manifestações ocorriam praticamente no meio do círculo, e o gabinete (assim chamado) era o mais frágil dispositivo que eu já tinha visto. Quatro colunas de ferro, não mais grossas que a haste de uma cortina de musselina, com travessas da mesma, nas quais estavam penduradas finas cortinas de estampa lilás, formavam a construção desse gabinete, que não parava de balançava toda vez que uma forma saía ou entreva nela. Um harmónio para acompanhar as vozes e algumas cadeiras para o público era todo o mobiliário que a sala continha.

Na primeira noite em que fomos ver a srta. Roberts, havia apenas dois ou três presentes além de nós. A médium parecia ser praticamente desconhecida, e eu resolvi, como costumo fazer nesses casos, não contar com nada, com medo de ficar desapontada.

A Sra. S —. pelo contrário, era toda expectativa e excitação. Se ela havia alguma vez feito sessões de materialização, tinha sido muito antes, e a ideia era como que nova para ela. Depois que duas ou três formas aparecerem, sem interesse para nós, um cavalheiro em traje de gala saiu de repente do gabinete e disse: "Kate," que era o nome da Sra. S —. Era um homem corpulento e bem formado, de uma presença imponente, com cabelos e olhos escuros, e usava um solitário de diamantes de brilho incomum na frente da camisa.

Eu não tinha ideia de quem ele era; mas a Sra. S —. reconheceu-o imediatamente como um velho amante que havia morrido durante um mal-entendido que tinha tido com ela, e a afectou fortemente — mais, ela estava terrivelmente assustada. Parece que ela trazia no pescoço um broche que ele lhe dera; mas toda vez que ele se aproximava dela com a intenção de o tocar, ela gritava tão alto e ficava em tal estado de agitação nervosa que pensei que ela teria que voltar para novamente casa.

Porém, ao ser acomodada em uma cadeira na última fila para que pudesse ter os outros assistentes entre ela e os espíritos materializados, ela conseguiu acalmar-se. O único amigo que me apareceu naquela noite foi "John Powles"; e, para minha surpresa e prazer, ele apareceu no antigo uniforme do 12º Madras Native Infantaria. Esse corpo usava revestimentos de fulvo, com botões contendo a palavra "Ava," circundados por uma coroa de louros. As jaquetas sujas eram forradas com seda castanha fulva e os coletes enfeitados com três linhas estreitas de tranças douradas.

O seu "karkee," ou uniforme de despir, estabelecido em 1859, consistia numa túnica e calças de um pano de um verde triste, com os botões do regimento e uma faixa de seda carmesim. O traje de marcha de todos os oficiais do serviço indígena é feito de "drill" branco (NT: Tecido de algodão usado nos uniformes militares) com um capa do mesmo material.

A capa era de um tecido azul-escuro e ia até os calcanhares. O boné tinha um pico largo e quadrado para proteger o rosto e os olhos. Menciono estes detalhes para o benefício daqueles que não estão familiarizados com o traje geral do exército Indiano e para mostrar como teria sido difícil à Virginia Roberts, ou a qualquer outra médium, tê-los adquirido, mesmo que ela conhecesse o desejo particular expresso por mim a "John Powles" em Boston, de que ele tentasse vir até mim de uniforme. Nessa primeira vez em que apareceu, ele vestia o paletó de sempre, abotoado até o queixo, e fez-me examinar os botões para ver se traziam o brasão e o lema do regimento. E eu posso aqui dizer que, antes de deixar Nova Iorque, ele me apareceu em cada um dos vários vestidos que descrevi acima e tornou-se uma figura bastante marcante na cidade.

Quando foi divulgado pelos jornais que uma velha amiga de Florence Marryat havia aparecido pela mediunidade de Virginia Roberts, num uniforme de trinta anos antes, recebi várias cartas particulares perguntando se isso era verdade, e dezenas de pessoas visitaram a Sra. Roberts. As sessões de Roberts com o único propósito de o ver. Ele gostava muito da Sra. S —. e quando ela venceu o seu primeiro medo, ela tornou-se bastante amiga dele, e eu soube, depois de deixar Nova Iorque, que ele continuou a aparecer para ela sempre que ela comparecesse àquelas sessões.

Havia uma diferença entre os espíritos femininos transmitidos por Virginia Roberts e os das outras médiuns. Aqueles que eram fortes o suficiente para sair do gabinete, invariavelmente desapareciam a pairar pelo teto acima.

O modo deles fazerem isso era muito elegante. Eles primeiro colocavam as mãos atrás da cabeça e inclinavam-se para trás; então os seus pés eram levantados do chão, e eles eram carregados para cima numa posição reclinada. Quando contei isso ao meu amigo, o Dr. George Lefferts (sob o comando de quem fiz um tratamento de garganta para recuperar a minha voz), ele declarou que deve haver algum mecanismo ligado às colunas que sustentavam o gabinete, pelo qual as formas eram elevadas.

Ele entendeu tudo tão bem que foi capaz de pegar num lápis e demonstrar no papel exactamente como a máquina funcionava e como seria fácil balançar corpos humanos em tamanho real com ela até o teto. Como eles conseguiam desaparecer quando chegavam lá, ele não estava preparado para dizer; mas se ele uma vez visse o truque executado, ele havia de me explicar todo o 'negócio' e de o expor. Eu disse ao Dr. Lefferts, como disse a muitos outros homens espertos, que serei a primeira pessoa a abrir-se à condenação quando eles conseguirem convencer-me, e eu conduzi-o a uma sessão particular com Virginia Roberts apenas com esse propósito.

Ele foi muito charmoso na ocasião. Ele ofereceu-me um jantar delicioso no Delmonico's primeiro (para o qual eu lhe apresentei por escrito a minha grata lembrança), e ele testou todas as manifestações da Srta. Roberts da maneira mais delicada e cavalheiresca (os céticos em geral não são nem delicados nem cavalheirescos), mas ele não conseguiu nem abrir-me os olhos para a trapaça nem detectá-la sozinho. Ele segurou e sacudiu os frágeis suportes do gabinete, e confessou que eram fracos demais para suportar o peso que ele havia imaginado. Ele procurou no chão acarpetado e na sala adjacente por maquinismos ocultos sem encontrar a menor coisa que lhe despertasse suspeitas, e ainda assim ele viu as formas femininas a pairar para cima através do teto caiado e saiu da sala de sessão tão sábio como quando ele entrou.

Mas isso ocorreu algumas semanas depois. Devo relatar primeiro o que aconteceu depois da nossa primeira sessão com a Srta. Roberts. A Sra. S —. e eu ficamos bastante satisfeitas com o resultado a ponto de desejarmos testar mais as suas capacidades e, com essa intenção, a convidamos a nos visitar no nosso hotel. O Espiritualismo é de tanto um tabu para uma seção do público Americano quanto é encorajado pela outra, e então resolvemos nada dizer acerca das nossas intenções, mas convidar a rapariga para jantar e passar a noite nos nossos aposentos connosco, como se ela fosse uma visita comum.

Consequentemente, jantamos juntos à table d'hôte antes de subirmos as escadas. A Sra. S —. e eu tinhamos uma sala de estar particular, cujas janelas eram cobertas apenas por cortinas de renda branca, e não tínhamos outro meio de bloquear a luz.

Consequentemente, quando quisemos sentar-nos, tudo o que podíamos fazer era colocar uma cadeira para Virginia Roberts no recesso da janela, por detrás de um desses pares de cortinas, e prendê-los juntos à sua frente, o que formava o gabinete mais arejado que se pode imaginar. Em seguida, trancamos a porta, baixamos o gás e sentamo-nos num sofá diante das cortinas.

No espaço de cinco minutos, sem que as cortinas de renda tivessem sido nem minimamente perturbadas, Francis Lean, meu enteado, passou *através* delas e veio até mim. Ele vinha vestido com o seu traje normal de camisola e "pulôver," e trazia um pequeno boné de lã na cabeça. Ele exibiu todas as peculiaridades de fala e maneiras que observara antes; mas estava muito menos tímido e ficou muito tempo a meu lado a falar sobre os meus assuntos domésticos, que estavam bastante complicados, e a contar-me detalhadamente o acidente que lhe causou a morte, e que sempre foi um tanto misterioso. Ao fazer isso, ele mencionou nomes de pessoas até então desconhecidas para mim, mas que descobri após investigação serem verdadeiras. Ele parecia muito feliz por ser capaz de se manifestar de forma tão indiscutível como ele próprio, e comentou mais de uma vez: "Não pareço muito com uma menina agora, pareço, Ma?"

Em seguida, veio o velho amante da Sra. S —, em relação a quem ela ainda se sentia consideravelmente alarmada, e o pai dela, que tinha sido um grande político e um homem conhecido. "Florence," também, é claro, embora nunca tão animada através da Srta. Roberts como através de outras médiuns, mas ainda assim feliz, embora pensativa, e cheia de conselhos sobre como eu deveria agir quando voltasse para a Inglaterra. Em seguida, uma voz suave disse: "Tia Flo, você não me conhece?"

E eu vi diante de mim minha sobrinha e afilhada, Lilian Thomas, que havia morrido como freira no Convento das" Damas Anglais "em Bruges. Ela vinha vestida com o hábito de freira, que era bastante peculiar, sendo o rosto rodeado por uma touca branca, com uma orla franzida que escondia todos os cabelos, e encimada por um véu branco de lã grossa que cobria a cabeça e o vestido de sarja preto. "Lilian" morrera de tuberculose, e a tez cor de cera semelhante à morte que ela tivera por algum tempo antes foi exactamente reproduzida.

Ela não tinha muito a dizer sobre si própria; na verdade, estivemos completamente separadas desde que ela entrara para o convento, mas ela estava, sem dúvida, *ali*. Ela foi sucedida pela minha irmã "Emily," que já descrevi tantas vezes. E essas aparições, seis no total, e todas reconhecíveis, foram produzidas na sala privada da Sra. S —. e eu, e sem outra pessoa além de Virginia Roberts, de dezasseis anos de idade.

Foi nessa época que recebemos um convite para participar de uma sessão privada numa grande casa na cidade, ocupada pelo Sr. e Sra. Newman, que tinha Maud Lord hospedada com eles como visitante. A mediunidade de Maud Lord é peculiar. Ela coloca os participantes dela num círculo, de mãos dadas. Ela então senta-se numa cadeira no centro e fica a bater palmas para dar a entender que não mudou de posição. A sessão é realizada na escuridão, e as manifestações consistem em "vozes directas," ou seja, vozes que todos podem ouvir, e pelo que elas nos dizem, precisamos avaliar a sua identidade e veracidade. Eu só havia testemunhado poderes desse tipo uma vez antes — por meio da Sra. Bassett, que agora é a Sra. Herne — mas como ninguém falou comigo por meio dela que eu tivesse reconhecido, omiti qualquer relato sobre o facto.

Assim que a sessão de Maud Lord foi inteiramente estabelecida, eu a ouvi a dirigir-se a diversos membros presentes, a dizer-lhes quem estava ao lado deles, e ouvi-os a fazer perguntas ou a conversar com criaturas que para mim permaneciam invisíveis. O tempo foi passando, e eu acreditava que iria ficar de fora, quando ouvi uma voz perto do meu ouvido sussurrar: "Arthur." No mesmo instante, a voz de Maud Lord soou na minha direção, a dizer que a senhora do chapéu de veludo marrom estava com um cavalheiro perto dela, chamado

"Arthur," que desejava ser reconhecido. Eu era a única senhora presente com um chapéu de veludo marrom, mas não conseguia lembrar-me de nenhum amigo falecido chamado "Arthur" que desejasse se comunicar comigo. (É uma ocorrência constante numa sessão a mente recusar-se a recordar um nome, ou uma circunstância, e ao voltar para casa, talvez toda a situação se torne clara, e alguém se questione sobre como alguém poder ter sido tão obtuso a ponto de não perceber.)

Assim, eu disse que não conhecia ninguém no mundo espiritual com esse nome, e Maud Lord respondeu: "Bem, ele conhece você, de qualquer modo." Mais alguns minutos se passaram, quando senti um toque no terceiro dedo da minha mão esquerda, e a voz falou novamente e disse: "Arthur! 'O anel do Arthur.' Você esqueceu por completo?" Esse acto trouxe-me a pessoa à memória, e eu exclamei: "Ah! Johnny Cope, é você?"

Para o contextualizar, devo dizer aos meus leitores que, quando fui para a Índia em 1854, Arthur Cope, dos Lanceiros, era passageiro do mesmo navio; e quando acostamos em Madras, ele me deu de presente um anel de diamante, que usei naquela sessão como uma guarda. Mas ele nunca fora tratado por nada além do apelido de "Johnny," de modo que o seu verdadeiro nome havia-me escapado da memória.

O pobre homem morreu em 1856 ou 1857, e eu fui ingrata o suficiente para esquecer tudo sobre ele, e nunca deveria ter-me lembrado do seu nome se não estivesse junto com o anel. Teria sido ainda mais notável, porém, se Maud Lord, que nunca me tinha visto até aquela noite, tivesse descoberto um incidente que acontecera trinta anos antes, e que eu havia esquecido por completo. Antes de passar muitos dias em Nova Iorque, voltei a adoecer por me expor ao clima, desta vez com dor de garganta. A Sra—. e eu dormíamos no mesmo quarto, e a nossa sala de estar dava para o quarto. Ela foi infatigável nas suas atenções e gentilezas comigo durante a minha doença, e andava para a frente e para trás do quarto para a sala de estar, tanto de noite como de dia, para me buscar cataplasmas frescas, que ela mantinha quente no fogão a vapor.

Certa noite, por volta das onze horas, ela levantou-se da cama de camisola e foi para o quarto ao lado para esse fim. Quase imediatamente depois que ela entrou, ouvi uma queda pesada. Chamei-a pelo nome e não obtive resposta, fiquei com medo, saltei da cama e segui-a. Para minha consternação, encontrei-a esticada, de corpo inteiro, sobre um tapete branco de pele de urso, e completamente inconsciente. Ela era uma mulher delicada e, a princípio, pensei que ela tivesse desmaiado de cansaço; mas quando ela não mostrou sinais de retoma da consciência, fiquei alarmada. Eu também estava muito debilitada pela minha doença e mal conseguia ficar de pé, mas consegui vestir um roupão e pedir ajuda a uma senhora que ocupava o quarto ao nosso lado e a quem já tínhamos conhecido. Ela era forte e capaz e ajudou-me a colocar a Sra. S — no sofá, onde ela ficou na mesma condição.

Depois de termos feito tudo o que nos ocorreu pensar para a trazer de volta a si sem efeito, a senhora da porta ao lado ficou com medo. Ela disse-me: "Isto não me agrada. Acho que devemos chamar um médico. Suponha que ela morra sem recobrar a consciência." Eu respondi: "Eu diria dizer o mesmo, excepto que começo a acreditar que ela não desmaiou, mas está em transe; e, nesse caso, quaisquer tentativas violentas de a trazer a si pode prejudicá-la. Veja como ela respira baixinho e como parece tão jovem."

Quando a atenção dela foi chamada para esse facto, a senhora da porta ao lado ficou surpreendida. A Sra. S. que era uma mulher com mais de quarenta anos, parecia uma garota

de dezasseis. Ela era uma mulher muito bonita, mas com uma pitada de temperamento na expressão que lhe estragava o aspecto. Agora, com todas as paixões e linhas suavizadas, ela parecia perfeitamente adorável. Assim ela poderá ter parecido na morte. Mas ela não estava morta. Ela estava a respirar. Então tive certeza de que o espírito havia escapado por um tempo e a havia deixado livre. Cobri-a calorosamente no sofá e decidi deixá-la ali até o transe passar. Passado um tempo, persuadi a senhora da porta ado lado a fazer como eu e a voltar para a cama.

Assim que ela saiu, apliquei o meu próprio cataplasma e sentei-me ao lado da minha amiga a assistir. O tempo prolongou-se até às sete da manhã — há sete horas que ela tinha ficado deitada, sem mexer um membro, no sofá — quando, sem qualquer aviso, se sentou e olhou à sua volta. Chamei-a pelo nome e perguntei o que ela queria; mas pude ver imediatamente, pela sua expressão, que ela não me conhecia. Logo ela me perguntou: "Quem é você?" Eu disse-lhe. "Você é amiga da Kate?" disse ela. Eu respondi, "Sou." "Você sabe quem eu sou?" foi a pergunta seguinte, a qual, claro, respondi pela negativa.

A Sra. S — então disse-me o nome de um cavalheiro Alemão que eu nunca tinha ouvido antes. Seguiu-se uma cena extraordinária. Influenciada pelo espírito que a possuía, a Sra. S. levantou-se e destrancou o próprio armário, que ficava na sala, e de lá tirando um maço de cartas antigas, ela selecionou várias e leu trechos delas em voz alta para mim. Ela então contou-me uma história sua e do cavalheiro cujo espírito falava através dela, e deu-me várias mensagens para lhe endereçar no dia seguinte.

Ser-me-á suficiente dizer que esta história foi de natureza tão privada, que era muito improvável que ela a tivesse confiado a mim ou a qualquer pessoa, especialmente porque ela era uma mulher de natureza muito reservada; mas nomes, endereços e até palavras de conversas foram dados, de uma maneira que não deixaria espaço para dúvidas quanto à sua veracidade, ainda que a Sra. S — não os havia confirmado como factos posteriormente.

Aquilo continuou por muito tempo, o espírito a expressar a maior animosidade contra a Sra. S —. o tempo todo, e então a energia pareceu acabar de repente, e ela voltou a dormir no sofá, acordando naturalmente cerca de uma hora depois, e bastante surpreendida ao ouvir o que havia lhe acontecido nesse ínterim. Quando chegamos a considerar o assunto, descobrimos que esse ataque inesperado ocorreu em 17 de Março, o dia previsto pela Sra. Philips quatro anos antes como aquele em que uma nova era começaria para a Sra. S— . Desde então, ela continuamente entrava em transe e costumava predizer o futuro para si própria e para os outros; mas se ela o manteve até hoje, não posso dizer, pois não tive notícias dela desde que deixei a América.

Esse evento ocorreu em 13 de Junho de 1885. Tínhamos o hábito de passar as nossas noites de domingo na sala de sessões da Srta. Roberts, e ela implorou-me para não perder a última oportunidade. Quando chegamos lá, descobrimos que o acompanhante que costumava tocar harmónio para eles não podia estar presente, e a Srta. Roberts perguntou se eu seria o seu substituto. Eu disse que sim, com a condição de que colocassem o instrumento alinhado com o gabinete, para que eu não perdesse de vista o que estava a acontecer.

Assim foi feito em conformidade, e eu comecei a tocar o "Desapareceste do meu olhar." Quase imediatamente "John Powles" saiu, vestido de uniforme, e postou-se perto do harmónio com a mão no meu ombro. "Eu nunca fui um grande cantor, sabe, Flo," disse-me ele; "mas se você vai cantar essa música comigo, vou tentar e cantá-la." E ele realmente

cantou (de certa forma) os dois versos inteiros da balada, mantendo a mão no meu ombro o tempo todo. Quando chegamos à linha, "Eu procuro-te em vão perto do prado e do riacho," ele abaixou-se e sussurrou-me ao ouvido, "Não foi em vão, Flo, foi?" Não sei se meus amigos espiritualistas Ingleses podem "exceder" esta história, mas na América eles disseram-me que foi uma performance bastante única, particularmente numa posição pública, onde o choque de tantas influências diversas muitas vezes atrapalha em vez de ajudar as manifestações.

"Powles" parecia estar especialmente forte naquela ocasião. Perto do meio da noite, ouviu-se uma espécie de ganido vindo do gabinete; e a senhorita Roberts, que não estava em transe, disse: "Está um bebé a sair para a senhorita Marryat." Ao mesmo tempo, o rosto da pequena "Yonnie" apareceu na abertura das cortinas, mas quase no nível do chão, enquanto ela vinha a rastejar de gatinhas. Antes que ela tivesse tempo de avançar além deles, "Powles" passou por cima dela e veio até nós. "Ah, Powles!" exclamei, "você costumava amar a minha pequena bebé. Pegue nela para mim para que eu a possa ver direito. "Ele imediatamente voltou, pegou" na Yonnie "e trouxe-a para o círculo pelo braço.

O contraste do tipo de camisola branca do bebé com o uniforme escarlate dele era impressionante. Ele carregou a criança até junto de cada um dos presentes para que pudesse ser examinada minuciosamente; e quando ele devolveu a "Yonnie" ao gabinete, ele saiu novamente por conta própria. Naquela noite, eu própria fui chamada ao gabinete pela guia da médium, uma garotinha Italiana, que se materializou diversas vezes para nosso benefício. Quando entrei, tropecei na cadeira da Srta. Roberts. Quase não havia espaço para eu ficar ao lado dela. Ela disse-me: "É você, Srta. Marryat?" e eu respondi: "Sou; você não me mandou chamar?" Ela disse: "Não; eu não mandei, não sei nada sobre isso!"

Uma voz atrás de mim disse: "Mandei chamá-la!" e, no mesmo instante, dois braços fortes envolveram-me a cintura e o rosto de um homem beijou-me por sobre o ombro. Eu perguntei: "Quem é você?" e ele respondeu: "Saia do armário e você verá." Voltei-me, com duas mãos colocadas sobre os meus ombros e regressei ao círculo com um homem alto a andar atrás de mim naquela posição.

Quando pude olhar para ele à luz a gás, reconheci o meu irmão, Frank Marryat, que morrera em 1855, e a quem eu nunca mais tinha visto. Claro, os outros espíritos que estavam familiarizados com a Sra. S. e comigo vieram desejar-me uma viagem agradável através do Atlântico, mas eu mencionei todos eles com tanta frequência que temo já ter esgotado a paciência dos meus leitores. Mas, para impressionarmos precisamos ser explícitos. Tudo o que posso apresentar como desculpa é que cada palavra que escrevi é a verdade sincera e imparcial. Aqui, pois, termina o relato da minha experiência pelo Espiritualismo até o presente — não, de forma alguma uma metade, nem uma quarta-parte sequer, mas tudo que considero provável de interessar ao público em geral. E aqueles que se tiverem interessado por ele podem ver os seus próprios amigos como eu, se eles se derem ao mesmo trabalho a que eu me dei.